

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR



Disponibilização: Eva

Tradução e Revisão Inicial: DeaS

Leitura Iinal e Iermatação: Eva



UMA JOVEM MÃE PROBLEMÁTICA ANSEIA POR UMA CHANCE DE REDENÇÃO NESTA HISTÓRIA COMOVENTE, MAS ESPERANÇOSA, DA AUTORA BEST-SELLER № 1 DO NEW YORK TIMES COLLEEN HOOVER.

Depois de cumprir cinco anos de prisão por um erro trágico, Kenna Rowan retorna à cidade onde tudo deu errado, na esperança de se reunir com sua filha de quatro anos. Mas as pontes que Kenna queimou estão se mostrando impossíveis de reconstruir. Todos na vida de sua filha estão determinados a excluir Kenna, não importa o quanto ela trabalhe para provar a si.

A única pessoa que não fechou a porta para ela completamente é Ledger Ward, dono de um bar local e um dos poucos vínculos restantes com a filha de Kenna. Mas se alguém descobrisse como Ledger está lentamente se tornando uma parte importante da vida de Kenna, ambos correriam o risco de perder a confiança de todos que são importantes para eles.

Os dois formam uma conexão apesar da pressão que os cerca, mas à medida que o romance cresce, o risco também aumenta. Kenna deve encontrar uma maneira de absolver os erros do seu passado para construir um futuro de esperança e cura.







PLAYLIST DE KENNA ROWAN

- 1) "Raise Your Glass"—P!nk
 - 2) "Dynamite"—BTS
- 3) "Happy"—Pharrell Williams
- 4) "Particle Man"—They Might Be Giants
 - 5) "I'm Good"—The Mowgli's
 - 6) "Yellow Submarine"—The Beatles
 - 7) "I'm Too Sexy"—Right Said Fred
- 8) "Can't Stop the Feeling!"—Justin Timberlake
 - 9) "Thunder"—Imagine Dragons
 - 10) "Run the World (Girls)"—Beyoncé
 - 11) "U Can't Touch This"—MC Hammer
- 12) "Forgot About Dre"—Dr. Dre featuring Eminem
 - 13) "Vacation"—Dirty Heads
 - 14) "The Load Out"—Jackson Browne
 - 15) "Stay"—Jackson Browne
- 16) "The King of Bedside Manor"—Barenaked Ladies
 - 17) "Empire State of Mind"—JAY-Z
 - 18) "Party in the U.S.A."—Miley Cyrus
 - 19) "Fucking Best Song Everrr"—Wallpaper.
 - 20) "Shake It Off"—Taylor Swift
 - 21) "Bang!"—AJR







CAPÍTULO UM

KENNA

Há uma pequena cruz de madeira fincada no chão ao lado da estrada com a data de sua morte escrita nela.

Scotty odiaria isso. Aposto que a mãe dele colocou lá.

"Você pode encostar?"

O motorista diminui a velocidade e para o táxi. Eu saio e caminho de volta para onde está a cruz. Agito de um lado para o outro até que a sujeira se solte ao redor dela, e então puxo para fora do chão.

Ele morreu neste mesmo lugar? Ou ele morreu na estrada?

Não prestei atenção aos detalhes durante o préjulgamento. Quando soube que ele havia se arrastado vários metros para longe do carro, comecei a cantarolar para não ouvir mais nada que o promotor dissesse. Então, para evitar ter que aguardar os detalhes se o caso fosse a julgamento, me declarei culpada.

Porque tecnicamente, eu era.

Posso não tê-lo matado com minhas ações, mas definitivamente o matei com minha inação.

Achei que você estivesse morto, Scotty. Mas as pessoas mortas não podem rastejar.

Volto para o táxi com a cruz na mão. Coloco no banco de trás ao meu lado e espero que o motorista volte para a estrada, mas ele





X

não volta. Olho para ele no espelho retrovisor, e está olhando para mim com uma sobrancelha levantada.

"Roubar memoriais de beira de estrada deve ser algum tipo de carma ruim. Tem certeza que quer pegar isso?"

Desvio o olhar dele e minto. "Sim. Fui eu que coloquei lá." Ainda posso senti-lo olhando para mim enquanto volta para a estrada.

Meu novo apartamento fica a apenas três quilômetros daqui, mas na direção oposta de onde eu morava. Não tenho carro, então decidi encontrar um lugar mais perto do centro desta vez para poder caminhar até o trabalho. Se eu conseguir encontrar um emprego. Vai ser difícil com a minha história e falta de experiência. E, de acordo com o taxista, o carma ruim que provavelmente estou carregando agora.

Roubar o memorial de Scotty pode ser um carma ruim, mas pode-se argumentar que deixar um memorial para um cara que expressou verbalmente seu ódio por memoriais de beira de estrada também pode ser um carma ruim. Por isso mandei o motorista fazer o desvio por esta estrada secundária. Eu sabia que Grace provavelmente havia deixado algo no local do acidente, e senti que devia a Scotty remover isso.

"Dinheiro ou cartão?" o motorista pergunta.

Olho para o taxímetro e tiro dinheiro e uma gorjeta da minha bolsa e entrego a ele depois que estaciona. Então pego minha mala e a cruz de madeira que acabei de roubar, saio do táxi e subo até o prédio.

Meu novo apartamento não faz parte de um grande complexo. É apenas uma unidade única ladeada por um estacionamento abandonado de um lado e uma loja de conveniência do outro. A madeira compensada cobre uma janela do andar de baixo. Latas de cerveja em vários estágios de





* *

decomposição sujam a propriedade. Chuto uma para o lado para que não fique presa nas rodas da minha mala.

O lugar parece ainda pior do que online, mas eu esperava isso. A senhoria nem perguntou meu nome quando liguei para saber se havia vagas. Ela disse: "Sempre temos vagas. Traga dinheiro; estou no apartamento um." Então desligou.

Bato no apartamento um. Há um gato na janela olhando para mim. Está tão imóvel que começo a me perguntar se é uma estátua, mas então ele pisca e se afasta.

A porta se abre, e uma mulher mais velha e pequena me encara com um olhar descontente. Ela tem bobes no cabelo e batom manchado no nariz. "Eu não preciso de nada que está vendendo."

Olho para o batom, notando como está *sangrando* nas rugas que abraçam sua boca. "Liguei na semana passada sobre um apartamento. Você disse que teria um disponível."

O reconhecimento pisca no rosto de ameixa da mulher. Ela faz um som de *hmph* enquanto me olha de cima a baixo. "Não esperava que você fosse assim."

Não sei o que fazer com o comentário dela. Olho para o meu jeans e camiseta enquanto ela se afasta da porta por alguns segundos. Volta com uma bolsa com zíper. "Quinhentos e cinquenta por mês. O aluguel do primeiro e do último mês vence hoje."

Conto o dinheiro e entrego para ela. "Não há aluguel?"

Ela ri, enfiando o dinheiro em sua bolsa. "Você está no apartamento seis." Ela aponta um dedo para cima. "Isso é bem acima de mim, então mantenha-se em silêncio, eu vou para a cama cedo."

"Quais utilitários estão incluídos?"





X

"Água e lixo, mas você cobre eletricidade. Está no ar agora, você tem três dias para mudar para o seu nome. O depósito é de duzentos e cinquenta para a companhia de luz."

Porra. Três dias para chegar a \$250? Estou começando a questionar minha decisão de voltar tão cedo, mas quando fui liberada da habitação de transição, tinha duas opções: gastar todo o meu dinheiro tentando sobreviver naquela cidade ou dirigir os trezentos quilômetros e gastar todo o meu dinheiro aqui.

Prefiro estar na cidade que abriga todas as pessoas uma vez ligadas ao Scotty.

A mulher dá um passo para trás em seu apartamento. "Bemvinda ao Paradise Apartments. Trarei um gatinho assim que você se instalar."

Eu imediatamente coloco minha mão em sua porta para impedi-la de fechá-la. "Espere. O que? Um gatinho?"

"Sim, um gatinho. Como um gato, mas menor."

Eu me afasto de sua porta como se isso fosse de alguma forma me proteger do que ela acabou de dizer. "Não, obrigada. Eu não quero um gatinho."

"Tenho muitos."

"Eu não quero um gatinho", repito.

"Quem não gostaria de um gatinho?"

"Eu."

Ela bufa, como se minha resposta fosse completamente irracional. "Vou fazer um acordo", ela diz. "Vou deixar a eletricidade ligada por duas semanas se você pegar um gatinho." *Que diabos de lugar é esse?* "Tudo bem", ela diz, respondendo ao meu silêncio como se fosse uma tática de negociação. "O *mês*. Vou deixar a eletricidade ligada o mês inteiro





* *

se pegar apenas um gatinho." Ela entra em seu apartamento, mas deixa a porta aberta.

Não quero um gatinho, nunca, mas não ter que gastar \$ 250 em um depósito de eletricidade este mês vale vários gatinhos.

Ela reaparece com um pequeno gatinho preto e laranja. Ela o coloca em minhas mãos. "Aí está. Meu nome é Ruth se precisar de alguma coisa, mas tente não precisar de nada." Ela vai fechar a porta novamente.

"Espere. Você pode me dizer onde posso encontrar um telefone público?"

Ela ri. "Sim, em 2005." Ela fecha a porta completamente.

O gatinho mia, mas não é um miado doce. Parece mais um pedido de socorro. "Você e eu", murmuro.

Vou em direção às escadas com minha mala e meu... gatinho. Talvez eu devesse ter aguentado mais alguns meses antes de voltar aqui. Trabalhei para economizar um pouco mais de US\$ 2.000, mas a maior parte foi gasta para me mudar para cá. Deveria ter economizado mais. E se eu não encontrar um emprego imediatamente? E agora tenho a responsabilidade de manter um gatinho vivo.

Minha vida se tornou dez vezes mais dificil do que ontem.

Chego ao apartamento com o gatinho agarrado à minha camisa. Enfio a chave na fechadura e tenho que usar as duas mãos para puxar a porta e fazer a chave girar. Quando abro a porta do meu novo apartamento, prendo a respiração, com medo de como vai cheirar.

Ligo o interruptor de luz e olho ao redor, soltando minha respiração lentamente. Não há muito cheiro. Isso é bom e ruim.

Há um sofá na sala, mas isso é literalmente tudo o que existe. Uma pequena sala de estar, uma cozinha ainda menor, sem





* *

sala de jantar. Nenhum quarto. É um apartamento eficiente com um armário e um banheiro tão pequeno que o vaso sanitário toca a banheira.

O lugar é um lixo. Um buraco de merda absoluto de 150 metros quadrados, mas é um passo para mim. Deixei de dividir uma cela de 100 metros quadrados com uma colega de quarto para viver em uma habitação de transição com seis colegas de quarto e para um apartamento de 150 metros quadrados que posso chamar de meu.

Tenho 26 anos e esta é a primeira vez que moro, oficialmente, em algum lugar sozinha. É ao mesmo tempo aterrorizante e libertador.

Não sei se posso pagar por este lugar depois que o mês acabar, mas vou tentar. Mesmo que isso signifique pegar todos os negócios pelos quais passar.

Ter meu próprio apartamento só pode servir para ajudar enquanto defendo meu caso aos Landrys. Vai mostrar que sou independente agora. Mesmo que essa independência seja uma luta.

A gatinha quer descer, então eu a coloco no chão da sala. Ela anda por aí, clamando por quem deixou lá embaixo. Sinto uma pontada no peito enquanto a vejo procurando nos cantos uma saída. Um caminho de volta para casa. Um caminho de volta para sua mãe e irmãos.

Ela parece uma abelha, ou algo saído do Halloween, com suas manchas pretas e laranja.

"Como vamos nomear você?"

Sei que ela provavelmente ficará sem nome por alguns dias enquanto penso sobre isso. Eu levo a responsabilidade de nomear as coisas muito a sério. A última vez que fui responsável por nomear alguém, levei mais a sério do que já levei qualquer







coisa. Isso pode ter acontecido porque o tempo todo em que fiquei sentada na minha cela durante a gravidez, tudo o que havia a fazer era pensar em nomes de bebês.

Escolhi o nome Diem porque sabia que assim que fosse solta, voltaria para cá e faria tudo ao meu alcance para encontrá-la.

Aqui estou.

Carpe Diem.







CAPÍTULO DOIS

LEDGER

Estou puxando minha caminhonete para o beco atrás do bar quando noto o esmalte ainda nas unhas da minha mão direita. *Merda*. Esqueci que brinquei de fantasia com uma criança de quatro anos ontem à noite.

Pelo menos o roxo combina com minha camisa de trabalho.

Roman está jogando sacos de lixo na lixeira quando saio da caminhonete. Ele vê o saco na minha mão e sabe que é para ele, então pega. "Deixe-me adivinhar. Caneca de café?" Ele espia para dentro.

É uma caneca de café. Sempre é.

Ele não agradece. Nunca faz.

Não reconhecemos a sobriedade que essas canecas simbolizam, mas compro uma para ele toda sexta-feira. Esta é a nonagésima sexta caneca que comprei para ele.

Provavelmente deveria parar porque o apartamento dele está cheio de canecas de café, mas estou muito longe para desistir agora. Ele está quase cem semanas sóbrio, e estou segurando aquela caneca da centésima marca por um tempo agora. É uma caneca do Denver Broncos. Seu time menos favorito.

Roman gesticula em direção à porta dos fundos do bar. "Tem um casal lá dentro assediando outros clientes. Você pode querer ficar de olho neles."





* -

Isso é estranho. Normalmente não temos que lidar com pessoas indisciplinadas tão cedo à noite. Ainda não são seis horas. "Onde eles estão sentados?"

"Ao lado da jukebox." Seus olhos caem para a minha mão. "Belas unhas, cara."

"Sério?" Levanto minha mão e mexo meus dedos. "Ela se saiu muito bem para uma criança de quatro anos."

Abro a porta dos fundos do bar e me deparo com o som áspero da minha música favorita sendo massacrada por Ugly Kid Joe pelos alto-falantes.

Certamente não.

Ando pela cozinha e entro no bar e imediatamente os localizo. Estão debruçados sobre a jukebox. Eu calmamente vou até eles e vejo que ela está digitando os mesmos quatro números de novo e de novo. Olho por cima dos ombros deles para a tela enquanto eles riem como crianças travessas. "Cat's in the Cradle" está programado para tocar trinta e seis vezes seguidas.

Limpo minha garganta. "Você acha isso engraçado? Forçarme a ouvir a mesma música pelas próximas seis horas?"

Meu pai se vira quando ouve minha voz. "Ledger!" Ele me puxa para um abraço. Cheira a cerveja e óleo de motor. E limas, talvez? *Eles estão bêbados?*

Minha mãe se afasta da jukebox. "Nós estávamos tentando consertar isso. Nós não fizemos isso."

"Claro, você não fez." Eu a puxo para um abraço.

Eles nunca anunciam quando vão aparecer. Simplesmente aparecem e ficam um dia ou dois ou três e depois saem em seu trailer novamente.







No entanto, aparecerem bêbados é novo. Olho por cima do ombro, e Roman está atrás do bar agora. Aponto para meus pais. "Você fez isso com eles, ou eles apareceram dessa maneira?"

Roman dá de ombros. "Um pouco dos dois."

"É nosso aniversário", minha mãe diz. "Estamos comemorando."

"Espero que vocês não tenham dirigido até aqui."

"Nós, não", meu pai diz. "Nosso carro está com o trailer na oficina recebendo manutenção de rotina, então pegamos um Lyft¹." Ele dá um tapinha na minha bochecha. "Queria ver você, mas estamos aqui há duas horas esperando você aparecer, e agora estamos saindo porque estamos com fome."

"É por isso que você deveria me avisar antes de cair na cidade. Eu tenho uma vida."

"Você se lembrou do nosso aniversário?" Meu pai pergunta.

"Fugiu da minha mente. Desculpe."

"Eu te disse", ele diz para minha mãe. "Pague, Robin."

Minha mãe enfia a mão no bolso e entrega a ele uma nota de dez dólares.

Eles apostam em quase tudo. Minha vida amorosa. Quais feriados vou lembrar. Todos os jogos de futebol que já joguei. Mas tenho quase certeza de que eles estão passando a mesma nota de dez dólares de um lado para o outro há vários anos.

Meu pai ergue o copo vazio e o sacode. "Traga-nos um refil, barman."

Pego o copo dele. "Que tal uma água gelada?" Eu os deixo na jukebox e vou para trás do bar.

¹ Serviço de aplicativo nos EUA





* *

Estou servindo dois copos de água quando uma garota entra no bar parecendo meio perdida. Ela olha ao redor da sala como se nunca esteve aqui antes, e então, quando ela percebe um canto vazio na extremidade oposta do bar, vai direto para ele.

Eu a encaro o tempo todo em que está andando pelo bar. Eu a encaro com tanta força que acidentalmente encho demais os copos e a água vai para todo lado. Pego uma toalha e limpo minha bagunça. Quando olho para minha mãe, ela está olhando para a menina. Então para mim. Em seguida, na menina.

Merda. A última coisa que preciso é que ela tente me arranjar uma cliente. Ela tenta brincar de casamenteira quando está sóbria, então não consigo imaginar o quão ruim a tendência pode ser depois de algumas bebidas. Preciso tirá-los daqui.

Levo as águas até eles e entrego meu cartão de crédito para minha mãe. "Vocês deveriam ir ao Jake's Steakhouse e jantar por minha conta. Caminhe até lá para ficar sóbrio no caminho."

"Você é tão legal." Ela aperta o peito dramaticamente e olha para o meu pai. "Benji, nos demos tão bem com ele. Vamos comemorar nossa paternidade com o cartão de crédito dele."

"Nós nos demos bem com ele", meu pai diz em concordância. "Deveríamos ter mais filhos."

"Menopausa, querido. Lembra quando eu te odiei por um ano inteiro?" Minha mãe pega sua bolsa, e eles levam os copos de água com eles.

"Nós deveríamos ter costeletas, já que ele está pagando", meu pai murmura enquanto se afastam.

Solto um suspiro de alívio e volto para o bar. A garota está enfiada silenciosamente em um canto, escrevendo em um caderno. Roman não está atrás do bar agora, então presumo que ninguém anotou o pedido dela ainda.

De bom grado me voluntario como homenagem.







"O que posso te servir?" Pergunto a ela.

"Água e uma Coca Diet, por favor." Ela não olha para mim, então me afasto para cumprir seu pedido. Ela ainda está escrevendo em seu caderno quando volto com suas bebidas. Tento dar uma olhada no que está escrevendo, mas ela fecha o caderno e levanta os olhos. "Obrigada..." Ela faz uma pausa no meio do que eu acho que é sua tentativa de dizer *obrigada*. Ela murmura a palavra *você* e enfia o canudo na boca.

Ela parece perturbada.

Quero fazer perguntas a ela, como qual é o seu nome e de onde ela é, mas aprendi ao longo dos anos possuindo este lugar que fazer perguntas a pessoas solitárias em um bar pode rapidamente se transformar em conversas que tenho que correr para sair.

Mas a maioria das pessoas que vêm aqui não captura minha atenção como ela. Gesticulo em direção a suas duas bebidas e digo: "Você está esperando por outra pessoa?"

Ela puxa as duas bebidas para mais perto. "Não. Só sede." Ela quebra o contato visual comigo e se recosta na cadeira, puxando seu caderno com ela e dando toda a sua atenção.

Posso pegar a sugestão. Ando até o outro lado do bar para dar privacidade a ela.

Roman volta da cozinha e aponta a cabeça na direção dela. "Quem é ela?"

"Eu não sei, mas não está usando uma aliança de casamento, então ela não é o seu tipo."

"Muito engraçado."







CAPÍTULO TRÊS

KENNA

Caro Scotty,

Eles transformaram a velha livraria em um bar. Você pode acreditar nessa merda?

Eu me pergunto o que fizeram com o sofá em que costumávamos sentar todos os domingos.

Juro, é como se toda esta cidade fosse um enorme tabuleiro de Monopólio, e depois que você morreu, alguém apareceu e pegou o tabuleiro e embaralhou todas as peças.

Nada é o mesmo. Tudo parece desconhecido. Eu andei pelo centro da cidade absorvendo tudo nas últimas horas. Estava a caminho do supermercado quando fui desviada pelo banco em que costumávamos tomar sorvete. Sentei-me e as pessoas assistiram por um tempo.

Todo mundo parece tão despreocupado nesta cidade. As pessoas aqui apenas vagam como se seus mundos estivessem do lado certo, como se não estivessem prestes a cair da calçada e pousar no céu. Eles apenas se movem de um momento para o outro, sem nem perceber as mães andando sem as filhas.

Eu provavelmente não deveria estar em um bar, especialmente na minha primeira noite de volta. Não que eu tenha problemas com álcool. Aquela noite horrível foi uma exceção. Mas a última coisa que preciso que seus pais descubram é que passei em um bar antes de passar na casa deles.

Mas pensei que este lugar ainda fosse a livraria, e as livrarias costumam ter café. Fiquei tão desapontada quando entrei porque foi um longo dia de viagem de







ônibus e depois de táxi. Esperava mais cafeína do que um refrigerante diet pode fornecer.

Talvez o bar tenha café. Ainda não perguntei.

Eu provavelmente não deveria te contar isso, e prometo que fará sentido antes de eu terminar esta carta, mas beijei um guarda da prisão uma vez.

Nós fomos pegos e ele foi transferido para uma unidade diferente e me senti culpada porque nosso beijo o colocou em apuros. Mas ele falou comigo como se eu fosse uma pessoa e não um número, e mesmo que eu não estivesse atraída por ele, sabia que ele estava atraído por mim, então quando se inclinou para me beijar, eu o beijei de volta. Foi a minha maneira de dizer obrigada, e acho que ele sabia disso, e estava bem com isso. Fazia dois anos desde que eu tinha sido tocada por você, então quando ele me pressionou contra a parede e agarrou minha cintura, pensei que sentiria mais.

Fiquei triste por não ter feito.

Estou lhe dizendo isso porque ele tinha gosto de café, mas um tipo de café melhor do que o café da prisão que eles serviam aos prisioneiros. Ele tinha gosto de café caro de oito dólares da Starbucks, com caramelo, chantilly e uma cereja. É por isso que continuei beijando. Não porque gostei do beijo, ou dele, ou sua mão na minha cintura, mas porque eu sentia falta de café com sabor caro.

E você. Eu sinto falta de café caro e você.

Amor,

Kenna

"Você quer um reabastecimento?" O barman pergunta. Ele tem tatuagens que deslizam até as mangas de sua camisa. Sua







camisa é roxa escura, uma cor que você não vê na prisão com muita frequência.

Nunca pensei nisso até estar lá, mas a prisão é realmente monótona e sem cor, depois de um tempo, você começa a esquecer como as árvores ficam no outono.

"Você tem café?" Pergunto.

"Certo. Creme e açúcar?"

"Você tem caramelo? E chantilly?"

Ele joga um pano em seu ombro. "Pode apostar. Soja, desnatado, amêndoa ou leite integral?"

"Tudo."

O barman ri. "Eu estava brincando. Isto é um bar; tenho um bule de café de quatro horas e sua escolha de creme ou açúcar ou ambos ou nenhum."

A cor de sua camisa e a forma como ela complementa seu tom de pele não são mais impressionantes. *Idiota.* "Apenas me dê o que quer que seja", murmuro.

O barman se afasta para pegar meu café básico da prisão. Observo enquanto ele levanta o pote do suporte e o aproxima do nariz para cheirá-lo. Faz uma careta e depois joga na pia. Abre a água enquanto reabastece a cerveja de um cara, começa um novo bule de café enquanto fecha a conta de outra pessoa e sorri apenas o suficiente, mas não muito.

Eu nunca vi alguém se mover com tanta fluidez, como se ele tivesse sete braços e três cérebros e todos agissem ao mesmo tempo. É fascinante ver alguém que é bom no que faz.

Não sei no que sou boa. Não sei se existe alguma coisa neste mundo que eu possa fazer parecer sem esforço.





X

Há coisas em que *quero* ser boa. Eu quero ser uma boa mãe. Aos meus futuros filhos, mas principalmente à filha que já trouxe a este mundo. Quero ter um quintal onde possa plantar coisas. Coisas que floresçam e não morram. Quero aprender a falar com as pessoas sem desejar poder retirar cada palavra que eu disse. Quero ser boa em sentir as coisas quando um cara tocar minha cintura. Quero ser boa na vida. Quero fazer com que pareça fácil, mas até este ponto, fiz todos os aspectos da vida parecerem muito dificeis de navegar.

O barman desliza de volta para mim quando o café está pronto. Enquanto está enchendo a caneca, olho para ele e realmente absorvo o que estou vendo dessa vez. Ele é bonito de uma forma que uma garota que está tentando obter a custódia de sua filha deveria querer ficar longe. Tem olhos que viram uma coisa ou duas, e mãos que provavelmente atingem um homem ou dois.

Seu cabelo é fluido como seus movimentos. Mechas longas e escuras que ficam penduradas em seus olhos e se movem em qualquer direção que ele se mova. Ele não toca no cabelo; não desde que estou sentada aqui. Ele apenas deixa isso entrar em seu caminho, mas então balança a cabeça de vez em quando, o menor movimento, e seu cabelo vai para onde ele precisa. É cabelo grosso, cabelo agradável, cabelo quero-minhas-mãos-no-cabelo dele.

Minha caneca está cheia de café agora, mas ele levanta um dedo e diz: "Um segundo." Gira e abre um frigobar e depois tira leite integral. Despeja um pouco na caneca. Coloca o leite de volta, abre outra geladeira... surpresa, chantilly. Ele chega atrás dele, e quando sua mão reaparece, está segurando uma única cereja que coloca cuidadosamente em cima da minha bebida. Ele a desliza para mais perto de mim e abre os braços como se tivesse acabado de criar magia.

"Sem caramelo", ele diz. "O melhor que eu poderia fazer por não ser uma cafeteria."





* *

Ele provavelmente pensa que acabou de fazer um drink burguês para uma garota mimada que está acostumada a tomar café de oito dólares todos os dias. Ele não tem ideia de quanto tempo faz desde que tomei uma xícara de café decente. Mesmo nos meses que passei em alojamentos de transição, serviram café da prisão para as meninas da prisão com passado de prisão.

Eu posso chorar.

Eu choro.

Assim que ele presta atenção em alguém do outro lado do bar, tomo um gole do meu café e fecho os olhos e choro porque a vida pode ser tão cruel e difícil, e eu queria tanto parar de vivê-la muitas vezes, mas momentos como esses me lembram que a felicidade não é algo permanente que todos estamos tentando alcançar na vida, é apenas algo que aparece de vez em quando, às vezes em pequenas doses que são substanciais o suficiente para nos manter.







CAPÍTULO QUATRO

LEDGE

Sei o que fazer quando uma criança chora, mas não sei o que fazer quando uma mulher adulta chora. Fico o mais longe possível dela enquanto toma seu café.

Eu não aprendi muito sobre ela desde que entrou aqui uma hora atrás, mas uma coisa que sei com certeza é que ela não veio aqui para conhecer alguém. Veio aqui para a solidão. Três pessoas tentaram se aproximar dela na última hora, e ela ergueu a mão e atirou neles sem fazer contato visual com nenhum deles.

Ela bebeu o café em silêncio. São apenas sete da noite, então ela pode estar trabalhando para as coisas difíceis. Eu meio que espero que não. Estou intrigado com a ideia de que veio a um bar para pedir coisas que raramente servimos enquanto recusa homens com quem ela nunca faz contato visual.

Roman e eu somos os únicos trabalhando até Mary Anne e Razi chegarem. O lugar está ficando mais movimentado, então não posso dar a ela a atenção que quero, que é *toda* a minha atenção. Faço questão de me espalhar apenas o suficiente para que não pareça que estou muito no espaço dela.

Assim que ela termina o café, quero perguntar o que ela vai comer em seguida, mas em vez disso, deixo-a sentar com sua caneca vazia por uns bons dez minutos. Posso chegar a quinze antes de trabalhar de volta para ela.

Enquanto isso, apenas lanço olhares para ela. Seu rosto é uma obra de arte. Eu gostaria que houvesse uma foto dela pendurada na parede de um museu em algum lugar para que





* *

pudesse ficar na frente dela e olhar pelo tempo que quisesse. Em vez disso, estou apenas dando uma espiada aqui e ali, admirando como todas as mesmas partes de um rosto que compõem todos os outros rostos do mundo parecem se coordenar melhor nela.

As pessoas raramente vêm a um bar no início de uma noite de fim de semana em estado tão cru, mas ela não está vestida. Está vestindo uma camiseta desbotada da Mountain Dew e jeans, mas o verde da camiseta combina com o verde de seus olhos com tanta perfeição que é como se ela se esforçasse para encontrar a cor perfeita da camiseta, quando é bonita. Com certeza ela não dá a mínima para aquela camiseta. Seu cabelo é ruivo. Uma cor resistente. Comprimento logo abaixo do queixo. Ela desliza as mãos por ele de vez em quando, e toda vez que o faz, parece que está prestes a se dobrar. Isso me faz querer andar ao redor do bar e levantá-la e dar-lhe um abraço.

Qual é a história dela?

Eu não quero saber.

Não preciso saber.

Eu não saio com garotas que conheço neste bar. Duas vezes quebrei essa regra, e duas vezes isso me mordeu na bunda.

Além disso, há algo aterrorizante sobre esta. Não consigo colocar meu dedo sobre isso, mas quando falo com ela, sinto que minha voz está presa no meu peito. E não de uma forma que eu fique sem fôlego por ela, mas de uma forma mais substancial, como se meu cérebro estivesse me avisando para não interagir com ela.

Bandeira vermelha! Perigo! Abortar!

Mas por que?

Nós fazemos contato visual quando alcanço sua caneca. Ela não olhou para mais ninguém esta noite. Só eu. Eu deveria me sentir lisonjeado, mas estou com medo.





* >

Joguei futebol profissional e possuo um bar, mas tenho medo de um pequeno contato visual com uma garota bonita. Essa deve ser a minha biografia do Tinder. *Jogou pelos Broncos. Possui um bar. Medo de contato visual.*

"Qual o próximo?" Pergunto a ela.

"Vinho. Branco."

É um equilíbrio difícil possuir um bar e ficar sóbrio. Quero que todos fiquem sóbrios, mas também preciso de clientes. Sirvo a taça de vinho e coloco na frente dela.

Permaneço perto dela, fingindo usar um pano para secar os copos que estão secos desde ontem. Percebo o lento rolar de sua garganta enquanto olha para a taça de vinho, quase como se não tivesse certeza. Essa fração de segundo de hesitação, ou talvez arrependimento, é o suficiente para me fazer pensar que ela pode lutar contra o álcool. Eu sempre posso dizer quando as pessoas estão jogando fora sua sobriedade pela forma como olham para o copo.

Beber só é estressante para os alcoólatras.

Ela não bebe o vinho, no entanto. Ela calmamente bebe o refrigerante até que esteja vazio. Alcanço o copo vazio ao mesmo tempo que ela.

Quando nossos dedos se tocam, sinto outra coisa presa no meu peito além da minha voz. Talvez sejam alguns batimentos cardíacos extras. Talvez seja um vulcão em erupção.

Seus dedos recuam dos meus e ela coloca as mãos no colo. Puxo o copo vazio de refrigerante para longe dela, assim como o copo cheio de vinho, e ela nem olha para cima para me perguntar por quê. Ela suspira, como se estivesse aliviada por eu ter tirado o vinho. Por que mesmo ela pediu?

Encho o refrigerante e, quando ela não está olhando, despejo o vinho na pia e lavo o copo.





* *

Ela toma um gole do refrigerante por um tempo, mas o contato visual para. Talvez eu a chateei.

Roman percebe que estou olhando para ela. Ele apoia um cotovelo no balcão e diz: "Divórcio ou morte?"

Roman sempre gosta de adivinhar as razões pelas quais as pessoas chegam sozinhas e parecem deslocadas. A garota não parece estar aqui por causa de um divórcio. As mulheres costumam comemorar isso indo a bares com grupos de amigas, usando faixas que dizem *Ex-Esposa*.

Essa garota parece triste, mas não de uma forma que indicaria que ela está de luto.

"Vou dizer divórcio", Roman diz.

Eu não respondo a ele. Não me sinto bem em adivinhar a tragédia dela, porque espero que não seja divórcio ou morte ou mesmo um dia ruim. Quero coisas boas para ela porque parece que não tem uma coisa boa há muito, muito tempo.

Paro de olhar para ela enquanto atendo outros clientes. Eu faço isso para dar privacidade a ela, mas ela usa isso como uma oportunidade para deixar dinheiro no bar e fugir.

Encaro por vários segundos sua banqueta vazia e a gorjeta de dez dólares que ela deixou. Ela se foi e não sei o nome dela e não sei sua história e não sei se a verei novamente, então aqui estou eu, correndo pelo bar, em direção à porta pela qual ela acabou de sair.

O céu está em chamas quando ando lá fora. Protejo meus olhos, esquecendo como a luz sempre é agressiva quando saio do bar antes de escurecer.

Ela se vira quando eu a vejo. Está a cerca de três metros de mim. Não tem que proteger os olhos porque o sol está atrás dela, delineando sua cabeça como se estivesse no topo de uma auréola.







"Deixei dinheiro no bar", ela diz.

"Eu sei."

Nós nos encaramos por um momento de silêncio. Eu não sei o que dizer. Só fico aqui como um tolo.

"O que, então?"

"Nada", eu digo. Mas imediatamente gostaria de ter dito: "*Tudo*."

Ela me encara, e não faço isso, eu *não deveria* fazer isso, mas sei que se deixá-la ir embora, não vou conseguir parar de pensar na garota triste que me deixou uma gorjeta de dez dólares quando tenho a sensação de que ela não pode me dar nenhuma gorjeta.

"Você deveria voltar hoje à noite às onze." Não dou a ela a chance de me dizer não ou explicar por que ela não pode. Volto para dentro do bar, esperando que meu pedido a deixe curiosa o suficiente para aparecer de volta hoje à noite.







CAPÍTULO CINCO

KENNA

Estou sentada em um colchão inflável com minha gatinha sem nome, contemplando todas as razões pelas quais não devo voltar para aquele bar.

Eu não voltei para esta cidade para conhecer caras. Mesmo caras tão bonitos quanto aquele barman. Estou aqui pela minha filha e é isso.

Amanhã é importante. Amanhã preciso me sentir hercúlea, mas o barman involuntariamente me fez sentir fraca ao puxar minha taça de vinho. Não sei o que ele viu no meu rosto que o fez querer tirar o vinho de mim. Eu não ia beber. Só pedi para que pudesse sentir uma sensação de controle em *não* beber. Queria olhar para ele e cheirá-lo e depois me afastar sentindo-me mais forte do que quando me sentei.

Agora me sinto inquieta porque ele viu como eu estava olhando para o vinho mais cedo, e a maneira como o puxou me faz pensar que assumiu que tenho um problema ativo com álcool.

Eu não tenho. Não bebo álcool há anos porque uma noite de álcool misturado com uma tragédia arruinou os últimos cinco anos da minha vida, e os últimos cinco anos da minha vida me trouxeram de volta a esta cidade, e esta cidade me deixa nervosa, e a única coisa que acalma meus nervos é fazer coisas que me fazem sentir como se ainda estivesse no controle da minha vida e das minhas decisões.

É por isso que eu quis recusar o vinho, caramba.







Agora não vou dormir bem esta noite. Não tenho motivos para me sentir realizada porque ele me fez sentir o oposto. Se eu quiser dormir bem esta noite, vou precisar recusar outra coisa que quero.

Ou alguém.

Não quero ninguém há muito, muito tempo. Desde que conheci Scotty. Mas o barman é meio gostoso, e tem um sorriso lindo, e faz um ótimo café, e já me convidou para voltar, então será simples aparecer e recusar.

Então vou dormir bem e estar preparada para acordar e enfrentar o dia mais importante da minha vida.

Eu gostaria de poder levar minha nova gatinha comigo. Sinto que preciso de um ajudante, mas ela está dormindo no travesseiro novo que comprei na loja mais cedo.

Eu não comprei muito. O colchão inflável, alguns travesseiros e lençóis, algumas bolachas e queijo, um pouco de comida de gato e areia. Decidi que só vou viver dois dias de cada vez nesta cidade. Até que eu saiba o que o amanhã trará, não faz sentido desperdiçar o dinheiro que venho trabalhando há seis meses para economizar. Já está acabando, é por isso que escolho não chamar um táxi.

Saio do apartamento para caminhar de volta ao bar, mas desta vez não carrego minha bolsa ou meu caderno comigo. Só preciso da minha carteira de motorista e da chave do meu apartamento. É cerca de um quilômetro e meio de caminhada do meu apartamento até o bar, mas é bom e a estrada é bem iluminada.

Estou um pouco preocupada que alguém possa me reconhecer no bar, ou mesmo em minha caminhada até lá, mas pareço completamente diferente de cinco anos atrás. Eu costumava me preocupar mais com a automanutenção, mas cinco anos de prisão me deixaram menos preocupada com tintura de cabelo e extensões e cílios postiços e unhas artificiais.





* *

Eu não morei nesta cidade tempo suficiente para fazer muitos amigos além de Scotty, então duvido que muitas pessoas saibam quem sou. Tenho certeza de que muitos deles sabem *de* mim, mas é difícil ser reconhecida quando você nem faz falta.

Patrick e Grace poderiam me reconhecer se me vissem, mas só os encontrei uma vez antes de ir para a prisão.

Prisão. Eu nunca vou me acostumar a dizer essa palavra. É uma palavra tão difícil de dizer em voz alta. Quando você coloca as letras no papel individualmente, não parecem tão duras. Mas quando você diz a palavra em voz alta, "*Prisão*", é tão grave.

Quando penso em onde estive nos últimos cinco anos, gosto de me referir a isso na minha cabeça como *as instalações*. Ou eu vou pensar no meu tempo lá como *Quando eu estava fora*, e deixar por isso mesmo. Dizer "quando eu estava na prisão" não é algo com que me acostumarei.

Vou ter que dizer isso esta semana quando procurar um emprego. Eles vão perguntar: "Você já foi condenada por um crime?" Vou ter que dizer: "Sim, passei cinco anos na prisão por homicídio involuntário."

E eles vão me contratar ou não. Provavelmente não vão.

Há um padrão duplo para as mulheres, mesmo atrás das grades. Quando a mulher fala que já esteve na prisão, as pessoas pensam *lixo*, *puta*, *viciada*, *ladra*. Mas quando os homens dizem que foram para a prisão, as pessoas adicionam distintivos de honra aos pensamentos negativos, como lixo, *mas durão*, viciado, *mas durão*, ladrão, *mas impressionante*.

Ainda há um estigma com os homens, mas as mulheres nunca saem com estigmas *e* distintivos de honra.

De acordo com o horário do tribunal, volto para o centro às onze e meia. Espero que ele ainda esteja aqui, embora estou meia hora atrasada.





X >

Não prestei atenção ao nome do bar antes, provavelmente porque estava de dia e fiquei chocada que não era mais uma livraria, mas há um pequeno letreiro de neon acima da porta que diz **WARD**'s.

Hesito antes de voltar para dentro. Meu retorno está mais ou menos enviando uma mensagem a esse cara. Uma mensagem que não tenho certeza se quero que ele receba. Mas a alternativa é eu voltar para aquele apartamento e ficar sozinha com meus pensamentos.

Passei bastante tempo sozinha com meus pensamentos nos últimos cinco anos. Estou desejando pessoas e barulho e todas as coisas que não tive, meu apartamento me lembra um pouco a prisão. Há muita solidão e silêncio lá.

Abro a porta do bar. Está mais barulhento e esfumaçado e de alguma forma mais escuro do que antes. Não há assentos vazios, então percorro as pessoas, procuro o banheiro, espero no corredor, espero do lado de fora, contorço um pouco mais. Finalmente, uma mesa fica vaga. Atravesso a sala e sento sozinha.

Observo o barman correr atrás do bar. Gosto de como ele parece despreocupado. Dois caras começam a discutir, mas ele não se importa, apenas aponta para a porta e eles saem. Ele faz muito isso. Aponta para as coisas, e as pessoas apenas fazem as coisas que indica para elas fazerem.

Ele aponta para dois clientes enquanto faz contato visual com o outro barman. Aquele barman caminha até eles e fecha suas contas.

Ele aponta para uma prateleira vazia, e uma das garçonetes acena com a cabeça, alguns minutos depois reabastece a prateleira.

Ele aponta para o chão, o outro barman desaparece pelas portas duplas e reaparece com um esfregão para limpar um derramamento.





* *

Ele aponta para um gancho na parede, e outra garçonete, uma grávida, balbucia: "Obrigada", pendura o avental e vai para casa.

Ele aponta, e as pessoas fazem, então é a última chamada, é hora de fechar. As pessoas saem. Ninguém entra.

Ele não olha para mim. Nem uma vez.

Fico em dúvida sobre estar aqui. Ele parece ocupado, talvez eu li errado antes. Apenas assumi quando ele me disse para voltar que falou isso por um motivo, mas talvez diga isso a todos os seus clientes.

Eu me levanto, pensando que talvez eu precise sair também, mas quando ele me vê de pé, aponta. Ele faz um movimento simples com o dedo, indicando para eu sentar novamente, então eu sento.

Estou aliviada por saber que minha intuição estava certa, mas quanto mais vazio o bar fica, mais nervosa fico. Ele assume que sou uma mulher crescida, mas eu mal me sinto como uma adulta. Sou uma adolescente de 26 anos, inexperiente, começando do zero.

Não tenho certeza se estou aqui pelos motivos certos. Achei que podia entrar, flertar com ele e depois ir embora, mas ele é mais tentador do que qualquer café burguês. Eu vim aqui para recusálo, mas não tinha ideia de que ele estaria apontando a noite toda, ou que apontaria para mim. Eu não tinha ideia de que apontar era sexy.

Eu me pergunto se o teria achado sexy cinco anos atrás, ou se sou pateticamente fácil de agradar agora.

À meia-noite, somos as duas únicas pessoas que restaram. Os outros funcionários foram embora, a porta agora está trancada e ele está carregando uma caixa de copos vazios no fundo.





* *

Puxo minha perna para cima e envolvo meus braços ao redor dela. Estou nervosa. Não voltei a esta cidade para conhecer um cara. Estou nesta cidade com um propósito muito maior. Um que ele parece que pode descarrilar com a ponta de um dedo.

Sou apenas humana, no entanto. Os humanos precisam de companheiros, mesmo que eu não tenha voltado a esta cidade para conhecer pessoas, esse cara é difícil de ignorar.

Ele atravessa as portas duplas com uma camisa diferente. Não está mais vestindo a camisa roxa de colarinho com as mangas arregaçadas que todos os outros funcionários usavam. Ele vestiu uma camiseta branca. Tão simples, mas tão complicada.

Ele sorri quando me alcança, e sinto aquele sorriso deslizar sobre mim com o calor de um cobertor pesado. "Você voltou."

Tento agir sem ser afetada. "Você me pediu."

"Você quer algo para beber?"

"Estou bem."

Ele toca seu cabelo agora, empurrando-o para trás, olhando para mim. Há uma guerra em seus olhos, e não sou de forma alguma a Suíça, mas ele vem até mim de qualquer maneira. Senta ao meu lado. Bem ao meu lado. Meu coração bate mais rápido, ainda mais rápido do que quando Scotty veio ao meu caixa pela quarta vez todos aqueles anos atrás.

"Qual o seu nome?" Pergunta.

Não quero que ele saiba meu nome. Ele parece ter a idade que Scotty teria agora se estivesse vivo, o que significa que ele pode reconhecer meu nome, ou eu, ou lembrar o que aconteceu. Não quero que ninguém me conheça, nem se lembre, nem avise aos Landry que estou na cidade.





* *

Não é uma cidade pequena, mas também não é grande. Minha presença não passará despercebida por muito tempo. Só preciso que passe despercebida por tempo *suficiente*, então minto, mais ou menos, e dou a ele meu nome do meio. "Nicole."

Eu não pergunto a ele qual é o nome dele porque não me importo. Nunca vou usar. Nunca vou voltar aqui depois desta noite.

Puxo uma mecha do meu cabelo, nervosa por estar tão perto de alguém depois de tanto tempo. Sinto que esqueci o que fazer, então deixo escapar o que vim aqui dizer. "Eu não ia beber."

Ele inclina a cabeça, confuso com a minha confissão, então esclareço.

"O vinho. Às vezes eu..." Balanço minha cabeça. "É estúpido, mas faço essa coisa de pedir álcool especificamente para me afastar disso. Não tenho problema com bebida. É mais como um problema de controle, acho. Faz com que eu me sinta menos fraca."

Seus olhos examinam meu rosto com o menor indício de um sorriso. "Eu respeito isso", ele diz. "Eu raramente bebo por razões semelhantes. Estou perto de pessoas bêbadas todas as noites, quanto mais estou perto delas, menos quero estar entre elas."

"Um barman que não bebe? Isso é raro. Certo? Eu achava que os bartenders teriam uma das maiores taxas de alcoolismo. Fácil acesso."

"Na verdade, é a indústria da construção. O que provavelmente não é bom para minhas chances. Estou construindo uma casa há vários anos."

"Você está realmente se preparando para o fracasso."

Ele sorri. "Parece assim." Ele relaxa um pouco mais na mesa. "O que você faz, Nicole?"







Este é o momento em que eu deveria ir embora. Antes que eu fale demais, antes que ele faça mais perguntas. Mas gosto de sua voz e sua presença, sinto que ficar aqui será uma distração e eu realmente preciso de uma distração agora.

Eu só não quero falar. Falar só vai me causar problemas nesta cidade.

"Você realmente quer saber o que faço para viver?" Tenho certeza que ele prefere colocar a mão na minha camisa do que ouvir o que uma garota diria neste momento. E como não quero admitir que não faço nada para viver porque estive presa por cinco anos, deslizo para o colo dele.

Isso o surpreende, quase como se realmente esperasse que sentássemos aqui e conversássemos pela próxima hora.

Sua expressão muda de leve choque para aceitação. Suas mãos caem para o meu quadril, e ele o agarra. Eu tremo com o contato.

Ele me ajusta para que eu me sente um pouco mais para cima, e posso senti-lo através de seu jeans, de repente não estou tão confiante de que posso ir embora como estava há cinco segundos. Achei que poderia beijá-lo e depois dar-lhe boa noite e voltar para casa com orgulho. Eu só queria me sentir um pouco poderosa antes de amanhã, mas agora ele está arrastando os dedos pela pele da minha cintura, isso está me deixando cada vez mais fraca, e tão *imprudente*. Não imprudente como indiferente, mas imprudente como vazia dentro da minha cabeça, e sentindo tudo no meu peito, como uma bola de fogo se formando dentro de mim.

Sua mão direita desliza pelas minhas costas, e suspiro porque sinto seu toque me atravessar como uma corrente. Esse cara está tocando meu rosto agora, passando os dedos pela minha bochecha e, em seguida, as pontas dos dedos pelos meus lábios. Ele está olhando para mim como se estivesse tentando descobrir de onde me conhece.







Talvez seja apenas minha paranoia no trabalho.

"Quem é você?" Ele sussurra.

Eu já disse a ele, mas repito meu nome do meio mesmo assim. "Nicole."

Ele sorri, mas depois perde o sorriso e diz: "Eu sei seu nome. Mas de onde você veio? Por que nunca nos encontramos antes desta noite?"

Não quero as perguntas dele. Não tenho respostas honestas. Eu me aproximo um pouco de sua boca. "Quem é *você*?"

"Ledger", ele diz, antes de rasgar meu passado, tirar o que sobrou do meu coração, jogar no chão e depois me beijar.

As pessoas dizem que você se apaixona, mas a *queda* é uma palavra tão triste quando você pensa sobre isso. As quedas nunca são boas. Você cai no chão, fica para trás, cai para a morte.

Quem foi a primeira pessoa a dizer que se apaixonou já deve ter desistido. Caso contrário, teriam chamado de algo muito melhor.

Scotty me disse que me amava no meio do nosso relacionamento. Era a noite em que eu deveria conhecer seu melhor amigo pela primeira vez. Eu já tinha conhecido os pais dele, e ele estava animado para isso, mas não tão animado quanto estava para me apresentar ao cara que ele considerava um irmão.

Esse encontro nunca aconteceu. Não consigo lembrar por quê; faz muito tempo. Mas seu amigo teve que cancelar, e Scotty estava triste, então assei biscoitos para ele e fumamos um baseado e então fiz um carinho. Melhor namorada de todos os tempos.







Até que eu o matei.

Mas isso foi três meses antes dele morrer, e naquela noite em particular, embora estivesse triste, ele estava bem vivo. Tinha um coração batendo e um pulso rápido e um peito arfante e lágrimas em seus olhos quando disse: "Eu te amo, Kenna. Eu te amo mais do que jamais amei alguém. Sinto sua falta o tempo todo, mesmo quando estamos juntos."

Isso ficou comigo. "Eu sinto sua falta o tempo todo, mesmo quando estamos juntos."

E pensei que era a *única* coisa que ficou comigo naquela noite, mas eu estava errada. Outra coisa ficou comigo. Um nome. *Ledger*.

O melhor amigo que nunca apareceu. O melhor amigo que nunca conheci.

O melhor amigo que acabou de colocar a língua na minha boca e a mão na minha camisa e seu nome no meu peito.







CAPÍTULO SEIS

LEDGE

Eu não entendo a atração.

O que é que atrai as pessoas umas para as outras? Como dezenas de mulheres podem entrar neste bar toda semana e eu não sinto vontade de dar uma segunda olhada em nenhuma delas? Mas então essa garota entra, e não consigo tirar meus olhos dela.

Agora não posso tirar minha boca dela.

Não sei por que estou quebrando minha regra autoimposta: "não persiga clientes". Mas há algo nela que indica que só terei uma chance. Tenho a sensação de que ela está passando pela cidade ou não planeja voltar aqui. Esta noite parece uma exceção a qualquer que seja sua rotina normal, sinto que pular uma oportunidade de estar com ela será aquele arrependimento na vida que ainda vou pensar quando for um homem velho.

Ela parece ser uma pessoa quieta, mas não o tipo tímido de silêncio. Ela é quieta de uma maneira feroz, uma tempestade que se aproxima de você, e você não sabe que está lá até sentir o trovão sacudir seus ossos.

Ela está quieta, mas disse apenas o suficiente para me fazer querer o resto de suas palavras. Ela tem gosto de maçã, mesmo tendo tomado café mais cedo, maçã é minha fruta favorita. Elas são provavelmente o meu *período de comida favorita*, agora.

Nós nos beijamos por vários segundos, e mesmo que ela fez o primeiro movimento, ainda parecia surpresa quando eu a puxei para minha boca.







Talvez ela esperasse que *eu* esperasse um pouco mais antes de prová-la, ou talvez ela não estivesse esperando que fosse assim, *espero que seja assim para ela*, mas o que quer que tenha causado aquele pequeno suspiro logo antes de minha boca encontrar a dela, não foi porque ela não queria o beijo.

Ela se afasta, brevemente indecisa, mas então parece se decidir porque se inclina e me beija novamente com ainda mais convicção.

Essa convicção desaparece, no entanto. Muito rápido. Ela se afasta pela segunda vez, desta vez seus olhos estão cheios de arrependimento. Ela balança a cabeça rapidamente e coloca as palmas das mãos no meu peito. Cubro suas mãos com as minhas bem quando ela diz: "Sinto muito."

Ela desliza para fora de mim, a parte interna de sua coxa esfregando meu zíper, me deixando ainda mais duro, enquanto ela sai da mesa. Eu alcanço sua mão, mas seus dedos escorrem dos meus quando ela se afasta da mesa. "Eu não deveria ter voltado."

Ela se afasta de mim e se dirige para a porta.

Eu desinflo.

Não guardei seu rosto na memória, e não gosto da ideia dela sair sem que eu seja capaz de lembrar o formato exato da boca que estava na minha.

Empurro-me para fora da mesa e a sigo.

Ela não consegue abrir a porta. Balança a maçaneta e tenta empurrá-la como se não pudesse se afastar de mim rápido o suficiente. Quero implorar para ela ficar, mas também quero ajudá-la a se afastar de mim, então puxo a trava de cima para baixo enquanto chego na frente dela com o pé para empurrar a trava do chão. A porta se abre e ela cai para fora.





*

Inala um grande gole de ar e, em seguida, gira e me encara. Examino sua boca, desejando ter uma memória fotográfica.

Seus olhos não são mais da mesma cor de sua camisa. São um verde mais claro agora porque ela está lacrimejando. Mais uma vez eu me vejo não sabendo o que fazer. Nunca vi uma garota tão exposta em tão pouco tempo, e nada disso parece forçado ou dramático. Com cada movimento que faz e cada sentimento que tem, é como se ela quisesse enrolá-los de volta e guardá-los.

Ela parece envergonhada.

Está ofegante, tentando enxugar as poucas lágrimas que estão começando a se formar, como não tenho ideia do que diabos dizer, apenas a abraço.

O que mais posso fazer?

Eu a puxo para mim e, por um segundo, ela endurece, mas isso é quase imediatamente seguido por um suspiro enquanto ela relaxa.

Nós somos as únicas pessoas ao redor. Já passa da meianoite, todos estão em casa dormindo, assistindo a um filme, fazendo amor. Mas estou aqui na Main Street, abraçando uma garota muito triste, imaginando por que ela está triste, desejando não achá-la tão bonita.

Seu rosto está pressionado contra o meu peito, seus braços estão apertados em volta da minha cintura. Sua testa vem até minha boca, mas ela está curvada sob meu queixo.

Esfrego seus braços.

Minha caminhonete está ao virar da esquina. Eu sempre estaciono no beco, mas ela parece chateada e não quero encorajála a me seguir até um beco quando está chorando. Eu me inclino contra um poste do toldo e a puxo comigo.





* *

Dois minutos se passam, talvez três. Ela não solta. Ela se molda contra mim, absorvendo o conforto que meus braços, peito e mãos estão dando a ela. Estou esfregando suas costas, subindo e descendo, minha voz ainda presa na garganta.

Algo está errado com ela, algo que não tenho certeza se quero saber neste momento, mas é algo que não posso simplesmente deixá-la na calçada e ir embora.

Acho que ela não está mais chorando quando diz: "Preciso ir para casa."

"Vou te dar uma carona."

Ela balança a cabeça e se afasta de mim. Mantenho minhas mãos em seus braços, e percebo quando ela cruza os braços sobre o peito, mas toca minha mão direita com dois de seus dedos. É apenas um golpe rápido, mas é deliberado, como se quisesse ter uma última sensação de mim antes de sair.

"Eu não moro longe. Vou andar."

Ela é louca se pensa que vai caminhar para casa. "É tarde demais para andar sozinha." Aponto para o beco. "Minha caminhonete está a três metros de distância." Por razões óbvias, esse gesto a faz hesitar, mas então ela aceita a mão que estou estendendo e me segue até a esquina.

Quando minha caminhonete aparece, ela para de andar. Eu me viro, ela está olhando para minha caminhonete com preocupação em seus olhos.

"Posso chamar para você um Uber se preferir. Mas juro, só estou lhe oferecendo uma carona para casa. Sem expectativas."

Ela olha para os pés, mas continua andando em direção à minha caminhonete. Abro a porta do passageiro para ela e, quando ela entra, não olha para a frente. Ainda está de frente para mim, suas pernas estão me impedindo de fechar a porta. Ela está olhando para mim como se estivesse dividida. Suas sobrancelhas







estão separadas. Não tenho certeza se já vi alguém parecer tão triste sem esforço.

"Você está bem?"

Ela inclina a cabeça contra o assento e me encara. "Eu estarei", diz baixinho. "Amanhã é um grande dia para mim. Estou apenas nervosa."

"O que haverá amanhã?" Pergunto a ela.

"Um grande dia para mim."

Ela obviamente não planeja elaborar, então aceno, respeitando sua privacidade.

Seu foco se move para o meu braço. Ela toca a barra da minha manga, então coloco minha mão em seu joelho porque quero tocar em algum lugar dela, e seu joelho parece ser o lugar mais seguro até que ela me diga onde mais pode querer minha mão.

Não sei quais são as intenções dela. A maioria das pessoas aparece em bares e deixa suas intenções claras. Você pode dizer quem vem para uma conexão e quem vem para encher a cara.

Não posso dizer com essa garota. Parece que ela acidentalmente abriu a porta e acabou no meu bar e não tem ideia do que quer desta noite.

Talvez ela só queira pular esta noite e ir direto para qualquer grande coisa que vai acontecer amanhã.

Estou esperando um sinal dela sobre o que ela quer que eu faça em seguida, porque pensei que estava levando ela para casa, mas ela não olha para frente. É como se quisesse que eu a beijasse novamente. Mas não quero fazê-la chorar de novo. *Mas eu quero beijá-la novamente*.

Toco seu rosto, e ela se inclina em minha mão. Ainda não tenho certeza se ela está confortável, então hesito até que ela se







aproxime de mim. Eu me posiciono entre suas pernas, então ela aperta suas coxas em volta do meu quadril.

Eu posso dar uma sugestão.

Passo minha língua em seus lábios, ela me puxa até que seu hálito doce está na minha boca. Ela ainda tem gosto de maçã, mas sua boca está mais salgada e sua língua mais decidida. Ela se inclina para o meu beijo, e eu me inclino para a caminhonete, para ela, e lentamente cai para trás no banco, me puxando com ela. Pairo sobre ela, de pé entre suas pernas, pressionando-me contra ela.

O jeito que ela suga o ar em pequenos suspiros enquanto a beijo está me deixando louco.

Ela guia minha mão por sua camisa e agarro seu seio e ela envolve suas pernas em volta de mim e então meu jeans está contra o dela e nós estamos balançando para frente e para trás como se estivéssemos na porra do ensino médio e este é o nosso único lugar para ir.

Quero puxá-la de volta para o bar e arrancar suas roupas, mas isso é o suficiente. Mais do que isso seria demais. Para ela. Ou talvez demais para mim. Não sei, só sei que a boca dela e essa caminhonete são suficientes.

Depois de um minuto beijando no escuro, eu me afasto de sua boca apenas o suficiente para ver que seus olhos estão fechados e seus lábios entreabertos. Mantenho meu ritmo constante contra ela, e ela levanta o quadril, juro que o atrito entre nossas roupas é suficiente para iniciar um incêndio de verdade. Está tão quente entre suas coxas, acho que não consigo terminar assim. Não tenho certeza se ela também pode. Simplesmente vamos enlouquecer se não encontrarmos uma maneira de nos aproximarmos ainda mais ou pararmos completamente.

Eu a convidaria para minha casa, mas meus pais estão na cidade, e não vou levar ninguém para perto daqueles dois.





* *

"Nicole", sussurro. Eu me sinto desconfortável até mesmo sugerindo isso, mas não posso continuar dando uns amassos com ela em um beco como se ela não valesse uma cama. "Nós podemos voltar para dentro."

Ela balança a cabeça e diz: "Não. Eu gosto da sua caminhonete", logo antes de puxar minha boca de volta para a dela.

Se ela gosta da minha caminhonete, eu *amo* minha caminhonete. Minha caminhonete é minha segunda coisa favorita no mundo agora.

A boca dela é a minha primeira.

Ela move minha mão para o botão de sua calça jeans, então obedeço e desabotoo enquanto minha língua está arrastando na dela. Deslizo minha mão na frente de sua calça jeans até meus dedos deslizarem sobre sua calcinha. Ela geme, é tão alto contra a trilha sonora silenciosa desta cidade sonolenta.

Eu movo sua calcinha para o lado com meus dedos e me deparo com uma pele lisa, calor e um gemido. Quando inalo, posso ouvir a trepidação de minha própria respiração.

Enterro minha boca em seu pescoço assim que os faróis se acendem na rua ao nosso lado.

"Merda." Minha caminhonete está estacionada no beco, mas não estamos escondidos da vista da rua. De repente, nos encontramos lutando enquanto somos levados de volta à realidade. Puxo minha mão de seu jeans, e ela abotoa eles. Eu a ajudo a se levantar, então ela olha para frente e ajeita o cabelo.

Fecho a porta dela e dou a volta na caminhonete enquanto o carro se aproxima e faz uma curva lenta, depois para, bem na frente do beco. Olho para o carro e vejo Grady em sua viatura. Ele está abaixando a janela, então me afasto da minha caminhonete e vou até o carro dele.





"Noite ocupada?" Ele pergunta enquanto se inclina em direção ao banco do passageiro para que possa me ver do lado do motorista do carro.

Olho atrás de mim para Nicole na caminhonete e depois de volta para ele. "Sim. Apenas fechado. Você vai trabalhar até de manhã?"

Ele abaixa o rádio. "Whitney fez um novo turno no hospital, então estou de volta às noites por enquanto. Gosto disso. Está quieto."

Eu toco seu boné e, em seguida, dou um passo para trás. "Bom ouvir. Eu tenho que ir. Vejo você amanhã no campo?"

Grady pode dizer que algo está acontecendo. Eu geralmente não sou tão rápido para ignorá-lo. Ele se inclina para frente, olhando ao meu redor, tentando ver quem está na minha caminhonete. Eu me inclino para a direita e bloqueio sua visão. "Tenha uma boa noite, Grady." Aponto para a estrada, deixando-o saber que ele é bem-vindo para continuar sua patrulha.

Ele sorri. "Sim. Você também."

Não estou tentando escondê-la. Eu só sei que a esposa dele é uma fofoqueira, e eu realmente não quero ser o assunto do campo de football amanhã.

Subo na minha caminhonete, e ela está com os pés no painel. Está olhando pela janela, evitando contato visual comigo. Não quero que ela se sinta estranha. Essa é a última coisa que quero. Estendo a mão e coloco uma mecha de cabelo atrás de sua orelha. "Você está bem?"

Ela acena com a cabeça, mas o aceno está rígido, e ela também, seu sorriso também. "Moro ao lado do Cefco."

Aquele posto de gasolina fica a quase três quilômetros de distância. Ela me disse mais cedo que morava perto, mas três quilômetros à meia-noite não é perto. "Cefco fora de Bellview?"





*

Ela encolhe os ombros. "Eu penso que sim. Não me lembro de todos os nomes das ruas. Acabei de me mudar para cá hoje."

Isso explica por que ela não é familiar para mim. Quero dizer algo como: "De onde você veio? O que a traz à cidade?" Mas não digo nada, porque ela parece querer que eu não diga nada.

Três quilômetros só levam dois minutos quando não há tráfego, e dois minutos não é tanto tempo assim, mas com certeza parece uma eternidade quando está gastando em uma caminhonete com uma garota que você quase transou. E não teria sido uma boa foda. Certamente seria uma foda rápida, desleixada, egoísta, que não poderia ser boa para ela.

Eu quero me desculpar, mas não tenho certeza do que estaria me desculpando, não quero que ela pense que me arrependo. A única coisa que lamento é que estou levando ela para casa e não para minha casa.

"Eu moro lá", ela diz, apontando para Paradise Apartments.

Eu não venho a esta parte da cidade com muita frequência. Fica na direção oposta da minha casa, então raramente dirijo por esta estrada. Eu honestamente pensei que eles condenaram este lugar.

Entro no estacionamento e pretendo desligar o motor e abrir a porta para ela, mas ela já está fora da caminhonete antes mesmo de eu desligar.

"Obrigada pela carona", diz. "E...pelo café." Ela fecha a porta e gira como se fosse assim que deveríamos nos separar.

Abro minha porta. "Ei. Espere."

Ela faz uma pausa, mas espera para se virar até que eu a alcance. Está se abraçando, mordendo o lábio, coçando nervosamente o braço. Ela olha para mim. "Você não precisa dizer nada."







"O que você quer dizer?"

"Quero dizer...eu sei o que foi aquilo." Ela acena com a mão para minha caminhonete. "Você não precisa pedir meu número, eu nem tenho um."

Como ela sabe o que é? *Eu* não sei o que é isso. Minha mente ainda está tentando processar isso. Talvez eu deva perguntar a ela. "O que é que é isso? O que isso significa? Pode acontecer de novo?"

Estou em território desconhecido. Tive uma noite antes, mas as coisas foram discutidas e acordadas antes do sexo. E sempre aconteceu em uma cama, ou algo próximo a ela.

Mas com ela, o amasso simplesmente aconteceu, então foi interrompido, e em um beco de todos os lugares. Eu me sinto um idiota.

Eu não tenho ideia do que dizer. Não sei onde colocar minhas mãos porque sinto que deveria estar dando um abraço de despedida nela, mas parece que ela não me quer perto dela agora. Deslizo minhas mãos nos bolsos do meu jeans. "Eu quero ver você de novo." Não é mentira.

Seus olhos piscam dos meus para seu prédio. "Eu não sou..." Ela suspira, e então apenas diz: "Não, obrigada."

Ela diz isso tão educadamente, não posso nem ficar chateado.

Estou na frente do seu prédio e a vejo ir embora até ela subir as escadas e entrar em um apartamento e não posso mais vê-la. E mesmo assim, fico no mesmo lugar porque acho que estou chocado ou, pelo menos, surpreso.

Não a conheço, mas acho ela mais intrigante do que qualquer outra pessoa que conheço há muito tempo. Quero fazer mais perguntas. Ela nunca respondeu a única pergunta que fiz sobre sua vida. Quem diabos é ela?







Por que sinto a necessidade de descobrir mais sobre ela?







CAPÍTULO SETE

KENNA

Caro Scotty,

Quando dizem que é um mundo pequeno, não estão brincando. Muito pequeno. Minúsculo. Superlotado.

Só estou contando isso porque sei que você não consegue ler essas cartas, mas vi a caminhonete de Ledger esta noite e pensei que ia chorar.

Na verdade, eu já estava chorando porque ele disse o nome dele e percebi quem ele era e eu estava beijando ele e me senti tão culpada, então embaraçosamente corri para fora e quase tive um ataque de pânico.

Mas sim. Aquela maldita caminhonete. Eu não posso acreditar que ele ainda tem isso. Ainda me lembro da noite em que você parou para me levar no nosso primeiro encontro. Eu ri porque era um laranja tão brilhante que eu não conseguia entender que tipo de pessoa escolheria essa cor de bom grado.

Mais de trezentas cartas que escrevi para você e só percebi esta noite enquanto folheava as cartas que nenhuma delas detalha o primeiro momento em que nos conhecemos. Eu escrevi sobre nosso primeiro encontro, mas nunca mencionei a primeira vez que colocamos os olhos um no outro.

Eu estava trabalhando como caixa na Dollar Days. Foi o primeiro emprego para o qual me candidatei quando me mudei de Denver. Eu não conhecia ninguém, mas não me importava. Estava em um novo estado e uma nova cidade e ninguém tinha qualquer noção preconcebida de mim. Ninguém conhecia minha mãe.

Quando você passou pela minha fila, não notei você imediatamente. Eu raramente olhava para os clientes, especialmente se fossem caras da minha







idade. Caras da minha idade só me decepcionaram até aquele momento. Eu pensava que talvez deveria me sentir atraída por homens mais velhos, ou talvez até por mulheres, porque nenhum cara que conheci que tinha a minha idade me fez sentir bem comigo. Entre as vaias e as expectativas sexuais, eu havia perdido completamente a fé na população masculina da minha geração.

Nós éramos uma loja pequena, e tudo na loja era apenas um dólar, então as pessoas geralmente vinham com carrinhos cheios de coisas. Você veio pela minha fila com um prato de jantar. Eu me perguntei que tipo de pessoa só comprava um prato de jantar. Certamente a maioria das pessoas espera ter amigos ocasionalmente, ou pelo menos a esperança de ter amigos. Mas comprar um prato parecia que esperava sempre comer sozinho.

Peguei o prato e o embrulhei antes de colocá-lo em um saco e entregar a você.

Não foi até a segunda vez que passou pela minha fila alguns minutos depois que finalmente olhei para o seu rosto. Você estava comprando um segundo prato de jantar. Isso me fez sentir melhor por você. Peguei o segundo prato, você me entregou seu dólar e alguns trocados, eu lhe entreguei o saco, e foi aí que você sorriu.

Você me teve naquele momento, embora provavelmente não tenha percebido. Seu sorriso era como o calor deslizando sobre mim. Perigoso e confortável, eu não sabia o que fazer com esses sentimentos conflitantes, então desviei o olhar de você.

Dois minutos depois, você estava novamente na fila com um terceiro prato.

Registrei para você. Você pagou. Embrulhei seu prato e entreguei seu saco, mas desta vez falei. "Volte logo", eu disse.

Você sorriu e disse: "Se você insiste."







Você circulou o registro e voltou para o corredor que continha os pratos. Eu não tinha outros clientes, então observei o corredor até você reaparecer com um quarto prato e trazê-lo para o caixa.

Peguei o prato e disse: "Sabe, você pode comprar mais de uma coisa de cada vez."

"Eu sei", você disse. "Mas só preciso de um prato."

"Então por que este é o quarto que você comprou?"

"Porque estou tentando criar coragem para convidá-la para sair."

Eu esperava que fosse por isso. Entreguei-lhe seu saco, querendo que seus dedos tocassem os meus. Eles tocaram. Parecia exatamente como eu imaginava, como se nossas mãos fossem magnéticas. Foi preciso muito esforço para puxar minha mão de volta.

Tentei parecer indiferente ao seu flerte, porque era exatamente o que sempre fiz com os homens, então disse: "É contra a política da loja os funcionários namorarem os clientes."

Não havia nenhuma firmeza ou verdade na minha voz, mas acho que você gostou do jogo que estávamos jogando, então disse: "Ok. Dê-me um minuto para corrigir isso." Você caminhou até o único outro caixa na loja. Você estava a poucos metros de distância, então ouvi você dizer: "Preciso devolver esses pratos, por favor."

A outra caixa estava ao telefone com um cliente durante suas quatro idas ao caixa, então não tenho certeza se ela sabia que estava sendo brincalhão. Ela olhou para mim de seu registro e fez uma careta. Dei de ombros como se não soubesse o que estava acontecendo com o cara que tinha quatro recibos diferentes para quatro pratos, e então me afastei dela para atender outro cliente.

Você passou pela minha fila alguns minutos depois e colocou um recibo de devolução no balcão. "Não sou mais cliente. E agora?"







Peguei o recibo, fingindo lê-lo com atenção. Devolvi a você e disse: "Eu saio do trabalho às sete."

Você dobrou o recibo e não olhou para mim quando disse: "Vejo você em três horas."

Eu deveria ter dito seis, porque acabei saindo do trabalho mais cedo. Passei a hora extra na loja ao lado comprando uma roupa nova. Você ainda não tinha aparecido às sete e vinte, então desisti e estava andando para o meu carro quando você acelerou no estacionamento e parou ao meu lado. Baixou a janela e disse: "Desculpe o atraso."

Eu sou perpetuamente atrasada, então não estava em lugar para julgá-lo pelo seu atraso, mas com certeza julguei com base na sua caminhonete. Pensei que talvez você fosse louco ou confiante demais. Era um velho Ford F-250. Cabine dupla grande, a cor laranja mais feia que eu já vi. "Eu gosto da sua caminhonete." Não tinha certeza se estava dizendo a verdade ou se estava mentindo. Era uma caminhonete tão feia que me fez odiar isto. Mas porque era tão feia, me fez amar que você estivesse me pegando nela.

"Não é minha. É a caminhonete do meu melhor amigo. Meu carro está na oficina."

Fiquei aliviada por não ser seu, mas também um pouco decepcionada porque achei a cor tão divertida. Você fez sinal para eu entrar. Parecia orgulhoso e cheirava como um bastão de doces.

"É por isso que você está atrasado? Seu carro quebrou?"

Você balançou a cabeça e disse: "Não. Eu tive que terminar com minha namorada."

Minha cabeça virou em sua direção. "Você tem uma namorada?"

"Não mais." Você me lançou um olhar tímido.

"Mas você tinha uma quando me convidou para sair mais cedo?







"Sim, mas quando comprei meu terceiro prato, eu sabia que ia terminar com ela. Demorou", você disse. "Nós dois estávamos querendo sair disso por um tempo. Estávamos confortáveis demais para cancelar." Você ligou o pisca-pisca e parou em um posto em uma bomba de gasolina. "Minha mãe vai ficar triste. Minha mãe gosta muito dela."

"As mães geralmente não gostam de mim", eu admiti. Ou talvez fosse mais um aviso.

Você sorriu. "Eu posso ver isso. As mães preferem imaginar seus filhos com garotas de aparência saudável. Você é muito sexy para fazer uma mãe se sentir confortável."

Eu não era de ficar ofendida por um cara me chamar de sexy. Trabalhei duro naquele dia para parecer sexy. Gastei muito dinheiro no sutiã e na camisa decotada que comprei trinta minutos antes com o objetivo de fazer meus seios parecerem comprados em loja.

Eu apreciei o elogio, mesmo que você estivesse sendo um pouco brega.

Quando saiu para encher a caminhonete do seu amigo com gasolina, pensei na garota de aparência saudável cujo coração você acabou de quebrar simplesmente porque concordei em sair com você, e me senti um pouco como uma cobra naquele momento.

Mas mesmo que eu me sentisse como uma cobra, não planejava rastejar para longe. Gostei tanto da sua energia que planejei me enrolar em torno de você e nunca mais soltá-lo.

Quando Ledger disse seu nome contra meus lábios mais cedo hoje à noite, eu quase disse: "Scotty's Ledger?" Mas a pergunta teria sido inútil, porque eu soube naquele instante que ele era seu Ledger. Quantos Ledgers podem existir? Eu nunca conheci um antes.

Eu estava sobrecarregada com perguntas, mas Ledger me beijou e isso me rasgou ao meio, porque eu queria beijá-lo de volta, mas ainda mais do que isso, eu







queria fazer perguntas a ele sobre você. Queria dizer: "Como era Scotty quando criança? O que você amava nele? Ele já falou sobre mim? Você ainda fala com os pais dele? Conhece minha filha? Pode me ajudar a juntar todos os pedaços da minha vida quebrada?"

Mas eu não conseguia falar porque seu melhor amigo estava com sua língua quente na minha boca e parecia que ele estava me marcando com a palavra TRAIDORA.

Eu não sei por que parecia que eu estava traindo você. Você está morto há cinco anos, e eu beijei o guarda da prisão, então não é como se você fosse meu último beijo. Mas meu beijo com o guarda da prisão não me fez sentir como se estivesse traindo você. Isso pode ser porque o guarda da prisão não era seu melhor amigo.

Ou talvez eu me sentisse uma trapaceira porque realmente senti o beijo de Ledger. Escorreu em mim do jeito que seus beijos costumavam fazer, mas então havia aquele elemento adicional de me sentir uma trapaceira, ou mentirosa, ou lixo, porque Ledger não me conhecia. Para Ledger, ele estava sendo beijado pela garota passageira que não conseguia parar de olhar a noite toda.

Para mim, estava sendo beijada pelo barman gostoso cujo melhor amigo morreu por minha causa.

Tudo explodiu. Eu senti como se estivesse quebrando. Estava permitindo que Ledger me tocasse, sabendo muito bem que ele provavelmente preferiria me esfaquear se soubesse quem eu era. Afastar-me do seu beijo parecia um pouco com tentar apagar um incêndio florestal com uma bomba nuclear.

Eu queria me desculpar, queria escapar.

Senti vontade de desmaiar, pensando em como Ledger provavelmente conhecia você melhor do que eu. Eu odiava que o único cara que encontrei nesta cidade é o único cara que deveria estar evitando.







Ledger não se virou quando chorei, no entanto. Ele fez o que você teria feito. Colocou os braços em volta de mim e me deixou ser do jeito que eu precisava ser, e foi bom porque eu não fui segurada assim desde você.

Fechei os olhos e fingi que seu melhor amigo era meu aliado. Que estava do meu lado. Eu fingi que ele estava me segurando apesar do que fiz com você, e ele queria me ajudar a me curar.

Eu também deixei isso acontecer porque se Ledger está de volta a esta cidade, e ele ainda está dirigindo a caminhonete em que conheci você todos aqueles anos atrás, então isso significa que ele é um fã de rotina. E há uma grande possibilidade de nossa filha fazer parte da rotina de Ledger.

É possível que eu seja simplesmente a única pessoa longe de Diem?

Se você pudesse ver as páginas em que estou escrevendo esta carta, você veria as manchas de lágrimas. Chorar parece ser a única coisa que me resta na vida em que sou boa. Chorar e tomar más decisões.

E, claro, eu sou boa em escrever poesia ruim para você. Deixo-o com uma que escrevi na viagem de ônibus de volta a esta cidade.

Tenho uma filha que nunca segurei.

Ela tem um cheiro que nunca senti.

Ela tem um nome que nunca gritei.

Ela tem uma mãe que já falhou.

Amor,

Kenna







CAPÍTULO OITO

LEDGE

Não estacionei na garagem quando cheguei em casa ontem à noite. Diem gosta de acordar e olhar pela janela de manhã para ter certeza de que estou em casa, e quando deixo minha caminhonete na garagem, Grace diz que isso deixa Diem triste.

Eu moro do outro lado da rua desde que Diem tinha oito meses de idade, mas se não contar os anos em que saí desta casa e morei em Denver, tecnicamente estive nesta casa a minha vida inteira.

Meus pais não moram aqui há vários anos, embora ambos estejam desmaiados no quarto de hóspedes agora.

Eles compraram o trailer quando meu pai se aposentou e agora viajam pelo país. Eu comprei a casa deles quando voltei, e eles carregaram e foram embora. Achei que duraria um ano no máximo, mas já faz mais de quatro anos e não estão mostrando nenhum sinal de desaceleração.

Eu só queria que eles me avisassem antes de aparecerem. Talvez eu devesse baixar um aplicativo de GPS em seus telefones para ter algum tipo de aviso no futuro. Não que eu não goste de suas visitas. Seria bom poder me preparar para eles.

É por isso que estou construindo um portão de privacidade na minha nova casa.

Eventualmente.

Está indo devagar porque Roman e eu estamos fazendo muito do trabalho nós mesmos. Todo domingo, do nascer ao pôr do sol,







dirijo até Cheshire Ridge com Roman e trabalhamos nisso. Eu contrato para as coisas mais difíceis, mas nós concluímos uma boa parte da construção nós mesmos. Depois de dois anos de domingos, a casa finalmente começa a se encaixar. Estou talvez a seis meses de me mudar.

"Onde você está indo?"

Eu giro quando chego à porta da garagem. Meu pai está do lado de fora do quarto de hóspedes. Está de cueca.

"Diem tem T-ball. Vocês querem vir?"

"Não. Estou de ressaca demais para crianças hoje, e nós realmente precisamos voltar à estrada."

"Você já está indo embora?"

"Estaremos de volta em algumas semanas." Meu pai me dá um abraço. "Sua mãe ainda está dormindo, mas vou dizer a ela que você se despediu."

"Talvez me dê um aviso antes da próxima visita e vou sair do trabalho."

Meu pai balança a cabeça. "Não, nós gostamos de ver a surpresa em seu rosto quando aparecemos sem aviso prévio." Ele entra no banheiro e fecha a porta.

Ando pela garagem e em direção à casa de Patrick e Grace do outro lado da rua.

Estou esperando que Diem não esteja com um humor falante porque minha concentração vai ser uma merda hoje. Tudo o que consigo pensar é na garota da noite passada e no quanto eu quero vê-la novamente. Será que seria estranho se eu deixasse um bilhete na porta dela?

Bato na porta da frente de Patrick e Grace e entro. Estamos todos indo e voltando da casa um do outro, a certa altura, cansamos de dizer: "Está aberta." Está sempre aberta.





Grace está na cozinha com Diem. Diem está se centro da mesa com as pernas cruzadas e uma tigela d

Grace está na cozinha com Diem. Diem está sentada no centro da mesa com as pernas cruzadas e uma tigela de ovos no colo. Ela nunca senta em cadeiras. Está sempre em cima das coisas, como o encosto do sofá, o balcão da cozinha, a mesa da cozinha. Ela é uma alpinista.

"Você ainda está de pijama, D." Pego a tigela de ovos dela e aponto para o corredor. "Vista-se, temos que ir." Ela corre para seu quarto para vestir seu uniforme de T-ball.

"Achei que o jogo era às dez", Grace diz. "Eu a teria preparado."

"É, mas eu devo Gatorade, então tenho que correr até a loja, e tenho que passar e pegar Roman." Eu me inclino contra o balcão e pego uma tangerina. Eu a abro enquanto Grace liga a lavalouças.

Ela sopra uma mecha de cabelo do rosto. "Ela quer um balanço", ela diz. "Um daqueles ridiculamente grandes como o que você costumava ter no seu quintal. Sua amiga Nyla da escola tem um, e você sabe que não podemos dizer não. Será seu quinto aniversário."

"Eu ainda tenho isso."

"Você tem? Onde?"

"Está no galpão em pedaços, mas posso ajudar Patrick a montá-lo novamente. Não deve ser muito difícil."

"Você acha que ainda está em boa forma?"

"Estava quando eu desmontei." Não digo a ela que Scotty é a razão pela qual eu o desmontei. Eu ficava com raiva toda vez que olhava para ele depois que ele morreu.

Coloco outro pedaço de tangerina na boca e redireciono meus pensamentos. "Eu não posso acreditar que ela vai fazer cinco anos."





X

Graça suspira. "Eu sei. Irreal. Injusto."

Patrick aparece na cozinha e bagunça meu cabelo como se eu não fosse quase trinta e três centímetros mais alto que ele. "Ei, garoto." Ele chega ao meu redor e pega uma das tangerinas. "Grace te disse que não podemos ir ao jogo hoje?"

"Ainda não", Grace diz. Ela revira os olhos, seu olhar irritado pousando em mim. "Minha irmã está no hospital. Cirurgia eletiva, ela está bem, mas temos que dirigir até a casa dela e alimentar seus gatos."

"O que ela está fazendo desta vez?"

Grace acena com a mão para o rosto. "Algo com os olhos dela. Quem sabe? Ela é cinco anos mais velha que eu, mas parece dez anos mais nova."

Patrick cobre a boca de Grace. "Pare. Você é perfeita." Grace ri e afasta a mão dele.

Nunca os vi brigar. Nem mesmo quando Scotty era criança. Meus pais brigam muito, e é principalmente por diversão, mas eu nunca vi Grace e Patrick brigando nos vinte anos que eu os conheço.

Eu quero aquilo. Algum dia. Ainda não tenho tempo para isso, no entanto. Eu trabalho demais e sinto que estou me afundando lentamente no chão. Preciso fazer uma mudança se eu quiser manter uma garota tempo suficiente para ter o que Patrick e Grace têm.

"Ledge!" Diem grita de seu quarto. "Ajude-me!" Ando pelo corredor para ver o que ela precisa. Ela está de joelhos em seu armário, vasculhando. "Não consigo encontrar minha outra bota, preciso da minha bota."

Ela está segurando uma bota de cowboy vermelha e procurando a outra. "Por que você precisa de botas? Você precisa de suas chuteiras."





*

"Eu não quero usar minhas chuteiras hoje. Quero usar minhas botas."

Suas chuteiras estão ao lado de sua cama, então eu as pego. "Você não pode usar botas para jogar beisebol. Aqui, suba na cama para que eu possa ajudá-la a colocar suas chuteiras."

Ela se levanta e joga a segunda bota vermelha na cama. "Encontrei!" Ela ri e sobe em sua cama e começa a colocar suas botas.

"Diem. É beisebol. As pessoas não usam botas para jogar beisebol."

"Eu vou, estou usando botas hoje."

"Não, você não pode..." Eu calo a boca. Não tenho tempo para discutir com ela, e sei que quando ela chegar ao campo e ver todas as outras crianças com suas chuteiras, ela me deixará tirar as botas. Eu a ajudo a colocar as botas e levo as chuteiras conosco quando a carrego para fora do quarto.

Grace nos encontra na porta e entrega a Diem uma bolsa de suco. "Divirta-se hoje." Ela beija Diem na bochecha, e então os olhos de Grace vão para as botas de Diem.

"Não pergunte", eu digo enquanto abro a porta da frente.

"Tchau, Nana!" Diem diz.

Patrick está na cozinha, quando Diem não diz adeus a ele, ele pisa dramaticamente em nossa direção. "E o NoNo?"

Patrick queria ser chamado de *papai* quando Diem começasse a falar, mas por alguma razão, ela chamava Grace de *Nana* e Patrick *NoNo*, e era tão engraçado que Grace e eu forçamos o suficiente para que finalmente pegasse.

"Tchau, NoNo", Diem diz, rindo.





X

"Podemos não voltar antes de você", Grace diz. "Você se importa em mantê-la se não estivermos?"

Não sei por que Grace sempre me pergunta. Eu nunca disse não. Nunca vou *dizer* não. "Sem pressa. Vou levá-la a algum lugar para almoçar." Coloco Diem no chão quando saímos.

"McDonalds!" Ela diz.

"Eu não quero McDonald's", digo enquanto atravessamos a rua em direção a minha caminhonete.

"Drive-through do McDonald's!"

Abro a porta traseira da minha caminhonete e a ajudo a se sentar em seu assento elevatório. "Que tal comida mexicana?"

"Não. McDonald's."

"Chinês? Faz muito tempo que não comemos comida chinesa."

"McDonalds."

"Eu te direi uma coisa. Se você usar suas chuteiras quando chegarmos ao jogo, podemos comer McDonald's." Afivelo o cinto de segurança dela.

Ela balança a cabeça. "Não, eu quero usar minhas botas. Eu não quero almoçar de qualquer maneira, estou cheia."

"Você vai estar com fome na hora do almoço."

"Não vou, eu comi um dragão. Vou ficar cheia para sempre."

Às vezes me preocupo com quantas histórias ela conta, mas ela é tão convincente que fico mais impressionado do que preocupado. Não sei com que idade uma criança deve saber a diferença entre mentir e usar a imaginação, mas deixo isso para Grace e Patrick. Eu não quero sufocar minha parte favorita dela.





* *

Puxo para a rua. "Você comeu um dragão? Um dragão *inteiro?*"

"Sim, mas ele era um dragão bebê, é assim que ele se encaixa no meu estômago."

"Onde você encontrou um bebê dragão?"

"Walmart."

"Eles vendem dragões bebês no Walmart?"

Ela começa a me contar tudo sobre como os dragões bebês são vendidos no Walmart, mas você tem que ter um cupom especial, e apenas as crianças podem comê-los. No momento em que chego ao Roman's, ela está explicando como eles são preparados.

"Com sal e xampu", ela diz.

"Você não deve comer xampu."

"Você não *come*, você usa para cozinhar o dragão."

"Oh. Bobo eu."

Roman entra na caminhonete e parece tão animado quanto alguém indo a um funeral. Ele odeia dias de T-ball. Ele nunca foi uma criança. A única razão pela qual me ajuda a treinar é que nenhum dos outros pais faria isso. E como ele trabalha para mim, adicionei-o à sua agenda.

Ele é a única pessoa que eu conheço que é paga para treinar T-ball, mas ele não parece se sentir culpado por isso.

"Oi, Roman", Diem diz do banco de trás em uma voz cantante.

"Só tomei uma xícara de café; não fale comigo." Roman tem vinte e sete anos, mas ele e Diem parecem ter encontrado algum lugar no meio de seu relacionamento de amor e ódio, porque ambos agem como doze.





Diem começa a bater na parte de trás do seu encosto de cabeça. "Acorde, acorde, acorde."

Roman revira a cabeça até olhar para mim. "Toda essa merda que você faz para ajudar criancinhas em seu tempo livre não vai lhe render nenhum ponto na vida após a morte, porque a religião é uma construção social criada por sociedades que queriam regular seu povo, o que faz do céu um conceito. Poderíamos estar dormindo agora."

"Uau. Eu odiaria ver você *antes* do café." Saio de sua garagem. "Se o céu é conceitual, o que é o inferno?"

"O campo de T-ball."







CAPÍTULO NOVE

KENNA

Estive em seis lugares diferentes tentando encontrar um emprego, e ainda não são nem dez da manhã. Todos foram iguais. Eles me dão um aplicativo. Perguntam-me sobre a minha experiência. Tenho que dizer a eles que não tenho nenhuma. Tenho de lhes dizer porquê.

Então eles pedem desculpas, mas não antes de me olhar de cima a baixo. Sei o que estão pensando. É a mesma coisa que minha senhoria, Ruth, disse quando me viu pela primeira vez. "Não esperava que você fosse assim."

As pessoas pensam que as mulheres que vão para a prisão têm uma certa aparência. Que somos de uma certa maneira. Mas somos mães, esposas, filhas, *humanas*.

E tudo o que queremos é apenas pegar uma porra de uma pausa.

Apenas uma.

O sétimo lugar que tento é uma mercearia. Fica um pouco mais longe do meu apartamento do que eu gostaria, quase três quilômetros e meio, mas já esgotei todo o resto entre esta loja e meu apartamento.

Estou suando quando entro na loja, então me refresco no banheiro. Estou lavando as mãos na pia quando uma mulher baixinha de cabelo preto e sedoso entra no banheiro. Ela não entra em um dos reservados. Ela apenas se encosta na parede e fecha os olhos. Tem um crachá com o nome: **AMY**.





*

Quando abre os olhos, percebe que estou olhando para seus sapatos. Ela está usando um par de mocassins com contas brancas e vermelhas em forma de círculo em cima deles.

"Você gosta?" Ela pergunta, levantando o pé e inclinando-o de um lado para o outro.

"Sim. Eles são lindos."

"Minha avó faz. Devemos usar tênis aqui, mas o gerente geral nunca disse nada sobre meus sapatos. Acho que está com medo de mim."

Olho para meu tênis enlameado. Recuo ao vê-los. Não percebi que estava andando com sapatos tão sujos.

Não posso me candidatar a um emprego assim. Tiro um deles e começo a lavá-lo na pia.

"Estou me escondendo", diz a mulher. "Não costumo ir a banheiros, mas tem uma velhinha na loja que sempre reclama de tudo, e eu honestamente não estou com disposição para suas besteiras hoje. Tenho uma filha de dois anos e ela não dormiu a noite toda e eu realmente queria ligar para dizer que estava doente hoje, mas sou a gerente de turno, e os gerentes de turno não ligam para dizer que estão doente. Nós aparecemos."

"E se escondem nos banheiros."

Ela sorri. "Exatamente."

Troco de sapato e começo a lavar o outro. Tenho um nó na garganta quando digo: "Vocês estão contratando? Estou à procura de trabalho."

"Sim, mas provavelmente não é algo em que esteja interessada."

Ela não deve ver o desespero em meu rosto. "Para que você está contratando?"





"Embalador de mercearia. Não é em tempo integral, mas geralmente deixamos essas vagas abertas para adolescentes com necessidades especiais."

"Oh. Bem, eu não quero tirar um emprego de ninguém."

"Não, não é isso", ela diz. "Nós simplesmente não temos muitos candidatos por causa das poucas horas, mas realmente precisamos de ajuda em meio período. São cerca de vinte horas por semana."

Isso nem vai pagar o aluguel, mas se eu trabalhar duro o suficiente, posso conseguir uma posição diferente. "Eu posso fazer isso até que alguém com necessidades especiais se inscreva. Eu realmente posso usar o dinheiro."

Amy me olha de cima a baixo. "Por que você está tão desesperada? O salário é uma merda."

Coloco meu sapato de volta. "Eu, hum..." Amarro meu sapato, protelando a inevitável admissão. "Acabei de sair da prisão." Digo rápido e confiante, como se não me incomodasse tanto. "Mas eu não sou... posso fazer isso. Não vou decepcioná-la e não serei nenhum problema."

Amy ri. È uma risada alta, mas quando não rio com ela, ela cruza os braços sobre o peito e inclina a cabeça. "Ah Merda. Você fala sério?"

Eu concordo. "Sim. Mas se for contra a política, entendo totalmente. Não é grande coisa."

Ela acena com a mão irreverente. "Eh, nós realmente não temos uma política. Não somos uma rede, podemos contratar quem quisermos. Para ser honesta, sou obcecada por *Orange Is the New Black*, então se você prometer me dizer quais partes do show são besteiras, te dou uma inscrição."

Eu poderia chorar. Em vez disso, finjo um sorriso. "Eu ouvi tantas piadas sobre esse seriado. Acho que preciso assistir."





X

Amy revira a cabeça. "Sim. Sim. Sim. Melhor seriado, melhor elenco; venha comigo."

Eu a sigo até o balcão de atendimento ao cliente na frente da loja. Ela vasculha uma gaveta e encontra um formulário, então me entrega junto com uma caneta. "Se você preencher enquanto estiver aqui, posso te colocar na orientação de segunda-feira."

Pego o formulário dela e quero agradecer, quero abraçá-la, quero dizer que ela está mudando minha vida. Mas apenas sorrio e calmamente levo minha inscrição para um banco perto da porta da frente.

Preencho meu nome completo, mas coloco aspas no meu nome do meio, para que saibam que me chamem de Nicole. Eu não posso estar usando um crachá que diz **KENNA** nesta cidade. Alguém reconhecerá. Então vão fofocar.

Chego na metade da primeira página quando sou interrompida.

"Ei."

Meus dedos apertam a caneta com força quando ouço sua voz. Eu lentamente levanto minha cabeça, e Ledger está parado na minha frente com um carrinho de supermercado cheio de cerca de uma dúzia de pacotes de Gatorade.

Viro o formulário, esperando que ele já não tenha visto meu nome no topo. Engulo e tento parecer com um humor mais estável do que todos os humores que ele testemunhou de mim ontem.

Gesticulo em direção ao Gatorade. "Especial no bar esta noite?"

Um alívio sutil parece inundá-lo, como se ele estivesse esperando que eu mandasse ele se foder. Ele bate em um dos pacotes de Gatorade. "Treinador de T-ball."





* *

Desvio o olhar dele, porque por algum motivo essa resposta me deixa desconfortável. Ele não parece um treinador de Tball. Mães de sorte.

Ah não. Ele é um treinador de T-ball. Tem um filho? Um filho e uma esposa?

Eu quase dormi com um treinador de T-ball casado?

Bato a caneta na parte de trás da prancheta. "Você é, hum... você não é casado, é?"

Seu sorriso me diz que não. Ele nem precisa dizer isso, mas balança a cabeça e diz: "Solteiro", então aponta para a prancheta no meu colo. "Você está se candidatando a um emprego?"

"Sim." Olho para o balcão de atendimento ao cliente e Amy está me olhando. Preciso tanto desse emprego, mas temo que isso possa fazer parecer que vou me distrair com bartenders sensuais enquanto estou no horário. Olho para longe dela, me perguntando se Ledger estar aqui falando comigo está prejudicando minhas chances. Viro a prancheta de volta, mas a inclino para que ele não consiga ver meu nome. Começo a escrever meu endereço, esperando que ele vá embora.

Ele não vai. Empurra o carrinho para o lado para que um cara possa contorná-lo, e então encosta o ombro direito na parede e diz: "Eu estava esperando encontrar você de novo."

Não vou fazer isso agora.

Não vou enganá-lo quando ele não tem ideia de quem sou.

Também não vou arriscar este trabalho confraternizando com os clientes. "Você pode ir?" Sussurro, mas alto o suficiente para ele ouvir.

Ele faz uma careta. "Fiz algo de errado?"

"Não, eu realmente preciso terminar isso."





X Y

Sua mandíbula flexiona, e ele se afasta a parede. "É só que você age como se estivesse brava, eu me sinto meio mal por ontem à noite..."

"Estou bem." Olho para o balcão de atendimento ao cliente e Amy ainda está olhando. Encaro Ledger e imploro a ele. "Eu *realmente* preciso desse emprego. E agora, minha nova chefe em potencial continua olhando aqui, sem ofensa, mas você está coberto de tatuagens e parece um problema, preciso que ela pense que não vou lhe dar nenhum problema. Eu não me importo com o que aconteceu ontem à noite. Foi mútuo. Foi bom."

Ele balança a cabeça lentamente e, em seguida, agarra a alça do seu carrinho de compras. "Foi *bom* ", ele repete, aparentemente ofendido.

Por um momento, me sinto mal, mas não vou mentir para ele. Ele colocou a mão no meu jeans, se não tivéssemos sido interrompidos, provavelmente teríamos acabado fodendo. *Em sua caminhonete*. Quão espetacular poderia ser?

Mas ele está certo, foi mais do que *bom*. Não posso nem olhar para ele sem olhar para sua boca. Ele é um bom beijador, e está brincando com a minha cabeça agora porque tenho tantas coisas mais importantes acontecendo na minha vida do que sua boca.

Ele fica em silêncio por alguns segundos e depois pega um saco em seu carrinho. Pega uma garrafa marrom. "Comprei caramelo. Caso você volte." Ele joga a garrafa no carrinho. "De qualquer forma. Boa sorte." Ele parece inquieto quando se vira e sai pela porta.

Tento continuar preenchendo o formulário, mas estou tremendo agora. Sinto como se tivesse uma bomba amarrada em mim e ela dispara na presença dele, ficando cada vez mais perto de explodir meus segredos em cima dele.

Termino de preencher o formulário, mas minha caligrafia está desleixada por causa das minhas mãos trêmulas. Quando volto ao





X

atendimento ao cliente e entrego para Amy, ela diz: "Ele é seu namorado?"

Eu jogo. "Quem?"

"Ledger Ward."

Ward? O bar chama-se Ward's. Ele é o dono do bar?

Balanço minha cabeça, respondendo à pergunta de Amy. "Não, eu mal o conheço."

"Vergonha. Ele é uma mercadoria quente por aqui desde que ele e Leah terminaram."

Ela diz isso como se eu devesse saber quem é Leah. Acho que em uma cidade desse tamanho, a maioria das pessoas conhece a maioria das pessoas. Olho de volta para a porta pela qual Ledger desapareceu. "Não estou no mercado para uma mercadoria quente. Apenas um trabalho morno."

Amy ri e navega no meu formulário por um momento. "Você cresceu aqui?"

"Não, eu sou de Denver. Vim aqui para fazer faculdade." Isso é mentira, eu nunca fui para a faculdade, mas é uma cidade universitária, e minhas intenções eram eventualmente ir. Isso simplesmente nunca aconteceu.

"Oh sim? Qual é o seu diploma?"

"Não terminei. É por isso que estou de volta", minto. "Inscrições para o próximo semestre."

"Este trabalho é perfeito para isso; podemos trabalhar em torno de suas aulas. Esteja aqui na segunda-feira às oito para orientação. Você tem carteira de motorista?"

Concordo. "Sim, eu trarei." Deixo de fora o fato de que acabei de tirar minha carteira de motorista no mês passado, depois de meses trabalhando para restaurá-la. "Obrigada." Eu tento dizer





* *

isso com o mínimo de entusiasmo possível na minha voz, mas até agora as coisas estão dando certo. Tenho um apartamento e agora um emprego.

Agora só preciso encontrar minha filha.

Eu me viro para ir embora, mas Amy diz: "Espere. Quer saber quanto vai ganhar?"

"Oh. Sim, claro."

"Salário mínimo. Ridículo, eu sei. Não possuo este lugar, ou eu o mudaria." Ela se inclina para frente e abaixa a voz. "Sabe, você provavelmente pode conseguir um emprego no armazém do Lowe. Eles pagam o dobro no começo."

"Tentei online na semana passada. Eles não vão me contratar com meu registro."

"Oh. Desapontada. Nós vamos. Até segunda-feira, então."

Antes de ir, bato meu punho no balcão e faço uma pergunta que provavelmente não deveria fazer. "Mais uma coisa. Você conhece o cara com quem eu estava falando? Ledge?"

Ela levanta uma sobrancelha divertida. "O que sobre ele?"

"Ele tem filhos?"

"Apenas uma sobrinha ou algo assim. Ela vem aqui com ele às vezes. Linda garota, mas tenho certeza de que ele é solteiro e sem filhos."

Uma sobrinha?

Ou poderia ser a filha do seu melhor amigo falecido?

Ele faz compras aqui com minha filha?

De alguma forma, forço um sorriso através do ataque de emoções de repente em espiral através de mim. Agradeço de novo, mas saio com pressa, esperando por algum milagre que a





* *

caminhonete de Ledger ainda esteja do lado de fora e que minha filha esteja na caminhonete com ele.

Olho ao redor do estacionamento, mas ele já se foi. Meu estômago revira, mas ainda posso sentir a adrenalina disfarçada de esperança correndo pelo meu corpo. Porque agora sei que ele treina T-ball, e Diem mais do que provavelmente joga em seu time, porque mais ele treinaria se não tem seus próprios filhos?

Debato ir direto para o campo de T-ball, mas preciso fazer isso direito. Quero falar com Patrick e Grace primeiro.







CAPÍTULO DEZ

LEDGE

Estou no banco puxando o equipamento para fora da bolsa quando Grady desliza os dedos pela cerca de arame, segurandoa. "Então Quem era ela?"

Finjo não saber do que ele está falando. "Quem era quem?"

"A garota que você tinha em sua caminhonete ontem à noite."

Os olhos de Grady estão injetados. Parece que a mudança de turno da noite está afetando-o. "Uma cliente. Estava apenas dando a ela uma carona para casa."

A esposa de Grady, Whitney, está ao lado dele agora. Pelo menos o resto da brigada de mães não está com ela, porque posso dizer imediatamente pelo jeito que ela está olhando para mim que todos no campo de T-ball já estão falando. Só posso ser confrontado por um casal de cada vez. "Grady disse que você tinha uma garota em sua caminhonete ontem à noite."

Lanço um olhar para Grady, e ele ergue as mãos impotente, como se sua esposa tivesse arrancado a informação dele.

"Não era ninguém", repito. "Apenas dei uma carona a uma cliente para casa." Eu me pergunto quantas vezes vou ter que repetir isso hoje.

"Quem era ela?" Whitney pergunta.

"Ninguém que você conheça."

"Conhecemos todo mundo por aqui", Grady diz.





* *

"Ela não é daqui", digo. Posso estar mentindo; posso estar dizendo a verdade. Eu não sei, pois sei muito pouco sobre ela. Diferente do sabor que ela tem.

"Destin está trabalhando em seu swing", Grady diz, mudando de assunto para seu filho. "Espere até ver o que ele pode fazer."

Grady quer fazer a inveja de todos os outros pais. Eu não entendo. T-ball deveria ser divertido, mas pessoas como ele colocam tanta competitividade nisso e arruínam o esporte.

Duas semanas atrás, Grady quase brigou com o árbitro. Ele provavelmente o teria acertado se Roman não o tivesse empurrado para fora do campo.

Não tenho certeza se ficar tão aquecido em um jogo de T-ball é uma boa aparência para qualquer um. Mas ele leva os esportes do seu filho muito a sério.

Eu... não muito. Às vezes me pergunto se é porque Diem não é minha filha. Se ela fosse, eu ficaria com raiva de um esporte que nem marca pontos? Não sei se eu poderia amar um filho biológico mais do que amo Diem, então duvido que fosse diferente quando se trata de seus esportes. Alguns dos pais assumem que desde que joguei futebol profissional seria mais competitivo. Eu lidei com treinadores competitivos toda a minha vida, no entanto. Concordei em treinar esse time especificamente para evitar que algum babaca competitivo entrasse e desse um mau exemplo para Diem.

As crianças deveriam estar se aquecendo, mas Diem está de pé atrás do home plate enfiando bolas nos bolsos de sua calça de beisebol. Ela tem duas em cada bolso, e agora está tentando enfiar uma terceira. Sua calça está começando a ceder com o peso.

Eu ando até ela e me ajoelho. "D, você não pode pegar todas as bolas em T."

"São ovos de dragão", ela diz. "Vou plantá-los no meu quintal e cultivar dragões bebês."





* *

Lanço as bolas uma de cada vez para Roman. "Não é assim que os dragões crescem. A mamãe dragão tem que sentar nos ovos. Você não os enterra no quintal."

Diem se inclina para pegar uma pedrinha, e noto que ela tem duas bolas enfiadas nas costas de sua camisa. Eu desabotoo sua camisa, e as bolas caem em seus pés. Eu as chuto para Roman.

"Eu cresci em um ovo?" Ela pergunta.

"Não, D. Você é uma humana. Humanos não crescem em ovos, nós crescemos em..." Paro de falar porque estou prestes a dizer: "Crescemos na barriga da nossa mãe", mas sempre tomo o cuidado de evitar qualquer conversa sobre mães ou pais em torno de Diem. Não quero que ela comece a me fazer perguntas que não posso responder.

"Em que crescemos?" Ela pergunta. "Árvores?"

Merda.

Coloco minha mão no ombro de Diem e ignoro completamente sua pergunta porque não tenho ideia do que Grace ou Patrick disseram a ela sobre como os bebês são feitos. Este não é meu assunto. Não estou preparado para essa conversa.

Eu grito para todas as crianças irem para o abrigo e, felizmente, Diem se distrai com um de seus amigos e se afasta de mim.

Solto um suspiro, aliviado que a conversa terminou dessa forma.

Deixo Roman no bar para poupá-lo de uma ida ao McDonald's.

E sim, estamos no McDonald's, embora Diem não tenha usado suas chuteiras durante o jogo, porque ela consegue o que quer comigo com mais frequência do que não.







Escolha suas batalhas, eles dizem. Mas o que acontece quando você nunca escolhe nenhuma?

"Eu não quero mais jogar T-ball", Diem diz do nada. Ela está mergulhando sua batata frita em mel quando toma essa decisão. O mel escorre por sua mão.

Tento fazê-la comer suas batatas fritas com ketchup porque é muito mais fácil de limpar, mas ela não seria Diem se não fizesse tudo da maneira mais difícil possível.

"Você não gosta mais de T-ball?"

Ela balança a cabeça e lambe o pulso.

"Isso é bom. Mas temos apenas mais alguns jogos e você se comprometeu."

"O que é um compromisso?"

"É quando você concorda em fazer alguma coisa. Você concordou em fazer parte da equipe. Se desistir no meio da temporada, seus amigos ficarão tristes. Você acha que pode sobreviver pelo resto da temporada?

"Se pudermos comer no McDonald's depois de todos os jogos."

Estreito meus olhos em sua direção. "Por que eu sinto que estou sendo enganado?"

"O que significa enganado?" Ela pergunta.

"Significa que você está tentando me enganar para conseguir um McDonald's para você."

Diem sorri e come sua última batata frita. Coloco todo o nosso lixo na bandeja. Agarro sua mão para levá-la para fora da loja e me lembro do mel. Suas mãos estão tão pegajosas quanto uma armadilha. Mantenho lenços umedecidos na minha caminhonete por esse motivo.





* -

Alguns minutos depois, ela está afivelada em seu assento elevatório e estou esfregando suas mãos e braços com o lenço umedecido quando ela diz: "Quando minha mãe vai comprar um carro maior?"

"Ela dirige uma minivan. De que tamanho de carro ela precisa?

"Não Nana", Diem diz. "Minha mãe. Skylar disse que minha mãe nunca vem aos meus jogos de T-ball, e eu disse a ela que vai ir quando conseguir um carro maior."

Paro de limpar as mãos dela. Ela nunca fala da mãe. Essa foi segunda vez em um dia que esbarramos na conversa.

Acho que ela está chegando àquela idade, mas não tenho ideia do que Grace ou Patrick disseram a ela sobre Kenna, não tenho absolutamente nenhuma ideia de por que ela está perguntando sobre o carro da mãe.

"Quem disse que sua mãe precisa de um carro maior?"

"Nana. Ela disse que o carro da minha mãe não é grande o suficiente e é por isso que eu moro com ela e NoNo."

Isso é confuso. Balanço minha cabeça e jogo os lenços em um saco. "Eu não sei. Pergunte à sua vovó." Fecho a porta e mando uma mensagem para Grace enquanto dou a volta para o lado do motorista da minha caminhonete.

Por que Diem acha que sua mãe não está em sua vida porque ela precisa de um carro maior?

Estamos a alguns quilômetros do McDonald's quando Grace liga. Eu me certifico de não responder no viva-voz. "Ei. Diem e eu estamos voltando." É a minha maneira de deixar Grace saber que não posso dizer muito do meu lado.

Grace suga uma respiração como se estivesse se preparando para uma longa explicação para o meu texto. "Ok, então na semana





passada, Diem me perguntou por que ela não mora com a mãe. Eu não sabia o que dizer, então eu disse que ela mora comigo porque o carro da mãe dela não é grande o suficiente para todos nós. Foi a primeira mentira que consegui inventar. Entrei em pânico, Ledger."

"Eu diria que sim."

"Nós planejamos contar a ela, mas como você diz a uma criança que sua mãe foi para a prisão? Ela nem sabe o que é prisão."

"Eu não estou julgando", digo. "Só quero ter certeza de que estamos na mesma página. No entanto, provavelmente deveríamos apresentar uma versão mais precisa da verdade."

"Eu sei. Ela é tão jovem."

"Ela está começando a ficar curiosa."

"Eu sei. Somente...se ela perguntar de novo, diga a ela que eu explico para ela."

"Eu disse. Prepare-se para perguntas."

"Ótimo", ela diz com um suspiro. "Como foi o jogo?"

"Bom. Ela usou as botas vermelhas. E peguei o McDonald's."

Graça ri. "Você é um otário."

"Sim. Diga algo novo. Vejo você em breve." Termino a chamada e olho para o banco de trás. O rosto de Diem está cheio de concentração.

"O que você está pensando, D?"

"Eu quero estar em um filme", Diem diz.

"Oh sim? Você quer ser atriz?"

"Não, eu quero estar em um filme."







"Eu sei. Isso se chama ser atriz."

"Então, sim, é isso que eu quero ser. Uma atriz. Quero estar em desenhos animados."

Eu não digo a ela que os desenhos animados são apenas vozes e desenhos. "Acho que você seria uma ótima atriz de desenho animado."

"Eu vou ser. Vou ser um cavalo ou um dragão ou uma sereia."

"Ou um unicórnio", sugiro.

Ela sorri e olha pela janela.

Eu amo a imaginação dela, mas definitivamente não a pegou de Scotty. Sua mente era mais concreta do que uma calçada.







CAPÍTULO ONZE

KENNA

Eu nunca vi uma foto de Diem. Não sei se ela se parece comigo ou com Scotty. Os olhos dela são azuis ou castanhos? Seu sorriso é honesto como o de seu pai? Ela ri como eu?

Ela está feliz?

Essa é minha única esperança para ela. Eu quero que seja feliz.

Tenho total fé em Grace e Patrick. Sei que eles amavam Scotty, e é óbvio que eles amam Diem. Eles a amavam antes mesmo dela nascer.

Eles começaram a brigar pela custódia no dia em que souberam que eu estava grávida. O bebê ainda não tinha pulmões totalmente desenvolvidos, mas eles já estavam lutando por sua primeira respiração.

Perdi a batalha pela custódia antes mesmo de Diem nascer. Não há muitos direitos que uma mãe tem quando é sentenciada a vários anos de prisão.

O juiz disse que, devido à natureza de nossa situação e à pressão que causei à família de Scotty, ele não poderia, em sã consciência, honrar meu pedido de direito de visita. Nem forçaria os pais de Scotty a manter o relacionamento entre minha filha e eu enquanto estivesse na prisão.

Disseram-me que eu poderia pedir direitos ao tribunal após minha libertação, mas como meus direitos foram rescindidos, provavelmente há muito pouco que eu possa fazer. Entre o





* *

nascimento de Diem e minha libertação quase cinco anos depois, há pouco que alguém possa, ou faria, por mim.

Tudo o que tenho é essa esperança intangível que tento agarrar com mãos infantis.

Estava rezando para que os pais de Scotty só precisassem de tempo. Eu assumi, ignorantemente, que eles eventualmente veriam a necessidade de eu estar na vida de Diem.

Não havia muito que eu pudesse fazer da minha posição isolada no mundo, mas agora que estou fora, pensei muito sobre como deveria fazer isso. Não tenho ideia do que esperar. Nem sei que tipo de pessoas eles são. Eu só os encontrei uma vez quando Scotty e eu estávamos namorando, e isso não foi muito bom. Tentei encontrá-los online. perfis são extremamente mas seus privados. Não havia uma única foto de Diem online que eu pudesse localizar. Até procurei todos os amigos de Scotty cujos nomes eu conseguia lembrar, mas não conseguia lembrar de muitos, e todos os seus perfis eram privados.

Eu sabia muito pouco sobre a vida de Scotty antes dele me conhecer, e não estava com ele tempo suficiente para realmente conhecer seus amigos ou sua família. Seis meses dos vinte e dois anos que viveu.

Por que todos de sua vida são tão fechados? É por minha causa? Estão com medo de que isso aconteça? Eu aparecer? Esperando fazer parte da vida da minha filha?

Eu sei que eles me odeiam e têm todo o direito de me odiar, mas parte de mim vive com eles nos últimos quatro anos em Diem. Minha esperança é que tenham encontrado um pouco de perdão para mim através da minha filha.

O tempo cura todas as feridas, certo?

Exceto que não os deixei com um simples ferimento. Deixeios com uma vítima. Uma tão comovente que existe a possibilidade





* *

de nunca ser perdoada. É difícil não se apegar à esperança, porém, quando tudo o que pude fazer ou esperar é este momento.

Vai me completar ou me destruir. Não há meio-termo.

Daqui a quatro minutos vou descobrir.

Estou mais nervosa neste momento do que no tribunal há cinco anos. Agarro a estrela do mar de borracha com força na minha mão. É o único brinquedo que eles tinham à venda no posto de gasolina ao lado do meu apartamento. Poderia ter pedido ao taxista para me levar ao Target ou Walmart, mas ambos estão na direção oposta de onde espero que Diem ainda viva, e não posso pagar tanto táxi.

Depois que fui contratada no supermercado hoje, fui para casa e tirei uma soneca. Não queria aparecer enquanto Diem não estivesse na casa de Grace e Patrick, e se Amy estiver certa e Ledger não tiver filhos, é uma suposição razoável que a garotinha que ele treina no T-ball é minha filha. E a julgar pela quantidade de Gatorade que comprou, estava se preparando para um longo dia com muitas equipes, o que, usando raciocínio dedutivo, significa que levaria horas até Diem voltar para casa.

Esperei o quanto pude. Sei que o bar abre às cinco, o que significa que Ledger provavelmente levará Diem para casa antes disso, e eu realmente não quero que Ledger esteja lá quando eu chegar, então marquei minha corrida de táxi para chegar às cinco e quinze.

Não queria chegar mais tarde porque não quero aparecer quando eles estão jantando, ou depois que ela for para a cama. Quero fazer tudo certo. Não quero fazer nada que faça Patrick ou Grace se sentirem mais ameaçados pela minha presença do que provavelmente já estarão.

Não quero que eles me peçam para sair antes que eu possa defender meu caso.







Em um mundo perfeito, eles abrirão a porta da frente para mim e permitirão que eu me reúna com a filha que nunca segurei.

Em um mundo perfeito...seu filho ainda estaria vivo.

Eu me pergunto o que verei em seus olhos quando me encontrarem na porta da frente. Será choque? Ódio?

Quanto Grace me despreza?

Tento me colocar no lugar de Grace às vezes.

Tento imaginar o ódio que ela tem por mim, como deve ser da perspectiva dela. Às vezes deito na cama e fecho os olhos e tento justificar todas as razões pelas quais essa mulher está me impedindo de conhecer minha filha para que eu não a odeie de volta.

Eu penso, Kenna, imagine que você é Grace.

Imagine que você tem um filho.

Um belo jovem que você ama mais do que a vida, mais do que qualquer vida após a morte. E ele é bonito, e é realizado. Mas o mais importante, é gentil. Todo mundo diz isso. Outros pais desejam que seus filhos sejam mais parecidos com seu filho. Você sorri porque está orgulhosa dele.

Você está tão orgulhosa dele, mesmo quando ele traz para casa sua nova namorada, aquela que você ouviu gemendo muito alto no meio da noite. A namorada que você viu olhando ao redor da sala enquanto todo mundo estava rezando durante o jantar. A namorada que você pegou fumando às onze da noite no pátio dos fundos, mas não disse nada; você só esperava que seu filho perfeito a superasse logo.

Imagine que recebe um telefonema do colega de quarto do seu filho, perguntando se sabe onde ele está. Ele deveria aparecer para o trabalho mais cedo naquele dia, mas por alguma razão não apareceu.





* *

Imagine sua preocupação, porque seu filho aparece. Ele sempre aparece.

Imagine que ele não atende o celular quando você liga para saber por que não apareceu.

Imagine que você começa a entrar em pânico com o passar das horas. Normalmente, pode senti-lo, mas não pode senti-lo hoje; você se sente cheia de medo e vazia de orgulho.

Imagine que comece a fazer ligações telefônicas. Você liga para a faculdade dele, para o empregador dele, até ligaria para a namorada que não gosta muito, se você soubesse o número dela.

Imagine que ouve a porta de um carro bater e dá um suspiro de alívio, apenas para cair no chão quando vê a polícia à sua porta.

Imagine ouvir coisas como "me desculpe" e "acidente" e "acidente de carro" e "não consegui."

Imagine-se não morrendo naquele momento.

Imagine ser forçada a continuar, viver aquela noite horrível, acordar no dia seguinte, ser solicitada a identificar seu corpo.

Seu corpo sem vida.

Um corpo que você criou, deu vida, cresceu dentro de você, ensinou a andar, falar, correr e ser gentil com os outros.

Imagine tocar seu rosto frio, suas lágrimas caindo no saco plástico em que ele está enfiado, seu grito preso em sua garganta, silencioso como os gritos que teve em pesadelos.

E ainda assim você ainda vive. De alguma maneira.

De alguma forma você continua sem a vida que fez. Você sofre. Está muito fraca para planejar o funeral dele. Fica se perguntando por que seu filho perfeito, seu filho gentil, seria tão imprudente.







Você está tão devastada, mas seu coração continua batendo, repetidamente, lembrando-lhe de todos os batimentos cardíacos que seu filho nunca sentirá.

Imagine que fica ainda pior.

Imagine isso.

Imagine que quando você pensa que está no fundo do poço, é apresentada a um penhasco totalmente novo que pode cair quando lhe dizem que seu filho nem estava dirigindo o carro que estava indo rápido demais no cascalho.

Imagine ser dito que o acidente foi culpa dela. A menina que fumou o cigarro e não fechou os olhos durante a oração do jantar e gemeu muito alto na sua casa silenciosa.

Imagine dizerem que ela foi descuidada e tão cruel com a vida que você criou.

Imagine dizerem que ela o deixou lá. "Fugiu", disseram.

Imagine ser informada de que a encontraram no dia seguinte, em sua cama, de ressaca, coberta de lama e cascalho e o sangue de seu filho bondoso.

Imagine dizerem que seu filho perfeito tinha um pulso perfeito e poderia ter vivido uma vida perfeita se pudesse ter tido aquele desastre com uma garota perfeita.

Imagine descobrir que não precisava ser assim.

Ele nem estava morto. Seis horas eles estimaram que ele viveu. Vários metros ele rastejou, procurando por você. Precisando de sua ajuda. Sangrando. Morrendo.

Por horas.

Imagine descobrir que a garota que gemia muito alto e fumava o cigarro no seu pátio às onze horas da noite poderia tê-lo salvo.







Um telefonema que ela não fez.

Três números que ela nunca discou.

Cinco anos ela serviu por sua vida, como se você não o criou por dezoito, viu ele florescer sozinho por quatro, e talvez pudesse ter conseguido mais cinquenta anos com ele se ela não os interrompesse.

Imagine ter que continuar depois disso.

Agora imagine essa garota...aquela que esperava que seu filho superasse...imagine depois de toda a dor que te causou, ela decide voltar a aparecer na sua vida.

Imagine que ela tem a coragem de bater na sua porta.

Imagine que ela sorri na sua cara.

Pergunta sobre a filha.

Espera fazer parte da pequena e bela vida que seu filho milagrosamente deixou para trás.

Basta imaginar. Imagine ter que olhar nos olhos da garota que deixou seu filho rastejar vários metros durante sua morte enquanto ela tirava uma soneca em sua cama.

Imagine o que você diria a ela depois de todo esse tempo.

Imagine todas as maneiras que você poderia machucá-la de volta.

É fácil ver por que Grace me odeia.

Quanto mais me aproximo da casa deles, mais estou começando a me odiar também.

Nem sei por que estou aqui sem estar mais preparada. Isso não vai ser fácil, mesmo que eu esteja me preparando para esse momento todos os dias por cinco anos, eu nunca ensaiei.





* +

O taxista vira o carro na antiga rua de Scotty. Sinto que estou afundando no banco de trás com um peso diferente de tudo que já experimentei antes.

Quando vejo a casa deles, meu medo se torna audível. Faço um barulho no fundo da minha garganta que me surpreende, mas toma todo o esforço dentro de mim para manter minhas lágrimas sob controle.

Diem pode estar dentro daquela casa agora.

Estou prestes a cruzar um pátio onde Diem jogou.

Estou prestes a bater em uma porta que Diem abriu.

"Doze dólares mesmo", diz o motorista.

Tiro quinze dólares do bolso e digo a ele para ficar com o troco. Sinto como se estivesse flutuando para fora do carro. É uma sensação tão estranha; olho para o banco de trás para ter certeza de que não estou ainda sentada lá.

Penso em pedir ao motorista que espere, mas isso seria admitir prematuramente a derrota. Vou descobrir como chegar em casa mais tarde. Neste momento, agarro-me ao sonho impossível de que levarei horas até que me peçam para sair.

O motorista se afasta assim que fecho a porta, e fico parada no lado oposto da rua da casa deles. O sol ainda está brilhando no céu ocidental.

Gostaria de ter esperado até escurecer. Eu me sinto como um alvo aberto. Vulnerável ao que quer que esteja prestes a vir até mim.

Quero me esconder.

Preciso de mais tempo.

Ainda nem pratiquei o que vou dizer. Tenho pensado nisso constantemente, mas nunca pratiquei em voz alta.





* *

Minha respiração fica cada vez mais difícil de controlar. Coloco as mãos na nuca e inspiro e expiro, inspiro e expiro.

As cortinas da sala de estar não estão abertas, então não sinto que minha presença é conhecida ainda. Sento no meio-fio e tomo um momento para me recompor antes de caminhar até lá. Sinto que meus pensamentos estão dispersos dos meus pés e preciso pegá-los um de cada vez e colocá-los em ordem.

- 1. Peça desculpas.
- 2. Expresse minha gratidão.
- 3. Implore por sua misericórdia.

Deveria ter me vestido melhor. Estou de jeans e a mesma camiseta Mountain Dew que usei ontem. É a roupa mais limpa que eu tenho, mas agora que estou olhando para mim, quero chorar. Não quero conhecer minha filha pela primeira vez usando uma camiseta da Mountain Dew. Como Patrick e Grace devem me levar a sério quando nem estou vestida a sério?

Não deveria ter corrido até aqui. Deveria ter pensado mais nisso. Estou começando a entrar em pânico.

Eu gostaria de ter um amigo.

"Nicole?"

Eu me viro para o som de sua voz. Estico meu pescoço até meus olhos encontrarem os de Ledger. Em circunstâncias normais, vê-lo aqui me chocaria, mas já estou na capacidade máxima de sentir as coisas, então meu processo de pensamento é mais como um apático "Ótimo. Claro."

Há uma intensidade aguda na maneira como ele está olhando para mim que envia um calafrio pelos meus braços. "O que você está fazendo aqui?" Ele pergunta.





* *

Porra. Porra. "Nada." Porra. Meus olhos piscam do outro lado da rua. Então olho para trás de Ledger, para o que estou assumindo ser a casa dele. Lembro-me de Scotty dizendo que Ledger cresceu do outro lado da rua dele. Quais são as chances dele ainda viver aqui?

Não tenho ideia do que fazer. Eu me levanto. Meus pés parecem pesos. Olho para Ledger, mas ele não está mais olhando para mim. Está olhando do outro lado da rua para a antiga casa de Scotty.

Ele passa a mão pela mandíbula, e há um novo olhar perturbador em seu rosto. Ele diz: "Por que você estava olhando para aquela casa?" Ele está olhando para o chão, depois para o outro lado da rua, depois para o sol, mas então seus olhos pousam em mim depois que não consigo responder à sua pergunta, ele é uma pessoa completamente diferente do homem que vi no supermercado hoje.

Ele não é mais o cara fluido que se move pelo bar como se estivesse em patins.

"Seu nome não é Nicole." Ele diz isso como se fosse uma percepção deprimente.

Estremeço.

Ele juntou tudo.

Agora parece que ele quer destruir tudo.

Ele aponta para sua casa. "Vai." A palavra é afiada e exigente. Dou um passo para a rua, longe dele. Sinto-me começar a tremer, assim que ele entra na rua e fecha a distância entre nós. Seus olhos estão na casa do outro lado da rua novamente quando ele coloca o braço em volta de mim, pressionando uma mão firme na parte inferior das minhas costas. Ele começa a me empurrar junto com ele enquanto aponta para a casa em frente onde minha filha mora. "Entre antes que eles vejam você."





* *

Esperava que ele eventualmente juntasse as peças. Eu só queria que ele tivesse feito a conexão ontem à noite. Não agora, quando estou a apenas cinco metros dela.

Olho para a casa dele, depois olho para a casa de Patrick e Grace. Não tenho como escapar dele. A última coisa que quero fazer agora é causar uma cena. Meu objetivo era chegar pacificamente e fazer isso da maneira mais tranquila possível. Ledger parece querer o oposto.

"Por favor, me deixe em paz", digo com os dentes cerrados. "Não é da sua conta."

"Porra , não é", ele sibila.

"Ledger, *por favor*." Minha voz treme de medo e lágrimas. Estou com medo dele, com medo deste momento, com medo da ideia de que isso vai ser muito mais dificil do que eu temia. Por que mais ele estaria me empurrando para longe de sua propriedade?

Olho para trás, para a casa de Patrick e Grace, mas meus pés continuam se movendo em direção à casa de Ledger. Eu lutaria, mas neste momento, não tenho mais certeza se estou pronta para enfrentar os Landrys. Pensei que estava pronta quando entrei no táxi mais cedo, mas agora que estou aqui e Ledger está bravo, não estou absolutamente *pronta* para enfrentá-los. É óbvio desde os últimos minutos que minha chegada pode ser um pouco precipitada e não é nada bem-vinda.

Eles provavelmente foram notificados quando fui liberada para um alojamento de transição. Eles têm que estar esperando que isso acontecesse eventualmente.

Meus pés não são mais pesos. Sinto que estou flutuando de novo, alta no ar como um balão, e estou seguindo Ledger como se ele estivesse me puxando por uma corda.





* *

Sinto vergonha de estar aqui. Envergonhada o suficiente para seguir Ledger como se não tivesse voz ou pensamentos próprios. Eu certamente não tenho nenhuma confiança neste segundo. E minha camiseta é muito estúpida para um momento dessa magnitude. *Eu sou* estúpida por pensar que este era o caminho a seguir.

Ledger fecha a porta quando estamos dentro de sua sala. Ele parece enojado. Não sei se é ao me ver, ou se está pensando na noite passada. Ele está andando pela sala de estar, uma palma pressionada contra a testa.

"É por isso que você apareceu no meu bar? Você estava tentando me enganar para levá-la até ela?"

"Não." Minha voz é patética.

Ele desliza as mãos pelo rosto em frustração. Faz uma pausa e, em seguida, apenas murmura: "Deus, caramba."

Ele está tão bravo comigo. Por que sempre tomo as piores decisões?

"Você está na cidade há um dia." Ele rouba as chaves de uma mesa. "Você realmente achou que isso era uma boa ideia? Aparecer cedo?"

Cedo? Ela tem quatro anos.

Aperto um braço sobre meu estômago revirando. Eu não sei o que fazer. O que eu faço? O que *posso* fazer? Tem que haver alguma coisa. Algum tipo de compromisso. Eles não podem decidir coletivamente o que é melhor para Diem sem me consultar.

Eles podem?

Eles podem.

Eu sou a irracional neste cenário. Só tenho medo de admitir isso. Quero perguntar a ele se há algo que eu possa fazer para que eles me ouçam, mas o jeito que ele está olhando para mim me faz





X

sentir completamente errada. Começo a me perguntar se estou em posição de fazer perguntas.

Seu foco cai para a estrela do mar de borracha na minha mão. Ele se aproxima de mim e estende a mão. Coloco a estrela do mar em sua palma. Não sei por que entrego. Talvez se ele ver que apareci com um brinquedo, saiba que estou aqui com boas intenções.

"Mesmo? Um anel de *dentição*?" Ele o joga no sofá como se fosse a coisa mais estúpida que já viu. "Ela tem *quatro anos*." Ele caminha em direção a sua cozinha. "Vou te levar para casa. Espere até eu levar minha caminhonete para a garagem. Não quero que eles vejam você."

Já não sinto que estou flutuando. Eu me sinto pesada e congelada, como se meus pés estivessem presos na laje de concreto da casa dele.

Olho pela janela da sala para a casa de Patrick e Grace.

Estou tão perto. Tudo o que nos separa é uma rua. Uma rua vazia sem trânsito.

Está claro para mim o que vai acontecer a seguir. Patrick e Grace não querem nada comigo, a ponto de Ledger interceptar minha chegada. Isso significa que não haverá negociação. O perdão que eu esperava ter encontrado o caminho para eles nunca chegou aqui.

Eles ainda me odeiam.

Aparentemente, o mesmo acontece com todos os outros em suas vidas.

A única maneira de poder ver minha filha é se, por algum milagre, conseguir passar pelo sistema judiciário, e isso vai exigir dinheiro que ainda não tenho e anos que não posso suportar pensar em passar. Eu já senti tanta falta dela.





* *

Se eu quiser ver Diem, alguma vez, esta é minha única chance. Se quero a oportunidade de pedir perdão aos pais de Scotty, é agora ou nunca.

Agora ou nunca.

Ledger provavelmente não perceberá que não o estou seguindo até sua garagem por mais dez segundos, pelo menos. Talvez eu consiga antes que ele me alcance.

Deslizo para fora e corro o mais rápido que posso pela rua.

Estou no quintal deles.

Meus pés estão correndo pela grama em que Diem tocou.

Estou batendo na porta da frente deles.

Estou tocando a campainha deles.

Estou tentando olhar pela janela para ter um vislumbre dela.

"Por favor", sussurro, batendo mais forte. Meu sussurro se transforma em pânico quando ouço Ledger se aproximando de mim por trás. "Eu sinto muito!" Grito, batendo na porta. Minha voz é um apelo temeroso agora. "Desculpe, me desculpe, por favor, deixe-me vê-la!"

Estou sendo puxada e depois carregada de volta para a casa do outro lado da rua. Mesmo através da minha luta para sair de seus braços, estou olhando para a porta da frente que fica cada vez menor, esperando por um vislumbre de meio segundo da minha garotinha.

Não vejo nenhum movimento na casa deles antes de não estar mais do lado de fora. Estou de volta na casa de Ledger, sendo jogada em seu sofá.

Ele está segurando o telefone, andando pela sala de estar enquanto disca um número de telefone. São apenas três dígitos. *Ele está chamando a polícia*.





* *

Entro em pânico. "Não." Suplico. "Não, não, não." Eu corro pela sala de estar em uma tentativa de pegar seu telefone, mas ele apenas coloca a mão no meu ombro e me leva de volta para o sofá.

Sento e enterro os cotovelos nos joelhos, levando os dedos a um ponto trêmulo contra a boca. "Por favor, não chame a polícia. *Por favor*." Sento quieta, querendo parecer inofensiva, esperando que ele apenas me olhe nos olhos por tempo suficiente para sentir minha dor.

Seus olhos encontram os meus assim que as lágrimas começam a cair pelo meu rosto. Ele faz uma pausa antes de completar a chamada. Ele me encara...estudando-me. Procurando no meu rosto por uma promessa.

"Eu não vou voltar." Se ele chamar a polícia, isso não vai ficar bom para mim. Não posso ter nada adicionado ao meu registro, mesmo que não tenha infringido nenhuma lei que eu saiba. Mas apenas estar aqui, indesejada, é uma marca suficiente contra mim.

Ele dá um passo mais perto. "Você *não pode* voltar aqui. Jure para mim que nunca mais veremos você, ou vou chamar a polícia agora mesmo."

Eu não posso. Não posso prometer isso a ele. O que mais há na minha vida além da minha filha? Ela é tudo que eu tenho. Ela é o motivo de eu ainda estar viva.

Isso não pode estar acontecendo.

"Por favor", eu choro, sem saber o que estou implorando. Eu só quero que alguém me escute. Ouça-me. Para entender o quanto estou sofrendo. Quero que ele seja o homem que conheci no bar ontem à noite. Quero que ele me puxe para seu peito, para me fazer sentir como se eu tivesse um aliado. Quero que ele me diga que vai ficar tudo bem, mesmo sabendo com tudo em mim que nunca, nunca vai ficar tudo bem.





* +

Os próximos minutos são um borrão derrotado. Sou uma bagunça de emoções.

Entro na caminhonete de Ledger, e ele me leva para longe do bairro no qual minha filha foi criada por toda a sua vida. Finalmente estou na mesma cidade que ela depois de todos esses anos, mas nunca me senti mais longe dela do que neste momento.

Pressiono minha testa na janela do passageiro e fecho meus olhos, desejando poder recomeçar desde o início.

O começo.

Ou pelo menos, avançar até o final.







CAPÍTULO DOZE

LEDGE

É típico as pessoas serem elogiadas na morte. Anunciado ao ponto de heroísmo às vezes. Mas nada que alguém disse sobre Scotty foi embelezado para lembrar dele com carinho. Ele era tudo o que todos diziam sobre ele. Bom, engraçado, atlético, honesto, carismático, um bom filho. Um grande amigo.

Não passa um dia que eu não deseje ter trocado de lugar com ele, na vida e na morte. Eu desistiria da vida que estou vivendo em um instante se isso significasse que ele poderia ter apenas um dia com Diem.

Eu não sei se ficaria tão bravo, tão protetor com Diem, se Kenna simplesmente tivesse causado o acidente. Mas ela fez muito mais do que isso. Ela estava dirigindo quando não deveria, estava em alta velocidade, estava bebendo, capotou o carro.

E então ela foi embora. Deixou Scotty lá para morrer, e caminhou para casa e se arrastou para a cama porque pensou que poderia se safar. Ele está morto porque ela estava com medo de ter problemas.

E agora ela quer perdão?

Não consigo pensar nos detalhes da morte de Scotty agora. Não com ela sentada ao meu lado nesta caminhonete, porque eu preferiria estar morto do que permitir a ela a satisfação de conhecer Diem. Se isso significa nos tirar de uma ponte, posso ser vingativo o suficiente para fazer isso agora.

O fato de que ela pensou que estaria tudo bem em aparecer é desconcertante para mim. Estou chateado por ela estar aqui, mas





* *

acho que minha raiva é amplificada pelo conhecimento de que ela sabia quem eu era ontem à noite. Quando nos beijamos, quando a segurei.

Eu não deveria ter ignorado meu instinto. Havia algo estranho nela. Ela não se parece com a Kenna que vi nos artigos cinco anos atrás. Kenna de Scotty tinha longos cabelos loiros. Mas nunca olhei para o rosto dela naquela época. Eu nunca a conheci pessoalmente, mas sinto que só de ver uma foto da garota que matou meu melhor amigo deveria ter ficado mais na minha cabeça.

Eu me sinto estúpido. Estou com raiva, estou magoado, me sinto explorado. Ainda hoje na loja, ela sabia quem eu era, mas não me deu nenhuma dica de quem *ela* era.

Abro minha janela para pegar um pouco de ar fresco, esperando que isso me acalme. Meus dedos estão brancos quando agarro o volante.

Ela está olhando pela janela, sem responder. Pode estar chorando. Eu não sei.

Eu não me importo.

Eu não.

Ela não é a garota que conheci ontem à noite. Aquela garota não existe. Ela estava fingindo comigo, e caí direto em sua armadilha.

Patrick expressou preocupação há vários meses quando descobrimos que ela foi libertada. Ele pensou que isso poderia acontecer, que ela poderia aparecer querendo conhecer Diem. Eu até coloquei uma câmera Ring na minha casa que aponta para o jardim da frente. É como eu soube que alguém estava sentado no meio-fio.

Eu disse a Patrick que ele era tolo de se preocupar. "Ela não iria aparecer. Não depois do que ela fez."





* *

Agarro o volante com ainda mais força. Kenna pode ter trazido Diem ao mundo, mas é aí que sua reivindicação de Diem termina.

Quando seu apartamento aparece, coloco a caminhonete em uma vaga e estaciono. Não desligo o motor, mas Kenna não faz um movimento para sair da minha caminhonete. Achei que ela pularia para fora antes mesmo de eu parar completamente como fez na noite passada, mas parece que há algo que ela quer dizer. Ou talvez apenas tenha medo de entrar naquele apartamento tanto quanto provavelmente teme ficar nesta caminhonete.

Ela está olhando para as mãos dobradas no colo. Leva a mão ao cinto de segurança e o solta, mas quando está livre, permanece na mesma posição.

Diem se parece com ela. Eu sempre presumi que sim, já que não via muito de Scotty nas feições de Diem, mas até esta noite eu não tinha ideia do quanto ela se parece com a mãe. Elas têm o mesmo tom avermelhado de cabelos, lisos, sem uma onda ou cacho à vista. Ela tem os olhos de Kenna.

Talvez seja por isso que vi bandeiras vermelhas ontem à noite. Meu subconsciente a reconheceu antes que eu pudesse.

Quando os olhos de Kenna deslizam para os meus, sinto uma pontada de decepção dentro de mim. Diem se parece *tanto* com ela quando está triste. É como se eu estivesse olhando para o futuro em quem Diem será um dia.

Não gosto que a pessoa que eu mais detesto neste mundo me lembre da pessoa que eu mais amo.

Kenna enxuga os olhos, mas não me inclino e abro o portaluvas para pegar um guardanapo. Ela pode usar a camisa Mountain Dew que está usando há dois dias.

"Eu não te conhecia antes de aparecer no seu bar ontem à noite", ela diz com uma voz trêmula. "Juro." Sua cabeça cai para trás contra o encosto de cabeça, e ela olha para a frente. Seu peito





* *

sobe com uma inspiração profunda. Ela exala no momento exato em que meu dedo encontra o botão de desbloqueio. Minha deixa para ela sair.

"Eu não me importo com a noite passada. Eu me importo com Diem. É isso."

Observo uma lágrima deslizar por sua mandíbula. Odeio saber qual é o gosto dessas lágrimas. Odeio que parte de mim quer chegar e limpá-la.

Será que ela chorou enquanto se afastava de Scotty naquela noite?

Ela se move com uma tristeza graciosa, inclinando-se para frente, pressionando o rosto nas mãos. Seu movimento enche minha caminhonete com o cheiro de seu xampu. Tem cheiro de fruta. *Maçãs*. Apoio o cotovelo no batente da porta e me inclino para longe dela, cobrindo a boca e o nariz com a mão. Olho pela janela, não querendo saber mais nada sobre ela. Não quero saber como ela cheira, como soa, como são suas lágrimas, como sua dor me faz sentir.

"Eles não querem você na vida dela, Kenna."

Um choro se mistura com um suspiro que soa como se estivesse cheio de anos de mágoa quando ela diz: "Ela é minha *filha*." Sua voz decide se reconectar com seu espírito neste momento. Não é mais um fio de ar escapando de sua boca. Está cheio de pânico e desespero.

Agarro meu volante, batendo nele com o polegar enquanto penso em como dizer o que preciso para que ela entenda.

"Diem é filha *deles*. Seus direitos foram rescindidos. Saia da minha caminhonete, faça um favor a todos nós e volte para Denver."

Não sei se o soluço que lhe escapa é real. Ela enxuga as bochechas e, em seguida, abre a porta e sai da minha





* *

caminhonete. Ela me encara antes de fechar a porta, e se parece tanto com Diem; até seus olhos ficaram um pouco mais claros como os de Diem quando ela chora.

Eu sinto aquele olhar dentro de mim, mas sei que é apenas por causa do quanto ela se parece com Diem. Estou sofrendo por Diem. Não para esta mulher.

Kenna parece dividida entre ir embora, responder a mim ou gritar. Ela se abraça e me olha com dois olhos enormes e devastados. Ela inclina o rosto para o céu por um segundo, inalando uma respiração trêmula. "Foda-se, Ledger." A pontada de agonia em sua voz me faz estremecer internamente, mas permanece o mais estoica possível do lado de fora.

Suas palavras não são nem mesmo um grito. São apenas uma declaração silenciosa e penetrante.

Ela bate à porta da minha caminhonete e, em seguida, bate na minha janela com as duas mãos. "Foda-se!"

Eu não espero que ela diga isso uma terceira vez. Dou ré na caminhonete e volto para a rua. Meu estômago está em um nó que parece amarrado ao seu punho. Quanto mais me afasto dela, mais sinto que se desfaz.

Eu não sei o que esperava. Eu tinha aquela visão dela na minha cabeça todos esses anos. Uma garota sem remorso pelo que fez. Uma mãe sem apego ao filho que trouxe ao mundo.

Cinco anos de noções preconcebidas, mas sólidas, não são fáceis de abandonar. Kenna é um caminho e apenas um caminho em minha mente. Sem remorso. Não envolvida. Indiferente. Indigna.

Não consigo conciliar a turbulência emocional que ela parece sofrer por não fazer parte da vida de Diem com a falta de consideração que ela teve pela vida de Scotty.





Dirijo enquanto penso em um milhão de coisas que deveria ter dito. Um milhão de perguntas para as quais ainda não tenho respostas.

"Por que você não pediu ajuda?"

"Por que você o deixou lá?"

"Por que acha que merece causar outra reviravolta nas vidas que você já destruiu?"

"Por que eu ainda quero te abraçar?"







CAPÍTULO TREZE

KENNA

Sinto que estou vivendo meu pior cenário. Não só não consegui conhecer minha filha hoje, mas a única pessoa que poderia ser capaz de me levar até ela agora é o inimigo número um.

Eu o odeio. Eu odeio que deixei ele me tocar na noite passada. Odeio que no breve tempo que passei com ele ontem, dei toda a munição para me rotular de mentirosa, prostituta, alcoólatra. Como se assassina não fosse suficiente.

Ele irá direto para Grace e Patrick e reforçará o ódio deles por mim. Ele vai ajudá-los a construir uma parede ainda mais forte, mais alta e mais grossa entre mim e minha filha.

Não tenho ninguém do meu lado. Nem uma única pessoa.

"Oi."

Faço uma pausa no meio da escada. Há uma adolescente sentada no topo da escada. Ela tem síndrome de Down e está sorrindo para mim adoravelmente, como se este não fosse o pior dia da minha vida. Está vestindo o mesmo tipo de camisa de trabalho que Amy usava no supermercado. Ela deve trabalhar lá. Amy disse que eles dão cargos de empacotador de supermercado para pessoas com necessidades especiais.

Enxugo as lágrimas do meu rosto e murmuro, "Oi", e então passo ao redor dela. Eu normalmente faria um esforço maior para ser amistosa, especialmente se vou trabalhar com essa garota, mas tenho mais lágrimas na garganta do que palavras.





X

Abro a porta do meu apartamento, e uma vez que estou dentro, eu a fecho e caio de bruços no meu colchão meio vazio.

Não posso nem dizer que estou de volta à estaca zero. Sinto que estou no quadrado *negativo* agora.

Minha porta se abre e eu imediatamente me sento. A garota da escada entra no meu apartamento sem ser convidada. "Porque você está chorando?" Ela fecha a porta atrás dela e se inclina contra ela, examinando meu apartamento com olhos curiosos. "Por que você não tem nada?"

Mesmo que ela tenha invadido sem permissão, estou muito triste para ficar chateada com isso. Ela não tem limites. Bom saber.

"Acabei de me mudar", digo, explicando minha falta de coisas.

A garota caminha até minha geladeira e a abre. Ela vê o pacote meio comido de Lunchables que deixei esta manhã e o pega. "Posso ter isso?"

Pelo menos ela espera permissão antes de comer. "Certo."

Ela dá uma mordida em um biscoito, mas então seus olhos se arregalam e ela joga os Lunchables no balcão. "Ah, você tem um gatinho!" Ela vai até a gatinha e a pega no colo. "Minha mãe não me deixa ter um gatinho, você conseguiu de Ruth?"

Em qualquer outro momento, eu a receberia. Mesmo. Mas eu simplesmente não tenho forças para ser amigável durante um dos piores momentos da minha vida. Preciso ter um colapso decente, e não posso fazer isso com ela aqui. "Você pode ir, por favor?" Digo o mais gentilmente possível, mas pedir a alguém para deixá-la em paz nunca pode deixar de doer.

"Uma vez, quando eu tinha cinco anos, tenho dezessete agora, mas quando tinha cinco anos, tive um gatinho, mas ele pegou vermes e morreu."





* *

"Eu sinto muito." Ela ainda não fechou a geladeira.

"Qual é o nome dela?"

"Ainda não dei um nome a ela." Ela não me ouviu pedir para ela ir embora?

"Por que você é tão pobre?"

"O que faz você pensar que eu sou pobre?"

"Você não tem comida, cama ou outras coisas."

"Já estive na prisão." Talvez isso a assuste.

"Meu pai está preso. Você conhece ele?"

"Não."

"Mas eu nem te disse o nome dele."

"Eu estava em uma prisão só para mulheres."

"Able Darby. Esse é o nome dele, você o conhece?"

"Não."

"Porque você está chorando?"

Eu saio do colchão e vou até a geladeira e a fecho.

"Alguém te machucou? Porque está chorando?"

Não acredito que vou responder a ela. Sinto que isso me deixa ainda mais patética, apenas desabafar com uma adolescente aleatória que entrou no meu apartamento sem minha permissão. Mas parece que seria bom dizer isso em voz alta. "Tenho uma filha e ninguém me deixa vê-la."

"Ela foi sequestrada?"

Quero dizer que sim, porque às vezes parece assim. "Não. Minha filha viveu com pessoas enquanto eu estava na prisão, mas agora que estou fora, eles não querem que eu a veja."







"Mas você quer?"

"Sim."

Ela beija o gatinho no topo de sua cabeça. "Talvez você devesse estar feliz. Eu realmente não gosto de crianças pequenas. Meu irmão às vezes coloca manteiga de amendoim nos meus sapatos. Qual o seu nome?"

"Kenna."

"Sou Lady Diana."

"Esse é mesmo o seu nome?"

"Não, é Lucy, mas eu gosto mais de Lady Diana."

"Você trabalha na mercearia?" Pergunto a ela, apontando para sua camisa.

Ela acena.

"Começo a trabalhar lá na segunda-feira."

"Trabalho lá há quase dois anos. Estou economizando para comprar um computador, mas ainda não guardei nada. Vou jantar agora." Ela me entrega o gatinho e começa a caminhar em direção à minha porta. "Eu tenho algumas estrelinhas. Quando escurecer mais tarde, você quer acendê-las comigo?"

Eu me inclino contra o meu balcão e suspiro. Não quero dizer não, mas também tenho a sensação de que meu colapso vai durar pelo menos até de manhã. "Talvez outra hora."

Lady Diana sai do meu apartamento. Tranco a porta desta vez, e então imediatamente pego meu caderno e escrevo uma carta para Scotty porque é a única coisa que pode me impedir de desmoronar.







Caro Scotty,

Eu gostaria de poder lhe dizer como é nossa filha, mas ainda não tenho ideia.

Talvez seja minha culpa por não ser honesta com Ledger sobre quem eu era ontem à noite. Ele pareceu tomar isso como algum tipo de traição quando percebeu quem eu era hoje. Nem cheguei a ver seus pais porque ele estava com tanta raiva que eu estava lá.

Eu só queria ver nossa filha, Scotty. Só queria olhar para ela. Não estou aqui para tirá-la deles, mas acho que Ledger ou seus pais não têm ideia de como é carregar um humano dentro de você por meses, apenas para ter aquele pequeno humano arrancado de você antes de até mesmo conhecê-la.

Você sabia que quando uma mulher encarcerada dá à luz, se ela está quase terminando sua sentença, às vezes consegue manter seus bebês com ela? Isso acontece principalmente nas prisões onde as sentenças são mais curtas. Às vezes acontece, mas é raro.

No meu caso, eu estava apenas começando minha sentença quando dei à luz Diem, o que fez com que ela não pudesse ficar comigo na prisão. Ela foi prematura, e assim que nasceu, eles notaram que sua respiração não estava onde eles queriam, então imediatamente a levaram e a transferiram para a UTIN. Eles me deram uma aspirina, alguns absorventes grandes e, eventualmente, me levaram de volta para a instalação com os braços e um útero vazios.

Dependendo das circunstâncias, algumas mães podem bombear, e seu leite materno é armazenado e entregue ao bebê. Eu não fui uma das sortudas. Eu não tinha permissão para bombear, não tinha permissão para nada que ajudasse meu leite a secar.

Cinco dias depois que Diem nasceu, eu estava na biblioteca da prisão, chorando em um canto porque meu leite havia chegado, minhas roupas estavam encharcadas e eu ainda estava emocionalmente devastada e fisicamente exausta.

Foi quando conheci lvy.







Ela estava lá há um tempo, conhecia bem todos os guardas, todas as regras, até que ponto podia dobrá-las e quem a deixaria. Ela me viu chorando enquanto segurava um livro sobre depressão pós-parto. Então ela viu minha camisa encharcada e me levou para um banheiro e me ajudou a limpar. Ela meticulosamente dobrou as toalhas de papel em quadrados e me entregou uma a uma enquanto eu as colocava dentro do meu sutiã.

"Menino ou menina?" Ela perguntou.

"Menina."

"Como você a chamou?"

"Diem."

"Esse é um bom nome. Um nome forte. Ela está saudável?"

"Ela era prematura, então eles a levaram assim que nasceu. Mas uma enfermeira disse que ela estava bem."

lvy estremeceu quando eu disse isso. "Eles vão deixar você vê-la?"

"Não. Acho que não."

lvy balançou a cabeça, e eu não sabia disso na época, mas lvy tinha um jeito de comunicar conversas inteiras pelas diferentes maneiras que ela balançava a cabeça. Eu aprenderia lentamente ao longo dos anos, mas naquele dia, eu não sabia o jeito que ela balançou a cabeça traduzindo para "Aqueles bastardos."

Ela me ajudou a secar minha camisa e, quando voltamos para a biblioteca, me fez sentar e disse: "Aqui está o que você vai fazer. Vai ler todos os livros desta biblioteca. Muito em breve começará a viver nos mundos luxuosos dentro desses livros, em vez do mundo sombrio dentro desta prisão."

Nunca fui uma grande leitora. Eu não gostei do plano dela. Balancei a cabeça, mas ela percebeu que eu não estava ouvindo.







Ela puxou um livro da estante e me entregou. "Eles tiraram seu bebê de você. Nunca vai superar isso. Então, você decide agora, aqui mesmo. Vai viver na sua tristeza ou vai morrer nela?"

Essa pergunta me deu um soco no estômago, o abdômen que não continha mais minha filha. Ivy não estava me dando uma conversa animada. De muitas maneiras, foi o oposto. Ela não estava dizendo que eu iria superar o que estava sentindo, ou que as coisas ficariam mais fáceis. Ela estava me dizendo que era isso, a miséria que eu sentia seria meu novo normal. Eu poderia aprender a viver com isso ou poderia deixar isso me consumir.

Engoli em seco e disse: "Vou viver nela."

Ivy sorriu e apertou meu braço. "Aí está, mamãe."

lvy não sabia, mas ela me salvou naquele dia com sua honestidade brutal. Estava certa. Meu normal nunca mais seria o mesmo. Não foi o mesmo desde que eu perdi você, e perder nossa filha para seus pais apenas me afastou ainda mais do centro.

A maneira como me senti quando eles a tiraram de mim naquela época é exatamente a mesma miséria derrotada que sinto agora.

Ledger não tem ideia do quanto suas ações esta noite quebraram os últimos pedaços de mim.

lvy não tem ideia do quanto suas palavras de quase cinco anos atrás ainda estão de alguma forma me salvando.

Talvez seja assim que vou chamar a gatinha. Hera.

Amor,

Kenna







CAPÍTULO QUATORZE

LEDGER

Recebi três ligações de Patrick no caminho de volta para casa, mas não atendi nenhuma delas porque estou muito bravo com Kenna para conversar sobre ela pelo telefone. Esperava que os Landrys não a ouvissem batendo na porta, mas é óbvio que ouviram.

Patrick está esperando no meu quintal quando volto para a minha garagem. Ele está falando antes mesmo de eu sair da caminhonete.

"O que ela quer?" Ele pergunta. "A Grace está uma bagunça. Você acha que ela vai tentar lutar contra a guarda? O advogado disse que seria impossível." Ele ainda está cuspindo perguntas para mim enquanto me segue até a cozinha.

Eu jogo minhas chaves na mesa. "Não sei, Patrick."

"Devemos obter uma ordem de restrição?"

"Eu não acho que você tenha motivos para fazer isso. Ela não ameaçou ninguém."

Ele anda pela cozinha, e vejo como ele parece ficar cada vez menor. Eu sirvo um copo de água para ele e entrego. Ele bebe tudo e depois se senta em uma das banquetas. Deixa cair a cabeça em suas mãos. "A última coisa que Diem precisa é que essa mulher entre e saia de sua vida. Depois do que ela fez com Scotty... não podemos..."

"Ela não vai aparecer aqui de novo", digo. "Ela está com muito medo de que chamem os policiais."





* *

Meu comentário só aumenta sua preocupação. "Por que? Ela está tentando manter seu registro limpo para o caso de *poder* nos levar ao tribunal?"

"Ela vive em um buraco. Duvido que tenha dinheiro para contratar um advogado."

Ele se levanta. "Ela está morando aqui?"

Eu concordo. "Apartamentos Paradase. Não sei quanto tempo ela planeja ficar."

"Merda", ele murmura. "Isso vai destruir Grace. Eu não sei o que fazer."

Eu não tenho nenhum conselho para ele. Por mais envolvido que esteja na vida dela, não sou o pai de Diem. Não fui eu quem a criou desde que ela nasceu. Esta não é a minha luta, mesmo que de alguma forma mergulhei no meio dela.

Posso não ter voz jurídica, mas tenho opiniões. Fortes. Por mais que toda a situação não tenha um único resultado positivo para todas as partes envolvidas, a simples verdade é que fazer parte da vida de Diem é um privilégio, e Kenna perdeu esse privilégio na noite em que decidiu que sua liberdade valia mais que a vida de Scotty.

Grace não é forte o suficiente para enfrentar Kenna. Patrick pode não ser forte o suficiente também, mas Patrick sempre fez questão de pelo menos fingir ser tão forte quanto Grace precisa que ele seja.

Ele nunca agiria tão perturbado na frente de Grace. Ele guarda esse lado de si para os momentos em que a morte de Scotty é demais. Os momentos que ele precisa escapar e chorar sozinho no meu quintal.

Às vezes posso ver os dois começando a se desfazer. Sempre acontece em fevereiro, o mês do aniversário de Scotty. Mas então o aniversário de Diem chega em maio, e dá uma nova vida a eles.





* *

É isso que Kenna precisa entender. Grace e Patrick só estão vivos por causa de Diem. Ela é o fio que os impede de desmoronar.

Não há espaço para Kenna nesta foto. Algumas coisas podem ser perdoadas, mas às vezes, uma ação é tão dolorosa que a lembrança dela ainda pode esmagar uma pessoa dez anos depois. Patrick e Grace sobrevivem porque Diem e eu os ajudamos a esquecer o que aconteceu com Scotty por tempo suficiente para eles passarem todos os dias. Mas se Kenna estiver por perto, sua morte vai dar um tapa na cara deles repetidamente.

Os olhos de Patrick estão fechados e suas mãos estão em um ponto contra o queixo. Parece que ele está fazendo uma oração silenciosa.

Eu me inclino sobre o balcão e tento manter minha voz tranquilizadora. "Diem está segura por enquanto. Kenna está com muito medo de que os policiais a chamem e muito falida para iniciar uma batalha de custódia. Você tem a vantagem. Tenho certeza que depois desta noite ela vai cortar suas perdas e voltar para Denver."

Patrick olha para o chão por cerca de dez segundos. Eu posso ver o peso de tudo que ele passou se assentado diretamente em seus ombros.

"Espero que sim", diz. Ele se dirige para a porta da frente, e uma vez que sai, eu fecho meus olhos e expiro.

Cada coisa reconfortante que eu disse a ele é uma mentira. Com base no que sei de Kenna agora, por pouco conhecimento que possa ser, tenho a sensação de que isso está longe de terminar.





* *

"Você parece distraído", Roman diz. Ele pega um copo de mim e começa a servir uma cerveja que um cliente já teve que pedir três vezes. "Talvez você devesse fazer uma pausa. Está nos retardando."

"Estou bem."

Roman sabe que não estou bem. Toda vez que olho para ele, está me observando. Tentando descobrir o que está acontecendo comigo.

Tento trabalhar por mais uma hora, mas é sábado à noite e está barulhento, mesmo que tenhamos um terceiro barman nas noites de sábado, Roman está certo, estou nos desacelerando e tornando as coisas piores, então eventualmente vou pegar a maldita pausa.

Sento nos degraus do beco, olho para o céu e me pergunto o que diabos Scotty faria agora. Ele sempre foi tão sensato. Eu não acho que ele herdou isso de seus pais, no entanto. Talvez tenha, não sei. Talvez seja mais difícil para eles pensarem com a cabeça fria quando têm corações tão partidos.

A porta se abre atrás de mim. Olho por cima do ombro e Roman está saindo. Ele se senta ao meu lado. Não diz nada. Essa é a maneira dele de abrir a palavra para eu falar.

"Kenna está de volta."

"A mãe de Diem?"

Eu concordo.

"Merda."

Esfrego os olhos com os dedos, aliviando um pouco a pressão da dor de cabeça que vem crescendo o dia todo. "Quase fiz sexo com ela ontem à noite. Na minha caminhonete, depois que o bar fechou."





X

Ele não tem uma reação imediata a isso. Olho para ele, e está apenas olhando fixamente para mim. Então leva a mão ao rosto e a esfrega na boca.

"Você o quê?" Roman se levanta e sai para o beco. Está olhando para seus pés, processando o que acabei de dizer. Ele parece tão chocado quanto me senti quando juntei dois e dois do lado de fora da minha casa. "Eu pensei que você odiasse a mãe de Diem."

"Eu não sabia que ela era a mãe de Diem na noite passada."

"Como você pode não saber? Ela era a namorada do seu melhor amigo, certo?"

"Eu nunca a conheci. Vi uma foto dela uma vez. E talvez a foto dela, acho. Mas ela tinha longos cabelos loiros naquela época, parecia completamente diferente."

"Uau", Roman diz. "Ela sabia quem você era?

Ainda não sei a resposta para isso, então apenas dou de ombros. Ela não pareceu surpresa ao me ver do lado de fora da minha casa mais cedo. Apenas parecia chateada.

"Ela apareceu e tentou conhecer Diem hoje. E agora..." balanço minha cabeça. "Eu fodi tudo, Roman. Patrick e Grace não precisam disso."

"Ela tem algum direito como mãe?"

"Seus direitos foram rescindidos por causa da duração de sua sentença de prisão. Nós só estávamos esperando que ela não aparecesse e quisesse fazer parte de sua vida. Quero dizer, eles temiam. Todos nós. Acho que apenas presumimos que teríamos algum tipo de aviso."

Roman limpa a garganta. "Quero dizer, para ser justo, a mulher deu à luz Diem. Acho que esse foi o seu aviso." Roman gosta de bancar o advogado do diabo em tudo que faz. Não me





* *

surpreende que ele esteja fazendo isso agora. "Qual é o plano? Eles vão deixar Diem conhecer sua mãe agora que eles sabem que ela quer se envolver?"

"Seria muito dificil para Patrick e Grace se Kenna estivesse em suas vidas."

Roman faz uma careta. "Como Kenna vai encarar isso?"

"Eu realmente não me importo como Kenna se sente. Nenhum avô deve ser forçado a ter que marcar uma visita com a assassina de seu filho."

Roman levanta uma sobrancelha. "Assassina. Isso é um pouco dramático. Suas ações levaram à morte de Scotty, com certeza. Mas a garota não é uma assassina de sangue frio." Ele chuta uma pedrinha na calçada. "Sempre achei que eles foram um pouco duros demais com ela."

Roman não me conhecia quando Scotty morreu. Ele só conhece a história. Mas se ele estivesse por perto cinco anos atrás para ver como isso afetou a todos, e ainda de alguma forma conseguisse dizer o que acabou de dizer, eu teria dado um soco nele por isso.

Mas ele está apenas sendo Roman. Advogado do diabo. Desinformado.

"O que aconteceu quando ela apareceu? O que eles disseram para ela?"

"Ela não chegou tão longe. Eu a interceptei na rua e a deixei em seu apartamento. Então disse a ela para voltar para Denver."

Roman enfia as mãos nos bolsos. Observo seu rosto, procurando o julgamento. "Há quanto tempo foi isso?" Ele pergunta.

"Já se passaram algumas horas."

"Você não está preocupado com ela?"







"Quem? Diem?"

Ele balança a cabeça com uma pequena risada, como se eu não estivesse acompanhando. "Estou falando de Kenna. Ela tem família aqui? Amigos? Ou você a deixou sozinha depois de mandar ela se foder?"

Eu me levanto e escovo a parte de trás do meu jeans. Sei onde ele quer chegar, mas não é problema meu. *Pelo menos é o que eu continuo dizendo a mim mesmo*.

"Talvez você devesse ir ver como ela está", ele sugere.

"Eu não vou *ver* como ela está."

Roman parece desapontado. "Você é melhor que isso."

Posso sentir meu pulso martelando na minha garganta. Não sei se estou mais chateado com ele ou com Kenna agora.

Roman dá um passo mais perto. "Ela é responsável pela morte *acidental* de alguém por quem estava apaixonada. Como se isso não fosse dificil o suficiente, ela foi para a prisão por isso e foi forçada a desistir de sua própria filha. Ela finalmente aparece de volta esperando encontrá-la, e você fez sabe Deus o que com ela em sua caminhonete, então a impede de conhecer sua filha, *então* a manda se foder. Não é à toa que ficou batendo merda a noite toda." Ele volta a subir os degraus, mas antes de entrar, ele se vira para mim e diz: "Você é a razão de eu não estar morto em uma vala em algum lugar, Ledger. Você me deu uma chance quando todo mundo desistiu de mim. Você não tem ideia do quanto eu admiro você por isso. Mas é muito difícil olhar para você agora. Está agindo como um idiota." Roman volta para dentro do bar.

Olho para a porta depois que ela se fecha, então bato. "Porra!"

Eu começo a andar no beco. Quanto mais ando, mais culpado me sinto.





* +

Estou inequivocamente do lado de Patrick e Grace desde o dia em que descobri o que aconteceu com Scotty, mas quanto mais segundos se passam entre as palavras de Roman e minha próxima decisão, mais desconfortável me sinto com tudo isso.

Há duas possibilidades passando pela minha cabeça agora. A primeira é que Kenna é exatamente quem eu sempre acreditei que fosse, e apareceu aqui de forma egoísta, só pensando em si e sem pensar no que sua presença faria com Patrick e Grace, ou mesmo Diem.

A segunda possibilidade é que Kenna é uma mãe devastada e de luto que simplesmente anseia pela filha, que ela deseja desesperadamente fazer o certo. E se for esse o caso, não sei se estou bem com a forma como deixei as coisas esta noite.

E se Roman estiver certo? E se eu arranquei cada grama de esperança que ela tinha? Se sim, onde isso a deixa? Sozinha em um apartamento sem futuro?

Eu deveria estar preocupado?

Devo verificar ela?

Ando pelo beco atrás do bar por mais alguns minutos, até que finalmente me faço a pergunta que continua circulando de volta. *O que Scotty faria?*

Scotty sempre via o melhor nas pessoas, mesmo naquelas que eu não conseguia achar bondade. Se ele estivesse aqui, só posso imaginar como estaria racionalizando tudo isso.

"Você foi muito duro, Ledger. Todos merecem o benefício da dúvida, Ledger. Você não será capaz de viver consigo mesmo se ela tirar a própria vida, Ledger."

"Foda-se", murmuro. "Foda-se, foda-se, foda-se."

Eu não conheço a personalidade de Kenna. A reação que ela teve mais cedo poderia ser apenas dramática, pelo que sei. Mas ela





* *

também pode estar em um lugar muito escuro, não vou conseguir dormir com isso na minha consciência.

Sinto-me inquieto e frustrado quando entro na minha caminhonete e volto para a casa dela.

Talvez eu devesse sentir uma sensação de alívio que agora acho que Roman estava errado, mas eu me sinto chateado.

Kenna não está escondida dentro de seu apartamento. Ela está do lado de fora, parecendo que não se importa com nada no mundo. Ela está brincando com a porra de fogos de *artificio*. Estrelinhas. Ela e uma garota, girando na grama como se fosse uma criança e não uma adulta que, apenas algumas horas antes, agia como se seu mundo estivesse chegando ao fim.

Ela não me viu parar porque está de costas para o estacionamento, não percebeu que estou sentado aqui há vários minutos.

Ela acende outra estrelinha para a garota, que então começa a fazer uma corrida louca com sua estrelinha e deixa rastros de luz com ela enquanto desaparece na esquina.

Uma vez que Kenna está sozinha, pressiona as palmas das mãos nos olhos e inclina o rosto para o céu. Ela fica assim por alguns segundos. Então enxuga os olhos com a camiseta.

A garota reaparece e Kenna sorri, então a garota desaparece, e Kenna deixa seu rosto cair novamente em uma carranca.

Ela está apenas ligando e desligando e ligando e desligando, e não gosto disso, gosto que ela finge não estar triste toda vez que aquela garota volta correndo para ela. Talvez Roman *esteja* certo.

A garota volta mais uma vez e lhe entrega outra estrelinha. Enquanto ela acende, Kenna olha para cima e vê minha





* +

caminhonete. Seu corpo inteiro parece murchar, mas ela força um sorriso para a garota e faz um movimento para a garota correr ao redor do prédio. Assim que a garota se vai novamente, Kenna começa a vir em minha direção.

É óbvio que eu estava sentado aqui olhando para ela. Nem tento esconder isso. Destranco minha porta antes que ela alcance minha caminhonete e entre.

Ela bate à porta. "Você está aqui com boas notícias?"

Eu me mexo no meu lugar. "Não."

Ela abre a porta e começa a sair.

"Espere, Kenna."

Ela faz uma pausa, então fecha a porta e permanece na minha caminhonete. Está tão quieta. Ela cheira a pólvora e fósforos, e há uma estranha corrente dentro desta caminhonete que é tão palpável que espero que a caminhonete inteira exploda. Mas não. Nada acontece. Ninguém fala.

Eu finalmente limpo minha garganta. "Você vai ficar bem?" Minha preocupação está enterrada sob um exterior frio como pedra, então sei que minha pergunta parece forçada, como se eu não me importasse com a resposta.

Kenna tenta sair da caminhonete novamente, mas eu agarro seu pulso. Seus olhos encontram os meus.

"Você vai ficar bem?" Repito.

Ela olha fixamente para mim com seus olhos vermelhos e inchados. "Você está..." Ela balança a cabeça, aparentemente confusa. "Você está aqui porque tem medo que eu me *mate*?"

Eu não gosto de como ela parece querer rir da minha preocupação. "Estou preocupado que você não esteja com a cabeça boa?" Pergunto, reformulando sua pergunta. "Sim. Eu estou. Queria ter certeza de que você estava bem."







Sua cabeça se inclina ligeiramente para a direita enquanto ela vira todo o seu corpo para que fique de frente para mim em seu assento. Suas mechas de cabelo liso na altura dos ombros se inclinam com ela. "Não é isso", ela diz. "Está preocupado que se eu acabar com minha vida, vai se sentir culpado por ter sido tão insuportavelmente cruel comigo. *Por* isso você voltou. Você não se importa se eu *realmente* me matar, só não quer ser o impulso para minha decisão." Ela balança a cabeça com uma risada rasa. "Você fez isso. Você me verificou. Sua consciência está limpa agora, adeus."

Kenna vai abrir a porta e a garota para quem ela estava acendendo estrelinhas aparece de repente na janela do passageiro. Seu nariz está pressionado contra o vidro.

"Abaixe esta janela", Kenna me diz.

Viro minha chave para poder abrir sua janela. A garota se inclina, sorrindo para nós. "Você é o pai de Kenna?"

Sua pergunta é tão fora de lugar que não posso deixar de rir. Kenna ri também.

Diem tem a risada e o sorriso de Scotty. A risada de Kenna é dela mesma. Uma que não ouvi antes deste segundo. Uma que eu quero ouvir de novo.

"Ele definitivamente não é meu pai", Kenna diz. Ela corta os olhos para os meus. "Ele é o cara que eu te falei mais cedo. Aquele que me mantém longe da minha garotinha." Kenna abre a porta e salta para fora.

Ela bate a porta da minha caminhonete, então a adolescente se inclina na janela do passageiro e diz: "Idiota."

Kenna agarra a mão da garota e a puxa para longe da caminhonete. "Vamos, Lady Diana. Ele não está do nosso lado." Kenna vai embora com a garota e não olha para trás, não





* *

importa o quanto eu queira e *não* queira, e *foda-se, meu cérebro é um pretzel*.

Não tenho certeza se posso estar do lado dela, mesmo que quisesse. Toda essa situação contém tantos cantos e recantos que tenho a sensação de que *escolher lados* será a ruína de todos nós.







CAPÍTULO QUINZE

KENNA

Aqui está a coisa.

Não deveria importar se uma mãe não é perfeita. Não importa se ela cometeu um grande e horrível erro no passado, ou muitos pequenos. Se ela quer ver sua filha, deve ter permissão para vê-la, mesmo que seja apenas uma vez.

Eu sei por experiência, é melhor crescer sabendo que sua mãe imperfeita está lutando por você do que crescer sabendo que ela não dá a mínima para você.

Houve dois anos da minha vida, não consecutivos, que foram passados em um orfanato. Minha mãe não era viciada ou alcoólatra. Ela simplesmente não era uma mãe muito boa.

Sua negligência foi validada quando eu tinha sete anos e ela me deixou sozinha por uma semana quando um cara que conheceu na concessionária onde trabalhava se ofereceu para levá-la de avião para o Havaí.

Um vizinho notou que eu estava sozinha em casa, e mesmo que minha mãe me dissesse para mentir se alguém perguntasse, eu estava com muito medo de mentir quando a assistente social apareceu na nossa porta.

Fui colocada em uma família adotiva por nove meses enquanto minha mãe trabalhava para recuperar seus direitos. Havia muitas crianças, muitas regras e parecia mais um acampamento de verão rigoroso, então quando minha mãe finalmente recuperou a minha custódia, fiquei aliviada.







A segunda vez que fui colocada em um orfanato, tinha dez anos. Eu era a única filha adotiva, colocada com uma mulher de sessenta anos chamada Mona, fiquei com ela por quase um ano.

Mona não era nada espetacular, mas o simples fato de que ela assistia a filmes comigo de vez em quando, cozinhava o jantar todas as noites e lavava roupa, era mais do que minha própria mãe fazia. Mona era média. Ela era quieta, não era muito engraçada, nem tão divertida assim, mas estava *presente*. Ela me fez sentir cuidada.

Percebi durante o ano em que estive com Mona que não precisava que minha mãe fosse espetacular, ou mesmo ótima. Eu só queria que minha mãe fosse adequada o suficiente para não ter o estado intervindo em sua maternidade. Isso não é muito para uma criança pedir ao pai que lhe deu a vida. "Basta ser adequado. Me mantenha viva. Não me deixe em paz."

Quando minha mãe recuperou minha guarda pela segunda vez e tive que deixar Mona, foi diferente da primeira vez que fui devolvida a ela. Eu não estava animada para vê-la. Fiz onze anos enquanto morava com Mona e voltei para casa com todas as emoções apropriadas que uma criança de onze anos desenvolveria com uma mãe como a minha.

Eu sabia que estava voltando para um ambiente onde teria que me virar sozinha, e não estava feliz. Estava sendo devolvida a uma mãe que não era nem adequada.

Nosso relacionamento nunca voltou aos trilhos depois disso. Minha mãe e eu não podíamos ter uma conversa sem que se transformasse em uma briga. Depois de alguns anos disso, quando eu tinha cerca de quatorze anos, ela finalmente parou de tentar ser minha mãe e, em vez disso, parecia que eu tinha me tornado sua inimiga.

Mas eu era autossuficiente naquela época e não precisava que minha mãe viesse duas vezes por semana e fingisse que tinha algo





X

a dizer sobre mim quando ela não sabia nada sobre minha vida, ou quem eu era como pessoa. Moramos juntas até me formar no ensino médio, mas não éramos amigas e não havia nenhum relacionamento entre nós. Quando ela falava comigo, suas palavras eram insultos. Por causa disso, acabei parando de falar com ela. Eu preferia a negligência ao abuso verbal.

Quando conheci Scotty, fazia dois anos desde que ouvi a voz dela.

Achei que nunca mais falaria com ela, não porque tivemos uma grande briga, mas porque nosso relacionamento era um fardo e acho que nós duas sentimos que fomos libertadas quando esse relacionamento acabou.

Eu não percebi o quão desesperada ficaria um dia, no entanto.

Passamos quase três anos sem nos falar quando entrei em contato com ela da prisão. Eu estava desesperada. Estava grávida de sete meses, Grace e Patrick já haviam pedido a custódia e, devido à duração da minha sentença, descobri que eles também estavam solicitando a rescisão dos meus direitos parentais.

Entendi porque eles estavam fazendo isso. O bebê precisaria de um lugar para ir, eu preferia os Landrys a qualquer outra pessoa que eu conhecesse, especialmente minha mãe. Mas descobrir que eles queriam encerrar meus direitos permanentemente foi aterrorizante. Isso significava que eu não veria minha filha. Não saberia sobre ela, mesmo depois da minha libertação. Mas como eu tinha uma sentença tão longa e não havia mais ninguém a quem eu pudesse conceder a custódia da minha filha, tive que entrar em contato com o único membro da família que poderia me ajudar.

Pensei que talvez, se minha mãe lutasse pelo direito de visitação como avó, eu poderia pelo menos ter algum controle sobre o que aconteceria com minha filha no futuro. E talvez se minha mãe tivesse direito de visitação com minha filha, ela poderia trazer





* *

meu bebê para a prisão depois que nascesse para que eu pudesse pelo menos conhecê-la.

Quando minha mãe entrou na sala de visitas naquele dia, ela tinha um sorriso presunçoso no rosto. Não era um sorriso que dizia: "Senti sua falta, Kenna." Era um sorriso que dizia: "Isso não me surpreende."

Ela parecia bonita, no entanto. Estava usando um vestido, seu cabelo estava tão comprido como a última vez que a vi. Era estranho vê-la pela primeira vez como igual, e não como uma adolescente.

Nós não nos abraçamos. Ainda havia tanta tensão e animosidade entre nós que não sabíamos como interagir.

Ela se sentou e fez um gesto em direção ao meu abdômen. "Este é o seu primeiro?"

Balancei a cabeça. Ela não parecia animada para ser avó.

"Eu pesquisei você no Google", ela disse.

Essa foi a maneira dela de dizer que li o que você fez. Enfiei a unha do polegar na palma da mão para me impedir de dizer algo que me arrependeria. Mas cada palavra que eu queria dizer era uma palavra da qual me arrependeria, então ficamos sentadas em silêncio por um longo tempo enquanto eu tentava descobrir por onde começar.

Ela bateu os dedos na mesa, ficando impaciente com o meu silêncio. "Então? Por que estou aqui, Kenna?" Ela apontou para minha barriga. "Você precisa de mim para criar sua filha?"

Balancei minha cabeça. Eu não queria que ela criasse minha filha. Eu queria que os pais que criaram um homem como Scotty criassem minha filha, mas eu também queria *ver* minha filha, então por mais que eu quisesse me levantar e me afastar dela naquele momento, não podia.





"Não. Os avós paternos vão ficar com a guarda dela. Mas..." Minha boca estava seca. Eu podia sentir meus lábios grudados quando disse: "Eu estava esperando que você pedisse direitos de visitação como avó."

Minha mãe inclinou a cabeça. "Por que?"

O bebê se mexeu naquele momento, quase como se estivesse me implorando para não pedir a essa mulher para ter nada a ver com ela. Eu me sentia culpada, mas estava sem opções. Engoli em seco e coloquei minhas mãos no meu abdômen. "Eles querem rescindir meus direitos. Se fizerem isso, nunca vou conseguir vêla. Mas se você tiver direitos como avó, pode trazê-la aqui para me ver de vez em quando." Eu soava como a versão de seis anos de mim. Com medo dela, mas ainda precisando dela.

"É uma viagem de cinco horas", disse minha mãe.

Eu não sabia onde ela ia com esse comentário.

"Eu tenho uma vida, Kenna. Não tenho tempo para levar seu bebê em viagens de cinco horas para ver a mãe na prisão toda semana."

"Eu...não teria que ser semanal. Apenas sempre que puder."

Minha mãe se mexeu em seu assento. Ela parecia zangada comigo, ou irritada. Eu sabia que ela ficaria incomodada com a viagem, mas pensei que uma vez que me visse, pelo menos pensaria que a viagem valeu a pena. Estava pelo menos esperando que ela aparecesse querendo se redimir. Eu pensei que talvez, depois de descobrir que ia ser avó, ela se sentiria como se tivesse uma nova chance, e realmente *tentaria* desta vez.

"Não recebo um telefonema seu em três anos, Kenna. Agora você está pedindo favores?"

Eu também não recebi um único telefonema dela, mas eu não mencionei isso. Eu sabia que isso só a deixaria com raiva. Em vez disso, eu disse: "*Por favor*. Eles vão levar minha bebê."





* *

Não havia nada nos olhos da minha mãe. Nem simpatia. Nem empatia. Percebi naquele momento que ela estava feliz por ter se livrado de mim e não tinha intenção de ser avó. Eu esperava. Só estava esperando que ela tivesse crescido em consciência nos anos desde que a vi pela última vez.

"Agora você saberá como me senti toda vez que o estado tirou você de *mim*. Passei por tanta coisa para ter você de volta nas duas vezes, e você nunca apreciou. Você nunca disse obrigada."

Ela realmente queria um *agradecimento* ? Ela queria que eu a agradecesse por ser tão ruim, por ser a mãe que o estado me tirou dela *duas vezes* ?

Levantei-me e saí da sala naquele momento. Ela estava dizendo algo para mim quando saí, mas não podia ouvi-la porque estava com tanta raiva de mim mesma por estar desesperada o suficiente para ligar para ela. Ela não havia mudado. Ela era a mesma mulher egocêntrica e narcisista com quem cresci.

Eu estava sozinha. Completamente.

Mesmo o bebê que ainda crescia no meu abdômen não me pertencia.







CAPÍTULO DEZESSEIS

LEDGER

Patrick e eu começamos a construir o balanço no meu quintal hoje. O aniversário de Diem é daqui a algumas semanas, mas achamos que se pudéssemos montá-lo antes da festa, ela e seus amigos teriam algo para brincar.

O plano parecia viável, mas nenhum de nós sabia que construir um balanço seria como construir uma maldita casa inteira. Há peças em todos os lugares e, sem instruções, fez Patrick murmurar *foda -se* pelo menos três vezes. Ele raramente usa essa palavra.

Evitamos falar de Kenna até agora. Ele não tocou no assunto, então não toquei no assunto, mas sei que é tudo em que ele e Grace estão pensando desde que ela apareceu na nossa rua ontem.

Mas posso dizer que o silêncio sobre esse assunto está prestes a acabar, porque ele para de trabalhar e diz: "Bem."

Essa é sempre a palavra que Patrick usa antes de começar uma conversa que não quer ter, ou se está prestes a dizer algo que sabe que não deveria dizer. Peguei isso quando eu era apenas um adolescente. Ele entrava no quarto de Scotty para me dizer que era hora de eu ir para casa, mas nunca dizia o que pretendia dizer. Ele apenas falava sobre isso. Batia na porta e dizia: "Bem. Acho que vocês dois têm aula amanhã."

Patrick se senta em uma das minhas cadeiras do pátio e descansa suas ferramentas sobre a mesa. "Está tranquilo hoje", ele diz.





X

Aprendi a decifrar as coisas que ele não diz. Eu sei que está se referindo ao fato de Kenna não ter aparecido.

"Como está Grace?"

"No limite", ele diz. "Conversamos com nosso advogado ontem à noite. Ele nos garantiu que não há nada que ela possa fazer legalmente neste momento. Mas acho que Grace está mais preocupada em fazer algo estúpido, como tirar Diem do campo de T-ball quando nenhum de nós está olhando."

"Kenna não faria isso."

Patrick ri sem entusiasmo. "Nenhum de nós a conhece, Ledger. Não sabemos do que ela é capaz."

Eu a conheço melhor do que ele pensa, mas nunca vou admitir isso. Mas Patrick também pode estar certo. Eu sei como é beijá-la, mas não tenho ideia de quem ela é como humana.

Ela parece ter boas intenções, mas tenho certeza que Scotty pensou a mesma coisa sobre ela antes que ela se afastasse dele quando mais precisava dela.

Estou recebendo chicotadas de lealdade. Num minuto me sinto horrível por Patrick e Grace. No próximo, me sinto horrível por Kenna. Tem que haver uma maneira de todos se comprometerem sem que Diem seja a única a sofrer.

Tomo um gole de água para preencher o silêncio, então limpo minha garganta. "Você está curioso sobre o que ela quer? E se não estiver tentando levar Diem? E se ela só quiser conhecê-la?"

"Não é da minha conta", Patrick diz abruptamente.

"O que?"

"Nosso sofrimento é minha preocupação. Não há como Kenna Rowan se encaixar em nossas vidas, ou na vida de Diem, sem afetar nossa sanidade." Ele está se concentrando no chão agora, como se estivesse trabalhando tudo isso em sua cabeça enquanto está







saindo de sua boca. "Não é que achemos que ela seria uma mãe ruim. Eu certamente não acho que ela seria *boa*. Mas o que isso faria para Grace se ela tivesse que compartilhar a garotinha com aquela mulher? Se ela tivesse que olhá-la nos olhos toda semana? Ou pior... e se Kenna de alguma forma fizesse um juiz sentir pena dela e seus direitos fossem restabelecidos? Onde isso deixaria Grace e eu? Já perdemos Scotty. Não podemos perder a filha do Scotty também. Não vale o risco."

Eu entendo o que Patrick está dizendo. Completamente. Mas também sei que depois de conhecer Kenna nos últimos dois dias, o ódio que eu tinha por ela está começando a se transformar em outra coisa. Talvez esse ódio esteja se transformando em empatia. Sinto que isso poderia acontecer com Patrick e Grace se eles dessem a ela uma chance.

Antes que eu possa pensar em algo para dizer, Patrick lê a expressão no meu rosto. "Ela matou nosso filho, Ledger. Não nos faça sentir culpados por não sermos capazes de perdoar isso."

Estremeço com a resposta de Patrick. De alguma forma, atingi um nervo com meu silêncio, mas não estou aqui para fazêlo se sentir culpado pelas decisões que tomaram. "Eu nunca faria isso."

"Eu quero ela fora de nossas vidas e fora desta cidade", Patrick diz. "Não nos sentiremos seguros até que essas duas coisas aconteçam."

Todo o humor de Patrick mudou. Sinto-me culpado por sugerir que eles entrem no raciocínio de Kenna. Ela chegou aqui e, em vez de esperar que todos na vida de Scotty se conformassem com sua situação, o mais fácil e menos prejudicial seria aceitar as consequências de suas ações e respeitar a decisão que os pais de Scotty tomaram.

Eu me pergunto o que Scotty gostaria se pudesse ver esse resultado. Todos sabemos que o acidente, embora evitável,





* *

também foi um acidente. Mas ele estava bravo com ela por deixálo? Ele morreu odiando-a?

Ou ele teria vergonha de seus pais, *e de mim*, por manter Kenna longe de Diem?

Eu nunca terei essa resposta, ninguém mais terá. É por isso que sempre encontro outra coisa em que me concentrar quando começo a me perguntar se todos estamos indo contra o que Scotty gostaria.

Eu me inclino para trás na cadeira do pátio e olho para o trepa-trepa que espero começar a tomar forma em breve. Enquanto olho para ele, penso em Scotty. É exatamente por isso que eu o derrubei.

"Scotty e eu fumamos nosso primeiro cigarro naquele trepatrepa", digo a Patrick. "Nós tínhamos treze anos."

Patrick ri e se recosta na cadeira. Ele parece aliviado por eu ter mudado de assunto. "Onde vocês dois conseguiram cigarros aos treze anos?"

"A caminhonete do meu pai."

Patrick balança a cabeça.

"Bebemos nossa primeira cerveja lá. Ficamos chapados pela primeira vez lá. E se bem me lembro, Scotty deu seu primeiro beijo lá."

"Quem era ela?" Patrick pergunta.

"Dana Freeman. Ela morava na rua. Ela foi meu primeiro beijo também. Essa foi a única briga em que eu e Scotty entramos."

"Quem a beijou primeiro?"

"Eu. Scotty mergulhou como uma maldita águia e a tirou de mim. Irritou-me, mas não porque eu gostava dela. Só não gostei





* >

que ela o escolheu em vez de mim. Nós não nos falamos por oito horas inteiras."

"Bem, é justo. Ele era muito mais bonito do que você."

Sorrio.

Patrick suspira, agora nós dois estamos pensando em Scotty e isso está diminuindo a energia. Eu odeio a frequência com que isso acontece. Eu me pergunto se isso vai começar a acontecer menos.

"Você acha que Scotty queria que eu fosse diferente?" Patrick pergunta.

"O que você quer dizer? Você foi um ótimo pai."

"Trabalhei em um escritório analisando números de vendas a vida toda. Às vezes eu me perguntava se ele alguma vez desejou que eu fosse algo melhor, como um bombeiro. Ou um atleta. Eu não era o tipo de pai do qual ele podia se gabar."

Eu me sinto mal que Patrick pense que Scotty gostaria que ele fosse diferente do que ele era. penso nas muitas conversas que Scotty e eu tivemos sobre nosso futuro, e uma dessas conversas me chamou a atenção.

"Scotty nunca quis se mudar", digo. "Ele queria conhecer uma garota e ter filhos e levá-los ao cinema todo fim de semana e à Disney World todo verão. Lembro-me de pensar que ele estava louco quando disse isso, porque meus sonhos eram muito maiores. Eu disse a ele que queria jogar futebol e viajar pelo mundo e ter negócios e ter um fluxo de caixa estável. Eu não era sobre a vida simples como ele era", digo para Patrick. "Eu me lembro, depois que disse a ele o quão importante eu queria ser, ele disse: 'Eu não quero ser importante. Não quero a pressão. Quero deslizar sob o radar como meu pai, porque quando ele chega em casa à noite, está de bom humor.'"





* *

Patrick fica quieto por um tempo, mas então diz: "Você está zoando. Ele nunca disse isso."

"Eu juro", digo com uma risada. "Ele dizia coisas assim o tempo todo. Ele te amava do jeito que você era."

Patrick se inclina para frente e olha para o chão, juntando as mãos. "Obrigado por isso. Mesmo que não seja verdade."

"É verdade", digo, tranquilizando-o. Mas Patrick ainda parece triste. Tento pensar em uma das histórias mais leves sobre Scotty. "Uma vez, estávamos sentados dentro do trepa-trepa e, do nada, um pombo pousou no quintal. Estava a apenas três ou quatro passos de distância de nós. Scotty olhou para ele e disse: 'Isso é a porra de um *pombo*?' E eu não sei por que, talvez porque nós dois estávamos chapados, mas nós rimos muito disso. Rimos até chorar. E por anos, até ele morrer, toda vez que víamos algo que não fazia sentido, Scotty dizia: 'Isso é a porra de um *pombo*?'"

Patrick ri. " \acute{E} por isso que ele sempre dizia isso?"

Concordo.

Patrick começa a rir ainda mais. Ele ri até chorar.

E então ele só chora.

Quando as memórias começam a atingir Patrick assim, sempre me afasto e o deixo em paz. Ele não é do tipo que quer conforto quando está triste. Ele só quer solidão.

Entro e fecho a porta, me perguntando se alguma vez vai melhorar para ele e Grace. Faz apenas cinco anos, mas ele ainda precisará chorar sozinho em dez anos? Vinte?

Quero tanto que eles se curem, mas a perda de um filho é uma ferida que nunca cicatriza. Isso me faz pensar se Kenna chora como Patrick e Grace.

Ela sentiu esse tipo de perda quando eles tiraram Diem dela?





Porque se ela o fez, não posso imaginar que Grace e Patrick permitiriam que ela continuasse a sentir isso, já que eles sabem como é em primeira mão.







CAPÍTULO DEZESSETE

KENNA

Caro Scotty,

Comecei meu novo trabalho hoje. Estou aqui agora, na verdade. Estou na orientação e é muito chato. Estou há duas horas em vídeos sobre como empacotar mantimentos adequadamente, empilhar ovos, manter as carnes separadas e estou tentando manter meus olhos abertos, mas não tenho dormido bem.

Felizmente, descobri que os vídeos de orientação ainda são reproduzidos se eu minimizar a guia de vídeo. Estou escrevendo esta carta usando o Microsoft Word.

Usei a impressora aqui para imprimir todas as cartas antigas que digitei no Google Docs quando estava na prisão. Enfiei-as na minha bolsa e coloquei no armário dos funcionários para escondê-las, porque duvido que deva estar imprimindo coisas.

Quase tudo que me lembro sobre você está documentado. Todas as conversas importantes que tivemos. Cada momento impactante que aconteceu depois que você morreu.

Passei cinco anos digitando cartas para você, tentando me lembrar de todas as memórias que tive com você, caso Diem queira saber sobre você algum dia. Eu conheço seus pais, eles têm mais a compartilhar com ela sobre você do que eu, mas ainda sinto que a parte de você que eu conhecia vale a pena compartilhar.

Quando estava andando pelo centro da cidade outro dia, notei que a loja de antiguidades não estava mais lá. É uma loja de ferragens agora.

Isso me fez pensar na primeira vez que fomos lá e você me comprou todas aquelas mãozinhas de borracha. Estávamos a poucos dias do nosso aniversário de







seis meses, mas estávamos comemorando mais cedo porque eu tinha que trabalhar no turno do fim de semana e não saía do trabalho a tempo de sairmos.

Nós dois dissemos eu te amo naquele ponto. Já tínhamos passado do nosso primeiro beijo, da nossa primeira vez de fazer amor, da nossa primeira briga.

Tínhamos acabado de comer em um novo restaurante de sushi no centro da cidade e estávamos visitando lojas de antiguidades, principalmente olhando vitrines porque ainda estava claro. Estávamos de mãos dadas, de vez em quando você parava e me beijava. Estávamos naquele estágio doentio de relacionamentos, o estágio que eu nunca tinha alcançado com ninguém antes de você. Estávamos felizes, apaixonados, cheios de hormônios, cheios de esperança.

Era felicidade. Uma felicidade que pensávamos que duraria para sempre.

Você me puxou para a loja de antiguidades em um ponto durante nossa caminhada e disse: "Escolha alguma coisa. Eu compro para você."

"Eu não preciso de nada."

"Isso não é sobre você. É sobre mim, e quero comprar algo para você."

Eu sabia que não tinha muito dinheiro. Você estava prestes a se formar na faculdade e planejava começar a pós-graduação em tempo integral. Eu ainda estava trabalhando na DollarDias ganhando o salário mínimo, então caminhei em direção à vitrine de joias, esperando encontrar algo barato. Talvez uma pulseira ou um par de brincos.

Mas foi um anel que me chamou a atenção. Era delicado e dourado e parecia pertencer ao dedo de alguém direto dos anos 1800. Havia uma pedra rosa no centro dele. Você notou o momento em que o vi por que respirei fundo.

"Você gosta desse?" Perguntou.

Estava em uma caixa com todos os outros anéis, então perguntou ao cara atrás do balcão se podíamos vê-lo. O homem pegou e entregou a você. Você





* *

colocou no dedo anelar da minha mão direita e se encaixou perfeitamente. "É tão bonito", eu disse. Era honestamente o anel mais bonito que eu já vi.

"Quanto isso custa?" Você perguntou ao cara.

"Quatro mil. Eu provavelmente poderia derrubar algumas centenas. Está aqui há alguns meses."

Seus olhos se arregalaram a esse preço. "Quatro mil?" Perguntou incrédulo. "É a porra de um pombo?"

Soltei uma risada porque não tinha ideia de porque sempre dizia essa frase, mas era pelo menos a terceira vez que ouvia dizer isso. Eu também ri porque o anel era de quatro mil dólares. Não tenho certeza se alguma vez tive algo no meu corpo que valesse quatro mil dólares.

Você pegou minha mão e disse: "Depressa. Tire-o antes de quebrá-lo." Devolvi ao homem. Havia uma exibição de pequenas mãos de borracha ao lado da caixa registradora. Eram presentes engraçados que escorregavam nas pontas dos dedos para que você tivesse cinquenta dedos em vez de dez. Você pegou um e disse: "Quanto são esses?"

O homem disse: "Dois dólares."

Você comprou dez deles para mim. Um para cada dedo. Foi o presente mais estúpido que alguém me deu, mas de longe o meu favorito.

Quando saímos da loja, nós dois estávamos rindo. "Quatro mil dólares", você murmurou, balançando a cabeça. "Aquele anel vem com um carro? Todos os anéis custam tanto? Preciso começar a economizar para o nosso noivado agora?" Você estava deslizando as mãos de borracha nas pontas dos meus dedos enquanto vociferava sobre o preço das joias.

Mas seu discurso me fez sorrir, porque foi a primeira vez que mencionou a palavra noivado. Acho que você notou o que disse porque ficou quieto depois disso.







Quando todas as mãos de borracha estavam em meus dedos, toquei suas duas bochechas. Parecia tão ridículo. Você estava sorrindo quando colocou as mãos em volta dos meus pulsos e beijou minha palma.

Então você beijou as palmas de todas as minhas dez mãos de borracha.

"Eu tenho tantos dedos agora", eu disse. "Como você vai comprar anéis para todos os meus cinquenta dedos?"

Você riu e me puxou. "Vou dar um jeito. Vou roubar um banco. Ou vou roubar meu melhor amigo. Ele vai ficar rico em breve, aquele bastardo sortudo."

Você estava se referindo a Ledger, embora eu não tinha certeza se sabia disso na época, porque não conhecia Ledger. Ele tinha acabado de assinar um contrato com os Broncos. Eu sabia muito pouco sobre esportes, porém, e nada sobre seus amigos.

Estávamos tão consumidos um pelo outro que quase não tínhamos tempo para mais ninguém. Você estava na aula na maioria dos dias e eu trabalhava na maioria dos dias, então o pouco tempo que podíamos passar juntos, passamos juntos sozinhos.

Achei que isso acabaria mudando. Estávamos apenas em pontos de nossas vidas em que éramos a prioridade um do outro, nenhum de nós via isso como uma coisa ruim porque era tão bom.

Você apontou para algo na vitrine da loja do outro lado da rua e então pegou uma das mãozinhas de plástico e a segurou enquanto seguíamos naquela direção.

Eu tinha a fantasia de que um dia você me pediria em casamento e então nos casaríamos e teríamos filhos e os criaríamos juntos nesta cidade porque você adorava aqui, e eu adoraria qualquer lugar que você quisesse estar. Mas você morreu, e não conseguimos viver nosso sonho.

E agora nunca o faremos, porque a vida é uma coisa cruel, do jeito que escolhe quem intimidar. Recebemos essas circunstâncias de merda e a sociedade nos diz que







nós também podemos viver o sonho americano. Mas o que eles não nos dizem é que os sonhos quase nunca se realizam.

É por isso que eles chamam isso de sonho americano em vez de realidade americana.

Nossa realidade é que você está morto, estou na orientação para um trabalho de merda ganhando um salário mínimo, e nossa filha está sendo criada por pessoas que não somos nós.

A realidade é deprimente pra caralho.

Assim é este trabalho.

Eu provavelmente deveria voltar a ele.

Amor,

Kenna

Amy me colocou no chão depois que terminei as três horas de vídeos de orientação. Eu estava nervosa no começo porque esperava seguir alguém no meu primeiro dia, mas Amy disse: "Certifique-se de que as coisas pesadas vão para o fundo, trate o pão e os ovos como bebês, e você ficará bem."

Ela estava certa. Estou ensacando mantimentos e levando-os para os clientes há duas horas, e até agora, é apenas um trabalho médio de baixa remuneração.

Ninguém me avisou que poderia haver riscos de trabalho no primeiro dia, no entanto.

Esse risco de trabalho chama-se Ledger, mesmo que eu não tenha posto os olhos nele, acabei de ver sua feia caminhonete laranja no estacionamento.





* *

Meu pulso acelera porque não quero que ele faça uma cena. Eu não o vejo desde que apareceu no meu apartamento no sábado à noite para me checar.

Acho que lidei muito bem. Ele parecia arrependido por me tratar daquele jeito, mas mantive minha calma e agi imperturbável, mesmo que sua volta definitivamente me incomodou.

Deu-me um pouco de esperança. Se ele se sente mal o suficiente pela forma como me tratou, talvez haja uma chance de que ele possa eventualmente se tornar empático com a minha situação.

Tenho certeza que é uma pequena chance, mas ainda é uma chance.

Talvez eu *não devesse* evitá-lo. Estar em sua presença pode fazê-lo perceber que não sou o monstro que pensa que sou.

Volto para dentro da loja e coloco o carrinho de supermercado na prateleira. Amy está atrás do balcão de atendimento ao cliente.

"Posso fazer uma pausa no banheiro?"

"Você não tem que pedir permissão para fazer xixi", ela diz. "Lembra como nos conhecemos? Faço xixi de hora em hora quando estou aqui. É a única maneira de manter a sanidade."

Realmente gosto dela.

Não preciso usar o banheiro. Só quero dar uma volta e ver se consigo localizar Ledger. Parte de mim espera que ele esteja aqui com Diem, mas sei que ele não está. Ele viu eu me candidatar a um emprego aqui, o que significa que provavelmente nunca mais vai trazer Diem para dentro desta loja.

Eu finalmente o encontro no corredor de cereais. Estava planejando apenas espioná-lo para poder ficar de olho nele enquanto faz compras, mas ele está no mesmo final do corredor que apareço, e me vê assim que o vejo. Estamos a apenas um metro







e meio de distância um do outro. Ele está segurando uma caixa de Fruity Pebbles.

Eu me pergunto se são para Diem.

"Você conseguiu o emprego." Ledger diz isso sem nenhuma dica sobre se ainda se importa que eu consegui o emprego, ou se está incomodado com isso. Tenho certeza que se ele está tão incomodado com isso, teria feito compras em outro lugar hoje. Não é como se não soubesse que eu estava tentando conseguir um emprego aqui.

Ele vai ter que encontrar uma nova loja se isso o incomoda porque não vou a lugar nenhum. Eu não posso. Ninguém mais vai me contratar.

Olho para cima da caixa de cereal em suas mãos e imediatamente desejo não ter feito isso. Ele parece diferente hoje. Talvez seja a iluminação fluorescente ou o fato de que, quando estou na presença dele, estou tentando não olhar para ele muito de perto. Mas aqui no corredor de cereais, as luzes parecem iluminá-lo.

Eu odeio que pareça melhor sob iluminação fluorescente. Como isso é possível? Seus olhos são mais amigáveis, sua boca é ainda mais convidativa, não gosto de estar pensando coisas boas sobre o homem que fisicamente me puxou para longe da casa em que minha filha estava.

Saio do corredor de cereais com um novo nó na garganta.

Eu mudei de ideia; não quero ser legal com ele. Ele já passou cinco anos me julgando. Não vou mudar sua visão de mim no corredor de uma mercearia, fico muito nervosa em sua presença para lhe dar qualquer aparência de boa impressão.

Tento cronometrar as coisas para que eu não esteja disponível quando ele fizer o pagamento, mas como karma, os outros empacotadores de supermercado de plantão estão





* *

todos ocupado. Sou chamada à sua fila para fazer as compras, o que significa que terei que levá-las até a caminhonete, conversar com ele e ser legal.

Não faço contato visual com ele, mas posso senti-lo me observando enquanto separo sua comida em sacos.

Há algo íntimo em saber o que todos nesta cidade estão comprando para suas cozinhas. Sinto que quase posso definir uma pessoa com base em suas compras. Mulheres solteiras compram muita comida saudável. Homens solteiros compram muito bife e jantares congelados. Famílias grandes compram muita carne a granel e produzem.

Ledger pegou jantares congelados, bife, molho inglês, Pringles, bolachas de animais, Fruity Pebbles, leite, achocolatado e muito mais Gatorade. Com base em suas seleções, concluo que ele é um cara solteiro que passa muito tempo com minha filha.

Os últimos itens que o caixa mostra são três latas de SpaghettiOs. Tenho ciúmes de que ele saiba do que minha filha gosta, e esse ciúme fica evidente na maneira como jogo as latas no saco e depois no carrinho com um baque.

O caixa me olha de lado enquanto Ledger paga as compras. Assim que ele recebe o recibo, dobra e o coloca na carteira enquanto caminha até o carrinho. "Eu posso pegar."

"Eu tenho que fazer isso", digo categoricamente. "Política da loja."

Ele acena com a cabeça e, em seguida, lidera o caminho para sua caminhonete.

Não gosto que ainda o ache atraente. Tento olhar para todos os lugares, menos para ele, enquanto atravessamos o estacionamento.

Quando estava em seu bar na outra noite, antes de saber que ele era o dono, não pude deixar de notar como os funcionários eram





* *

diversos. Isso me fez apreciar quem era o dono. Os outros dois bartenders, Razi e Roman, são ambos negros. Uma das garçonetes é hispânica.

Eu gosto que ele seja uma figura na vida da minha filha. Eu quero que ela seja criada por pessoas boas, mesmo que eu mal conheça Ledger, até agora ele parece ser um humano decente.

Quando chegamos a caminhonete, Ledger pega os Gatorades e os coloca na parte de trás enquanto eu descarrego o resto de suas compras na parte de trás. O assento oposto ao lado onde está o assento de elevação de Diem. Há uma presilha rosa e branca no assoalho. Quando termino de carregar seus sacos, olho para a presilha por alguns segundos e depois a pego.

Há uma mecha de cabelo castanho enrolada nela. Puxo o cabelo até ele se soltar do elástico. O fio tem cerca de sete centímetros de comprimento e é exatamente da mesma cor que o meu.

Ela tem meu cabelo.

Sinto Ledger se aproximar de mim por trás, mas não me importo. Quero subir neste banco de trás e ficar aqui com seu assento elevatório e seu elástico de cabelo e ver se consigo encontrar outros resquícios dela que me deem dicas sobre como ela é e que tipo de vida ela vive.

Eu me viro, ainda olhando para o elástico. "Ela se parece comigo?" Olho para ele, suas sobrancelhas se separam quando olha para mim. Seu braço esquerdo está descansando no topo de sua caminhonete, e me sinto enjaulada entre ele, a porta e o carrinho de supermercado.

"Sim. Ela parece."

Ele não diz *como* ela se parece comigo. São os olhos dela? A boca dela? O cabelo dela? Toda ela? Quero perguntar a ele se temos personalidades semelhantes, mas ele não me conhece.







"Há quanto tempo você conhece ela?"

Ele cruza os braços sobre o peito e olha para os pés como se não se sentisse à vontade para responder a essas perguntas. "Desde que a trouxeram para casa."

O ciúme que rola através de mim é quase audível. Chupo uma respiração trêmula e empurro minhas lágrimas com outra pergunta. "Como ela é?"

Essa pergunta o faz suspirar pesadamente. "Kenna." Tudo o que ele diz é meu nome, mas é o suficiente para saber que terminou de responder minhas perguntas. Ele desvia o olhar de mim e examina o estacionamento. "Você caminha para o trabalho?"

Mudança conveniente de assunto. 'Sim."

Ele está olhando para o céu agora. "Deve chover esta tarde."

"Amável."

"Você poderia usar o Uber." Seus olhos voltam para os meus. "Eles tinham Uber antes de você..." Sua voz desaparece.

"Ir para a prisão?" Termino com um revirar de olhos. "Sim. Uber existia. Mas eu não tenho telefone, então não tenho o aplicativo."

"Você não tem telefone?"

"Eu tinha um, mas deixei cair no mês passado, não posso comprar um novo até receber um salário."

Alguém usa um chaveiro para destravar o carro a um espaço de nós. Olho ao redor e vejo Lady Diana caminhando em direção ao carro com um casal mais velho e um carrinho cheio de mantimentos. Não estamos no caminho deles, mas uso isso como desculpa para fechar a porta.

Lady Diana vê Ledger enquanto abre o porta-malas. Ela pega o primeiro saco e murmura: "Idiota."







Isso me faz sorrir. Olho para Ledger e acho que ele pode até estar sorrindo. Eu não gosto que ele não pareça um idiota. Seria muito mais fácil odiá-lo se fosse um idiota.

"Vou ficar com o elástico", digo enquanto viro o carrinho.

Eu quero dizer a ele que se ainda vai insistir em fazer compras aqui, deve trazer minha filha da próxima vez. Mas quando estou na presença dele, não consigo decidir se devo ser educada porque ele é a única coisa que me liga à minha filha, ou se devo ser má porque ele é uma das coisas que me mantém *longe da* minha filha.

Não dizer nada quando quero dizer tudo é provavelmente minha melhor aposta por enquanto. Eu olho para ele antes de entrar na loja, ele ainda está encostado em sua caminhonete, me observando.

Entro e devolvo o carrinho para o rack e, em seguida, puxo meu cabelo para cima com o elástico de Diem e o uso pelo resto do meu turno.







CAPÍTULO DEZOITO

LEDGER

Há uma dúzia de cupcakes de chocolate olhando para mim quando entro no bar.

"Droga, Roman."

Toda semana ele vai à padaria na rua e compra cupcakes. Ele só os compra para ter uma desculpa para ver a dona da padaria, mas ele nem os come. O que significa que me deixa com a tarefa de comê-los. Costumo levar os que sobrevivem à noite para Diem.

Pego um dos cupcakes no momento em que Roman entra pelas portas duplas da parte de trás do bar. "Por que você não a convida para sair? Engordei dez quilos desde que você a viu pela primeira vez."

"O marido dela pode não gostar disso", Roman diz.

Oh sim. Ela é casada. "Bom ponto."

"Eu nunca falei com ela, sabe. Continuo comprando cupcakes dela porque acho que ela é gostosa, e aparentemente gosto de me torturar."

"Você definitivamente gosta de autotortura. Você ainda trabalha aqui por algum motivo."

"Exatamente", Roman diz categoricamente. Ele se inclina contra o balcão. "Então? Qual é a atualização sobre Kenna?"

Olho por cima do ombro dele. "Alguém mais aqui ainda?" Não quero falar sobre Kenna perto de ninguém. A última coisa que





*

preciso é que chegue aos Landrys que eu interagi com ela fora da única forma que eles conhecem.

"Não. Mary Anne chega às sete e Razi está de folga hoje à noite."

Dou uma mordida no cupcake e falo com a boca cheia. "Ela trabalha na mercearia em Cantrell. Não tem carro. Sem telefone. Estou começando a achar que ela nem tem família. Ela caminha para o trabalho. Esses cupcakes são deliciosos pra caralho."

"Você deveria ver a mulher que os assa", Roman diz. "Os avós de Diem decidiram o que fazer?"

Coloco a outra metade do cupcake de volta na caixa e limpo a boca com um guardanapo. "Tentei falar com Patrick sobre isso ontem, mas ele nem quer que o assunto seja discutido. Ele só a quer fora da cidade e fora de suas vidas."

"E você?"

"Eu quero o melhor para Diem", digo imediatamente. Sempre quis o melhor para Diem. Só não sei se o que eu achava que era melhor ainda é o melhor para ela.

Roman não diz nada. Está olhando para os cupcakes. Então diz: "Foda-se", e ele pega um.

"Você acha que ela cozinha tão bem quanto assa?"

"Espero que um dia eu descubra. Quase um em cada dois casais se divorcia", ele diz, sua voz esperançosa.

"Aposto que Whitney poderia encontrar uma boa garota solteira para namorar."

"Foda-se", ele murmura. "Prefiro esperar até que o casamento de Cupcake Girl desmorone."

"A Cupcake Girl tem um nome?"







"Todo mundo tem um nome."

É a noite mais lenta que tivemos em muito tempo, provavelmente porque é segunda-feira e está chovendo. Eu não costumo notar toda vez que a porta para o bar abre, mas como há apenas três clientes agora, todos os olhos se voltam para ela quando entra e sai da chuva.

Roman a nota também. Nós dois estamos olhando na direção dela quando ele diz: "Tenho a sensação de que sua vida está prestes a ficar incrivelmente complicada, Ledger."

Kenna caminha em minha direção, suas roupas encharcadas. Ela se senta no mesmo lugar em que se sentou na primeira vez que esteve aqui. Puxa o elástico de Diem do seu cabelo e então se inclina sobre o bar e pega um punhado de guardanapos. "Bem. Você estava certo sobre a chuva", ela diz, secando o rosto e os braços. "Eu preciso de uma carona para casa."

Estou confuso, porque a última vez que ela saiu da minha caminhonete, estava tão brava comigo que eu tinha certeza que nunca estaria dentro dela novamente. "De mim?"

Ela encolhe os ombros. "Você. Um Uber. Um taxi. Eu não me importo. Mas primeiro quero um café. Ouvi dizer que vocês colocam caramelo agora."

Ela está de mau humor. Entrego a ela um pano limpo e começo a fazer um café para ela enquanto se seca. Olho a hora e já faz pelo menos dez horas desde que entrei na loja. "Você acabou de sair do trabalho?"

"Sim, alguém ligou, então trabalhei em dobro."

A mercearia fecha às nove e provavelmente leva uma hora para voltar para casa. "Você provavelmente não deveria estar andando para casa tão tarde."







"Então me compre um carro", ela retruca.

Olho para ela, e ela levanta uma sobrancelha como se isso fosse um desafio. Cubro seu café com uma cereja e deslizo para ela.

"Há quanto tempo você é dono deste bar?" Ela pergunta.

"Alguns anos."

"Você não costumava jogar algum tipo de esporte profissional?"

A pergunta dela me faz rir. Talvez porque meu curto período de dois anos como jogador da NFL seja geralmente a única coisa que as pessoas por aqui querem falar comigo, mas Kenna faz parecer um pensamento passageiro. "Sim. Futebol para os Broncos."

"Você foi bom?

Dou de ombros. "Quero dizer, cheguei à NFL, então não fui uma merda. Mas não fui bom o suficiente para renovar meu contrato."

"Scotty estava orgulhoso de você", ela diz. Olha para sua bebida e coloca as mãos em volta dela.

Ela estava bem fechada na primeira noite em que entrou, mas sua personalidade está começando a escorregar aqui e ali. Ela come sua cereja e depois toma um gole do café.

Quero dizer a ela que ela pode subir para o apartamento em que Roman fica para que possa secar suas roupas, mas parece errado ser legal com ela. Tem sido uma batalha constante na minha cabeça nos últimos dias, fiquei me perguntando como posso me sentir atraído por alguém que odiei por tanto tempo.

Talvez seja porque a atração aconteceu na sexta-feira passada, antes que eu soubesse quem ela era.





* *

Ou talvez seja porque estou começando a questionar minhas razões por tê-la odiado por tanto tempo.

"Você não tem amigos nesta cidade que podem te dar uma carona para casa do trabalho? Família?"

Ela põe o café na mesa. "Conheço duas pessoas nesta cidade. Uma delas é minha filha, mas ela tem apenas quatro anos e ainda não sabe dirigir. A outra é você."

Eu não gosto que seu sarcasmo de alguma forma a torne mais atraente. Preciso parar de interagir com ela. Não preciso que ela esteja aqui neste bar. Alguém pode me ver falando com ela, e a notícia pode voltar para Grace e Patrick. "Vou te dar uma carona para casa quando terminar seu café."

Ando até o outro lado do bar apenas para ficar longe dela.

Kenna e eu saímos para minha caminhonete cerca de meia hora depois. O bar fecha em uma hora, mas Roman disse que cuidaria disso. Só preciso tirar Kenna do bar e da minha presença para que ninguém possa nos unir.

Ainda está chovendo, então pego um guarda-chuva e o seguro sobre ela. Não que isso vá fazer uma grande diferença. Ela ainda está encharcada de sua caminhada até aqui.

Abro a porta do passageiro para ela, e ela entra na caminhonete. É estranho quando fazemos contato visual, porque não há como não estarmos pensando na última vez que estivemos juntos deste lado da caminhonete.

Fecho a porta e tento não pensar naquela noite, ou no que pensei dela, ou no gosto dela.

Seus pés estão contra o painel quando me acomodo no banco do motorista. Ela está brincando com o elástico de cabelo de Diem enquanto dirijo na rua.





* *

Não consigo parar de pensar no que ela disse, sobre Diem ser a única pessoa nesta cidade que ela conhece além de mim. Se isso for verdade, Diem nem é realmente alguém que ela conhece. Ela só sabe que Diem está aqui e que ela existe, mas a única pessoa que ela realmente conhece nesta cidade sou eu.

Eu não gosto disso.

As pessoas precisam de pessoas.

Onde está a família dela? Onde está a mãe dela? Por que ninguém da sua família tentou chegar e conhecer Diem? Sempre me perguntei por que ninguém, nem mesmo outro avô, tia ou tio, tentou entrar em contato com Grace ou Patrick para conhecer Diem.

E se ela não tem celular, com quem ela fala?

"Você se arrepende de ter me beijado?" Ela pergunta.

Meu foco muda da estrada para ela assim que pergunta isso. Ela está olhando para mim com expectativa, então olho para a estrada novamente, segurando meu volante.

Aceno, porque eu me arrependo. Talvez não pelas razões que ela acha que eu me arrependo, mas me arrependo do mesmo jeito.

Fica tudo quieto até o apartamento dela depois disso. Eu coloco minha caminhonete no estacionamento e olho para ela. Ela está olhando para o elástico em sua mão. Ela o desliza no pulso e, sem sequer fazer contato visual comigo, murmura: "Obrigada pela carona." Abre a porta e sai da minha caminhonete antes que eu encontre minha voz para lhe dizer boa noite.







CAPÍTULO DEZENOVE

KENNA

Às vezes penso em sequestrar Diem. Não sei por que não sigo com isso. Não é como se houvesse uma vida pior para mim do que a que estou vivendo atualmente. Pelo menos quando estava na prisão, tinha um motivo para não poder ver minha filha.

Mas agora, a única razão são as pessoas que a criam. E dói odiar as pessoas que a criam. Eu não quero odiá-los. Quando eu estava na prisão, era mais difícil culpá-los, porque estava muito grata por ela ter pessoas que estavam cuidando dela.

Mas daqui deste apartamento solitário, é difícil não pensar em como seria bom pegar Diem e fugir. Mesmo que fosse apenas por alguns dias antes de ser pega. Eu poderia dar tudo a ela enquanto a tivesse. Sorvete, presentes, talvez uma viagem à Disney World. Nós teríamos uma festa luxuosa de uma semana antes de eu me entregar, e ela se lembraria para sempre.

Ela se lembraria de mim.

E então, quando eu saísse da prisão por sequestrá-la, ela seria adulta. E provavelmente me perdoaria, porque quem não apreciaria uma mãe que arriscaria voltar para a prisão só para ter uma boa semana com sua filha?

A única coisa que me impede de levá-la é a possibilidade de Patrick e Grace mudarem de ideia algum dia. E se eles mudarem de ideia e eu puder conhecer Diem sem ter que infringir a lei para fazer isso?

E há também o fato de que ela não me conhece. Ela nem me ama. Eu estaria arrancando-a dos únicos pais que ela conhece e,





X

embora isso possa soar atraente para mim, provavelmente seria horrível para Diem.

Não quero tomar decisões egoístas. Quero ser um bom exemplo para Diem, porque um dia ela vai descobrir quem sou e que queria estar na vida dela. Pode ser daqui a treze anos que será capaz de decidir por si se quer ou não ter algo a ver comigo, e só por essa razão, vou viver os próximos treze anos de uma maneira que espero deixá-la orgulhosa.

Eu me aconchego em Ivy e tento dormir, mas não consigo. Há tantos pensamentos nadando em minha cabeça, e nenhum dos meus pensamentos me acalma. Tenho insônia desde a noite em que Scotty morreu.

Passo minhas noites acordada, pensando em Diem e Scotty.

E agora, pensamentos de Ledger são adicionados à mistura.

Parte de mim ainda está tão brava com ele por me interceptar na casa deles no fim de semana passado. Mas parte de mim sente uma sensação de esperança quando estou perto dele. Ele não parece me odiar. Sim, se arrepende de me beijar, mas eu não me importo com isso. Nem sei por que fiz essa pergunta a ele. Eu só me pergunto se ele se arrepende porque era o melhor amigo de Scotty, ou por causa do que fiz com Scotty. Provavelmente ambos.

Quero que Ledger veja o meu lado que Scotty viu para que eu possa ter alguém do meu lado.

É realmente muito solitário quando os únicos amigos que você tem são uma adolescente e uma gatinha.

Eu deveria ter me esforçado mais com a mãe de Scotty quando ele estava vivo. Eu me pergunto se isso teria feito a diferença.

A noite em que conheci os pais de Scotty foi provavelmente a noite mais estranha da minha vida.





* *

Eu tinha visto famílias como a deles na televisão, mas nunca pessoalmente antes. Sinceramente, não sabia que existiam. Pais que se davam bem e pareciam gostar um do outro.

Eles nos encontraram na entrada. Fazia três semanas desde que Scotty estava em casa, e parecia que não o viam há anos. Eles o abraçaram. Não como um abraço de olá, mas um abraço de saudades. Você é o melhor filho do mundo.

Eles me abraçaram também, mas foi um abraço diferente. Rápido, *olá, prazer em conhecê-la,* abraço.

Quando entramos na casa, Grace disse que precisava terminar o jantar, sei que deveria ter dito a ela que ajudaria, mas eu não sabia me virar na cozinha e estava com medo de que ela cheirasse a inexperiência. Então, em vez disso, grudei no lado de Scotty como cola. Estava nervosa e me senti deslocada, ele era o mais próximo de um lar que eu poderia ter.

Eles até oraram. Scotty disse a oração. Foi tão devastador para mim estar sentada em uma mesa de jantar, ouvindo um cara agradecer a Deus por sua refeição, sua família e eu. Era muito surreal manter meus olhos fechados. Eu queria absorver tudo, ver como as outras pessoas se pareciam enquanto oravam. Eu queria olhar para essa família porque era difícil entender a ideia de que se eu me casasse com Scotty, isso seria meu. Eu teria esses pais, e essa refeição seria algo que eu ajudaria a cozinhar, e eu aprenderia a agradecer a Deus pela minha comida e por Scotty. Eu queria isso. Ansiava por isso.

Normalidade.

Algo que eu desconhecia totalmente.

Eu vi Grace espiar bem no final da oração, ela me pegou olhando ao redor. Fechei os olhos imediatamente, mas naquele momento Scotty disse: "Amém", e todos pegaram seus garfos, e Grace já tinha uma opinião sobre mim, eu estava muito assustada e muito jovem para saber como mudar isso.





Parecia dificil para eles olharem para mim durante o jantar. Eu não deveria ter vestido a camisa que usava. Era um corte baixo. A favorita de Scotty. Passei a refeição inteira debruçada sobre o prato, envergonhada de mim e de todas as coisas que não era.

Depois do jantar, Scotty e eu nos sentamos na varanda dos fundos. Seus pais foram para a cama e, assim que a luz do quarto se apagou, dei um suspiro de alívio. Senti como se estivesse sendo avaliada.

"Segure isso", Scotty disse, entregando-me seu cigarro. "Eu tenho que fazer xixi." Ele fumava de vez em quando. Eu não me importava, mas eu não fumava. Estava escuro lá fora, e ele deu a volta para o lado da casa. Eu estava de pé na varanda dos fundos, encostada no parapeito, quando sua mãe apareceu na porta dos fundos.

Eu me endireitei e tentei esconder o cigarro atrás das costas, mas ela já tinha visto. Ela se afastou e voltou com um copo vermelho um momento depois.

"Use isso para suas cinzas", disse, entregando-me pela porta dos fundos. "Nós não temos um cinzeiro. Nenhum de nós fuma."

Fiquei mortificada, mas tudo o que consegui dizer foi "obrigada", e então peguei o copo dela. Ela fechou a porta dos fundos assim que Scotty voltou para pegar o cigarro.

"Sua mãe me odeia", eu disse, entregando-lhe o cigarro e o copo.

"Não, ela não odeia." Ele me beijou na testa. "Vocês duas serão melhores amigas algum dia." Ele deu uma última tragada no cigarro, então eu o segui de volta para dentro da casa.

Ele me carregou escada acima nas costas, mas quando vi todas as fotos dele que ladeavam a escada, eu o fiz parar em cada uma para que pudesse olhar para elas. Estavam tão felizes. A





*

forma como sua mãe olhava para ele nas fotos é a mesma que ela olha para ele quando adulto.

"Quem é a criança fofa?" Perguntei a ele. "Eles deveriam ter tido mais três de você."

"Eles tentaram", ele disse. "Aparentemente, fui um bebê milagroso. Caso contrário, eles provavelmente teriam sete ou oito."

Isso me deixou triste por Grace.

Chegamos ao seu quarto, e Scotty me jogou em sua cama. Ele disse: "Você nunca fala sobre sua família."

"Eu não tenho uma."

"E seus pais?"

"Meu pai está...em algum lugar. Ele se cansou de pagar pensão alimentícia, então fugiu. Minha mãe e eu não nos damos bem. Não falo com ela há alguns anos."

"Por que?"

"Nós simplesmente não somos compatíveis."

"O que você quer dizer?" Scotty se esparramou ao meu lado na cama. Ele parecia genuinamente curioso sobre a minha vida, e eu queria contar a verdade, mas também não queria assustálo. Ele cresceu em uma casa tão normal; eu não tinha certeza de como ele se sentiria sabendo que eu não conhecia isso.

"Eu ficava muito sozinha", eu disse. "Ela sempre garantiu que eu tivesse comida, mas me negligenciou a ponto de eu ser colocada em um orfanato duas vezes. Ambas as vezes eles me mandaram de volta para morar com ela, no entanto. É como se ela fosse uma merda, mas não uma merda o suficiente. Acho que depois de crescer e ver outras famílias, comecei a perceber que ela não era uma boa mãe. Ou até mesmo uma boa pessoa. Ficou muito dificil conviver. Era como se ela sentisse que eu era sua competição e não da sua equipe. Era exaustivo. Depois que me mudei, mantivemos





* *

contato por um tempo, mas depois ela simplesmente parou de ligar. E eu parei de ligar para ela. Não nos falamos há dois anos." Olhei para Scotty, e ele tinha o olhar mais triste em seu rosto. Ele não disse nada. Apenas escovou meu cabelo para trás e ficou quieto. "Como foi ter uma *boa* família?" Perguntei a ele.

"Não tenho certeza se eu sabia o quão bom era até agora", ele respondeu.

"Sim, você sabe. Você ama seus pais. E esta casa. Eu posso dizer."

Ele sorriu gentilmente. "Não sei se consigo explicar. Mas estar aqui...é como se pudesse ser meu eu mais verdadeiro e autêntico. Posso chorar. Posso estar em mau humor, ou triste, ou feliz. Qualquer um desses humores é aceito aqui. Não sinto isso em nenhum outro lugar."

A maneira como ele descreveu me deixou triste por nunca ter tido isso. "Eu não sei como é isso", disse.

Scotty se abaixou e beijou minha mão. "Eu vou dar a você", ele disse. "Nós vamos conseguir uma casa juntos algum dia. E eu vou deixar você escolher tudo. Pode pintar como quiser. Pode trancar a porta e só deixar entrar as pessoas que quiser. Será o lugar mais confortável que você já viveu."

Eu sorri. "Isso soa como o céu."

Ele me beijou então. Fez amor comigo. E por mais quieta que eu tentasse ficar, a casa estava ainda mais silenciosa.

Na manhã seguinte, quando estávamos saindo, a mãe de Scotty não conseguia me olhar nos olhos. Seu constrangimento se infiltrou em mim, e eu soube com certeza naquele momento que ela não gostava de mim.





Quando estávamos saindo de sua garagem, pressionei minha testa contra a janela do passageiro do carro de Scotty. "Isso foi mortificante. Acho que sua mãe nos ouviu ontem à noite. Você viu como ela estava tensa?"

"É chocante para ela", Scotty disse. "Ela é minha mãe. Não pode me imaginar transando com *qualquer* garota; não tem nada a ver com você em particular."

Eu caí para trás contra o assento e suspirei. "Gostei do seu pai."

Scotty riu. "Você vai amar minha mãe também. Da próxima vez que os visitarmos, vou me certificar de foder você *antes de* chegarmos aqui, para que ela possa fingir que não faço coisas assim."

"E talvez pare de fumar."

Scotty agarrou minha mão. "Eu posso fazer isso. Da próxima vez, ela vai te amar tanto, vai ficar pressionando por um casamento e netos."

"Sim", eu disse melancolicamente. "Pode ser." Mas duvidei.

Garotas como eu simplesmente não pareciam se encaixar em *nenhuma* família.







CAPÍTULO VINTE

LEDGER

Faz três dias desde que ela esteve no bar, e três dias desde a última vez que estive no supermercado. Eu disse a mim mesmo que não ia voltar aqui. Decidi que começaria a fazer compras no Walmart novamente, mas depois de jantar com Diem ontem à noite, passei a noite inteira pensando em Kenna.

Desde que ela voltou para a cidade, percebi que quanto mais tempo passo com Diem, mais curioso fico sobre Kenna.

Eu comparo os maneirismos de Diem com os dela, agora que tenho algo para compará-los. Até a personalidade de Diem parece fazer mais sentido agora. Scotty era direto. Concreto. Ele não era muito criativo, mas eu via isso como uma boa qualidade. Ele queria saber como as coisas funcionavam, e queria saber por quê. Ele não perdia tempo com nada que não fosse baseado na ciência.

Diem é o oposto disso, e eu nunca me perguntei se ela herdou isso de sua mãe até agora. Kenna é concreta como Scotty era, ou gosta de usar sua imaginação? Ela é artística? Tem sonhos além de se reunir com sua filha?

Mais importante, ela é boa?

Scotty era bom. Sempre achei que Kenna não era por causa daquela noite. Essa causa e efeito. Aquela escolha terrível que ela fez.

Mas e se estivéssemos apenas procurando alguém para culpar porque estávamos todos sofrendo tanto?





* *

Nunca me ocorreu que Kenna pudesse estar sofrendo tanto quanto nós.

Tenho tantas perguntas para ela. Perguntas para as quais não deveria querer respostas, mas preciso saber mais sobre aquela noite e mais sobre as intenções dela. Tenho a sensação de que ela não vai sair da cidade sem lutar, e por mais que Patrick e Grace queiram varrer isso para debaixo do tapete, não é algo que vá embora.

Talvez seja por isso que estou aqui, sentado na minha caminhonete, observando-a carregar mantimentos nos carros. Eu não tenho certeza se ela percebeu que estou espreitando no estacionamento por meia hora. Ela provavelmente percebeu. Minha caminhonete não necessariamente se mistura com o ambiente.

Há uma batida na minha janela que me faz pular. Meus olhos encontram os de Grace. Ela está segurando Diem em seu quadril, então abro minha porta.

"O que você está fazendo aqui?"

Grace me lança um olhar confuso. Tenho certeza de que ela esperava que minha resposta fosse mais animada do que preocupada. "Estamos pegando mantimentos. Nós vimos sua caminhonete."

"Eu quero ir com você", Diem diz. Ela estende a mão para mim, deslizo para fora da caminhonete enquanto a tiro dos braços de Grace. Eu imediatamente examino o estacionamento para ter certeza de que Kenna não está do lado de fora.

"Você precisa sair", digo para Grace. Ela estacionou na fila à minha frente, então ando em direção ao carro dela.

"O que está errado?" Grace pergunta.

Eu a encaro e me certifico de escolher minhas palavras com cuidado. "Ela trabalha aqui."





* *

Há confusão no rosto de Grace antes que a percepção chegue. Assim que ela entende a quem estou me referindo, a cor começa a escorrer de suas bochechas. "O que?"

"Ela está de plantão agora. Você precisa tirar Diem daqui."

"Mas eu quero ir com *você*", Diem diz.

"Eu vou buscá-la mais tarde", digo, segurando a maçaneta da porta. O carro de Grace está trancado. Espero que ela destranque, mas ela está congelada no lugar como se estivesse em transe. "Grace!"

Ela rapidamente volta a se concentrar e então começa a vasculhar sua bolsa em busca de suas chaves.

É quando vejo Kenna.

É quando Kenna me vê.

"Depressa", digo, minha voz baixa.

As mãos de Grace estão tremendo quando ela começa a clicar em seu chaveiro.

Kenna para de andar. Está parada no meio do estacionamento, olhando para nós. Quando ela percebe o que está vendo, que sua filha está a poucos metros dela, ela abandona o carrinho de compras do seu cliente e começa a se dirigir em nossa direção.

Grace abre as portas, então abro a porta traseira e coloco Diem em seu assento elevatório. Não sei por que sinto que estou correndo contra o tempo. Não é como se Kenna pudesse levá-la com nós dois aqui. Só não quero que Grace tenha que enfrentá-la. Não na frente de Diem.

Este também não é o momento ou o lugar para Kenna conhecer sua filha pela primeira vez. Seria muito caótico. Isso assustaria Diem.







"Espere!" Eu ouço Kenna gritar.

Diem nem sequer está afivelada quando digo "Vá" e fecho a porta.

Grace dá a ré no carro e sai da vaga assim que Kenna nos alcança. Kenna passa por mim e corre atrás do carro, por mais que eu queira agarrá-la e puxá-la de volta, mantenho minhas mãos longe dela porque ainda sinto remorso por puxá-la para longe da porta da frente.

Kenna chega perto o suficiente de seu carro para bater na traseira dele e implorar: "Espere! Grace, espere! Por favor!"

Grace não espera. Ela vai embora, é doloroso ver Kenna debater sobre correr atrás do carro. Quando ela finalmente percebe que não vai detê-las, ela se vira e olha para mim. Lágrimas estão escorrendo por suas bochechas.

Ela cobre a boca com as mãos e começa a soluçar.

É conflitante, ser grato por ela não ter chegado a tempo, mas também ter o coração partido por ela não ter chegado a tempo. Quero que Kenna conheça sua filha, mas não quero que Diem conheça sua mãe, mesmo que sejam a mesma coisa.

Eu me sinto como o monstro de Kenna e protetor de Diem.

Kenna parece que está prestes a desmaiar de agonia. Ela não está em condições de terminar seu turno. Aponto para a minha caminhonete. "Eu vou te dar uma carona para casa. Qual é o nome da sua chefe? Vou avisá-la que você não está se sentindo bem."

Ela enxuga os olhos com as mãos e diz: "Amy", enquanto caminha derrotada em direção à minha caminhonete.

Acho que conheço a Amy a quem ela se refere. Já a vi na loja antes.

O carrinho que Kenna abandonou ainda está no mesmo lugar. A senhora idosa para quem Kenna estava indo levar





* *

compras está parada ao lado do carro, olhando para Kenna enquanto ela sobe na minha caminhonete. Ela provavelmente está se perguntando o que diabos foi toda aquela comoção.

Corro até o carrinho e o empurro para a mulher. "Desculpe por isso."

A mulher assente e abre o porta-malas. "Espero que ela esteja bem."

"Ela está." Coloco as compras em seu carro e depois devolvo o carrinho para o supermercado. Vou até o balcão de atendimento ao cliente e encontro Amy atrás do balcão.

Eu tento sorrir para ela, mas há muita coisa se mexendo dentro de mim para fingir um sorriso neste momento. "Kenna não está se sentindo bem", minto. "Vou dar a ela uma carona para casa. Eu só queria que soubesse."

"Ah, não. Ela está bem?"

"Ela vai ficar. Você sabe se ela tem alguma coisa que eu preciso pegar para ela? Como uma bolsa?"

Amy assente. "Sim, ela usa o armário doze na sala de descanso." Ela aponta para uma porta atrás do balcão de atendimento ao cliente.

Dou a volta na mesa e atravesso a porta da sala de descanso. A garota do condomínio de Kenna está sentada à mesa. Ela olha para mim, e juro que ela faz uma careta. "O que você está fazendo na nossa sala de descanso, idiota?"

Eu não tento me defender. Ela está decidida sobre mim, e neste ponto, concordo com ela. Abro o armário doze e vou pegar a bolsa de Kenna. É mais como uma sacola, e a parte superior está bem aberta, então vejo uma pilha grossa de páginas enfiadas dentro.

Parece um manuscrito.





X

Digo a mim mesmo para não olhar, mas meus olhos involuntariamente pousam na primeira linha da primeira página.

Caro Scotty

Quero ler mais, mas fecho a bolsa e respeito a privacidade dela. Saio da sala de descanso e digo para a garota: "Kenna está doente. Vou levá-la para casa, mas você acha que pode dar uma olhada nela esta noite?"

Os olhos da garota estão focados em mim. Ela finalmente assente. "Ok, idiota."

Eu quero rir, mas há muitas coisas suprimindo essa risada agora.

Quando volto para Amy, ela diz: "Avise-a que eu a dispensei e me ligue se ela precisar de alguma coisa."

Ela não tem telefone, mas aceno. "Eu irei. Obrigado, Amy."

Quando chego à caminhonete, Kenna está encolhida no banco do passageiro, de frente para a janela. Ela se encolhe quando abro a porta. Coloco a sacola entre nós, e ela a puxa para o lado. Ela ainda está chorando, mas não diz nada para mim, então não digo nada para ela. Eu nem saberia o que dizer. Eu sinto muito? Você está bem? Sou um idiota?

Saio do estacionamento e não percorro nem 800 metros pela estrada quando Kenna murmura algo que soa como "Encoste."

Olho para ela, mas ela está olhando pela janela. Quando não coloco meu pisca-pisca, ela repete. "Estacione." Sua voz é exigente agora.

"Você estará em casa em dois minutos."

Ela chuta meu painel. "Estacione!"





* *

Eu não digo mais nada. Faço o que ela diz. Ligo o pisca-alerta e encosto.

Ela pega sua bolsa, sai da caminhonete e bate a porta. Começa a andar na direção do seu apartamento. Quando fica vários metros na frente da minha caminhonete, coloco-a em movimento e me movo ao longo do acostamento, abaixando minha janela.

"Kenna. Volte para a caminhonete."

Ela continua andando. "Você disse a ela para sair! Você me viu chegando e disse para ela ir embora! Por que continua *fazendo* isso comigo?" Eu continuo dirigindo no ritmo que ela está andando até que ela finalmente se vira e me encara pela janela. "Por que?" Ela exige.

Pressiono os freios até que estejamos quites. Minhas mãos estão começando a tremer. Talvez seja a adrenalina, talvez seja a culpa.

Talvez seja a raiva.

Estaciono minha caminhonete porque ela parece estar pronta para lidar com isso. "Você realmente acha que pode confrontar Grace no estacionamento de uma *mercearia*?"

"Bem, eu tentei fazer isso na casa deles, mas nós dois sabemos como acabou."

Balanço minha cabeça. A localização não é o que estou me referindo.

Não sei a que me refiro. Eu trabalho para reunir meus pensamentos. Estou confuso porque acho que ela pode estar certa. Ela tentou abordá-los pacificamente na primeira vez, e eu a impedi também.

"Eles não estão fortes o suficiente para o que quer que você esteja aqui, mesmo que não esteja aqui para tirá-la deles. Eles não





* *

estão fortes o suficiente para compartilhá-la com você. Eles deram a Diem uma boa vida, Kenna. Ela está feliz e segura. Isso não é suficiente?"

Kenna parece que está prendendo a respiração, mas seu peito está arfando. Ela me encara por um momento e então caminha em direção à traseira da caminhonete para que eu não possa ver seu rosto. Ela fica parada por um tempo, mas então anda na grama ao lado da estrada e simplesmente se senta. Ela levanta os joelhos e os abraça enquanto olha para um campo vazio.

Eu não sei o que ela está fazendo, ou se precisa de tempo para pensar. Dou-lhe alguns minutos sozinha, mas ela não se move ou se levanta, então finalmente saio da caminhonete.

Quando a alcanço, não digo nada. Eu calmamente me sento ao lado dela.

O trânsito e o mundo continuam a se mover atrás de nós, mas à nossa frente há um grande campo aberto, então nós dois olhamos para a frente e não um para o outro.

Ela finalmente olha para baixo e puxa uma pequena flor amarela da grama. Ela a rola em seus dedos, e eu me vejo olhando para ela agora. Ela inala uma respiração lenta, mas não olha para mim quando a solta e começa a falar.

"Outras mães me disseram como seria", ela diz. "Elas me disseram que me levariam ao hospital para dar à luz e que eu ficaria dois dias com ela. Dois dias inteiros, só eu e ela." Uma lágrima cai por sua bochecha. "Eu não posso te dizer o quanto ansiava por aqueles dois dias. Era a única coisa que eu tinha que esperar. Mas ela nasceu cedo...não sei se você sabe disso, ela foi prematura. Seis semanas. Seus pulmões estavam..." Kenna solta um suspiro. "Logo depois que dei à luz, eles tiveram que transferila para a UTIN de outro hospital. Passei meus dois dias sozinha em uma sala de recuperação com um guarda armado me vigiando. E quando meus dois dias terminaram, eles me mandaram de volta







para a prisão. Eu nunca consegui segurá-la. Nunca consegui olhar nos olhos do humano que Scotty e eu fizemos."

"Kenna...."

"Não. Tudo o que você está prestes a dizer, não. Confie em mim, eu estaria mentindo se dissesse que não vim aqui com a esperança ridícula de ser bem-vinda em sua vida e até mesmo receber algum tipo de papel. Mas eu também sei que ela está onde ela pertence, então ficaria grata por qualquer coisa. Ficaria muito grata por finalmente poder *olhar* para ela, mesmo que isso fosse tudo que eu pudesse fazer. Se você ou os pais de Scotty acham que mereço isso ou não."

Fecho meus olhos porque sua voz é dolorosa o suficiente. Olhar para ela e ver a agonia em seu rosto quando ela fala torna tudo muito pior.

"Sou muito grata a eles", ela diz. "Você não tem ideia. Durante todo o tempo em que estive grávida, nunca tive que me preocupar com que tipo de pessoas a criariam. Eles eram as mesmas duas pessoas que criaram Scotty, e ele era perfeito." Ela fica quieta por alguns segundos, então abro meus olhos. Ela está olhando diretamente para mim quando balança a cabeça e diz: "Eu não sou uma pessoa ruim, Ledger." Sua voz está cheia de tanto arrependimento. "Não estou aqui porque acho que a mereço. Eu só queria *vê-la*. Isso é tudo. É *isso*." Ela usa a camisa para secar os olhos e então diz: "Às vezes me pergunto o que Scotty pensaria se pudesse nos ver. Isso me faz esperar que uma vida após a morte não exista, porque se existir, Scotty é provavelmente a única pessoa triste no céu."

Essas palavras me atingem no estômago, porque estou com medo de que ela possa estar certa. É meu maior medo desde que ela voltou e comecei a vê-la como a mulher por quem Scotty estava apaixonado, em vez da mulher que o deixou para morrer.





* *

Eu me levanto e deixo Kenna sozinha na grama. Eu ando até minha caminhonete e abro meu console. Pego meu telefone e o levo de volta para onde Kenna está sentada.

Sento ao lado dela novamente e abro meu aplicativo de fotos e abro a pasta onde guardo todos os vídeos que fiz de Diem. Pego a mais recente que tirei dela no jantar ontem à noite, aperto o play e entrego o telefone para Kenna.

Eu nunca poderia imaginar como seria para uma mãe colocar os olhos em sua filha pela primeira vez. A visão de Diem na tela rouba a respiração de Kenna. Ela tapa a boca com a mão e começa a chorar. Ela chora tanto que tem que colocar o telefone nas pernas para poder usar a camisa para limpar os olhos das lágrimas.

Kenna se torna uma pessoa diferente bem na frente dos meus olhos. É como se eu estivesse testemunhando ela se tornar mãe. Pode ser a coisa mais linda que já vi.

Eu me sinto como um monstro do caralho por não ajudá-la a experimentar este momento mais cedo.

Desculpe, Scotty.

Ela assistiu a quatro vídeos enquanto estava sentada na grama na beira da estrada. Ela chorou o tempo todo, mas também sorriu muito. E ela ria toda vez que Diem falava.

Eu a deixei segurar meu telefone e continuei a assistir mais deles enquanto eu a levava para casa.

Eu a acompanhei até o apartamento dela, porque teria me sentido muito mal tirando meu telefone dela, então ela está assistindo vídeos por quase uma hora inteira. Suas emoções estão por toda parte. Ela está rindo, está chorando, está feliz, está triste.

Não tenho ideia de como vou recuperar meu telefone. Eu não sei se quero.





* *

Estou no apartamento dela há tanto tempo que a gatinha de Kenna agora está dormindo no meu colo. Estou em uma ponta do sofá e Kenna na outra, e só estou vendo ela assistir os vídeos de Diem, cheio de orgulho como um pai, porque eu sei que Diem é saudável e articulada, engraçada e feliz, é bom ver Kenna perceber todas essas coisas sobre sua filha.

Mas, ao mesmo tempo, sinto que estou traindo duas das pessoas mais importantes da minha vida. Se Patrick e Grace soubessem que estou aqui agora, mostrando a Kenna vídeos da criança que eles criaram, provavelmente nunca mais falariam comigo. Eu não os culparia.

Simplesmente não há como navegar essa situação de uma maneira que não sinta que estou traindo *alguém*. Estou traindo Kenna mantendo Diem longe dela. Estou traindo Patrick e Grace dando a Kenna um vislumbre de Diem. Estou até traindo Scotty, embora ainda não saiba como. Ainda estou tentando descobrir de onde vêm esses sentimentos de culpa.

"Ela está tão feliz", Kenna diz.

Concordo. "Ela está. Está muito feliz."

Kenna olha para mim, enxugando os olhos com um guardanapo amassado que entreguei a ela na caminhonete. "Ela alguma vez pergunta sobre mim?"

"Não especificamente, mas ela está começando a se perguntar de onde veio. No fim de semana passado, ela perguntou se cresceu em uma árvore ou em um ovo."

Kenna sorri.

"Ela ainda é jovem o suficiente para não entender a dinâmica familiar. Ela tem eu, Patrick e Grace, então agora, não sei se ela realmente sente que falta alguém. Não sei se é isso que você quer ouvir. É apenas a verdade."





Kenna balança a cabeça. "Está bem. Na verdade, me faz sentir bem que ela ainda não saiba que estou faltando em sua vida." Ela assiste a outro vídeo e então relutantemente me entrega o telefone. Ela se levanta do sofá para caminhar até o banheiro. "Por favor, não vá embora ainda."

Concordo com a cabeça, assegurando-lhe que não vou a lugar nenhum. Quando ela fecha a porta do banheiro, movo a gatinha de Kenna e me levanto. Preciso de algo para beber. As últimas horas, de alguma forma, me fizeram sentir desidratado, embora Kenna seja quem esteve chorando.

Abro a geladeira de Kenna, mas está vazia. Completamente vazia. Abro o freezer e está vazio também.

Quando ela sai do banheiro, estou olhando seus armários vazios. Eles são tão estéreis quanto o apartamento dela.

"Ainda não tenho nada. Sinto muito." Ela parece envergonhada quando diz isso. "É apenas...levou tudo o que eu tinha para me mudar para cá. Eu serei paga em breve, e pretendo me mudar eventualmente, para um lugar melhor, vou comprar um telefone e..."

Levanto a mão quando percebo que ela pensa que estou julgando sua capacidade de se sustentar. Ou talvez para Diem. "Kenna, está tudo bem. Admiro a determinação que te trouxe até aqui, mas você precisa comer." Deslizo meu telefone no bolso e vou em direção à porta. "Vamos. Vou te pagar o jantar."







CAPÍTULO VINTE E UM

KENNA

Diem se parece comigo. Temos o mesmo cabelo, os mesmos olhos. Ela ainda tem os mesmos dedos finos que eu tenho.

Fiquei feliz em ver que ela tem a risada e o sorriso de Scotty. Assistir aos vídeos dela foi como um curso de atualização na história de Scotty. Faz tanto tempo, e eu não tinha fotos dele na prisão, então estava começando a esquecer como ele era. Mas eu o vi nela, sou grata por isso.

Sou grata por saber que, quando Patrick e Grace olham para Diem, ainda conseguem ver algo parecido com o próprio filho. Eu sempre me preocupei que se ela se parecesse muito comigo, poderiam não ver vestígios dele.

Achei que me sentiria diferente depois de finalmente vêla. Esperava que houvesse uma sensação de fechamento dentro de mim, mas é quase como se alguém tivesse aberto a ferida. Achei que vê-la feliz me deixaria mais feliz, mas de certa forma me deixou ainda mais triste, de uma forma completamente egoísta.

Não é tão dificil amar um filho que você deu à luz, mesmo que nunca tenha posto os olhos nele. Mas é extremamente dificil finalmente ver como se parecem e soam e são, e então espera-se que simplesmente se afastem disso.

Mas isso é exatamente o que todos eles esperam que eu faça. É o que *querem que* eu faça.

Esse pensamento faz meu estômago parecer cheio de cordas apertadas e atadas, e elas estão todas prestes a quebrar.





* *

Ledger estava certo, eu precisava de comida. Mas agora que estou sentada aqui com comida, tudo o que posso fazer é pensar nas últimas duas horas, e não sei se posso comer. Estou enjoada, cheia de adrenalina, emocionada, exausta.

Ledger passou por um drive-through e pediu hambúrgueres para nós. Estamos sentados em sua caminhonete no estacionamento de um parque, comendo nossa comida.

Eu sei por que ele não quis me levar a nenhum lugar público. Ele ser visto comigo provavelmente não cairia bem com os avós de Diem. Não que eu conheça um monte de gente nesta cidade, mas conhecia gente suficiente naquela época para poder ser reconhecida.

Se já não fui. Eu tinha alguns colegas de trabalho na época e, embora nunca conheci Ledger, conheci um punhado de outros amigos de Scotty. E como é uma cidade pequena, posso ser reconhecida por qualquer um que fosse intrometido o suficiente para passar minha foto de identificação.

As pessoas adoram um bom boato, e se há alguma coisa em que sou boa, é ser fonte de fofoca.

Eu não culpo ninguém além de mim mesma. Tudo seria diferente se eu não tivesse entrado em pânico naquela noite. Mas eu entrei, e essas são as consequências, aceitei isso. Passei os primeiros dois anos da minha sentença repetindo todas as decisões que tomei, desejando poder voltar e ter uma segunda chance.

Ivy me disse uma vez: "O arrependimento mantém você presa na pausa. Assim como a prisão. Quando você sair daqui, certifiquese de apertar o play para não se esquecer de seguir em frente."

Estou com medo de seguir em frente, no entanto. E se a única maneira de seguir em frente for sem Diem?





"Posso te fazer uma pergunta?" Ledger diz. Olho para ele, e ele já terminou sua comida. Eu nem dei três mordidas no meu hambúrguer.

Ledger é bonito, mas não do jeito que Scotty era. Scotty era mais o garoto da porta ao lado. Ledger não é o garoto da casa ao lado. Ledger parece o cara que pode bater no vizinho. Ele é grosseiro, e o fato de ser dono de um bar não acalma essa imagem.

Ele não soa exatamente do jeito que parece quando abre a boca, isso é o mais importante.

"O que acontecerá se eles não deixarem você conhecê-la?" Ele pergunta.

Eu definitivamente não estou com fome agora. Só de pensar nisso é nauseante. Dou de ombros. "Acho que vou me mudar. Não quero que eles sintam que sou uma ameaça." Eu me forço a comer uma batata frita, só porque não sei mais o que dizer.

Ledger toma um gole do seu chá. A caminhonete está silenciosa. Parece que pode haver um pedido de desculpas pairando no ar entre nós, mas não tenho certeza a quem ele pertence.

Ledger afirma isso quando se mexe na cadeira e diz: "Sinto que devo desculpas a você por impedi-la de..."

"Está tudo bem", digo, cortando-o. "Você estava fazendo o que achava que precisava fazer para proteger Diem. Tão louca quanto eu sou, para o meu próprio bem...estou feliz que Diem tenha pessoas em sua vida que a protegem tão ferozmente."

Ele está olhando para mim com a cabeça ligeiramente inclinada. Processa minha resposta, guardando-a em algum lugar sem me dar nenhuma pista do que está pensando. Ele cutuca a cabeça em direção à minha comida não consumida. "Você não está com fome?"





* *

"Acho que estou muito nervosa para comer agora. Vou levar para casa." Coloco meu hambúrguer de volta no saco, junto com o resto das minhas batatas fritas. Dobro o saco e coloco no assento entre nós. "Posso te fazer *uma* pergunta?"

"Claro."

Inclino minha cabeça contra o assento e estudo seu rosto. "Você me odeia?" Estou surpresa quando a pergunta sai da minha boca, mas preciso saber onde está a cabeça dele. Às vezes, como quando estávamos na casa dele, parecia que ele me odiava tanto quanto os pais de Scotty.

Mas então, às vezes, como agora, ele olha para mim como se pudesse simpatizar com a minha situação. Preciso saber quem são meus inimigos, e preciso saber se há alguém no meu time. Se só tenho inimigos, o que ainda estou fazendo aqui?

Ledger se inclina para a porta do lado do motorista, apoiando o cotovelo no parapeito da janela. Ele olha para frente e esfrega o queixo. "Eu formei uma opinião sobre você na minha cabeça depois da morte de Scotty. Todos esses anos, é como se você fosse uma pessoa aleatória online, alguém sobre quem eu poderia fazer fortes julgamentos e culpar sem realmente ter que saber. Mas agora que estamos cara a cara...não sei se quero dizer a você todas as coisas que sempre quis dizer."

"Mas você ainda as sente?"

Ele balança a cabeça. "Eu não sei, Kenna." Ele se mexe na cadeira para que sua atenção seja mais direcionada para mim. "Naquela primeira noite em que entrou no meu bar, pensei que você era a garota mais intrigante que já conheci. Mas então, quando te vi no dia seguinte na frente da casa de Patrick e Grace, pensei que era a pessoa mais nojenta que já conheci."

Sua honestidade enche meu peito de vergonha. "E hoje à noite?" Pergunto baixinho.





X

Ele me olha nos olhos. "Esta noite...estou começando a me perguntar se você é a garota mais triste que já conheci."

Sorrio o que é provavelmente o sorriso mais doloroso, simplesmente porque não quero chorar. "Tudo o que precede."

Seu sorriso é quase tão doloroso. "Eu estava com medo disso." Há uma pergunta em seus olhos. Muitas perguntas. Tantas perguntas, tenho que desviar o olhar do seu rosto para evitá-las.

Ledger recolhe seu lixo e sai da caminhonete e o leva até uma lata de lixo. Ele fica do lado de fora de sua caminhonete por um momento. Quando reaparece na porta do lado do motorista, ele não entra. Apenas agarra o topo da caminhonete e me encara. "O que acontecei se tiver que se mudar? Quais são seus planos? Seu próximo passo?"

"Eu não sei", digo com um suspiro. "Não pensei tão à frente. Estou com muito medo de deixar de lado a esperança de que eles mudem de ideia." Está começando a parecer a direção que isso está indo, no entanto. E Ledger de todas as pessoas sabe onde estão suas cabeças. "Você acha que eles vão me dar uma chance?"

Ledger não responde. Ele não balança a cabeça ou acena. Simplesmente ignora completamente a pergunta e entra em sua caminhonete e sai do estacionamento.

Deixar-me sem uma resposta ainda é uma resposta.

Penso nisso durante todo o caminho para casa. Quando *eu vou* cortar minhas perdas? Quando aceitarei que talvez minha vida não se cruze com a de Diem?

Minha garganta está seca e meu coração vazio quando voltamos para o estacionamento do meu apartamento. Ledger sai da caminhonete e dá a volta para abrir minha porta. Ele apenas fica lá, no entanto. Parece que quer dizer alguma coisa, do jeito que se move em seus pés. Ele cruza os braços sobre o peito e olha para o chão.





* >

"Não foi uma boa situação, sabe. Para seus pais, para o juiz, para todos naquele tribunal...você simplesmente parecia tão..." Ele não consegue terminar a frase.

"Eu parecia...?"

Seus olhos se conectam com os meus. "Sem remorso."

Essa palavra me tira o fôlego. Como alguém poderia pensar que eu não tinha remorso? Estava absolutamente devastada.

Sinto que estou prestes a começar a chorar de novo, e já chorei o suficiente hoje. Só preciso sair da caminhonete dele. Pego minha bolsa e minha comida para viagem, e Ledger dá um passo para o lado para que eu possa sair de sua caminhonete. Quando meus pés estão no chão, começo a andar porque estou tentando recuperar o fôlego, não consigo e não sei como responder ao que ele acabou de dizer.

É por isso que eles se recusam a me deixar ver minha filha? Acham que eu não me *importei*?

Posso ouvir seus passos me seguindo, mas isso me força a andar ainda mais rápido até que subo as escadas e entre no meu apartamento. coloco minhas coisas no balcão, e Ledger está parado na porta do meu apartamento.

Agarro a borda do balcão ao lado da pia e processo o que ele acabou de dizer. Então o encaro com a distância da sala entre nós. "Scotty foi a melhor coisa que já me aconteceu. Eu não estava sem remorso. Estava devastada demais para falar. Meus advogados me disseram que eu precisava escrever uma declaração de alocução, mas não conseguia dormir há semanas. Não consegui tirar uma única palavra do papel. Meu cérebro, era..." Pressiono a mão no meu peito. "Fiquei arrasada, Ledger. Você tem que acreditar nisso. Destruída demais para sequer me defender, ou me importar com o que aconteceria com a minha vida. Eu não estava sem emoção, estava destruída."





X

E acontece novamente. As lágrimas. Estou tão farta das malditas lágrimas. Eu me afasto dele porque tenho certeza que ele está cansado delas também.

Eu ouço minha porta fechar. *Ele saiu?* Eu me viro, mas Ledger está dentro do meu apartamento. Está andando lentamente em minha direção, então se inclina contra o balcão ao meu lado. Ele cruza os braços sobre o peito, cruza as pernas na altura dos tornozelos e então apenas olha para o chão em silêncio por um momento. Pego o guardanapo do balcão que estava usando antes.

Ledger me olha. "A quem isso beneficiaria?" Ele pergunta.

Aguardo mais esclarecimentos, pois não sei o que ele está me perguntando.

"Não beneficiaria Patrick ou Grace ter que dividir a custódia de Diem com você. Isso traria um nível de estresse para suas vidas que não tenho certeza se podem lidar emocionalmente. E Diem...isso a beneficiaria? Porque agora, ela não tem ideia de que alguém está faltando em sua vida. Ela tem duas pessoas que já considera seus pais, e toda *a* família deles que a ama. Ela também me tem. E se receber sua visita, sim, isso pode significar algo para ela quando for mais velha. Mas agora...e não estou sendo maldoso, Kenna...mas você mudaria a existência pacífica que eles trabalharam tanto para construir desde que Scotty morreu. O estresse que sua presença traria para Patrick e Grace seria sentido por Diem, não importa o quanto tentassem esconder isso dela. Assim...quem se beneficiaria com sua presença na vida de Diem? Além de você?"

Posso sentir meu peito apertando com suas palavras. Não porque estou com raiva dele por dizê-las, mas porque estou com medo de que ele esteja certo.

E se ela estiver melhor sem mim em sua vida? E se minha presença for apenas uma intrusão?





* *

Ele conhece Patrick e Grace melhor do que ninguém, e se ele diz que minha presença vai mudar a boa dinâmica que eles construíram, quem sou eu para discutir isso?

Eu já temia tudo o que ele acabou de dizer, mas é doloroso e embaraçoso ouvir as palavras realmente vindo dele. Ele está certo, no entanto. Minha presença aqui é egoísta. Ele sabe disso. *Eles* sabem disso.

Não estou aqui para preencher um vazio na vida da minha filha. Estou aqui para preencher um vazio na *minha*.

Pisco para conter as lágrimas e solto um suspiro calmante. "Eu sei que não deveria ter voltado aqui. Você tem razão. Mas não posso simplesmente levantar e ir embora. Levou tudo que eu tinha para chegar aqui, e agora estou presa. Não tenho para onde ir e não tenho dinheiro para chegar lá porque o supermercado é apenas meio período."

A empatia volta ao seu rosto, mas ele está quieto.

"Se eles não me querem aqui, vou embora. Vai levar tempo porque não tenho dinheiro, todos os negócios nesta cidade me rejeitaram por causa do meu passado."

Ledger empurra o balcão. Ele coloca as mãos atrás da cabeça e dá alguns passos. Não quero que ele pense que estou pedindo dinheiro. Esse seria o resultado mais mortificante desta conversa.

Mas se ele me oferecer dinheiro, não tenho certeza se recusaria. Se eles querem que eu vá embora o suficiente para pagar pela minha saída, vou cortar minhas malditas perdas e ir embora.

"Posso lhe dar oito horas nas noites de sexta e sábado." Ele parece se arrepender da oferta assim que ela sai de sua boca. "É apenas trabalho de cozinha. Principalmente pratos. Mas você tem que ficar na parte de trás do bar. Ninguém pode saber que trabalha lá. Se os Landry descobrirem que estou te ajudando..."





* *

Percebo que ele está me oferecendo esta oportunidade para me tirar da cidade mais rápido. Ele não está me fazendo um favor; está fazendo um favor a Patrick e Grace. Tento não pensar nos *porquês*, no entanto. "Eu não vou contar a ninguém", digo rapidamente. "Juro."

O olhar hesitante no rosto de Ledger transmite seu arrependimento. Parece que ele está prestes a dizer *não importa*, então eu me apresso e cuspo um *obrigada* antes que ele possa voltar atrás. "Eu saio do trabalho às quatro horas de sexta e sábado. Posso estar lá às quatro e meia."

Ele acena com a cabeça e depois diz: "Entre pela porta dos fundos. E se alguém perguntar, diga que seu nome é Nicole. É o que direi aos outros funcionários."

"OK."

Ele balança a cabeça como se tivesse cometido o maior erro de sua vida, então se dirige para a porta da frente. "Boa noite", mas sua voz é cortada quando diz isso. Então ele fecha a porta atrás dele.

Ivy está se esfregando em meus tornozelos, então me abaixo e a pego no colo. Eu a trago para o meu peito e a abraço.

Ledger pode ter acabado de me oferecer um emprego para me tirar da cidade, mas me sento no sofá com um sorriso, porque pude ver o rosto da minha filha hoje. Por mais deprimente que tenha sido o resto do dia, finalmente consegui um pedaço de algo pelo qual tenho orado há cinco anos.

Pego meu caderno e escrevo a carta mais importante que já escrevi para Scotty.

Caro Scotty,

Ela se parece com nós dois, mas ri como você.







Ela é perfeita em todos os sentidos.

Sinto muito que você nunca a conheceu.

Amor,

Kenna







CAPÍTULO VINTE E DOIS

LEDGER

Kenna deve aparecer a qualquer minuto. Roman está de folga desde a noite em que a contratei, então não tive chance de avisálo. Mas tenho pensado em mudar de ideia sobre contratá-la desde o segundo *em que* me decidi.

Roman acabou de chegar, e Kenna disse que estaria aqui por volta das quatro e meia, então agora é provavelmente uma boa hora para falar com ele para que não seja pego de surpresa.

Estou cortando limões e laranjas para ter certeza de que temos guarnições suficientes para a noite. Roman ainda nem chegou atrás do bar quando digo: "Eu fodi tudo." Quero dizer, "eu contratei Kenna", mas sinto que ambos têm o mesmo significado.

Roman me olha desconfiado.

Não posso ter essa conversa enquanto estou cortando frutas, então largo a faca antes de cortar um dedo. "Eu contratei Kenna. Meio período, mas ninguém pode saber quem ela é. Chame-a de Nicole na frente dos outros funcionários." Pego a faca novamente porque prefiro olhar para as limas do que para a expressão que Roman está me dando agora.

"Um. Uau. Por quê?"

"É uma longa história."

Ouço suas chaves e seu telefone quando ele os deixa cair no bar e então pega um banquinho. "Ainda bem que nós dois trabalhamos até meia-noite. Comece a falar."







Ando até a beirada do bar e olho de volta para a cozinha para me certificar de que ainda estamos sozinhos. Ninguém mais chegou ainda, então dou a ele um rápido resumo do que aconteceu no estacionamento do supermercado, e como mostrei vídeos de Diem e depois a levei para comer hambúrgueres e de alguma forma acabei sentindo pena dela e ofereci a ela um trabalho para ajudála a sair da cidade.

Conto toda a história, e o tempo todo, ele fica completamente em silêncio.

"Pedi a ela para ficar na parte de trás, longe dos clientes", digo. "Não posso arriscar que Grace ou Patrick descubram que ela trabalha aqui. Não estou preocupado com eles aparecendo; eles nunca vêm aqui. Mas ainda gostaria que ela ficasse na parte de trás. Ela pode lavar a louça e ajudar Aaron."

Roman ri. "Então, você essencialmente contratou uma ajudante que pode apoiar, mas não o bar?"

"Há muito o que fazer lá atrás para mantê-la ocupada."

Ouço Roman tirar o telefone e as chaves do balcão. Logo antes de desaparecer pelas portas duplas da cozinha, ele diz: "Eu não quero ouvir mais uma palavra sobre a porra dos cupcakes nunca mais."

Ele se vai antes que eu possa apontar que ele estar obcecado com a padeira casada da rua é um pouco diferente de dar um trabalho a Kenna para tirá-la da cidade mais rápido.

As portas dos fundos se abrem alguns minutos depois, e Roman diz: "Sua nova contratação acabou de chegar."

Quando chego à cozinha, Kenna está parada na porta do beco segurando sua bolsa e seu pulso com a mão oposta. Ela parece nervosa, mas diferente. Está com brilho labial ou algo assim. Eu não sei, mas sua boca é tudo que consigo focar, então limpo minha garganta e olho para longe dela e casualmente digo: "Ei."







"Oi", ela diz.

Aponto para um armário onde os funcionários guardam suas coisas durante o turno. "Você pode colocar sua bolsa lá."

Pego um avental para ela e mantenho o mais profissional possível. "Vou dar-lhe um passeio rápido." Ela me segue em silêncio enquanto mostro a cozinha. Explico o processo de como empilhar os pratos depois que ela os lavar. Faço um breve tour pelo nosso estoque. Mostro a ela onde fica meu escritório. Eu a levo para o beco para mostrar a ela qual lixeira é a nossa.

Estamos voltando para a porta do beco quando Aaron aparece. Ele faz uma pausa quando me vê no beco com Kenna.

"Aaron, esta é Nicole. Ela vai te ajudar na cozinha."

Aaron estreita os olhos, olhando Kenna de cima a baixo. "Preciso de ajuda na cozinha?" Ele pergunta, confuso.

Olho para Kenna. "Temos um cardápio limitado de comida nos fins de semana, mas Aaron cuida de tudo. Apenas esteja disponível se ele precisar de ajuda."

Kenna acena com a cabeça e estende a mão para Aaron. "Prazer em conhecê-lo", ela diz. Aaron devolve o aperto de mão, mas ainda está me olhando com desconfiança.

Olho para ela e aponto para a porta, deixando-a saber que quero um minuto com Aaron. Kenna assente e volta para dentro. Dou meu foco para Aaron. "Ela só estará aqui algumas semanas no máximo. Ela precisava de um favor."

Aaron levanta a mão. "Chega de falar, chefe." Ele aperta meu ombro enquanto passa por mim e entra.

Mostrei a Kenna tudo o que preciso para mantê-la ocupada por uma noite. E ela tem Aaron agora. Ele vai cuidar dela.

Não quero andar pelos fundos e ter que olhar para ela de novo, então vou pela porta da frente. Razi e Roman estão cobrindo a





* *

maior parte desta noite porque tenho que sair. Eu não levei em consideração quando contratei Kenna e disse a ela para aparecer hoje à noite que eu já tinha planos e nem estaria aqui durante a maior parte de seu turno.

"Estarei de volta por volta das nove", digo a Roman. "Vou jantar com eles depois do recital."

Roman acena. "Mary Anne fez perguntas", ele diz. "Ela está querendo que contratemos seu sobrinho como ajudante. Isso não vai cair bem com ela."

"Apenas diga a Mary Anne que Kenna... *Nicole* é temporária. Isso é tudo que ela precisa saber."

Roman balança a cabeça. "Você realmente não pensou nisso, Ledger."

"Pensei bastante nisso."

"Talvez, mas pensou nisso com a porra da cabeça errada."

Eu ignoro sua observação e saio.

Diem decidiu que queria tentar uma aula de dança há alguns meses. Grace diz que é porque sua melhor amiga dança, e não é porque Diem realmente *gosta* de dançar.

Depois de ver seu recital hoje à noite, fica claro que dançar não é sua paixão. Ela estava em todo lugar. Eu nem tenho certeza se ela prestou atenção na aula de dança, porque enquanto todas as outras crianças estavam pelo menos tentando a rotina, Diem estava correndo de um lado para o outro no palco, recriando movimentos do seu filme favorito, *The Greatest Showman*.





* *

A plateia inteira estava rindo. Grace e Patrick estavam mortificados, mas tentavam não rir. A certa altura, Grace se inclinou e sussurrou: "Certifique-se de que ela nunca mais assista a esse filme."

Estava filmando, é claro.

Durante todo o tempo que eu estava filmando Diem, tinha aquela sensação subjacente de antecipação ao pensar em mostrar a Kenna. Mas os momentos de Diem não são meus para compartilhar. Preciso me lembrar disso, não importa o quão bom foi na beira da estrada ver Kenna finalmente ter um vislumbre de Diem alguns dias atrás.

Patrick e Grace legalmente tomam todas as decisões por Diem, e com razão. Se eu descobrisse que alguém próximo a mim estava compartilhando informações sobre Diem depois de saber claramente que eu pedi para não fazer isso, ficaria mais do que lívido. E eu imediatamente cortaria essa pessoa da minha vida.

Não posso arriscar com Patrick e Grace. Já estou fazendo o suficiente pelas costas apenas dando a Kenna esse trabalho.

"Acho que não quero mais dançar", Diem diz. Ela ainda está vestindo seu collant roxo, mas há queijo pingando na frente dele agora. Eu a limpo porque ela está do mesmo lado da mesa que eu.

"Você não pode parar de dançar ainda", Grace diz. "Já pagamos mais três meses."

Diem gosta de experimentar coisas novas. Eu não vejo sua disposição de desistir de todas as coisas que ela tenta como um traço de personalidade negativo. Acho que é positivo que ela queira experimentar todos os esportes que puder.

"Eu quero fazer aquela coisa com as espadas", Diem diz, balançando seu garfo para frente e para trás no ar.

"Esgrima?" Patrick pergunta. "Eles não têm aulas de esgrima nesta cidade."







"Ledger pode me ensinar", Diem diz.

"Eu não tenho espadas. E não tenho tempo. Eu já treino seu time de T-ball."

"T-ball é o inferno", Diem diz.

Engasgo com minha risada.

"Não diga isso", Grace sussurra.

"Isso é o que Roman disse", Diem retruca. "Eu tenho que ir ao banheiro."

Os banheiros estão à vista de nossos assentos, então Diem desliza para debaixo da mesa e foge para fora. Grace fica de olho nela enquanto caminha até a porta do banheiro. É um banheiro que Diem pode trancar atrás dela, que é a única razão pela qual Grace não está seguindo ela.

Grace geralmente acompanha Diem ao banheiro, mas Diem vem exigindo sua independência ultimamente. Ela faz Grace esperar do lado de fora do banheiro agora, e quando chegamos a este restaurante, sempre pedimos para sentar perto do corredor do banheiro para que Grace possa permitir que Diem tenha espaço para fazer as coisas por conta própria enquanto ainda fica de olho nela.

Quando Patrick começa a falar, posso dizer que metade da atenção de Grace ainda está na porta do banheiro. "Apresentamos uma ordem de restrição contra a mãe de Diem."

Seguro minha reação, mas é difícil. Engulo essas palavras com minha mordida de comida e depois tomo um gole de água. "Por que?"

"Queremos estar preparados para o que ela decidir fazer", Patrick diz.

"Mas o que ela tentaria fazer?" Posso dizer pelo jeito que Grace inclina a cabeça que talvez eu não devesse ter dito isso. Mas um





* *

juiz concederia uma ordem de restrição simplesmente porque ela foi libertada? Acho que seria preciso mais do que a presença de Kenna para que uma ordem de restrição fosse aprovada.

Grace diz: "Ela nos perseguiu no estacionamento do supermercado. Não me sinto segura, Ledger."

Oh. Esqueci disso, mas de alguma forma ainda sinto a necessidade de defendê-la como se fosse minha culpa estarmos todos naquela situação em primeiro lugar.

"Falamos com Grady", Patrick diz. "Ele disse que pode pedir ao juiz que agilize, e ela provavelmente será intimada esta semana."

Tenho tanto que quero dizer, mas agora não é a hora de dizer isso. Não tenho ideia de quando é a hora *certa* de dizer isso. Ou se eu ainda preciso dizer alguma coisa.

Tomo outro gole e não respondo às suas notícias. Apenas sento em silêncio, tentando não emitir vibrações de traidor. Porque é exatamente isso que sou agora. Não há maneira de contornar isso.

"Vamos mudar de assunto", Grace diz, observando Diem enquanto ela volta para a mesa. "Como está sua mãe, Ledger? Eu nem consegui falar com ela enquanto estava na cidade."

"Bem. Eles estão indo para Yellowstone, então provavelmente vão passar na cidade no caminho de volta.

Diem está subindo no colo de Grace quando ela diz: "Eu adoraria vê-la. Vamos planejar o jantar para quando eles estiverem aqui."

"Vou avisá-la."

Grace entrega uma batata frita a Diem e diz: "A data está chegando. Como você está se sentindo?"

Pisco duas vezes. Sei que ela não está se referindo a nada relacionado a Scotty, mas não tenho ideia do que ela está falando.







"Lia?" Grace diz. "O casamento cancelado?"

"Oh. Isso." Dou de ombros. "Estou bem. Ela está bem. As coisas estão melhores assim."

Grace franze a testa um pouco. Ela sempre gostou de Leah, mas acho que não conhecia muito bem a verdadeira Leah. Não que Leah seja uma pessoa ruim. Eu não teria proposto a ela se pensasse que era.

Ela simplesmente não era boa o suficiente para Diem, e se Grace souber disso, ela me agradeceria por cancelar o noivado em vez de continuar a falar sobre isso na esperança de que eu mudasse de ideia.

"Como vai a casa?" Patrick pergunta.

"Bem. Acho que faltam apenas alguns meses para tê-la pronta para morar."

"Quando você vai colocar sua casa atual à venda?"

Esse pensamento me faz afundar um centímetro mais fundo no meu assento. Colocá-la à venda será como vender um pedaço de mim, por muitas razões. "Ainda não sei."

"Não quero que você se mude", Diem diz.

Essas seis palavras me atingem bem no coração.

"Mas você vai ficar com ele em sua *nova* casa", Grace diz, tentando tranquilizá-la. "Ele não estará longe."

"Eu gosto da casa que ele tem agora", Diem diz com um beicinho. "Posso andar para lá sozinha."

Diem está olhando para as mãos dela. Quero estender a mão e puxá-la para fora do colo de Grace e abraçá-la e dizer a ela que nunca vou deixá-la, mas seria uma mentira.





Eu gostaria de ter esperado apenas seis meses antes de decidir construir aquela casa quando Diem era mais jovem. Seis meses seria tempo suficiente para saber que a garotinha que Grace e Patrick estavam criando se infiltraria na minha vida e no meu coração como se eu mesmo a tivesse feito.

"Diem vai ficar bem", Grace me tranquiliza. Ela deve estar decifrando o olhar no meu rosto agora. "São vinte minutos. Dificilmente alguma coisa vai mudar."

Olho para Diem, e ela olha para mim, juro que posso ver lágrimas em seus olhos. Mas ela os fecha e se enrola em Grace antes que eu possa ter certeza.







CAPÍTULO VINTE E TRÊS

KENNA

Eu descobri pela papelada que ele me deixou para assinar que Ledger está me pagando muito mais do que o supermercado me paga.

Por causa disso, e porque é apenas da minha natureza, tenho me esforçado a noite toda. Estou reorganizando tudo. Ninguém disse que eu precisava, mas lavo os pratos mais rápido do que eles voltam para mim, então entre os ataques de pratos sujos, tenho reorganizado as prateleiras, o estoque, todos os pratos nos armários.

Tive cinco anos de prática. Eu não contei a Ledger sobre minha experiência na cozinha, porque é sempre estranho falar sobre isso, mas eu trabalhava na cozinha quando estava fora. Uma dúzia de clientes de bar é um passeio no parque em comparação com centenas de mulheres.

Eu não tinha certeza de como seria ficar presa aqui com Aaron no começo porque ele parece intimidador, com ombros atarracados e sobrancelhas escuras e expressivas. Mas ele é um ursinho de pelúcia.

Ele disse que trabalha aqui desde que Ledger abriu as portas há vários anos.

Aaron é casado, pai de quatro filhos e trabalha em dois empregos. Manutenção na escola durante a semana, e serviço de cozinha às sextas-feiras e sábados aqui. Todos os seus filhos estão crescidos e fora de casa agora, mas ele diz que mantém esse







emprego porque economiza seu salário e ele e sua esposa gostam de tirar férias anuais para visitar a família dela no Equador.

Ele gosta de dançar enquanto trabalha, então mantém os alto-falantes ligados e grita quando fala. O que é divertido, já que geralmente fala sobre os outros funcionários. Ele me disse que Mary Anne está namorando um cara há sete anos e estão prestes a ter um segundo filho juntos, mas ela se recusa a se casar com ele porque odeia seu sobrenome. Ele divulgou que Roman é obcecado por uma mulher casada que é dona de uma padaria na rua, então está constantemente trazendo cupcakes para o trabalho.

Ele está prestes a me contar tudo sobre o outro barman, Razi, quando alguém entra pela porta da cozinha e diz: "Puta merda." Eu me viro e encontro a garçonete, Mary Anne, olhando ao redor da cozinha. "Você fez tudo isso?"

Eu concordo.

"Eu não percebi a bagunça que era até agora. Uau. Ledger ficará impressionado com sua decisão precipitada quando voltar."

Eu nem sabia que ele tinha ido embora. Não posso ver na frente, e nenhum dos bartenders voltou para a cozinha.

Mary Anne põe a mão na barriga e vai até a geladeira. Ela parece estar com cerca de cinco meses. Ela abre um pote Tupperware e pega um punhado de tomates uva. Ela coloca um na boca e diz: "Tomates são tudo que eu desejo. Molho marinara. Pizza. Ketchup." Ela me oferece um, mas balanço minha cabeça. "Tomates me dão azia, mas não consigo parar de comêlos."

"Este é o seu primeiro?" Pergunto a ela.

"Não, eu tenho um menino de dois anos. Este também é um menino. Você tem filhos?"





* *

Nunca sei responder a esta pergunta. Não surgiu muito desde que saí da prisão, mas nas poucas vezes que apareceu, costumo dizer que sim e logo mudo de assunto. Mas não quero ninguém aqui para começar a fazer perguntas, então apenas balanço a cabeça e mantenho o foco nela. "Como você vai nomear ele?"

"Ainda não tenho certeza." Ela come outro tomate e depois coloca o recipiente de volta na geladeira. "Qual a sua história?" Ela pergunta. "Você é nova por aqui? Você se casou? Está vendo alguém? Quantos anos você tem?"

Tenho respostas diferentes para cada pergunta que vem a mim, então aceno, balanço minha cabeça, e acaba parecendo que minha cabeça está balançando como uma boneca quando ela para de fazer perguntas para mim.

"Acabei de me mudar para a cidade. Tenho vinte e seis. Solteira."

Ela levanta uma sobrancelha. "Ledger sabe que você é solteira?"

"Acho que sim."

"Huh", ela diz. "Talvez isso explique."

"Explica o quê?"

Mary Anne e Aaron trocam um olhar. "Por que Ledger contratou você. Estamos nos perguntando."

"Por que ele me contratou?" Eu gostaria de saber o que ela acha que é o motivo.

"Não quero que isso pareça negativo", ela diz, "mas temos os mesmos funcionários há mais de dois anos. Ele nunca mencionou a necessidade de mais ajuda, então *minha* teoria é que ele contratou você para deixar Leah com ciúmes."

"Mary Anne." Aaron diz o nome dela como se fosse um aviso.





Ela acena para ele. "Ledger deveria se casar este mês. Ele age como se estivesse bem que o casamento foi cancelado, mas algo o tem incomodado ultimamente. Ele tem agido estranho. Então você se candidata a um emprego e ele simplesmente a contrata na hora quando nem precisamos da ajuda?" Ela encolhe os ombros. "Faz sentido. Você é linda. Ele está com o coração partido. Acho que está preenchendo um vazio."

Na verdade, não faz o menor sentido, mas tenho a sensação de que Mary Anne é do tipo curioso, e não quero dizer nada para deixá-la ainda mais curiosa sobre minha presença aqui.

"Ignore-a", Aaron diz. "Mary Anne anseia por fofocas tanto quanto anseia por tomates."

Ela ri. "É verdade. Eu gosto de falar merda. Não quero dizer nada com isso; estou entediada."

"Por que o casamento dele foi cancelado?" Pergunto a ela. Aparentemente, ela não é a única curiosa nesta cozinha.

Ela encolhe os ombros. "Eu não sei. Leah, sua ex, disse às pessoas que não eram compatíveis. Ledger não fala sobre isso. Ele é um ovo dificil de quebrar."

Roman espia pelas portas duplas, e sua presença rouba sua atenção. "Os meninos da fraternidade precisam de você, Mary Anne."

Ela revira os olhos e diz: "Ugh. Eu odeio universitários. Eles dão terríveis gorjetas."

Aaron sugere que eu faça uma pausa de cerca de três horas em meu turno, então decido passar sentada nos degraus do beco. Eu não tinha certeza se teria uma pausa, ou qual seria o meu





X

horário hoje à noite, então peguei algumas batatas fritas e uma garrafa de água antes de sair do supermercado mais cedo.

É mais silencioso no beco, mas ainda posso ouvir o baixo da música. Mary Anne voltou para conversar mais cedo e viu que eu tinha pedaços de papel-toalha presos nos ouvidos para abafar a música enquanto trabalhava. Menti e disse a ela que tenho enxaquecas facilmente, mas realmente odeio a maioria das músicas.

Cada música é um lembrete de algo ruim na minha vida, então prefiro não ouvir nenhuma música. Ela disse que tinha um par de fones de ouvido que pode trazer para mim amanhã. Até agora, a música é a única parte deste trabalho que não gosto. Isso era uma coisa boa sobre a prisão, raramente ouvia música.

Roman abre a porta dos fundos e parece momentaneamente surpreso ao me encontrar nos degraus, mas ele caminha até o outro lado do beco e vira um balde de cabeça para baixo. Ele se senta e estica a perna, pressionando o joelho. "Como está sua primeira noite?" Ele pergunta.

"Boa." Percebi que Roman manca quando anda, e agora ele está esticando a perna como se estivesse com dor. Eu não sei se é uma nova lesão, mas sinto que se for, ele pode precisar ir mais devagar do que tem feito esta noite. Ele é um barman; eles nunca se sentam. "Você machucou a perna?"

"É uma lesão antiga. Ela se inflama com o clima." Ele sobe a perna da calça e revela uma longa cicatriz no joelho.

"Ai. Como isso aconteceu?"

Roman se recosta no tijolo na lateral do prédio. "Lesão no futebol profissional."

"Você jogou futebol profissional também?"

"Joguei em um time diferente do de Ledger. Prefiro morrer do que jogar pelos Broncos." Ele gesticula em direção ao joelho. "Isso







aconteceu cerca de um ano e meio depois. Terminou minha carreira no futebol."

"Uau. Eu sinto muito."

"Acidente de trabalho."

"Como você acabou trabalhando aqui com Ledger?"

Ele me olha com cuidado. "Eu poderia perguntar o mesmo de você."

É justo. Eu não sei o quanto Roman sabe sobre minha história, mas Ledger mencionou que ele é o único aqui que sabe quem eu sou. Tenho certeza que isso significa que ele sabe tudo.

Não quero falar de mim.

Felizmente, não preciso porque o beco se enche de luz da caminhonete de Ledger quando ele estaciona em sua vaga habitual. Por alguma razão, Roman usa este momento para escapar de volta para dentro e me deixar aqui sozinha.

Fico tensa com o desaparecimento de Roman e o retorno de Ledger. Estou envergonhada por estar sentada aqui fora nos degraus. Assim que Ledger abre a porta de sua caminhonete, digo: "Estou trabalhando. Juro. Você acabou de parar bem quando eu fiz uma pausa."

Ledger sorri enquanto sai da caminhonete, como se minha explicação fosse desnecessária. Eu não sei por que tenho uma reação física a esse sorriso, mas envia um redemoinho pelo meu estômago. Sua presença sempre cria este zumbido bem debaixo da minha pele, como se eu estivesse zumbindo com energia nervosa. Talvez seja porque ele é meu único elo com minha filha. Talvez seja porque penso no que aconteceu entre nós neste beco toda vez que fecho meus olhos à noite.







Talvez seja porque ele é meu chefe agora, e eu realmente não quero perder este emprego, e aqui não estou fazendo nada, de repente me sinto uma idiota patética.

Eu gostava muito mais quando ele não estava aqui. Estava mais relaxada.

"Como vai esta noite?" Ele se inclina contra sua caminhonete como se não estivesse com pressa para entrar.

"Boa. Todo mundo tem sido legal."

Ele levanta uma sobrancelha como se não acreditasse nisso. "Até mesmo Mary Anne?"

"Bem. Ela tem sido legal *comigo*. Ela meio que falou um pouco de merda sobre você, no entanto." Estou sorrindo para que ele saiba que estou provocando. Mas ela insinuou que ele só me contratou porque me acha bonita e está tentando deixar sua ex com ciúmes. "Quem é Leah?"

A cabeça de Ledger cai para trás contra sua caminhonete, e ele geme. "Qual deles trouxe Leah? Mary Anne?"

Eu concordo. "Ela disse que você deveria se casar este mês."

Ledger parece desconfortável, mas não serei eu quem interromperá essa conversa por causa de seu desconforto. Se ele não quer falar sobre isso, não precisa. Mas eu quero saber, então espero ansiosamente que ele dê uma resposta.

"Foi honestamente tão estúpido quando olho para trás", ele diz. "Toda a separação. Entramos em uma discussão sobre filhos que ainda nem temos."

"E isso acabou com o seu noivado?"

Ele concorda. "Sim."

"Qual foi o argumento?"





*

"Ela me perguntou se eu ia amar meus futuros filhos mais do que amo Diem. E eu disse que não, eu os amaria do mesmo jeito."

"Isso a deixou com raiva?"

"Ela se incomodava com quanto tempo eu passava com Diem. Dizia que quando começássemos uma família própria um dia, eu teria que gastar menos tempo focando em Diem e mais tempo em *nossa* família. Foi como uma epifania. Percebi que ela não via Diem se encaixando em uma futura família em potencial como eu. Depois disso, meio que apenas...saí, eu acho."

Eu não sei por que esperava que a separação deles fosse por algo mais sério. As pessoas geralmente não terminam em situações hipotéticas, mas diz muito sobre Ledger que ele foi capaz de ver que sua própria felicidade está ligada à felicidade de Diem, e não se contentaria com alguém que não respeitasse isso.

"Leah parece uma cadela terrível." Estou meio brincando quando digo isso, é por isso que Ledger ri. Mas quanto mais penso nisso, mais irritada fico. "Sério, no entanto. Foda-se ela por pensar que Diem não é digna do mesmo amor que crianças que ainda nem *existem*."

"Exatamente. Todo mundo achava que eu estava louco por terminar com ela, mas para mim foi um precursor de todos os problemas potenciais que enfrentaríamos no futuro." Ele sorri para mim. "Olhe para você sendo uma mãe superprotetora. Não me sinto tão louco agora."

Assim que ele diz isso, me reconhece como mãe de Diem, meu rosto entristece. É uma frase simples, mas significava por ouvi-la dele.

Mesmo que tenha escapado por acidente.

Ledger se endireita e depois tranca sua caminhonete. "É melhor eu entrar; o estacionamento parecia lotado."





* *

Ele nunca disse o que saiu para fazer por várias horas esta noite, mas tenho a sensação de que estava fazendo algo com Diem. Mas ele também poderia estar em um encontro, o que me enerva quase tanto.

Não tenho permissão para estar na vida da minha própria filha, mas quem Ledger decidir namorar pode estar na vida dela, e isso automaticamente me deixa com ciúmes de qualquer garota que acabe sendo.

Pelo menos não será Leah.

Ela que se dane.

Roman traz um caixote cheio de copos para trás e os coloca ao lado da pia para mim. "Estou saindo", ele diz. "Ledger disse que te daria uma carona para casa se você não se importar de esperar. Ele tem cerca de meia hora de merda para fazer."

"Obrigada", digo para Roman. Ele tira o avental e o joga em uma cesta onde todos os outros aventais de funcionários foram para a noite. "Quem limpa isso?" Não sei se esse deveria ser o meu trabalho. Nem tenho certeza do que todo o meu trabalho envolve. Ledger não estava aqui para me treinar durante a noite, todo mundo meio que apontou coisas aqui e ali que eu poderia fazer, então estou fazendo tudo o que posso.

"Há uma lavadora e secadora no andar de cima", Roman diz.

"Há outro nível no bar?" Não vi nenhuma escada.

Ele aponta para a porta que leva ao beco. "O acesso às escadas é do lado de fora. Metade do espaço é de armazenamento, a outra metade é um estúdio com lavadora e secadora."

"Preciso pegá-los e lavá-los?"





* *

Ele balança a cabeça. "Eu costumo fazer isso de manhã. Eu vivo lá." Ele tira a camisa para jogá-la na cesta assim que Ledger entra na cozinha.

Roman está sem camisa agora, vestindo suas roupas de rua, e Ledger está olhando diretamente para mim. Sei que parece que eu estava olhando para Roman enquanto ele estava se trocando, mas estávamos tendo uma conversa ativa. Eu não estava olhando para ele porque estava momentaneamente sem camisa. Não que isso importe, mas me envergonha, então viro e me concentro nos pratos restantes.

Roman e Ledger têm uma conversa que não consigo ouvir, mas ouço quando Roman diz boa noite a Ledger e sai. Ledger desaparece na frente do bar.

Estou sozinha, mas prefiro assim. Ledger me deixa mais nervosa do que confortável.

Termino meu trabalho e limpo tudo pela última vez. É meianoite e meia, e não tenho ideia de quanto tempo Ledger tem até terminar. Não quero incomodá-lo, mas estou cansada demais para caminhar para casa, então espero a carona.

Pego minhas coisas e me coloco no balcão. Pego meu caderno e minha caneta. Não sei se farei alguma coisa com as cartas que escrevo para Scotty, mas são catárticas.

Caro Scotty,

O Ledger é um idiota. Nós esclarecemos isso. Quero dizer, o cara transformou uma livraria em um bar. Que tipo de monstro faria isso?

Mas...estou começando a pensar que ele tem um lado doce também. Talvez seja por isso que vocês dois eram melhores amigos.







"O que você está escrevendo?"

Fecho meu caderno com o som de sua voz. Ledger está tirando o avental, me olhando. Enfio meu caderno na bolsa e murmuro: "Nada."

Ele inclina a cabeça, e seus olhos se enchem de curiosidade. "Você gosta de escrever?"

Eu concordo.

"Você diria que é mais artístico ou mais científico?"

Essa é uma pergunta estranha. Dou de ombros. "Eu não sei. Artístico, acho. Por que?"

Ledger pega um copo limpo e caminha até a pia. Ele o enche de água e depois toma um gole. "Diem tem uma imaginação selvagem. Eu sempre me perguntei se ela conseguiu isso de você."

Meu coração se enche de orgulho. Eu amo quando ele revela pequenas curiosidades sobre ela. Também adoro saber que alguém em sua vida aprecia sua imaginação. Eu tinha uma imaginação vívida quando era mais jovem, mas minha mãe a sufocou. Não foi até que Ivy me encorajou a abrir essa parte de mim de volta que eu realmente senti que alguém a apoiava.

Scotty teria, mas nem acho que ele sabia que eu era artística. Ele me conheceu em um momento em que essa parte de mim ainda estava em sono profundo.

Está acordada agora, no entanto. Graças a Ivy. Escrevo o tempo todo. Escrevo poemas, escrevo cartas para Scotty, escrevo ideias de livros que não sei se algum dia conseguirei concretizar. Escrever pode realmente ser o que me salvou de mim.

"Na maioria das vezes, apenas escrevo cartas." Lamento dizer isso assim que digo, mas Ledger não reage a essa confissão.

"Eu sei. Cartas para Scotty." Ele coloca o copo de água na mesa ao lado dele e depois cruza os braços sobre o peito.





X X

"Como você sabe que eu escrevo cartas para ele?"

"Eu vi uma", ele diz. "Não se preocupe, eu não li. Acabei por ver uma das páginas quando peguei sua bolsa do seu armário."

Eu me perguntava se ele viu aquela pilha de papéis. Estava preocupada que ele pudesse ter espiado, mas se ele diz que não leu, por algum motivo acredito nele.

"Quantas cartas você escreveu para ele?"

"Mais de trezentas."

Ele balança a cabeça em descrença, mas então algo o faz sorrir. "Scotty odiava escrever. Ele costumava me pagar para escrever seus relatórios para ele."

Isso me faz rir, porque escrevi um ou dois artigos para ele quando estávamos juntos.

É estranho falar com alguém que conhecia Scotty da mesma forma que eu o conhecia. Sinceramente, nunca experimentei isso antes. É bom pensar nele de uma maneira que me faz rir em vez de chorar.

Eu gostaria de saber mais sobre Scotty além de quem ele era comigo.

"Diem pode se tornar uma escritora algum dia. Ela gosta de inventar palavras", Ledger diz. "Se ela não sabe como algo é chamado, ela apenas inventa uma palavra para isso."

"Como o que?"

"Luzes solares", ele diz. "Do tipo que marca as calçadas? Não sabemos por que, mas ela as chama *de luzes solares*."

Isso me faz sorrir, mas também me faz doer de ciúmes. Eu quero conhecê-la como ele. "O que mais?" Minha voz está mais baixa porque estou tentando esconder o fato de que está tremendo.





"Outro dia ela estava andando de bicicleta e seus pés não paravam de escorregar nos pedais. Ela disse: 'Meus pés não param de tremer.' Perguntei a ela o que significava *tremer*, e ela disse que é quando ela usa chinelos e seus pés escorregam deles. E ela acha que ficar *ensopada* significa 'muito'. Ela dirá: 'Estou ensopada de cansaço' ou 'Estou ensopada de fome'."

Dói demais até mesmo rir disso. Forço um sorriso, mas acho que Ledger pode sentir que as histórias sobre uma filha que não tenho permissão para conhecer estão me partindo em dois. Ele para de sorrir e então caminha até a pia e lava o copo. "Está pronta?"

Aceno e pulo para fora da mesa.

No caminho para casa, ele diz: "O que você vai fazer com as cartas?"

"Nada", digo imediatamente. "Eu apenas gosto de escrevêlas."

"De que se tratam as cartas?"

"Tudo. Às vezes nada." Olho pela minha janela para que ele não possa ler a verdade no meu rosto. Mas algo em mim me faz querer ser honesta com ele. Quero que Ledger confie em mim. Tenho muito a provar. "Estou pensando em compilá-las e colocá-las em um livro algum dia."

Isso lhe dá uma pausa. "Será que vai ter um final feliz?"

Ainda estou olhando pela janela quando digo: "Será um livro sobre a minha vida, então não vejo como poderia."

Ledger mantém os olhos na estrada quando pergunta: "Alguma das cartas fala sobre o que aconteceu na noite em que Scotty morreu?"

Coloco um espaço entre a pergunta dele e a minha resposta. "Sim. Uma deles tem."







"Posso ler?"

"Não."

Os olhos de Ledger encontram os meus brevemente. Então ele olha na frente dele e liga o pisca-pisca para virar na minha rua. Ele para em uma vaga de estacionamento e deixa sua caminhonete funcionando. Não sei se devo sair imediatamente, ou se há algo a ser dito entre nós. Coloco minha mão na maçaneta da porta.

"Obrigada pelo trabalho."

Ledger bate no volante com o polegar e acena com a cabeça. "Eu diria que você mereceu. A cozinha não está tão organizada desde que sou dono do prédio, e você só trabalhou um turno."

Seu elogio é bom. Absorvo e depois lhe digo boa noite.

Por mais que eu queira olhar para ele quando saio de sua caminhonete, mantenho meu foco à minha frente. Eu o escuto se afastar, mas ele não o faz, o que me faz pensar que me observa enquanto ando até meu apartamento.

Uma vez que estou dentro, Ivy imediatamente corre até mim. Eu a pego e deixo as luzes apagadas enquanto ando até a janela para espiar.

Ledger está sentado em sua caminhonete, olhando para o meu apartamento. Eu imediatamente pressiono minhas costas contra a parede ao lado da janela. Finalmente, ouço seu motor acelerar quando ele sai da vaga de estacionamento.

"Ivy", sussurro, coçando a cabeça. "O que estamos fazendo?"







CAPÍTULO VINTE E QUATRO

LEDGER

"Ledger!"

Levanto os olhos ao embalar o equipamento e imediatamente começo a fazer as malas mais rápido. A brigada de mães está caminhando em minha direção. Quando elas vêm até mim em formação de grupo assim, nunca é bom. Há quatro delas, e têm cadeiras combinando com os nomes de cada um de seus filhos nas costas delas. Elas vão me dizer que não estou brincando com seus filhos o suficiente, ou estão prestes a tentar me arrumar com uma de suas amigas solteiras.

Olho para o playground, Diem ainda está lá fora brincando de perseguição com dois de seus amigos. Grace está de olho nela, então pego o último capacete na bolsa, mas é tarde demais para fingir que não percebi que estavam tentando chamar minha atenção.

Whitney fala primeiro. "Ouvimos que a mãe de Diem apareceu de volta."

Faço um breve contato visual com ela, mas tento não mostrar nenhum tipo de surpresa por saberem que Kenna está na cidade. Nenhuma delas realmente conheceu Kenna no breve período em que namorou Scotty. Nenhuma dessas mulheres conhecia Scotty.

Mas elas conhecem Diem, me conhecem e conhecem a história. Então, acham que têm direito à verdade. "Onde você ouviu isso?"





X

"A colega de trabalho de Grace contou à minha tia", diz uma das mães.

"Eu não posso acreditar que ela realmente teve a coragem de voltar", Whitney diz. "Grady disse que Grace e Patrick entraram com uma ordem de restrição."

"Entraram?" Eu me faço de idiota, porque é melhor do que deixá-las saber o quanto sei. Elas só vão fazer mais perguntas.

"Você não sabia?" Whitney pergunta.

"Nós conversamos sobre isso. Não tinha certeza se eles continuaram com isso."

"Eu não os culpo", ela diz. "E se ela tentar levar Diem?"

"Ela não faria isso", digo. Jogo a bolsa na minha caminhonete e fecho a tampa traseira.

"Eu não colocaria isso além dela", Whitney diz. "Os viciados fazem merdas loucas."

"Ela não é uma viciada." Digo isso muito inflexível. Muito rápido. Posso ver suspeita nos olhos de Whitney.

Eu gostaria que Roman estivesse neste jogo. Ele não pôde vir hoje, geralmente é minha desculpa para escapar da brigada de mães. Algumas delas são amigas de Leah, então não flertam comigo diretamente, por respeito a ela. Mas Roman não está fora dos limites, então costumo deixá-lo para os lobos quando elas aparecem.

"Diga a Grady que eu disse oi." Eu me afasto delas e vou em direção a Grace e Diem.

Não sei como defender Kenna nesse tipo de situação. Não sei se *deveria*. Mas parece errado permitir que todos continuem pensando o pior dela.







Eu não disse a Kenna que iria buscá-la hoje, mas não sabia que iria até que estou a caminho do bar e percebo que está quase na hora do seu turno no supermercado terminar.

Paro no estacionamento, não passam nem dois minutos antes que ela saia. Ela não percebe minha caminhonete. Caminha em direção à estrada, então atravesso o estacionamento para interceptá-la.

Ela vê minha caminhonete, juro que ela faz uma careta quando aponto para a porta do passageiro. Ela murmura "Obrigada", quando abre a porta. E então, "Você não tem que me dar carona. Estou bem andando."

"Acabei de sair do campo de futebol; estava no meu caminho."

Ela coloca sua bolsa entre nós e então puxa o cinto de segurança. "Ela é boa em T-ball?"

"Sim. Eu não acho que ela gosta do jogo tanto quanto gosta de sair com seus amigos, no entanto. Mas se continuasse com isso, acho que ela seria muito boa."

"O que mais ela faz além de T-ball?"

Não posso culpar Kenna por ser curiosa. Eu me coloquei nessa posição compartilhando muito com ela, mas agora as mães plantaram uma semente na minha cabeça.

E se ela só está perguntando para poder controlar a agenda de Diem? Quanto mais ela souber sobre as atividades de Diem, mais fácil será para ela aparecer e levá-la. Eu me sinto culpado só de pensar isso, mas Diem é minha prioridade número um na vida, então eu me sentiria ainda pior não me sentindo um pouco superprotetor.





* *

"Sinto muito", Kenna diz. "Eu não deveria fazer perguntas que você não se sente confortável em responder. Não é o meu lugar."

Ela olha pela janela enquanto chego na rua. Ela faz aquela coisa de flexionar os dedos e depois agarrar as coxas. Diem faz a mesma coisa com os dedos. É incrível como duas pessoas que nunca se conheceram podem ter tantos maneirismos iguais.

Está muito barulhento na caminhonete, e sinto que preciso avisá-la, então fecho minha janela enquanto acelero. "Eles entraram com uma ordem de restrição contra você."

Vejo-a olhar para mim com o canto do meu olho. "Você está falando sério?"

"Sim. Queria avisá-la antes que você receba os papéis."

"Por que fariam isso?"

"Acho que o que aconteceu no supermercado assustou Grace."

Ela balança a cabeça e olha para trás pela janela. Ela não diz mais nada até chegarmos ao beco atrás do bar.

Sinto que a preparei para o fracasso esta noite, deixando-a de mau humor assim que ela entrou na minha caminhonete. Eu não deveria ter contado a ela sobre a ordem de restrição logo antes de seu turno, mas sinto que ela tem o direito de saber. Ela honestamente não fez nada para merecer uma ordem de restrição, mas o simples fato dela existir na mesma cidade que Diem é motivo suficiente para os Landrys apresentarem uma ordem de restrição contra ela.

"Ela dança", eu digo, respondendo sua pergunta anterior sobre Diem. Coloco minha caminhonete no estacionamento e puxo o vídeo de seu recital. "Foi onde eu estava ontem à noite. Ela teve um recital." Entrego o telefone para Kenna.





* *

Ela assiste os primeiros segundos com uma cara séria e depois cai na gargalhada.

Eu odeio que adoro ver o rosto de Kenna quando ela assiste vídeos de Diem. Faz algo comigo. Faz-me sentir algo que provavelmente não deveria estar sentindo. Mas eu gosto da sensação, e isso me faz pensar como seria testemunhar Kenna e Diem interagindo na vida real.

Kenna assiste ao vídeo três vezes com um enorme sorriso no rosto. "Ela é horrível!"

Isso me faz rir. Há uma alegria em sua voz que normalmente não está lá, e me pergunto se essa alegria sempre estaria presente se Diem fizesse parte da vida de Kenna.

"Ela gosta de dançar?" Kenna pergunta.

Balanço minha cabeça. "Não. Depois que o recital acabou, ela disse que queria desistir e fazer 'aquela coisa com as espadas'."

"Esgrima?"

"Ela quer tentar de tudo. O tempo todo. Mas ela nunca se apega a nada porque fica entediada e acha que a próxima coisa será mais interessante."

"Dizem que o tédio é um sinal de inteligência", Kenna diz.

"Ela é muito inteligente, então isso faria sentido."

Kenna sorri, mas quando me devolve meu telefone, seu sorriso vacila. Ela abre a porta e se dirige para a porta dos fundos, então sigo o exemplo.

Abro a porta dos fundos para ela, e somos recebidos por Aaron. "Ei, chefe", ele diz. "Ei, Nic."

Kenna caminha até ele, e ele levanta a mão. Eles dão um high five como se se conhecessem há muito mais tempo do que apenas um turno.





* *

Roman entra na parte de trás segurando uma bandeja de garrafas vazias. Ele acena para mim. "Como foi?"

"Ninguém chorou e ninguém vomitou", digo. Isso é o que consideramos um dia de sucesso no T-ball.

Roman chama a atenção de Kenna. "Ela tinha sem glúten. Coloquei três deles na geladeira para você."

"Obrigada", Kenna diz. É o primeiro sinal de excitação que já vi vindo dela que não tem nada a ver com Diem. Não faço ideia do que estão falando. Estive fora por algumas horas ontem à noite, e é como se ela tivesse desenvolvido relacionamentos pessoais com todos aqui.

E por que Roman está comprando para ela três do que quer que estejam falando?

Por que estou tendo uma leve reação visceral ao pensamento de Kenna e Roman se aproximando? Ele iria dar em cima dela? Eu ainda teria o direito de estar com ciúmes? Quando voltei ao bar ontem à noite, eles estavam descansando ao mesmo tempo. Roman fez isso de propósito?

Bem quando tenho esse pensamento, Mary Anne aparece para seu turno. Ela entrega a Kenna um par do que parecem ser fones de ouvido com cancelamento de ruído. Kenna diz: "Você é uma salva-vidas."

"Eu sabia que tinha um par extra em casa", Mary Anne diz. Ela passa por mim e diz: "Ei, chefe", antes de ir para a frente.

Kenna pendura os fones de ouvido no pescoço e amarra o avental. Os fones de ouvido nem estão presos a nada, e ela não tem um telefone. Estou confuso sobre como ela vai ouvir música com eles.

"Para que servem?" Pergunto a ela.

"Para abafar a música."







"Você não quer ouvir música?"

Ela encara a pia, mas não antes de eu ver sua expressão vacilar. "Odeio música."

Ela odeia *música*? Isso é mesmo uma coisa? "Por que você odeia música?"

Ela me olha por cima do ombro. "Porque é triste." Ela cobre os ouvidos com os fones de ouvido e começa a colocar água corrente na pia.

A música é a única coisa que me sustenta. Eu não poderia imaginar não ser capaz de me conectar com isso, mas Kenna está certa. A maioria das músicas é sobre amor ou perda, duas coisas que provavelmente são incrivelmente dificeis para ela absorver em qualquer meio.

Eu a deixo com seus deveres e vou para a frente para começar o meu. Ainda não abrimos, então o bar está vazio. Mary Anne está abrindo a porta da frente, então paro ao lado de Roman. "Três o quê?"

Ele olha para mim. "Huh?"

"Você disse que colocou três de alguma coisa na geladeira para Kenna."

"Nicole", ele corrige, olhando para Mary Anne do outro lado da sala. "E eu estava falando sobre cupcakes. A senhoria dela não pode comer glúten e ela está tentando ficar do seu lado."

"Por que?"

"Eu não sei, algo sobre a conta de luz dela." Roman me olha de lado e depois vai embora.

Fico feliz que ela esteja se dando bem com todos, mas também há uma pequena parte de mim que se arrepende de ter saído durante a maior parte do meu turno na noite passada. Eu sinto





* *

que todos eles conheceram Kenna de uma maneira que eu não conheço. Não sei por que isso me incomoda.

Vou até a jukebox para começar algumas músicas antes que a multidão chegue e analiso cada música que escolho. É uma jukebox digital com acesso a milhares de músicas, mas percebo que levaria a noite toda para encontrar um punhado que não lembrasse Kenna de Scotty ou Diem de alguma forma.

Ela está certa. No final, se não há nada de bom acontecendo em sua vida, quase toda música se torna deprimente, não importa sobre o que seja.

Eu coloco no aleatório para combinar com o meu humor.







CAPÍTULO VINTE E CINCO

KENNA

Eu tenho um salário. É pequeno, do jeito que os dias de pagamento funcionam, é apenas por uma semana parcial, mas é o suficiente para finalmente conseguir um novo telefone.

Estou sentada na mesa de piquenique do lado de fora do meu apartamento navegando em aplicativos. Abri a mercearia hoje, então tive várias horas entre esse turno e meu turno no bar hoje à noite, então estou apenas passando o tempo aqui fora. Tento obter o máximo de vitamina D que posso, considerando que meu tempo ao ar livre foi programado e limitado por cinco anos inteiros. Eu provavelmente deveria comprar suplementos de vitamina D para que meu corpo possa se recuperar.

Um carro para em uma vaga de estacionamento, olho para cima a tempo de ver Lady Diana acenando loucamente para mim do banco da frente. Trabalhamos em turnos diferentes na maioria dos dias, o que é lamentável. Seria bom poder pedir carona à mãe dela para ir e voltar do trabalho, mas minhas horas são mais longas que as de Lady Diana. Ledger me deu carona um punhado de vezes, mas não o vejo desde que ele me deixou no meu apartamento depois do meu segundo turno no sábado à noite.

Nunca conheci a mãe de Lady Diana. Ela parece ser um pouco mais velha do que eu, talvez trinta e poucos. Ela sorri e segue Lady Diana na grama até chegarem a mim. Lady Diana gesticula em direção ao telefone na minha mão. "Ela tem um telefone, por que não posso ter um telefone?"

A mãe dela se senta ao meu lado. "Ela é adulta", sua mãe diz, olhando para mim. "Oi. Eu sou Adeline."





*

Eu nunca sei como me apresentar. Sou Nicole em ambos os meus empregos, mas me apresentei como Kenna para Lady Diana pela primeira vez, e também como Kenna para a proprietária, Ruth. Isso vai me alcançar eventualmente, então de alguma forma preciso descobrir uma maneira de tornar a mentira uma verdade.

"Kenna", digo. "Mas eu sou Nicole." Isso parece bom. É uma mentira. Tipo de verdade.

"Consegui um novo namorado no trabalho hoje", Lady Diana me diz. Ela está pulando na ponta dos pés, cheia de energia. Sua mãe geme.

"Oh, sim?"

Lady Diana assente. "O nome dele é Gil, ele trabalha com a gente, é o cara do cabelo ruivo, ele me pediu em namoro. Ele tem síndrome de Down como eu e gosta de videogames e acho que vou me casar com ele."

"Devagar", sua mãe diz. Lady Diana falou tudo em uma só frase, então não tenho certeza se sua mãe está dizendo a ela para desacelerar quando fala ou desacelerar nos planos de casamento.

"Ele é legal?" Pergunto a ela.

"Ele tem um PlayStation."

"Mas ele é legal?"

"Ele tem muitas cartas de Pokémon."

"Mas ele é legal?" Repito.

Ela encolhe os ombros. "Eu não sei. Vou ter que perguntar a ele."

Sorrio. "Sim. Faça isso. Você só deve se casar com pessoas que são legais com você."





X

Adeline olha para mim. "Você conhece esse garoto? *Gil?*" Ela diz o nome dele com desprezo, e isso me faz rir.

Balanço minha cabeça. "Não, mas vou ficar de olho nele." Olho para Lady Diana. "E eu vou me certificar de que ele seja legal."

Adeline parece aliviada. "Obrigada." Ela se levanta. "Você vem para o almoço no domingo?"

"Que almoço?"

"Vamos a um almoço para o Dia das Mães; eu disse a Lady Diana para convidá-la."

Eu sinto a picada na menção daquele feriado. Tentei não pensar nisso. Será a primeira vez que o experimentarei fora da prisão e na mesma cidade que Diem.

Lady Diana diz: "A filha de Kenna foi sequestrada, então não a convidei."

Imediatamente balanço minha cabeça. "Ela não foi sequestrada. Eu acabei de...é uma longa história. Não tenho a custódia dela agora." Estou mortificada. Adeline pode dizer.

"Não se preocupe, o almoço é para todos que moram aqui", Adeline diz. "Nós fazemos principalmente para Ruth, já que seus filhos moram tão longe."

Concordo com a cabeça, porque sinto que se eu concordar em ir, ela não vai me pressionar, então talvez eu não tenha que explicar por que Lady Diana disse que minha filha foi sequestrada. "O que posso levar?"

"Nós temos tudo coberto", ela diz. "Foi bom te conhecer." Ela começa a se afastar, mas se vira. "Na verdade, você conhece alguém com uma mesa extra e algumas cadeiras? Acho que vamos precisar de mais assentos."





* *

Quero dizer não, já que não conheço ninguém além de Ledger. Mas não quero que ela pense que estou tão sozinha quanto estou, então apenas aceno com a cabeça e digo: "Posso perguntar por aí."

Adeline me diz que foi bom finalmente me conhecer, então caminha em direção ao apartamento delas, mas Lady Diana fica atrás. Quando sua mãe se vai, ela pega meu telefone. "Posso jogar um jogo?"

Entrego o telefone e ela se senta na grama ao lado da mesa de piquenique. Preciso me preparar para o meu turno no Ward's. "Eu vou me trocar. Você pode brincar com meu telefone até eu voltar." Lady Diana acena com a cabeça, mas não olha para mim.

Eu adoraria poder economizar para comprar um carro e não precisar mais ir a pé para o trabalho, mas ser forçada a economizar para me mudar e deixar os Landrys mais confortáveis, está realmente consumindo meus planos financeiros.

Chego cedo ao bar, mas a porta dos fundos está destrancada.

Sinto-me confiante no que preciso fazer depois de ter trabalhado aqui na semana passada. Coloco meu avental e começo a preparar a água da pia quando Roman caminha para os fundos.

"Você está adiantada", ele diz.

"Sim. Não tinha certeza de quão ruim seria o tráfego."

Roman ri. Ele sabe que eu não tenho carro.

"Quem lavava pratos antes de Ledger me contratar?" Pergunto-lhe.





"Todo o mundo. Todos nós contribuíamos quando tínhamos um segundo livre, ou esperávamos até o final da noite e nos revezávamos ficando até tarde para limpar." Ele pega seu avental. "Duvido que algum dia vamos querer voltar atrás com um funcionário depois disso. É bom realmente sair quando o bar

Eu me pergunto se Roman sabe que minha posição é apenas temporária. Ele provavelmente sabe.

"Vai ser movimentado esta noite", ele avisa. "O último dia de finais é hoje. Tenho a sensação de que vamos ver uma onda de universitários."

"Mary Anne vai adorar isso." Despejo sabonete líquido na lixeira. "Ei. Pergunta rápida." Eu o encaro. "Há um almoço no meu apartamento no domingo. Eles precisam de uma mesa extra. Por acaso vocês têm uma aqui?"

Roman aponta a cabeça para o teto. "No armazenamento, eu acho." Ele olha para a tela do telefone. "Ainda temos um tempo antes de abrir. Vamos verificar."

Desligo a água e o sigo até o beco. Ele tira um molho de chaves do bolso e as folheia. "Desculpe a bagunça", ele diz, inserindo uma chave na porta. "Eu costumo manter um pouco mais limpo aqui no caso de termos um nanico, mas já faz um tempo." Ele abre a porta para revelar uma escada bem iluminada.

"O que é um nanico?" Pergunto enquanto o sigo até o apartamento. A escada se curva após o último degrau, e a porta se abre para um espaço do tamanho da cozinha dos fundos do bar. É a mesma planta baixa, mas acabou por ser um espaço bom.

"Nanico é o que chamamos de pessoas bêbadas que sobraram no final da noite que ninguém reclama. Às vezes, nós os colocamos no sofá aqui em cima até ficarem sóbrios e lembrarem para onde precisam ir." Ele acende uma luz, e o sofá é a primeira coisa que vejo. É velho e gasto, posso dizer que é confortável só de olhar para



fecha."



* -

ele. Há um suporte com uma TV de tela plana a poucos metros de uma cama king-size.

É um apartamento eficiente, com cozinha e uma pequena sala de jantar com uma janela com vista para a rua em frente ao bar. Tem o dobro do tamanho do meu e na verdade tem um pouco de charme.

"É fofo." Aponto para o balcão da cozinha quando vejo pelo menos trinta canecas de café alinhadas contra a parede. "Você é viciado em café ou apenas em canecas de café?"

"É uma longa história." Roman folheia suas chaves novamente. "Há uma área de armazenamento atrás desta porta. Da última vez que olhei, havia uma mesa, mas não posso prometer nada." Ele abre a porta e, quando a abre, há duas mesas de 1,80 m empilhadas verticalmente contra a parede. Eu o ajudo enquanto ele tira uma. "Você precisa das duas?"

"Uma serve." Nós encostamos a mesa no sofá, então ele fecha e tranca a porta.

Nós dois levantamos uma ponta para carregá-la para baixo. "Podemos deixá-la no fundo da escada por enquanto e depois jogá-la na traseira da caminhonete de Ledger hoje à noite", ele diz.

"Impressionante. Obrigada."

"Que tipo de almoço é esse?"

"Apenas um lanche." Não quero admitir que é para o Dia das Mães. Parece que estou comemorando o feriado e não quero ser julgada.

Não que Roman pareça ser do tipo crítico. Ele realmente parece uma pessoa decente, e é bonito o suficiente para que eu provavelmente olhasse para ele de forma diferente se já não soubesse como é beijar Ledger.





Não consigo olhar para a boca de outro homem sem desejar estar olhando para a de Ledger. Eu odeio que ainda o ache tão atraente quanto na primeira noite em que entrei em seu bar. Seria muito mais fácil ser atraída por outra pessoa. *Qualquer* outra pessoa.

Roman apoia a mesa na parte inferior da escada. "Você precisa de cadeiras?"

"Cadeiras. Merda. Sim." Não pensei em cadeiras. Ele volta para cima, e eu o sigo. "Então, como você e Ledger se conhecem?"

"Foi ele quem me machucou jogando futebol."

Faço uma pausa no topo da escada. "Ele encerrou sua carreira no futebol, e agora vocês são... *amigos*?" Não tenho certeza se entendi como essa trajetória aconteceu.

Roman me olha com cuidado enquanto destranca a porta do depósito novamente. "Você realmente não conhece essa história?"

Balanço minha cabeça. "Estive meio ocupada por vários anos."

Ele ri baixinho. "Sim. Eu acho. Eu lhe darei a versão condensada." Ele abre a porta e começa a pegar as cadeiras. "Eu tive que fazer uma cirurgia no joelho após a lesão", Roman diz. "Estava com muita dor. Fiquei viciado em analgésicos e gastei cada centavo que ganhei na NFL no meu vício." Ele coloca duas cadeiras do lado de fora da porta e depois pega mais duas. "Vamos apenas dizer que eu fodi minha vida muito bem. A notícia chegou ao Ledger, e ele me rastreou. Acho que se sentiu um pouco responsável, embora o que ele fez no meu joelho foi um acidente. Mas ele apareceu quando todos os outros desistiram. Ele garantiu que eu recebesse a ajuda de que precisava."

Não sei o que fazer com todas as informações que ele acabou de me entregar. "Oh. Uau."





Roman tem todas as seis cadeiras empilhadas contra a parede antes de fechar a porta. Ele pega quatro e eu pego duas, voltamos para baixo. "Ledger me deu um emprego e alugou este apartamento para mim quando saí da reabilitação há dois anos." Colocamos as cadeiras contra a parede antes de sair. "Eu honestamente nem me lembro como começou, mas ele me dava uma caneca de café no aniversário semanal da minha sobriedade. Ele ainda me dá uma caneca toda sexta-feira, mas agora ele só faz isso para ser um idiota porque sabe que estou ficando sem espaço."

Isso é honestamente adorável. "Espero que você goste de café."

"Eu sobrevivo de café. Você não vai querer ficar perto de mim se eu não tiver." Os olhos de Roman travam em algo atrás de mim. Eu me viro para encontrar Ledger parado entre sua caminhonete e a porta traseira do bar. Está olhando para nós.

Roman não faz uma pausa como eu. Ele continua andando em direção à porta dos fundos do bar. "Kenna está pegando emprestado uma mesa e algumas cadeiras para uma coisa que ela vai fazer no domingo. Nós as colocamos na parte inferior da escada. Pegue-as antes de sair."

"Nicole", Ledger diz, corrigindo Roman.

"Nicole. Que seja", Roman diz. "Não se esqueça. Mesa. Cadeiras. Carona para casa." Ele desaparece no bar.

Ledger olha para o chão por um momento antes de olhar para mim. "Para que tipo de coisa você precisa de uma mesa?"

Enfio as mãos nos bolsos de trás. "É apenas um almoço no domingo. No meu prédio." Ele continua a olhar para mim como se quisesse mais uma explicação.

"Domingo é Dia das Mães."





Concordo com a cabeça e começo a caminhar em direção à porta. "Sim. Posso muito bem comemorar com as mães no meu prédio, já que não posso comemorar o dia com minha própria filha." Minha voz é cortada quando entro. Talvez um pouco acusatória. A porta se fecha atrás de mim com um baque, vou direto para a pia e ligo a água. Pego os fones de ouvido que Mary Anne me emprestou na semana passada, mas desta vez os conecto ao meu telefone agora que finalmente tenho um. Carreguei um audiolivro para me ajudar no turno.

Posso sentir uma leve brisa no meu pescoço quando Ledger entra no prédio. Espero alguns segundos e depois olho por cima do ombro para ver onde ele está e o que está fazendo.

Ele está andando em direção à frente, olhando para frente o tempo todo. Não posso dizer o que está pensando quando ele usa essa expressão estoica. A coisa sobre as expressões de Ledger é que eu realmente não vi muitas delas desde a primeira noite em que o vi trabalhando. Ele parecia solto e despreocupado naquela noite atrás do bar. Mas desde o momento em que descobriu quem eu era, parece inflexível na minha presença. Quase como se estivesse fazendo tudo o que pode para me impedir de saber seus pensamentos.







CAPÍTULO VINTE E SEIS

LEDGER

As articulações do meu corpo parecem travadas no lugar enquanto tento executar os movimentos da noite com uma rigidez que deveria ser o resultado de uma ressaca. Mas não estou de ressaca. Somente... irritado? É isso?

Estou agindo como um idiota. Sei disso e Roman sabe disso, mas minha maturidade não consegue alcançar e assumir o controle.

Há quanto tempo Kenna estava aqui? Quanto tempo eles ficaram no apartamento de Roman? Por que ela parecia seca comigo? Por que diabos eu me importo?

Não sei o que fazer com esses sentimentos, então eu os amasso e tento mantê-los enfiados na minha garganta, ou no meu estômago, ou onde quer que as pessoas guardem essa merda. Não preciso começar essa mudança com uma atitude. É o fim de semana das finais. Esta noite vai ser insana o suficiente por si só.

Ligo a jukebox e a primeira música que toca é uma que sobrou da fila da noite passada. "If We Were Vampires", de Jason Isbell.

Excelente. Uma canção de amor épica. Exatamente o que Kenna precisa.

Ando para trás e noto que ela está com os fones de ouvido. Pego todas as frutas que costumo cortar no início do meu turno e as levo para a frente.

Estou cortando um limão, possivelmente com um pouco de raiva demais, quando Roman diz: "Você está bem?"





* *

"Estou bem." Tento dizer como normalmente diria, mas não sei como eu normalmente diria, porque Roman nunca tem que me perguntar se estou bem. Normalmente estou sempre bem.

"Dia dificil?" Ele pergunta.

"Ótimo dia."

Ele suspira e estende a mão, puxando a faca da minha mão. Pressiono minhas palmas no balcão e me viro para olhar para ele. Ele está inclinado casualmente em seu cotovelo, girando a faca em um círculo com o dedo enquanto olha para mim. "Não foi nada", ele diz. "Ela pediu emprestado uma mesa e algumas cadeiras. Ficamos no andar de cima por três minutos."

"Eu não disse nada."

"Você não precisava." Ele solta uma risada exasperada. "Merda, cara. Eu não te achava do tipo ciumento."

Pego minha faca e começo a cortar os limões novamente. "Não tem nada a ver com ciúme."

"Então o que é?" Ele pergunta.

Estou prestes a responder a ele, provavelmente com alguma mentira, mas a porta se abre e quatro caras entram no bar. Barulhentos, prontos para comemorar, possivelmente já bêbados. Interrompo nossa conversa e me preparo para uma mudança para a qual não estou com disposição.

Oito longas horas depois, Roman e eu estamos no beco carregando a mesa e as cadeiras na traseira da minha caminhonete. Mal tivemos tempo para pensar esta noite, muito menos terminar nossa conversa de mais cedo.





* *

Não falamos muito. Estamos cansados, e acho que Roman está andando com cuidado, mas quanto mais penso nele e Kenna juntos em seu apartamento, mais me incomoda.

Eu posso ver Roman sendo atraído por ela. E não conheço Kenna muito bem, mas ela provavelmente estaria desesperada o suficiente para se apegar a qualquer um que pudesse ser uma desculpa para ela ficar nesta cidade.

Sinto-me culpado só de ter esse pensamento.

"Vamos conversar sobre isso?" Roman pergunta.

Bato minha porta traseira, então seguro minha caminhonete com uma mão e minha mandíbula com a outra. Escolho minhas palavras com cautela quando começo a falar. "Se você começar algo com ela, ela encontrará uma desculpa para não sair da cidade. O objetivo dela trabalhar aqui é para que possa economizar dinheiro e ir embora."

Roman revira a cabeça, como se revirar os olhos não fosse transmitir sua irritação o suficiente. "Você acha que estou tentando ficar com ela? Acha que eu faria isso com você depois de tudo que fez por mim?"

"Eu não estou deixando-a fora dos limites porque estou com ciúmes. Preciso que ela saia da cidade para que a vida de Patrick e Grace volte ao normal."

Roman ri. "Você está de sacanagem. Jogou na NFL. Você possui um negócio lucrativo. Está construindo uma casa ridícula. Você não está quebrado, Ledger. Se quisesse que ela saísse da cidade, teria feito um cheque para se livrar dela."

Estou tenso pra caralho, então inclino minha cabeça para o lado até meu pescoço estalar. "Ela não teria aceitado uma esmola."

"Você sequer tentou?"





* *

Eu não precisava. Conheço Kenna, ela não aceitaria uma esmola. "Apenas tenha cuidado com ela, Roman. Ela faria qualquer coisa para estar na vida de Diem."

"Bem, pelo menos concordamos *nessa* parte", ele diz, logo antes de desaparecer na escada para seu apartamento.

Foda-se ele.

Foda-se ele porque está certo.

Por mais que eu tente negar, não estou agindo assim porque estou preocupado que Kenna fique mais tempo na cidade. Estou chateado porque o pensamento de sua partida me deixa mais nervoso do que o pensamento dela ficar por perto.

Como isso aconteceu? Como fui de absolutamente odiar essa mulher para sentir algo completamente diferente? Sou um amigo patético para Scotty? Sou tão desleal com Patrick e Grace?

Não contratei Kenna porque quero que ela saia. Eu a contratei porque gosto de estar na presença dela. Eu a contratei porque penso em beijá-la novamente toda vez que minha cabeça encontra o travesseiro à noite. Eu a contratei porque espero que Patrick e Grace mudem de ideia, e quero estar por perto se isso acontecer.







CAPÍTULO VINTE E SETE

KENNA

Meu rosto está pegando fogo quando me afasto da porta.

Ouvi cada palavra que Ledger disse a Roman. Eu até ouvi algumas das palavras que ele não disse.

Vou até o depósito e pego minha bolsa assim que o ouço subindo os degraus dos fundos. Quando ele abre a porta, não posso deixar de me perguntar que pensamentos estão passando por sua cabeça quando seus olhos pousam em mim.

Desde o momento em que me ofereceu esse emprego, estou convencida de que é porque ele me odeia e quer que eu saia da cidade, mas Roman está certo. Ele poderia me pagar e me mandar embora se fosse realmente o que ele queria.

Por que ainda estou aqui?

E por que ele está alertando Roman sobre mim, como se minhas intenções não fossem boas? Não pedi este trabalho. Ele me *ofereceu*. Ele pensar que eu usaria Roman para chegar à minha filha parece um tapa na cara, se é isso que estava insinuando. Eu não tenho certeza do que estava insinuando, ou se estava apenas sendo estranhamente territorial comigo.

"Está pronta?" Ledger pergunta. Ele desliga as luzes e abre a porta dos fundos para mim. Quando passo por ele, há um tipo diferente de tensão entre nós. Não é mais uma tensão necessariamente relacionada a Diem. É uma tensão que parece existir simplesmente porque estamos na presença um do outro.





* *

Enquanto nos dirigimos para o meu apartamento, sinto falta de ar. Quero abaixar a janela, mas se fizer isso, estou preocupada que ele saiba que é porque não consigo respirar direito na presença dele.

Olho para ele algumas vezes, tentando ser discreta, mas há um novo aperto em sua mandíbula que normalmente não está lá. Ele está pensando em tudo que Roman disse a ele? Está chateado porque concorda, ou chateado porque Roman está completamente errado?

"Você recebeu a ordem de restrição esta semana?" Ele pergunta.

Limpo minha garganta para dar espaço para o pequeno *não* que falo em voz alta. "Eu pesquisei no meu telefone e li que pode levar cerca de uma a duas semanas para uma solicitação de ordem de restrição ser processada."

Estou olhando pela minha janela quando Ledger diz: "Você tem um telefone?"

"Sim. Comprei alguns dias atrás."

Ele pega seu próprio telefone e me entrega. "Coloque suas informações."

Eu não gosto de como isso parece mandão. Não pego o telefone dele. Em vez disso, olho para o telefone e depois para ele. "E se eu não quiser que você tenha meu número?"

Ele me fixa com seu olhar. "Sou seu chefe. Preciso de uma maneira de entrar em contato com meus funcionários."

Bufo porque odeio que ele fez um ponto válido. Pego o telefone dele e mando uma mensagem para mim para ter o número dele também, mas quando salvo minhas informações, listo como Nicole em vez de Kenna. Não sei quem tem acesso ao telefone dele. Melhor prevenir do que remediar.





X

Coloco seu telefone de volta em seu suporte enquanto ele para no meu estacionamento.

Ele abre a porta assim que desliga sua caminhonete. Ele pega a mesa e tento ajudá-lo, mas ele diz: "Deixa comigo. Onde você quer isso?"

"Você se importa de levá-la para cima?

Ele vai naquela direção e pego algumas cadeiras. No momento em que chego à minha escada, ele já está descendo para pegar o resto das cadeiras. Ele dá um passo para o lado, pressionando as costas contra a grade para dar espaço para mim, mas quando passo por ele, posso sentir o cheiro dele. Ele cheira a limão e más decisões.

A mesa está apoiada ao lado da porta do meu apartamento. Destranco minha porta e coloco as cadeiras ao lado da parede. Olho pela janela e Ledger está pegando o resto das cadeiras de sua caminhonete, então olho ao redor do meu apartamento para ver se alguma coisa precisa ser corrigida antes que ele volte. Há um sutiã no sofá, então o cubro com um travesseiro.

Ivy está aos meus pés miando, percebo que suas tigelas de comida e água estão vazias. Estou reabastecendo-as enquanto Ledger bate na porta e a abre. Ele traz as cadeiras e depois a mesa para dentro.

"Algo mais?" Ele pergunta.

Coloco a tigela de água de Ivy no banheiro, ela vai direto para ela. Fecho a porta e a fecho no banheiro para que ela não tente escapar pela porta da frente aberta. "Não. Obrigada pela ajuda." Ando até a porta para que eu possa trancá-la depois que Ledger sair, mas ele apenas fica parado, segurando a maçaneta da porta.

"A que horas você sairá do trabalho na mercearia amanhã?"







"Quatro."

"Nosso jogo de T-ball deve terminar por volta dessa hora. Posso te dar uma carona, mas posso me atrasar um pouco."

"Está bem. Posso andar. O clima deve estar bom."

Ele diz, "Ok", mas fica na porta por um segundo desconfortável.

Devo dizer a ele que o ouvi?

Provavelmente deveria. Se há uma coisa que passar cinco anos sem uma vida me ensinou é que não quero desperdiçar um único segundo da vida que me resta com medo do confronto. Minha covardia é uma grande parte do motivo pelo qual minha vida acabou do jeito que está.

"Eu não estava tentando escutar", digo, envolvendo meus braços em volta de mim. "Mas ouvi sua conversa com Roman."

Os olhos de Ledger se afastam do meu rosto, como se isso o deixasse desconfortável.

"Por que você disse a ele para ter cuidado perto de mim?"

Ledger aperta os lábios em pensamento. Sua garganta rola lentamente quando engole, mas ele ainda não diz nada. Apenas parece dilacerado enquanto seu rosto assume o que parece ser um mundo de dor. Ele encosta a cabeça no batente da porta e olha para os pés. "Eu estava errado?" Sua pergunta é quase um sussurro, mas parece um grito ecoando dentro de mim. "Você não faria tudo por Diem?"

Solto um suspiro frustrado. Isso parece uma pergunta capciosa. Claro que eu faria qualquer coisa por ela, mas não às custas dos outros. *Acho que não*. "Essa não é uma pergunta justa."

Ele trava os olhos em mim novamente, posso sentir meu pulso começar a bater.





* *

"Roman é meu melhor amigo", ele diz. "Sem ofensa, mas eu mal te conheço, Kenna."

Ele pode não me conhecer, mas parece como a *única* pessoa *que* conheço.

"Ainda não sei se o que aconteceu entre nós na primeira noite em que você apareceu no meu bar foi autêntico, ou se foi tudo uma encenação para chegar a Diem."

Descanso minha cabeça contra a parede e observo a expressão de Ledger. Ele está olhando para mim com paciência, não com julgamento. É como se realmente quisesse saber se o beijo que compartilhamos foi autêntico. É quase como se isso significasse algo para ele.

Foi autêntico, mas também não foi.

"Eu não sabia quem você era até que disse seu nome", admito. "Estava literalmente sentada no seu colo quando percebi que você conhecia Scotty. Seduzir você não fazia parte de algum plano mestre."

Ele dá à minha resposta tempo para fazer sentido, então ele acena gentilmente. "É bom saber."

"É isso?" Encosto minhas costas na parede. "Porque não parece que isso importa. Você ainda não quer que eu conheça minha filha. Ainda espera que eu saia da cidade. *Nada disso importa.*"

Ledger abaixa a cabeça até nossos olhos se encontrarem novamente. Ele está me olhando incisivamente quando diz: "Não há nada neste mundo que me faria mais feliz do que você conhecer Diem. Se eu soubesse como fazê-los mudar de ideia, faria isso em um piscar de olhos, Kenna."

Minha respiração treme após a liberação. Sua confissão é tudo que eu precisava ouvir. Fecho os olhos porque não quero







chorar e não quero vê-lo partir, mas até este momento, não tinha certeza se ele me queria na vida de Diem.

Sinto o calor do seu braço ao lado da minha cabeça, e mantenho meus olhos fechados, mas estou sugando pequenos suspiros de ar. Posso ouvir sua respiração, então posso senti-la na minha bochecha, então no meu pescoço, como se ele estivesse se aproximando de mim.

Sinto-me cercada por ele neste momento, estou com medo de que se abrir meus olhos, vou perceber que está tudo na minha cabeça e que ele realmente saiu pela porta aberta do meu apartamento. Mas então ele exala, e o calor rola pelo meu pescoço e ombro. Eu mal abro meus olhos para encontrá-lo se elevando sobre mim, suas mãos em cada lado da parede ao lado da minha cabeça.

Ele está apenas pairando, como se não pudesse decidir se deve ir embora ou reencenar nosso beijo da noite em que nos conhecemos. Ou talvez esteja apenas esperando que eu faça algum tipo de movimento, ou decisão, ou erro.

Não sei o que me leva a levantar a mão e colocá-la em seu peito, mas quando o faço, ele suspira como se fosse exatamente isso que queria que eu fizesse. Mas não sei se estou tocando seu peito porque quero afastá-lo ou porque quero puxá-lo para mais perto.

De qualquer forma, há um calor entre nós que cresce com seu suspiro, ele descansa sua testa levemente contra a minha.

Houve tantas escolhas, consequências e sentimentos embalados no espaço que mantivemos entre nós desde que nos conhecemos, mas Ledger empurra tudo isso e pressiona seus lábios nos meus.

Calor pulsa através de mim como um batimento cardíaco e suspiro em sua boca. Sua língua roça meu lábio superior, embaçando meus pensamentos. Ele embala minha cabeça e





* *

aprofunda nosso beijo, é inebriante. Sua boca está mais quente do que me lembro da primeira vez que nos beijamos. Suas mãos parecem mais gentis; sua língua parece menos ousada.

Há um cuidado em seu beijo, um que estou com muito medo de dissecar porque já sinto tanto que é vertiginoso. O calor dele me envolve, quando começo a me agarrar a ele, ele se afasta.

Eu sugo o ar enquanto ele estuda meu rosto. É como se estivesse tentando ler minha expressão, examinando em busca de sinais de arrependimento ou desejo.

Tenho certeza de que ele pode ver os dois. Quero o beijo dele, mas o pensamento de ter que dizer adeus a mais do que apenas a ideia de Diem é o suficiente para me impedir de permitir que isso aconteça. Porque quanto mais eu me aproximo de Ledger, tanto emocionalmente quanto fisicamente, mais estou colocando seu relacionamento com Diem em risco.

Por mais que seu beijo me faça sentir, não é nada comparado à mágoa que se seguiria se os Landrys descobrissem que ele está me vendo pelas costas. Não posso ter isso pendurado na minha cabeça.

Ele começa a se inclinar novamente, fazendo todo o meu corpo parecer instável, mas de alguma forma encontro forças para balançar a cabeça. "Por favor, não", sussurro. "Já está doendo o suficiente."

Ledger faz uma pausa antes de sua boca se conectar com a minha. Ele recua e levanta a mão, deslizando suavemente as pontas dos dedos sobre o meu queixo. "Eu sei. Sinto muito."

Nós dois ficamos quietos. Imóveis. Eu gostaria de estar processando como fazer isso funcionar entre nós, mas estou processando como não deixar doer, porque não *pode* funcionar.

Ele finalmente se afasta da parede, afastando-se de mim. "Eu me sinto tão..." Ele passa a mão pelo cabelo enquanto procura a







palavra certa. "Desamparado. Sem utilidade." Ele sai pela porta depois de decidir as duas palavras. "Sinto muito", eu o ouço murmurar enquanto se afasta.

Fecho minha porta, tranco e libero cada respiração que segurei esta noite. Meu coração está batendo. O apartamento parece muito quente agora.

Desligo o termostato e deixo Ivy sair do banheiro. Nós nos enrolamos no sofá juntas, e pego meu caderno.

Caro Scotty,

Devo-lhe um pedido de desculpas pelo que acabou de acontecer?

Não tenho certeza do que acabou de acontecer. Ledger e eu definitivamente tivemos um momento, mas foi bom? Ruim? Parecia mais triste do que qualquer coisa.

E se acontecer de novo? Não tenho certeza se vou ser forte o suficiente para pedir a ele que não me toque de todas as maneiras que provavelmente estaríamos nos tocando agora se eu não deixasse escapar as palavras "Por favor, não."

Mas se agirmos de acordo com qualquer coisa que estamos sentindo, ele eventualmente terá que escolher. E ele não vai me escolher. Eu não deixaria, e pensaria muito menos dele se não escolhesse Diem.

E o que acontecerá comigo quando isso acontecer? Não só perderei minha chance com Diem, mas também perderei Ledger.

Já te perdi de vez. Isso é difícil o suficiente.

Quantas perdas uma pessoa pode sofrer antes de jogar a porra da toalha, Scotty? Porque com certeza está começando a parecer que estou sem vitórias aqui.

Amor,







Kenna







CAPÍTULO VINTE E OITO

LEDGER

Os braços de Diem estão apertados em volta do meu pescoço enquanto dou a ela uma carona pelo estacionamento em direção ao carro de Grace. O jogo de T-ball acabou de terminar, e Diem está me fazendo carregá-la porque disse que suas pernas estavam doloridas.

"Eu quero ir trabalhar com você", ela diz.

"Você não pode. Crianças não são permitidas em bares."

"Eu vou ao seu bar com você às vezes."

"Sim, quando estamos fechados", esclareço. "Isso não conta. Estaremos abertos esta noite, está cheio e não poderei ficar de olho em você." Sem mencionar sua mãe, que ela nem sabe que existe, estará lá. "Você pode vir trabalhar para mim quando fizer dezoito anos."

"Isso é muito, muito, muito tempo; você estará morto."

"Ei, agora", Grace diz defensivamente. "Sou muito mais velha que Ledger e não pretendo morrer quando você tiver dezoito anos."

Prendo Diem em seu assento de carro. "Quantos anos terei quando todos morrerem?" Ela pergunta.

"Ninguém sabe quando alguém vai morrer", digo a ela. "Mas se todos vivermos até envelhecermos, todos envelheceremos juntos."

"Quantos anos terei quando você tiver duzentos?"

"Morta", eu digo.





*

Seus olhos se arregalam, e eu imediatamente balanço minha cabeça. "Nós *todos* estaremos mortos. Ninguém vive até os duzentos anos."

"Minha professora tem duzentos."

"A sra. Bradshaw é mais nova que *eu*", Grace fala do banco da frente. "Pare de contar mentiras."

Diem se inclina para frente e sussurra: "Sra. Bradshaw realmente tem duzentos anos."

"Acredito em você." Eu a beijo no topo da cabeça. "Bom trabalho hoje. Amo você."

"Eu também te amo; quero ir trabalhar com..." Fecho a porta de Diem antes que ela termine sua frase. Eu normalmente não as apresso dessa maneira, mas quando estávamos andando pelo estacionamento, recebi uma mensagem de Kenna.

Tudo o que dizia era: "Por favor, venha me buscar."

Ainda não são quatro. Ela disse que não precisava de uma carona quando perguntei a ela ontem, então minha preocupação aumentou imediatamente quando recebi a mensagem.

Já estou na minha caminhonete quando Grace e Diem vão embora. Patrick não pôde jogar hoje porque está trabalhando no trepa-trepa. Eu estava planejando ir para casa por algumas horas para ver o progresso e ajudar antes de ir ao bar, mas agora estou a caminho da mercearia para verificar Kenna.

Vou mandar uma mensagem para Patrick quando chegar lá para que ele saiba que não vou passar por aqui. Estamos quase terminando o trepa-trepa. O aniversário de Diem está chegando, o que significa que hoje deveria ser o grande dia. Leah e meu casamento. Planejamos ir para o Havaí apenas uma semana depois do casamento, e me lembro de estar estressado por não voltarmos para a festa de aniversário de Diem.







Esse foi outro ponto de discórdia entre Leah e eu. Ela não gostou que o quinto aniversário de Diem fosse quase tão importante para mim quanto nossa lua de mel.

Tenho certeza de que Patrick e Grace estariam dispostos a mudar a festa de aniversário, mas Leah agiu como se o quinto aniversário de Diem fosse um grande conflito com nossa lua de mel antes mesmo de perguntar sobre eles mudarem a festa, e isso acabou se tornando uma das primeiras de muitas bandeiras vermelhas.

Dei a Leah a viagem para o Havaí depois do nosso rompimento. Eu já tinha pago, mas não tenho certeza se ela ainda vai. Espero que sim, mas já se passaram três meses desde que nos falamos. Sinto que não tenho ideia do que está acontecendo na vida dela agora. Não que eu *queira* saber. É estranho estar envolvido em todas as facetas de outro ser humano e, de repente, não saber de nada.

Também é estranho pensar que você conhece alguém, mas depois percebe que talvez não a conhecesse. Sinto isso com Leah, estou começando a sentir isso com Kenna, mas de maneira oposta. Com Kenna, sinto que a julguei muito mal no começo. Com Leah, sinto que a julguei muito favoravelmente.

Eu provavelmente deveria ter mandado uma mensagem para Kenna para que ela soubesse que eu estava a caminho, porque a vejo andando sozinha na beira da estrada a cerca de 400 metros de distância da mercearia. Sua cabeça está baixa, ela está com as duas mãos segurando a alça de sua bolsa no ombro. Paro do lado oposto da estrada, mas ela nem percebe minha caminhonete, então toco na buzina. Isso chama a atenção dela. Ela olha para os dois lados, então atravessa a estrada e sobe na minha caminhonete.

Um suspiro pesado emana dela quando fecha a porta. Ela cheira a maçãs, assim como cheirava ontem à noite na porta do seu apartamento.







Eu poderia me dar um soco por ontem à noite.

Ela deixa cair sua bolsa entre nós e tira um envelope dela. Ela o empurra para mim. "Eu recebi. A ordem de restrição. Fui abordada quando estava saindo da mercearia para colocar mantimentos no carro de alguém. Foi mortificante, Ledger."

Eu leio os formulários e estou confuso sobre como um juiz concedeu isso, mas quando vejo o nome de Grady, tudo faz sentido. Ele provavelmente atestou por Patrick e Grace, pode até ter embelezado um pouco a verdade. Ele é desse tipo. Aposto que sua esposa está adorando isso. Estou surpreso que ela não tenha falado sobre isso no campo de futebol hoje.

Eu dobro de volta e coloco na bolsa dela. "Isso não significa nada", digo, tentando confortá-la com a minha mentira.

"Isso significa tudo. É uma mensagem. Eles querem que eu saiba que não vão mudar de ideia." Ela puxa o cinto de segurança. Seus olhos e bochechas estão vermelhos, mas ela não está chorando. Parece que provavelmente já chorou, e eu a peguei depois.

Volto para a estrada me sentindo pesado. O que eu disse ontem à noite sobre me sentir inútil é o termo mais preciso para o que sou agora. Não posso ajudar Kenna, a não ser como já estou ajudando.

Patrick e Grace não vão mudar de ideia, e sempre que tento abordar o assunto com eles, ficam imediatamente na defensiva. É difícil, porque concordo com o motivo deles não quererem Kenna por perto, mas também discordo veementemente.

Eles me cortariam da vida de Diem antes de concordarem em adicionar Kenna a ela. Isso é o que mais me assusta. Se eu insistir demais no assunto, ou se eles descobrirem que estou remotamente do lado de Kenna, temo que comecem a me ver como uma ameaça, da mesma forma que veem Kenna.





A pior parte é que não os culpo por como se sentem em relação a Kenna. O impacto de suas escolhas foi prejudicial para suas vidas. Mas o impacto de *suas* escolhas está se tornando prejudicial para *sua* vida.

Porra. Não há uma boa resposta. De alguma forma, mergulhei nas profundezas de uma situação impossível. Uma que não deixa uma única solução que não leve ao sofrimento de pelo menos uma pessoa.

"Você quer tirar a noite de folga do trabalho?" Entendo completamente se ela não se sente bem, mas ela balança a cabeça.

"Eu preciso das horas. Vou ficar bem. Foi apenas embaraçoso, mesmo sabendo que estava chegando."

"Sim, mas imaginei que Grady teria a decência de levar em casa. Não é como se seu endereço residencial não estivesse no topo do pedido." Viro à direita no próximo semáforo para chegar ao bar, mas algo me diz que Kenna pode precisar de mais ou menos uma hora antes de passar de um turno para o outro. "Você quer um cone de neve?"

Não tenho certeza se isso é uma solução estúpida para um problema tão sério, mas cones de neve são sempre a resposta para mim e Diem.

Kenna acena com a cabeça, acho que posso até ver uma sugestão de sorriso. "Sim. Um cone de neve parece perfeito."







CAPÍTULO VINTE E NOVE

KENNA

Estou inclinando minha cabeça contra a janela do passageiro de sua caminhonete, observando-o caminhar até o estande de cones de neve com suas tatuagens e seu sex appeal para pedir dois cones de neve de arco-íris. Por que ele tem que fazer coisas boas que o tornam tão atraente?

Eu vim aqui uma vez com Scotty, mas Scotty não parecia deslocado pedindo cones de neve. Sentamos em uma mesa de piquenique que costumava ficar à esquerda da barraca de casquinhas de neve, mas agora é um estacionamento, e a mesa de piquenique não está em lugar nenhum. Todas as áreas de estar foram substituídas por mesas de plástico com guarda-sol rosa.

Eu só mandei uma mensagem para Ledger e pedi uma carona por causa de Amy.

Ela me encontrou no banheiro prestes a ter um ataque de pânico e perguntou o que havia de errado. Eu não podia suportar dizer a ela que alguém fez uma ordem de restrição contra mim. Em vez disso, apenas disse a ela a verdade. Que às vezes tenho ataques de pânico, mas que passa, e sinto muito, então pateticamente implorei para ela não me demitir.

Ela parecia tão triste por mim, mas ela também riu. "Por que eu iria demiti-la? Você é a única funcionária que tenho que realmente *quer* trabalhar em turnos duplos. Então você ter um ataque de pânico, grande coisa." Ela me convenceu a encontrar uma carona para casa porque não confiava em mim para ter que andar todo aquele caminho. Eu não queria dizer a ela que Ledger é a única pessoa que conheço na cidade, então mandei uma





* *

mensagem para ele, mais para tranquilizá-la de que não estaria sozinha. Era bom ter alguém preocupada comigo.

Há muito que sei que preciso agradecer, e Amy é uma dessas coisas. É muito difícil ser grata quando há apenas uma coisa que quero na minha vida, e sinto que estou ficando cada vez mais longe disso.

Ledger retorna para a caminhonete com nossos cones de neve. Há granulado no meu, sei que é uma coisa pequena, mas tomo nota disso. Talvez se eu reconhecer todas as coisas boas, não importa quão pequenas, elas se somam para tornar as coisas ruins da minha vida menos dolorosas.

"Você já trouxe Diem aqui?" Pergunto.

Ele usa sua colher para apontar para a rua. "O estúdio de dança fica a um quarteirão daqui", ele diz. "Eu a deixo e Grace a pega. Ela é difícil de dizer não, então eu sou um regular aqui." Ele enfia a colher na boca, abre a carteira e tira um cartão de visita. Há minúsculos cones de neve perfurados em torno dele. "Perto de conseguir um grátis", diz, colocando-o de volta em sua carteira.

Isso me faz rir. "Impressionante." Eu gostaria de ter ido fazer o pedido com ele apenas para que pudesse vê-lo entregar seu cartão perfurado de cone de neve.

"Banana e limonada." Ele olha para mim depois de dar uma mordida. "Essa é a combinação favorita dela."

Eu sorrio. "Amarelo é sua cor favorita?"

Ele concorda.

Enfio minha colher na parte amarela do meu cone de neve e dou uma mordida. Esses pequenos petiscos que ele me dá são outra coisa que aprecio. São pequenas partes do todo, talvez se ele me der o suficiente deles, não doerá tanto quando eu tiver que sair.





* *

Tento pensar em algo para falar que não seja Diem. "Como é a casa que você está construindo?"

Ledger pega seu telefone e verifica a hora, então coloca sua caminhonete em marcha ré. "Vou levá-la para ver. Razi e Roman podem nos cobrir por um tempo."

Dou outra mordida e não digo nada, mas acho que ele não percebe o que sua vontade de me mostrar sua nova casa significa para mim.

Os Landrys podem ter registrado uma ordem de restrição contra mim, mas pelo menos Ledger confia em mim.

Tenho isso para me agarrar, e me agarro a isso com força.

Uma vez que estamos a pelo menos vinte quilômetros fora da cidade, viramos em uma área com uma grande entrada de madeira que diz *Cheshire Ridge*, então começamos a subir uma estrada sinuosa. As árvores cobrem a estrada como se a abraçassem. As laterais da estrada são pontilhadas de caixas de correio a cada meio quilômetro.

Nenhuma das casas pode ser vista da estrada. As caixas de correio são as únicas pistas de que as pessoas vivem aqui, porque as árvores são muito densas. É tranquilo e isolado. Posso ver porque ele escolheu esta área.

Chegamos a um pedaço de propriedade que é tão cheio de árvores que você nem consegue ver a maior parte da entrada da estrada. Há uma estaca no chão onde suponho que a caixa de correio acabará. Há colunas que parecem que vão acabar sendo um portão de privacidade algum dia.

"Você tem vizinhos próximos aqui?"





* *

Ele balança a cabeça. "Não por um quilômetro, pelo menos. A propriedade fica em um terreno de dez acres."

Entramos na propriedade e, eventualmente, uma casa começa a tomar forma entre as árvores. Não é o que eu esperava. Esta casa não é uma grande casa de estilo senhorial com um telhado pontiagudo. É espalhada, plana e única, construída com algum tipo de material que não reconheço.

Eu não imaginei que Ledger quisesse algo tão moderno e incomum. Não sei por que imaginei uma cabana de madeira ou algo mais tradicional. Talvez porque ele mencionou que ele e Roman estavam construindo, e eu só esperava que fosse um pouco menos...complicado.

Saímos da caminhonete, e tento imaginar Diem aqui fora, correndo pelo quintal, brincando no pátio, assando marshmallows na fogueira do deck dos fundos.

Ledger me mostra, mas não consigo entender esse tipo de estilo de vida, nem mesmo para minha filha. As bancadas da cozinha ao ar livre com vista para o quintal provavelmente valem mais do que tudo o que já tive em toda a minha vida somado.

São três quartos, mas o quarto principal é o destaque para mim, com um closet ridículo — quase tão grande quanto o próprio quarto.

Admiro a casa e o ouço falar animadamente sobre tudo que ele e Roman fizeram à mão e, embora seja impressionante, também é deprimente.

Esta é uma casa em que minha filha passará um tempo, o que significa que é provável que nunca mais eu volte. Por mais que eu goste de vê-lo exibir seu espaço, também não quero vê-lo agora que estou aqui.

E para ser honesta, meio que me deixa triste saber que ele não vai morar em frente a Diem. Estou começando a realmente





* *

gostar dele como pessoa, saber que é uma constante em sua vida é reconfortante. Mas ele não estará do outro lado da rua quando se mudar para cá, isso me faz pensar se isso vai deixá-la triste.

A porta dos fundos para o enorme pátio com vista para as colinas se abre como um acordeão. Ele a empurra para o lado e saio para o convés dos fundos. O sol está prestes a se pôr, é provavelmente uma das melhores vistas do pôr do sol em toda a cidade. Ele ilumina as copas das árvores abaixo de nós e as faz parecer que estão pegando fogo.

Ainda não há móveis no pátio, então me sento nos degraus e Ledger se senta ao meu lado. Não falei muito, mas ele não precisa de elogios. Sabe como este lugar é lindo. Não posso imaginar o que está custando para ele construi-lo.

"Você é rico?" Acaba de sair. Esfrego meu rosto depois de perguntar e digo: "Desculpe. Isso foi rude."

Ele ri e apoia os cotovelos nos joelhos. "Está bem. A casa é mais barata do que parece. Roman e eu fizemos a maior parte do trabalho à mão nos últimos dois anos, mas fiz bons investimentos com o dinheiro que recebi do meu contrato de futebol. A maior parte se foi agora, mas consegui um negócio e agora uma casa. Não posso reclamar."

Estou feliz por ele. Pelo menos a vida dá certo para algumas pessoas.

Todos nós temos nossos fracassos, porém, suponho. Estou curiosa para saber quais são as falhas de Ledger. "Espere", eu digo, lembrando pelo menos uma coisa que não funcionou para ele. "Você não deveria se casar neste fim de semana?"

Ledger acena com a cabeça. "Duas horas atrás, na verdade."

"Você está triste com isso?"

"Claro", ele diz. "Não me arrependo da decisão, mas estou triste por não ter dado certo. Eu a amo."





X

Ele disse *amor*, como no presente. Espero que ele se corrija, mas não o faz, então percebo que não foi um erro. Ele ainda a ama. Acho que perceber que sua vida não é compatível com a de outra pessoa não apaga os sentimentos que existem.

Há uma pequena chama de ciúme de repente piscando em meu peito. "Como você propôs a ela?"

"Nós realmente temos que falar sobre isso?" Ele está rindo, como se o assunto fosse mais estranho do que triste.

"Sim. Eu sou intrometida."

Ele exala e depois diz: "Primeiro, pedi permissão ao pai dela. Então comprei para ela o anel que ela não foi tão sutil em querer. Eu a levei para jantar no nosso segundo aniversário e planejei um grande pedido de casamento no parque na rua do restaurante. Seus amigos e familiares estavam lá esperando, então eu me ajoelhei e a pedi em casamento. Foi o típico engajamento digno do Instagram."

"Você chorou?"

"Não. Eu estava muito nervoso."

"Ela chorou?"

Ele inclina a cabeça como se estivesse tentando pensar no passado. "Acho que não. Talvez uma lágrima ou duas? Estava escuro, o que não levei em consideração, então a filmagem da proposta ficou meio ruim. Ela reclamou disso no dia seguinte. Que não teria um bom vídeo e eu deveria ter proposto *antes* do pôr do sol."

"Ela parece divertida."

Ledger sorri. "Honestamente, você provavelmente gostaria dela. Continuo dizendo coisas que a fazem soar mal, mas nos divertimos muito juntos. Quando estávamos juntos, eu não





* *

pensava tanto em Scotty. As coisas pareciam leves com ela por causa disso."

Desvio o olhar quando ele diz isso. "Eu só te lembro dele?"

Ledger não diz nada em resposta à minha pergunta. Ele não quer ferir meus sentimentos, então simplesmente escolhe não responder, mas seu silêncio me faz sentir como se eu quisesse fugir. Começo a me levantar porque estou pronta para sair, mas assim que começo a me levantar, ele agarra meu pulso e gentilmente me puxa de volta para baixo.

"Sente-se. Vamos ficar até o sol se pôr."

Sento novamente e leva cerca de dez minutos para o sol afundar nas árvores. Nenhum de nós fala. Apenas observamos os raios desaparecerem e as pontas das árvores retornarem às suas cores naturais e sem fogo. Está anoitecendo agora, sem eletricidade, a casa atrás de nós está escurecendo rapidamente.

Ledger tem um olhar contemplativo sobre isso quando diz: "Sinto-me culpado."

Bem-vindo ao meu estado constante. "Por que?"

"Por construir esta casa. Sinto que Scotty ficaria desapontado comigo. Diem fica tão triste toda vez que trazemos à tona o fato de que estou colocando minha outra casa à venda."

"Por que você construiu esta casa, então?"

"É meu sonho há muito tempo. Comprei o terreno e comecei a rascunhar o projeto quando Diem era apenas um bebê. Antes que soubesse o quanto eu a amaria." Ele corta os olhos para os meus. "Não me entenda mal, eu a amava naquela época, mas era diferente. Ela começou a andar e falar, e desenvolver sua personalidade única, tornamo-nos inseparáveis. E com o tempo, este lugar começou a parecer menos como minha futura casa e mais como..." Ele tenta inventar a palavra, mas não consegue.







"Uma prisão?"

Ledger me olha como se eu fosse a primeira pessoa a entendêlo. "Sim. Exatamente. Sinto que estou preso a isso agora, mas a ideia de não ver Diem todos os dias está realmente começando a pesar em mim. Vai mudar nosso relacionamento. Com minha agenda, provavelmente a verei uma vez por semana, se tiver sorte. Acho que é por isso que tenho demorado a construí-la. Não sei se estou realmente ansioso para me mudar para cá."

"Então venda."

Ele ri, como se fosse uma ideia absurda.

"Estou falando sério. Prefiro que você more do outro lado da rua da minha filha do que do outro lado da cidade. Sei que não posso estar na vida dela como eu gostaria, mas há algum conforto em saber que você está."

Ledger me encara por um longo tempo depois que digo isso. Então ele se levanta e estende a mão para a minha. "Devemos começar a trabalhar."

"Sim. Não quero irritar o chefe." Agarro sua mão e me levanto, quando o faço, de repente estou muito perto dele. Ele não recua ou solta minha mão, agora olha para mim a apenas alguns centímetros de distância com uma intensidade que sinto deslizar pela minha espinha.

Ledger enfia os dedos nos meus, quando nossas palmas se tocam, a sensação que surge em mim me faz estremecer. Ledger também sente isso; posso ver na forma como seus olhos se enchem de tormento.

É engraçado como algo que deveria ser tão bom pode ser tão doloroso quando as circunstâncias não estão certas. E nossas circunstâncias definitivamente não estão certas. Mas aperto sua mão de qualquer maneira, deixando-o saber que estou sentindo exatamente o que ele está sentindo, estou tão dividida quanto ele.





Ledger coloca sua testa na minha, nós dois fechamos os olhos e apenas respiramos silenciosamente através de qualquer que seja este momento. Posso sentir tudo o que ele não está dizendo. Posso até de alguma forma sentir o beijo que ele nem está me dando. Mas se voltarmos ao momento que compartilhamos ontem à noite, isso abriria ainda mais essa ferida, até que isso seja tudo que eu sou.

Ele sabe tanto quanto eu que isso não é uma boa ideia.

"O que você vai fazer, Ledger? Esconder-me em seu armário até que ela tenha dezoito anos?"

Ele olha para nossas mãos ainda unidas e dá de ombros. "É um armário enorme."

Há apenas um minuto de silêncio antes de ser cortado em dois pelo meu riso.

Ele sorri e, em seguida, lidera o caminho através de sua casa escura e volta para sua caminhonete.







CAPÍTULO TRINTA

LEDGER

Estou no meu escritório processando a folha de pagamento, meus pensamentos, processando todos os erros que cometi nas últimas semanas.

Roman estava certo quando disse que eu poderia tê-la pago se realmente quisesse que fosse embora. Talvez eu devesse, porque quanto mais estou perto dela, mais falsas esperanças estou dando a ela.

Os Landrys não aceitarão a ideia de aceitá-la tão cedo. E se ela ficar aqui e continuar trabalhando, está colocando nós dois em risco de sermos pegos.

Eu não sei o que estava pensando em contratá-la em primeiro lugar. Achei que ela poderia se esconder nos fundos, mas Kenna não é o tipo de garota que você pode esconder. Ela se destaca. Alguém vai notá-la. Alguém a reconhecerá.

Então nós dois sentiremos as consequências dessa mentira.

Pego meu telefone e mando uma mensagem para Kenna. **Venha ao meu escritório quando tiver um segundo**.

Eu me levanto e ando de um lado para o outro durante os trinta segundos que ela leva para vir ao meu escritório. Fecho a porta atrás dela e então caminho até minha mesa e sento na beirada dela.

Ela está perto da porta, seus braços estão cruzados. Parece nervosa. Não quero deixá-la nervosa. Aponto para a cadeira à





* *

minha frente, ela caminha hesitante em direção a ela e depois se senta.

"Sinto que estou em apuros", ela diz.

"Você não está em apuros. Eu acabei de...estive pensando. Sobre o que você ouviu Roman dizer. E sinto que devo deixar você saber que não precisa mais vir trabalhar."

Ela parece surpresa. "Estou sendo demitida?"

"Não. Claro que não." Inalo uma respiração em preparação para a honestidade que estou prestes a derramar. "Nós dois sabemos que contratei você por motivos egoístas, Kenna. Se você chegar ao ponto de querer sair da cidade e precisar de dinheiro, tudo o que precisa fazer é pedir. Não precisa trabalhar para isso."

Ela está olhando para mim como se dei um soco no estômago dela. Ela se levanta e começa a andar enquanto processa essa conversa. "Você *quer que* eu saia da cidade?"

Porra. Eu a trouxe aqui para tentar facilitar a vida dela, mas estou dizendo tudo errado. Balanço minha cabeça. "Não." Estendo a mão e envolvo seu pulso com meus dedos para impedi-la de andar.

"Então por que você está me falando isso?

Eu poderia dar a ela várias razões. Porque você precisa saber que tem opções. Porque se ficar aqui, alguém acabará por reconhecêla. Porque se continuarmos trabalhando juntos, vamos destruir o que resta de nossa frágil fronteira.

Eu não digo nenhuma dessas coisas, no entanto. Apenas olho para ela incisivamente enquanto corro meu polegar em seu pulso. "Você sabe porquê."

Seu peito sobe e desce com seu suspiro.

Mas então ela puxa a mão da minha com a batida repentina na porta do meu escritório. Eu imediatamente me endireito, e





X

Kenna cruza os braços sobre o peito. Nossas reações nos fazem parecer realmente culpados agora.

Mary Anne está parada na porta olhando para trás e para frente entre nós. Ela sorri e diz: "O que acabei de interromper? Uma avaliação de funcionários?"

Dou a volta na minha mesa e finjo estar ocupado com a tela do meu computador. "O que você precisa, Mary Anne?"

"Bem. De repente, parece o momento errado para mencionar isso, mas Leah está aqui. A mulher com quem você deveria se casar hoje? Ela está lá na frente perguntando por você."

É preciso tudo em mim para não olhar para Kenna para ver como ela reagiu a isso. De alguma forma, consigo manter o foco em Mary Anne. "Diga a ela que já vou sair."

Mary Anne se afasta da porta, mas a deixa aberta. Kenna imediatamente a segue sem olhar para mim.

Estou confuso, porque Leah estaria aqui? O que ela pode querer? Ela está tendo mais reação ao que hoje deveria ser do que eu?

Porque quase não pensei nisso. Acho que isso prova que foi a decisão certa. Para mim, pelo menos.

Saio do meu escritório, mas tenho que passar por Kenna a caminho da frente. Fazemos dois segundos de contato visual antes que ela desvie o olhar.

Saio da cozinha e olho ao redor da sala, mas não vejo Leah imediatamente. Está muito mais cheio agora do que quando fui ao meu escritório para fazer a folha de pagamento, então olho em volta por um momento antes de ir para trás do bar. Mary Anne está do outro lado da sala, então não posso perguntar a ela onde Leah foi.

Roman me vê e aponta para um grupo de caras. "Ainda não recebi o pedido deles."







"Onde está Leah?"

Roman parece confuso. "Leah? O que?"

Mary Anne está caminhando em minha direção. Ela sorri e se inclina sobre o bar quando me alcança. "Roman estava ficando sobrecarregado, então ele me pediu para chamar você. Eu estava brincando sobre Leah. Só estava tentando criar um pouco de angústia para você porque as garotas *adoram* angústia. De nada." Ela pega uma bandeja cheia de bebidas e desliza até uma mesa para entregá-las.

Balanço minha cabeça em confusão. Estou irritado por ela ter mentido, porque agora a mente de Kenna provavelmente está indo em mil direções diferentes. Mas também estou aliviado por ela ter mentido. Eu não queria ver Leah.

Fico e recebo alguns pedidos e fecho três mesas, mas assim que Roman termina, vou para os fundos. Kenna não está na cozinha. Procuro por ela, mas Aaron aponta para a porta dos fundos para me avisar que ela está de folga.

Quando abro a porta do beco, encontro Kenna encostada no prédio com os braços cruzados sobre o peito. Ela olha para mim assim que saio, posso ver o alívio imediato inundá-la.

Ela estava com ciúmes. Ela tenta esconder forçando um sorriso, mas vi o olhar em seu rosto antes que ela o empurrasse para longe.

Ando até ela e imito sua posição contra a parede. "Mary Anne estava mentindo. Leah não estava aqui; ela inventou isso."

Ela estreita os olhos em confusão. "Por que ela..." Kenna para de falar e um pequeno sorriso se espalha em seus lábios. "Uau. Mary Anne é uma bagunça." Ela não parece zangada porque Mary Anne mentiu. Parece impressionada.

O sorriso dela me faz sorrir, então eu digo: "Você estava com ciúmes."







Kenna revira os olhos. "Eu não estava."

"Você estava."

Ela se afasta da parede e se dirige para as escadas, mas para bem na minha frente. Ela me encara, e não posso dizer o que sua expressão significa.

Eu não sei o que ela está prestes a fazer, mas se ela tentar me beijar, será a porra da minha noite. Estou cansado do vai-e-vem com ela. Estou cansado de escondê-la. Eu daria qualquer coisa para conhecê-la melhor sem me preocupar com as consequências, para poder fazer perguntas que não têm nada a ver com Scotty ou os Landrys. Quero beijá-la abertamente, quero levá-la para casa comigo, quero saber como é adormecer e acordar ao lado dela.

Eu gosto dela, quanto mais estou perto, mais não quero ficar longe dela.

"Estou colocando meu aviso prévio de duas semanas", ela diz.

Merda. Mordo meu lábio até ter certeza de que não vou cair de joelhos e implorar para ela ficar. "Por que?"

Ela hesita e então diz: "Você sabe por quê."

Ela desaparece de volta para dentro do prédio, e sento na porra dos meus sentimentos.

Olho para minha caminhonete com uma vontade intensa de dirigir direto para a casa de Patrick e Grace e contar tudo sobre Kenna. Quero dizer a eles como ela é altruísta. Quero dizer a eles o quão trabalhadora ela é. Quero dizer a eles o quanto ela perdoa, porque cada um de nós tem feito da vida dela um inferno, mas ela de alguma forma não parece ressentir-se por isso.

Quero contar a Patrick e Grace todas as coisas maravilhosas sobre Kenna, mas ainda mais do que isso, quero dizer a Kenna como eu estava errado quando disse a ela que Diem não se beneficiaria de tê-la em sua vida.





Quem sou eu para dizer isso a uma mãe sobre sua própria filha?

Quem diabos sou eu para fazer esse tipo de julgamento?







CAPÍTULO TRINTA E UM

KENNA

Começa a chover no caminho para casa. A chuva batendo no para-brisa é o único som agora, porque nenhum de nós está falando. Nós não dissemos uma palavra um para o outro desde que estávamos no beco mais cedo esta noite.

Eu me pergunto se ele está bravo que coloquei meu aviso prévio. Eu não sei por que ele estaria; foi ele quem trouxe isso. Mas está tão quieto que está deixando as coisas desconfortáveis.

Não posso continuar a trabalhar para ele, no entanto. Como planejamos minha partida em potencial quando começamos a desejar a companhia um do outro? Pensei que isso era confuso antes, mas ficará ainda mais confuso se eu deixar continuar.

Há uma energia não resolvida se movendo entre nós na caminhonete quando ele para no estacionamento. Às vezes, quando ele me deixa, nem desliga o motor. Mas esta noite ele faz, remove as chaves e seu cinto de segurança, pega um guarda-chuva e *sai* da caminhonete.

Ele leva apenas alguns segundos para chegar ao lado do passageiro, mas nesses poucos segundos, decidi que não quero que ele me acompanhe para acima. Posso subir. É melhor assim. Não confio em mim com ele.

Ele abre minha porta e alcanço o guarda-chuva, mas ele o puxa de volta.

"O que você está fazendo?" Ele pergunta.

"Dê-me o guarda-chuva. Eu posso ir."





X

Ele dá um passo para trás para que eu possa sair de sua caminhonete. "Não. Vou te acompanhar."

"Eu não sei se você deveria."

"Definitivamente não deveria", ele diz. Mas continua andando. Continua segurando o guarda-chuva sobre minha cabeça.

Minha respiração começa a ficar presa no meu peito antes mesmo de chegarmos ao topo da escada. Pego minhas chaves da bolsa, sem saber se ele está esperando entrar ou se só planeja me dar boa noite. Qualquer escolha me deixa nervosa. Qualquer uma é demais. Qualquer uma servirá.

Ele fecha o guarda-chuva quando chegamos à minha porta e espera que eu a destranque. Antes de abri-la, viro para encará-lo como se ele fosse me deixar dizer boa noite sem convidá-lo para entrar.

Ele aponta para a minha porta, mas não diz nada.

Inalo silenciosamente e, em seguida, empurro a porta do meu apartamento. Ele me segue para dentro e fecha a porta atrás dele.

Está agindo tão seguro agora. O completo oposto do que estou sentindo. Pego Ivy e a levo ao banheiro para que ela não possa sair caso Ledger abra a porta para sair.

Quando fecho a porta do banheiro e me viro, Ledger está de pé no balcão, passando um dedo pela pilha de cartas que imprimi.

Eu não quero que ele as leia, então me aproximo e as viro e empurro de lado.

"São essas as cartas?" Ele pergunta.

"A maioria delas. Mas também tenho cópias digitais. Eu digitei todas alguns meses atrás e coloquei no Google Drive. Eu tinha medo de perdê-las."







"Você vai ler uma delas para mim?"

Balanço minha cabeça. Essas cartas são pessoais para mim. Esta é a segunda vez que ele pergunta se eu leria uma, e a resposta ainda é não. "Você me pedir para ler uma dessas cartas seria como eu pedir para você tocar uma fita de uma de suas sessões de terapia."

"Eu não faço terapia", Ledger diz.

"Talvez você deva."

Ele morde o lábio com um aceno contemplativo. "Talvez eu vá."

Ando ao redor dele e abro a geladeira. Tenho estocado lentamente, então realmente tenho mais do que Lunchables desta vez. "Você quer algo para beber? Tenho água, chá, leite." Pego um recipiente quase vazio de suco. "Um gole de suco de maçã."

"Não estou com sede."

Eu também não, mas bebo o resto do suco de maçã direto do recipiente como medida preventiva, porque sinto que estou prestes a ficar seca com ele parado no meu apartamento assim. Apenas sua presença aqui é suficiente para fazer minha garganta secar.

É diferente quando estamos no trabalho. Há outras pessoas ao redor para impedir que minha mente se mova na direção que está se movendo agora.

Mas quando estamos apenas nós dois sozinhos no meu apartamento, tudo o que consigo pensar é na nossa proximidade um do outro e quantos batimentos cardíacos vão passar no tempo que ele leva para fechar a lacuna e me beijar.

Coloco o recipiente vazio de suco de maçã no balcão e limpo a boca.

"É por isso que você sempre tem gosto de maçã?"





Olho diretamente para ele quando diz isso. É uma coisa íntima de se dizer. Admitir em voz alta que sabe qual é o gosto de outra pessoa. Eu me sinto como uma adolescente deslumbrada e inexperiente sob seu olhar, então olho para os meus pés porque não olhar para ele é menos desgastante.

"O que você quer, Ledger?"

Ele calmamente se inclina contra o balcão. Estamos a apenas alguns metros de distância quando ele diz: "Quero conhecê-la melhor."

Eu não esperava que ele dissesse isso, então é claro que olho para ele e imediatamente me arrependo, porque ele está tão perto de mim. "O que você quer saber?"

"Mais sobre você. Seus gostos, seus desgostos, seus objetivos. O que você quer fazer da sua vida?"

Eu não posso deixar de rir. Esperava que ele perguntasse sobre Scotty, ou algo relacionado a Diem, ou minha situação atual. Mas ele está apenas conversando casualmente, não tenho ideia do que fazer com isso. "Sempre quis ser um chaveiro."

Isso faz Ledger rir. "Um chaveiro?"

Eu concordo.

"Por que chaveiro?"

"Porque ninguém pode ficar bravo com um chaveiro. Eles aparecem para ajudar quando as pessoas estão em crise. Acho que seria um trabalho gratificante tornar os dias de merda das pessoas um pouco melhores."

Ledger acena agradecido. "Não posso dizer que já conheci alguém que quisesse ser um chaveiro."

"Bem. Agora você conhece. Próxima questão."

"Por que você escolheu o nome Diem?"





* *

Viro sua pergunta para ele antes de responder. "Por que os Landrys escolheram não mudar o nome que dei a ela?"

Ele flexiona sua mandíbula. "Eles estavam preocupados que talvez você e Scotty tivessem discutido o nome dela, e Diem era um nome que Scotty escolheu."

"Scotty nunca soube que eu estava grávida."

"Você sabia que estava grávida?" Ele pergunta. "Antes de Scotty morrer?"

Balanço minha cabeça. Minha voz é um sussurro quando digo: "Não. Eu nunca teria me declarado culpada se soubesse que estava grávida de Diem."

Ele se concentra nessa resposta. "Por *que* você se declarou culpada?"

Eu me abraço. Meus olhos começam a arder, então tomo um momento para respirar através da memória antes de responder a ele. "Eu não estava em um bom momento", admito. Eu não elaboro, no entanto. Não posso.

Ledger não volta com outra pergunta imediatamente. Ele deixa o silêncio preencher a sala e então diz: "Onde estariamos agora se eu não conhecesse Scotty?"

"O que você quer dizer?"

Seus olhos caem brevemente na minha boca. É um lampejo de um olhar, mas vejo. Eu sinto. "Na noite em que nos conhecemos no bar. Você disse que não sabia quem eu era. E se eu fosse apenas um cara qualquer que não conhecesse Diem ou Scotty ou você? O que acha que teria acontecido entre nós naquela noite?"

"Muito mais do que o que aconteceu", admito.

Ele movimenta a garganta como se tivesse engolido aquela resposta. Ele me encara e eu o encaro de volta, esperando





* *

ansiosamente por sua próxima pergunta, pensamento ou movimento.

"Às vezes me pergunto se estaríamos conversando agora se eu não conhecesse Diem."

"Por que isso importa?" Pergunto.

"Porque seria a diferença entre você querer estar comigo por mim, ou querer estar comigo para que pudesse me usar para minhas conexões."

Minha mandíbula fica tensa. Tenho que quebrar nosso olhar e olhar para algo além dele, porque esse comentário me deixa com raiva. "Se eu quisesse usar você para suas conexões, teria fodido você agora." Afasto-me do balcão. "Você deve ir." Começo a andar em direção à porta, mas Ledger agarra meu pulso e me puxa de volta.

Eu me viro, mas antes que possa gritar com ele, vejo o olhar em seus olhos. É desconsolado. Triste. Ele me puxa para seu peito e envolve seus braços em volta de mim em um abraço reconfortante. Estou dura contra ele, sem saber o que fazer com minha raiva persistente. Ele desliza as mãos para os meus braços e os levanta, envolvendo-os em volta da cintura.

"Eu não estava insultando você", ele diz, sua respiração roçando minha bochecha. "Estava apenas trabalhando em alguns pensamentos em voz alta." Ele pressiona o lado de sua cabeça na minha, fecho meus olhos porque isso parece tão bom. Esqueci como era sentir alguém precisar de mim. Querer. *Como* eu.

Ledger nos mantém juntos quando diz: "Em questão de algumas semanas, passei de odiar você a gostar de você e a querer o mundo para você, então me perdoe se esses sentimentos às vezes se sobrepuserem."

Eu me relaciono com isso mais do que ele sabe. Às vezes quero gritar com ele por ser um muro entre mim e minha filha, mas







ao mesmo tempo quero beijá-lo por amá-la o suficiente para *ser* um muro de proteção para ela.

Seu dedo encontra meu queixo, ele inclina meu foco para o dele. "Eu gostaria de poder retirar o que disse a você quando falei que Diem não se beneficiaria de você estar na vida dela." Ele desliza as mãos no meu cabelo e me olha com sinceridade. "Ela teria sorte de ter uma mulher como você em sua vida. Você é altruísta, gentil e forte. É tudo que quero que Diem seja um dia." Ele enxuga uma lágrima que cai no meu rosto. "E não sei como posso fazê-los mudar de ideia, mas vou tentar. Quero lutar por você porque sei que é isso que Scotty gostaria que eu fizesse."

Não tenho ideia do que fazer com todos os sentimentos que suas palavras acabaram de despertar.

Ledger não me beija, mas isso é só porque eu o beijo primeiro. Pressiono minha boca na dele porque nada que eu pudesse dizer transmitiria o quanto aprecio a validação que ele acabou de me dar. Uma coisa é ele admitir que quer que eu a conheça, mas ele deu um milhão de passos adiante dizendo que quer que ela seja como eu.

É a coisa mais gentil que alguém já me disse.

Sua língua desliza contra a minha, e o calor de sua boca parece pulsar em mim. Eu o puxo para mais perto até nossos peitos se encontrarem, mas ainda não está perto o suficiente. Eu não tinha ideia de que era a única coisa que me impedia com Ledger. Eu só precisava saber que ele acreditava em mim. Agora que sei que sim, não consigo encontrar uma única parte de mim que não quer cada parte dele.

Ledger me levanta e me leva pela sala até o sofá sem quebrar nosso beijo.

O peso do seu corpo é tão bom pressionado contra o meu. Começo a tirar sua camisa porque quero estar contra sua





X

pele, mas ele afasta minha mão. "Espere", ele diz, se afastando. "Espere, espere, espere."

Deixo cair minha cabeça no sofá e gemo. Não aguento muito mais esse vai-e-vem. Finalmente estou em um espaço para deixá-lo fazer o que quiser comigo, e agora *é ele que está* se afastando.

Ele beija meu queixo. "Eu posso estar me adiantando, mas se estamos prestes a fazer sexo, preciso descer até minha caminhonete e pegar uma camisinha antes de você me despir. A menos que tenha uma camisinha aqui."

Estou tão aliviada que é por isso que ele parou. Eu o afasto. "Rápido. Vá buscar uma."

Ele sai do sofá e pela porta em segundos. Eu uso o minuto livre para verificar meu reflexo no espelho do banheiro. Ivy está dormindo em sua pequena cama que coloquei ao lado da banheira.

Pego um pouco de pasta de dente e escovo os dentes e a língua.

Eu gostaria de poder escrever uma carta rápida para Scotty. Sinto que preciso avisá-lo do que está prestes a acontecer, o que é estúpido porque ele está morto e já faz cinco anos e eu posso fazer sexo com quem quiser, mas ele foi a última pessoa com quem fiz sexo, então isso parece um grande momento.

Sem mencionar, é com seu melhor amigo.

"Eu sinto muito, Scotty", sussurro. "Mas não sinto muito o suficiente para pará-lo."

Ouço minha porta da frente se abrir, então saio do banheiro e encontro Ledger trancando a porta. Quando ele se vira para mim, sorrio porque ele está encharcado da chuva. Seu cabelo está pingando água em seus olhos, então ele o empurra para trás. "Eu provavelmente deveria ter usado o guarda-chuva, mas não queria perder tempo."





* *

Ando até ele e o ajudo a tirar a camisa. Ele retribui o favor e me ajuda a sair da minha. Estou usando meu bom sutiã. Eu o uso toda vez que trabalho em um turno no bar dele porque queria estar preparada caso isso acontecesse.

Tenho tentado me convencer de que não, mas no fundo, eu esperava que sim.

Ledger se inclina para frente e me beija na boca com os lábios encharcados de chuva. Ele está com frio porque está molhado, mas sua língua é um contraste escaldante com seus lábios gelados.

Meu estômago gira com calor quando ele envolve a outra mão no meu cabelo e inclina meu rosto para trás para que possa me beijar ainda mais fundo. Abaixo minhas mãos em seu jeans e o desabotoo, ansiosa para tirá-lo dele. Determinada a senti-lo contra mim. Com medo de não me lembrar de como fazer isso.

Faz tanto tempo desde que fiz sexo que sinto que deveria avisá-lo. Ele começa a me levar para trás em direção ao colchão inflável. Ele me abaixa e começa a remover o resto das minhas roupas. Enquanto desce meu jeans pelas minhas pernas, eu digo: "Eu não estive com ninguém desde Scotty."

Seus olhos encontram os meus depois que ele tira meu jeans, e há uma tranquilidade calmante em sua expressão. Ele se abaixa em cima de mim e pressiona um beijo suave na minha boca. "Tudo bem mudar de ideia."

Balanço minha cabeça. "Eu não vou. Só queria que você soubesse que já faz um tempo. Caso eu não seja muito..."

Ele me corta com outro beijo; então diz: "Você já superou minhas expectativas, Kenna." Ele move sua boca para o meu pescoço, e sinto sua língua se arrastar pela minha garganta.

Meus olhos se fecham.

Ele remove minha calcinha e meu sutiã e seu jeans enquanto sua língua explora cada centímetro de mim entre meu pescoço e





* *

meu abdômen. Quando ele rasteja de volta para me beijar na boca, eu o sinto duro entre minhas pernas, isso me enche de antecipação. Dou-lhe um beijo profundo, longo e significativo enquanto ele coloca a mão entre nós e coloca a camisinha.

Ele se posiciona contra mim, mas não me penetra. Em vez disso, desliza o dedo no meu centro, é tão inesperado que arqueio as costas e gemo.

Meu gemido é abafado pelo trovão lá fora. Está chovendo ainda mais forte agora, mas gosto que a tempestade seja nosso ruído de fundo. De alguma forma, torna isso ainda mais sensual.

Ledger continua a passar o dedo sobre mim, depois dentro de mim, a sensação é tão intensa que nem consigo beijá-lo de volta. Meus lábios estão separados e estou gemendo entre suspiros de ar. Ledger mantém seus lábios apoiados nos meus quando começa a empurrar em mim.

Ele não é capaz de empurrar em mim com facilidade. É uma experiência lenta, quase dolorosa. Movo minha boca para seu ombro enquanto ele faz um progresso suave.

Quando está dentro de mim, deixo cair minha cabeça de volta para o travesseiro porque a dor se transformou em prazer. Ele lentamente puxa para fora e, em seguida, empurra de volta para mim com um pouco mais de força. Ele exala bruscamente, sua respiração cai sobre meu ombro, fazendo cócegas na minha pele.

Levanto meu quadril, me abrindo para ele ainda mais, e ele empurra novamente.

"Kenna." Mal consigo abrir os olhos e olhar para ele. Seus lábios roçam os meus e ele sussurra: "Isso é bom demais. *Porra.* Porra, tenho que parar." Ele sai de dentro de mim, e quando o faz, eu gemo. É um vazio imediato para o qual não estava preparada. Ledger permanece em cima de mim e desliza dois dedos dentro de mim, então nem tenho tempo para reclamar antes de gemer novamente. Ele beija o local logo abaixo da minha







orelha. "Desculpe, mas não vou durar muito quando estiver de volta dentro de você."

Eu nem me importo. Só quero que ele continue fazendo o que está fazendo com a mão. Envolvo meu braço em volta do pescoço dele e o puxo para baixo. Quero todo o seu peso pressionado contra mim.

Ele desliza o polegar até o meu centro, e isso envia um choque tão intenso através de mim, que acabo mordendo seu ombro. Ele geme quando meus dentes apertam sua pele, seu gemido me leva ao limite.

Nossas bocas se encontram em um beijo frenético e ele engole meus gemidos enquanto termina comigo. Eu ainda estou tremendo sob seu toque quando ele empurra em mim novamente. As ondas do meu orgasmo ainda estão rolando através de mim quando ele se levanta de joelhos e agarra minha cintura, me puxando para encontrar cada impulso.

Deus, ele é lindo. Os músculos de seus braços flexionam com cada movimento do seu quadril. Ele puxa uma das minhas pernas até seu ombro. Fazemos contato visual por alguns segundos, então ele vira a cabeça e passa a língua pela minha perna.

Eu não esperava isso. Quero que ele faça isso de novo, mas ele empurra minha perna para o lado e se abaixa em cima de mim novamente.

Estamos em um ângulo diferente agora, e de alguma forma ele é capaz de me apunhalar ainda mais fundo. São apenas alguns segundos antes que ele comece a gozar. Fica tenso e deixa cair seu peso em mim. "Porra." Ele geme e então diz, "Foda-se", uma segunda vez. Então está me beijando. Beijos intensos no início, mas depois que se afasta, os beijos ficam mais doces. Mais suaves. Mais lentos.

Eu já quero que isso aconteça de novo, mas preciso recuperar o fôlego primeiro. Talvez reidratar. Nós nos beijamos por alguns





* *

minutos, é tão difícil parar, porque esta é a primeira vez que conseguimos nos divertir sem que as coisas cheguem a um fim abrupto.

Não ajuda que a chuva contra as janelas esteja criando o cenário perfeito para este momento. Eu não quero que isso acabe. Não acho que Ledger também, porque toda vez que acho que terminou de me beijar, ele volta para mais.

Ele para eventualmente, mas apenas o suficiente para ir ao banheiro e se desfazer da camisinha. Quando volta para a cama, se ajusta até ficar de conchinha comigo, então beija meu ombro.

Ele enfia os dedos nos meus e coloca nossas mãos contra o meu abdômen. "Eu não me importaria se colocássemos isso na agenda novamente para esta noite."

Sorrio da maneira como ele expressou isso. Não sei porque acho engraçado. "Sim. Vamos dizer à Siri para colocar no calendário daqui a uma hora", provoco.

"Alô siri!" Ele brada. Nossos telefones ligam ao mesmo tempo. "Agende sexo com Kenna para daqui a uma hora!" Sorrio e lhe dou uma cotovelada, depois rolo de costas. Ele se levanta e sorri para mim. "Vou durar muito mais na segunda vez. Prometo."

"Eu provavelmente não vou", admito.

Ledger me beija, então enterra a cabeça no meu cabelo, me puxando para mais perto do seu lado.

Olho para o teto por um longo tempo.

Talvez meia hora. Talvez ainda mais. A respiração de Ledger se acalmou e tenho quase certeza de que ele está dormindo.

A chuva não parou de jeito nenhum, mas minha mente está muito ativa para me deixar com sono. Ouço Ivy miar do banheiro, então saio do colchão e a deixo sair.

Ela pula no sofá e se enrola em uma bola.





* *

Ando até o balcão e deslizo meu caderno na minha frente. Pego uma caneta e começo a escrever uma carta para Scotty. Não demoro muito. É uma carta curta, mas quando termino e fecho o caderno, pego Ledger olhando para mim. Ele está de bruços com o queixo apoiado nos braços.

"O que você escreveu?" Ele pergunta.

Esta é a terceira vez que ele me pede para ler algo para ele. Esta é a primeira vez que sinto vontade de conceder.

Abro o caderno na carta que acabei de escrever. Corro meu dedo sobre o nome de Scotty. "Você pode não gostar."

"É a verdade?"

Concordo.

Ledger aponta para o lugar vazio ao lado dele na cama. "Então eu quero ouvir. Venha aqui."

Levanto uma sobrancelha em advertência porque nem todos podem lidar com a verdade tão bem quanto pensam que podem. Mas ele permanece firme, então me junto a ele na cama. Ele rola de costas, estou sentada de pernas cruzadas ao lado dele quando começo a ler.

"Caro Scotty,

Fiz sexo com seu melhor amigo esta noite. Não tenho certeza se isso é algo que você quer ouvir. Ou talvez seja. Tenho a sensação de que se puder ouvir essas cartas de onde quer que esteja, você gostaria que eu fosse feliz. E agora, Ledger é a única coisa na minha vida que me deixa feliz. Se serve de consolo, o sexo com ele foi ótimo, mas ninguém pode se comparar a você.

Amor,

Kenna.







Fecho o caderno e o coloco no colo. Ledger fica quieto por um momento enquanto olha estoicamente para o teto. "Você só está dizendo isso para não ferir os sentimentos dele, certo?"

Sorrio. "Certo. Se é isso que você precisa ouvir."

Ele pega o caderno e o joga de lado; então envolve um braço em volta de mim e me puxa para cima dele. "Foi bom, no entanto, certo?"

Pressiono um dedo em seus lábios e coloco minha boca em seu ouvido. "O *melhor*", sussurro.

No exato momento em que digo isso, um estrondo alto de trovão rola pelo céu lá fora com um timing perfeito. É tão alto que posso sentir no meu interior.

"Oh merda", Ledger diz com uma risada. "Scotty não gostou disso. É melhor você pegar de volta. Diga a ele que eu sou uma merda."

Eu imediatamente saio do Ledger e deito de costas. "Sinto muito, Scotty! Você é melhor que Ledger, eu prometo!"

Rimos juntos, mas depois suspiramos e ouvimos a chuva por um tempo. Ledger finalmente coloca a mão no meu quadril e me rola em direção a ele. Ele morde meu lábio inferior antes de beijar meu pescoço. "Sinto que preciso de outra oportunidade para provar a mim." Seus beijos se movem cada vez mais para baixo até que ele leva um dos meus mamilos em sua boca.

A segunda vez é muito mais longa e de alguma forma ainda melhor.







CAPÍTULO TRINTA E DOIS

LEADGER

A gatinha dormiu nos braços de Kenna a noite toda. Talvez seja estranho, mas eu gosto de vê-la com Ivy. Ela é carinhosa com ela. Sempre garante que Ivy não tenha a oportunidade de correr para fora quando ela não está olhando.

Isso me deixa curioso de como ela vai ser com Diem. Porque estou confiante de que vou testemunhar isso algum dia. Pode demorar um pouco para chegarmos lá, mas vou encontrar uma maneira. Ela merece e Diem também, confio mais em meus pressentimentos do que em minhas dúvidas.

Eu me movo silenciosamente enquanto pego meu telefone para verificar a hora. São quase sete da manhã, e Diem vai acordar em breve. Ela vai notar que minha caminhonete se foi. Eu provavelmente deveria tentar chegar em casa antes que eles partam para a casa da mãe de Patrick. Não quero escapar enquanto Kenna está dormindo, no entanto. Eu me sentiria um idiota se ela acordasse sozinha depois da noite passada.

Pressiono um beijo gentil no canto de sua boca, então afasto seu cabelo do rosto. Ela começa a se mover e gemer, sei que está apenas acordando, mas seus sons de despertar são muito parecidos com seus sons de sexo, e agora não quero ir embora. Nunca.

Ela finalmente abre os olhos e olha para mim.

"Eu tenho que ir", digo baixinho. "Posso voltar mais tarde?"





* *

Ela acena. "Estarei aqui. Estou de folga hoje." Ela me dá um beijo de lábios fechados. "Eu vou te beijar melhor mais tarde, mas quero escovar meus dentes primeiro."

Sorrio e então beijo sua bochecha. Antes de me levantar, temos um breve momento de contato visual em que parece que ela está pensando em algo que não quer dizer em voz alta. Eu a encaro por um minuto, esperando que ela fale, mas quando não fala, eu a beijo na boca mais uma vez. "Estarei de volta esta tarde."

Esperei muito tempo. Diem e Grace já estão acordadas e no jardim da frente quando estaciono na nossa rua. Diem me vê antes de Grace, então ela já está correndo pela rua quando eu paro na minha garagem e desligo minha caminhonete.

Abro a porta e imediatamente a pego. Eu beijo o lado da cabeça de Diem quando ela se envolve em mim e aperta meu pescoço. Juro por Deus, não há nada nem remotamente perto de um abraço dessa garota.

Um abraço de sua mãe é um segundo muito próximo, no entanto.

Grace chega ao meu quintal alguns segundos depois. Ela me lança um olhar provocante, como se soubesse por que eu saí a noite toda. Ela pode pensar que sabe, mas não estaria me olhando assim se tivesse alguma ideia de com quem eu estava.

"Parece que você não dormiu muito", ela diz.

"Dormi bastante. Tire a cabeça da sarjeta."

Grace ri e puxa o rabo de cavalo de Diem. "Bem, você tem um timing perfeito. Ela esperava se despedir antes de partirmos."





*

Diem abraça meu pescoço novamente. "Não se esqueça de mim", ela diz, afrouxando seu aperto para que eu possa colocá-la de volta no chão.

"Você só vai embora uma noite, D. Como eu poderia esquecer de você?"

Diem coça o rosto e diz: "Você é velho e os velhos esquecem as coisas."

"Eu não sou velho", digo. "Espere antes de ir, Grace." Destranco minha porta da frente, vou para minha cozinha e pego as flores que comprei para ela ontem de manhã. Eu não deixo um Dia das Mães ou um Dia dos Pais passar sem conseguir algo para ela ou Patrick.

Ela tem sido como uma mãe para mim toda a minha vida, então honestamente, eu provavelmente ainda compraria flores para ela mesmo se Scotty estivesse aqui.

"Feliz Dia das Mães." Eu as entrego para ela, e ela age surpresa e encantada e me dá um abraço, mas não ouço seu agradecimento através do alto arrependimento perfurando através de mim agora.

Esqueci que hoje era dia das mães. Acordei ao lado de Kenna esta manhã e não disse nada a ela sobre isso. Eu me sinto um idiota.

"Preciso colocar isso na água antes de ir", Grace diz. "Quer colocar Diem no carro para mim?"

Agarro a mão de Diem e andamos pela rua. Patrick já está no carro esperando. Grace leva as flores para dentro da casa, e eu abro a porta de trás para prender Diem no assento do carro. "O que é o Dia das Mães?" Ela me pergunta.

"É um feriado." Mantenho minha explicação breve, mas Patrick e eu trocamos olhares.





* *

"Eu sei. Mas por que você e NoNo estão dando flores para a Nana no Dia das Mães? Você disse que Robin é sua mãe."

"Robin é minha mãe", digo. "E sua avó Landry é a mãe de NoNo. É por isso que você vai vê-la hoje. Mas no Dia das Mães, se conhece uma mãe que você ama, compra flores para ela, mesmo que não seja sua mãe."

Diem enruga o nariz. "Devo dar flores para *minha* mãe?" Ela está realmente trabalhando em toda a árvore genealógica ultimamente, e é fofo, mas também preocupante. Ela acabará descobrindo que sua árvore genealógica já foi atingida por um raio.

Patrick finalmente entra na conversa. "Nós demos flores para sua vovó ontem à noite, lembra?"

Diem balança a cabeça. "Não. Estou falando da minha mãe que *não está* aqui. Aquela com o carro minúsculo. Devemos dar flores a *ela?*"

Patrick e eu trocamos outro olhar. Tenho certeza de que ele está confundindo a dor no meu rosto com desconforto com a pergunta de Diem. Beijo Diem na testa assim que Grace volta para o carro. "Sua mãe vai ganhar flores", digo a Diem. "Amo você. Diga a sua avó Landry que eu disse oi."

Diem sorri e dá um tapinha na minha bochecha com sua mãozinha. "Feliz Dia das Mães, Ledger."

Eu me afasto do carro e digo a eles que façam uma boa viagem. Mas enquanto estão indo embora, sinto meu coração ficar mais pesado quando as palavras de Diem afundam.

Ela está começando a se perguntar sobre sua mãe. Está começando a se preocupar. E embora Patrick presumisse que eu estava apenas a tranquilizando dizendo que a mãe de Diem receberia flores, na verdade eu estava fazendo uma promessa a ela. Uma que não vou quebrar.





X

A ideia de Kenna passar o dia inteiro hoje sem que sua maternidade seja reconhecida por ninguém, me deixa com raiva de toda essa situação.

Às vezes quero colocar a culpa diretamente em Patrick e Grace, mas isso também não é justo. Eles estão apenas fazendo o que precisam para sobreviver.

É o que é. Uma situação fodida, sem pessoas más para culpar. Somos todos apenas um bando de pessoas tristes fazendo o que temos que fazer para chegar até amanhã. Alguns de nós mais tristes que outros. Alguns de nós mais dispostos a perdoar do que outros.

Os rancores são pesados, mas para as pessoas que mais sofrem, acho que o perdão é ainda mais pesado.

Chego ao apartamento de Kenna algumas horas depois e estou a meio caminho da escada quando a vejo nos fundos. Ela está limpando a mesa que emprestei quando ela me nota. Seus olhos caem para as flores na minha mão, e ela endurece. Eu me aproximo dela, mas ela ainda está olhando para as flores. Eu as entrego a ela. "Feliz Dia das Mães." Já coloquei as flores em um vaso porque não tinha certeza se ela tinha um.

Com base no olhar em seu rosto, estou me perguntando se talvez eu não devesse ter comprado flores para ela. Talvez comemorar o Dia das Mães antes mesmo de conhecer sua filha seja desconfortável. Não sei, mas sinto que deveria ter pensado mais neste momento.

Ela as tira de mim com hesitação, como se nunca tivesse recebido um presente antes. Então olha para mim e, muito baixinho, diz: "Obrigada." Ela quer dizer isso. A maneira como seus





* *

olhos se enchem de lágrimas imediatamente me convence que trazê-las foi o movimento certo.

"Como foi o almoço?"

Ela sorri. "Foi divertido. Nos divertimos." Ela cutuca a cabeça até seu apartamento. "Você quer subir?"

Eu a sigo escada acima, e uma vez que estamos dentro do seu apartamento, ela enche o vaso com um pouco mais de água e o coloca em seu balcão. Ela está ajustando as flores quando diz: "O que você vai fazer hoje?"

Quero dizer: "O que quer que você vá fazer", mas não sei onde a cabeça dela está depois da noite passada. Às vezes as coisas parecem boas e perfeitas no momento, mas quando você tem horas de reflexão depois, a perfeição pode se transformar em outra coisa. "Estou indo para a casa nova para fazer alguns trabalhos no chão. Patrick e Grace levaram Diem para a casa da mãe dele, então ficarão fora até amanhã."

Kenna está vestindo uma camisa rosa de botão que parece nova, por cima de uma saia longa, branca e esvoaçante. Eu nunca a vi em nada além de uma camiseta e jeans, mas esta camisa revela o menor indício do seu decote. Estou tentando tanto não olhar, mas puta merda, é uma luta. Nós dois ficamos em silêncio por um segundo. Então eu digo: "Você quer vir comigo?"

Ela me olha com cautela. "Você quer que eu vá?"

Percebo que a hesitação dela pode não ser por causa de seus próprios sentimentos de arrependimento, mas sim de seus medos de que *eu* me arrependa.

"Claro que eu quero." A convicção na minha resposta a faz sorrir, seu sorriso quebra o que quer que nos separasse. Eu a puxo para mim e a beijo. Ela imediatamente parece à vontade quando minha boca está na dela.





* *

Eu odeio ter feito ela duvidar de si por um segundo. Eu deveria tê-la beijado assim que lhe entreguei as flores no andar de baixo.

"Podemos pegar cones de neve no caminho para lá?" Ela pergunta.

Eu concordo.

"Você tem o seu cartão perfurado?" Ela provoca.

"Nunca saio de casa sem ele."

Ela ri, então pega sua bolsa e dá um adeus a Ivy.

Quando descemos, Kenna e eu dobramos a mesa e as cadeiras e começamos a transportá-las para minha caminhonete. Acontece que estou aqui hoje, porque estava pensando em mudar uma dessas mesas para a casa nova.

Estou carregando a última braçada de cadeiras para a caminhonete quando Lady Diana aparece do nada. Ela fica entre mim e Kenna e a caminhonete. "Você está saindo com o idiota?" Ela pergunta a Kenna.

"Você pode parar de chamá-lo de idiota agora. O nome dele é Ledger."

Lady Diana me olha de cima a baixo e então murmura: "Ledg *erk*."

Kenna ignora o insulto e diz: "Vejo você no trabalho amanhã."

Estou rindo quando entramos na caminhonete. "*Erk.* Isso foi realmente muito inteligente."

Kenna afivela o cinto de segurança e diz: "Ela é espirituosa e cruel. É uma combinação perigosa."

Coloco a caminhonete em marcha ré, me perguntando se deveria dar a ela o outro presente que tenho. Agora que estamos





* *

aqui na minha caminhonete juntos, parece um pouco mais embaraçoso do que quando tive a ideia, e o fato de eu ter passado tanto tempo nisso esta manhã torna muito mais estranho, então estamos pelo menos a um quilômetro e meio do apartamento dela antes que eu finalmente tenha coragem de dizer: "Eu fiz uma coisa para você."

Espero até que estejamos em um sinal de pare, então mando o link para ela. Seu telefone apita, então ela abre o link e fica olhando para a tela por alguns segundos. "O que é isso? Uma lista de reprodução?"

"Sim. Fiz esta manhã. São mais de vinte músicas que não têm absolutamente nada a ver com algo que possa te lembrar de algo triste."

Ela olha para a tela do seu telefone enquanto percorre as músicas. Estou esperando por algum tipo de reação dela, mas seu rosto está em branco. Ela olha pela janela e cobre a boca como se estivesse sufocando uma risada. Continuo roubando olhares para ela, mas eventualmente não aguento mais. "Você está rindo? Isso foi estúpido?"

Quando ela se vira para mim, está sorrindo, e pode até haver lágrimas em seus olhos. "Não é nada estúpido."

Ela estende a mão sobre o assento para pegar minha mão, então olha para trás pela janela. Por pelo menos três quilômetros, estou lutando contra um sorriso.

Mas então em algum lugar em torno do quinto quilômetro, estou lutando contra uma carranca porque algo tão simples quanto uma lista de reprodução não deveria fazê-la querer chorar.

Sua solidão está começando a me machucar. Quero vê-la feliz. Quero ser capaz de dizer todas as coisas certas quando eu disser a Patrick e Grace por que eles deveriam dar uma chance a ela, mas o fato de que eu ainda não sei realmente sua história com







Scotty é uma das muitas coisas que temo. Pode impedir o resultado que ambos queremos.

Toda vez que estou com ela, as perguntas estão sempre na ponta da minha língua. "O que aconteceu? Por que você o deixou?" Mas ou nunca é o momento certo, ou o momento é certo, mas as emoções já estão muito pesadas. Queria perguntar a ela ontem à noite quando estava fazendo todas as outras perguntas, mas simplesmente não consegui. Às vezes ela parece muito triste para eu esperar que ela fale sobre coisas que a deixarão ainda mais triste.

Preciso saber, no entanto. Sinto que não posso defendê-la totalmente ou torcer cegamente para que ela esteja na vida de Diem até que saiba exatamente o que aconteceu naquela noite e *por quê*.

"Kenna?" Olhamos um para o outro ao mesmo tempo. "Quero saber o que aconteceu naquela noite."

O ar fica pesado, e parece mais dificil respirar.

Acho que só tornei mais difícil para ela respirar também. Ela inala uma respiração lenta e libera minha mão. Ela flexiona os dedos e agarra suas coxas.

"Você disse que escreveu sobre isso. Você vai ler para mim?"

Sua expressão está cheia com o que parece medo agora, como se ela estivesse com muito medo de voltar para aquela noite. Ou com muito medo de me levar lá com ela. Eu não a culpo, e me sinto mal pedindo a ela, mas quero saber.

Eu preciso saber.

Se vou cair de joelhos na frente de Patrick e Grace quando implorar a eles para dar a ela uma chance, preciso conhecer completamente a pessoa por quem estou lutando. Mesmo que neste momento ela não possa dizer nada que mude minha opinião sobre ela. Eu sei que ela é uma boa pessoa. Uma boa pessoa que teve uma noite ruim. Acontece com o melhor de nós. O pior de







nós. *Todos* nós. Alguns de nós são apenas mais sortudos do que outros, e nossos momentos ruins têm menos baixas.

Ajusto meu aperto no volante, e então digo: "Por favor. Eu preciso saber, Kenna."

Outro momento de silêncio passa, mas então ela pega o telefone e desbloqueia a tela. Ela limpa a garganta. Minha janela está aberta, então eu fecho até o fim e deixo mais silenciosa a cabine da caminhonete.

Ela parece tão nervosa. Antes que ela comece a ler, estendo a mão e coloco uma mecha solta de cabelo atrás da orelha como uma demonstração de solidariedade...ou algo assim, não sei. Eu só quero tocá-la e deixá-la saber que não a estou julgando.

Só preciso saber o que aconteceu. Isso é tudo.







CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

KENNA

Caro Scotty,

Seu carro era meu lugar favorito para estar. Não sei se já te disse isso.

Era o único lugar onde podíamos ter verdadeira solidão. Eu costumava esperar ansiosamente pelos dias em que nossas agendas se alinhariam e você me pegaria no trabalho. Eu entrava no seu carro e era como sentir todos os mesmos confortos acolhedores de casa. Você sempre tinha um refrigerante esperando por mim, e nos dias em que sabia que eu ainda não tinha jantado, você tinha um pequeno pedido de batatas fritas do McDonald's no porta-copos porque sabia que eram minhas batatas fritas favoritas.

Você era doce. Sempre fez coisas doces para mim. Pequenos gestos aqui e ali que a maioria das pessoas não pensa. Você era mais do que eu merecia, mesmo que discutisse com isso.

Eu revisei o dia em que você morreu tantas vezes, uma vez escrevi cada segundo daquele dia no papel. A maior parte era uma estimativa, é claro. Não sei se *passei* um minuto e meio escovando os dentes naquela manhã. Ou se a pausa que fiz no trabalho realmente foi de quinze minutos para um segundo. Ou se realmente passamos cinquenta e sete minutos na festa que fomos naquela noite.

Tenho certeza de que estou errada em meus cálculos por alguns minutos aqui ou ali, mas, na maioria das vezes, posso explicar tudo o que aconteceu naquele dia. Até as coisas que eu gostaria de esquecer.

Um cara com quem você foi para a faculdade estava dando uma festa e você foi seu colega de quarto no primeiro ano, então disse que devia a ele fazer uma







aparição. Fiquei triste por ter que estar na festa, mas em retrospectiva, estou feliz que você viu a maioria de seus amigos naquela noite. Eu sei que provavelmente significou algo para eles depois que você morreu.

Mesmo que tivesse aparecido, não era mais sua cena e eu sabia que você não queria estar lá. Superou as festas e começou a se concentrar nas partes mais importantes da vida. Você tinha acabado de começar a pós-graduação e passava seu tempo livre estudando ou comigo.

Eu sabia que não ficaríamos lá por muito tempo, então encontrei uma cadeira em um canto da sala e me aconcheguei nela enquanto você fazia suas rondas. Eu não sei se sabia disso, mas eu te observei por todos os cinquenta e sete minutos que estivemos lá. Você era tão magnético. Os olhos das pessoas se iluminavam quando olhavam para você. Multidões se reuniam ao seu redor, e quando você avistava alguém que ainda não tinha cumprimentado, tinha aquela reação enorme e fazia com que eles se sentissem a pessoa mais importante daquela festa.

Não sei se isso é algo que você praticou, mas tenho a sensação de que nem sabia que tinha esse tipo de poder. O poder de fazer as pessoas se sentirem valorizadas e importantes.

Por volta do 56° minuto em que estávamos lá, você me viu sentada no canto sorrindo para você. Você se aproximou de mim, ignorando todos ao seu redor, e de repente eu me encontrei no foco de sua atenção.

Você me prendeu em seu olhar, e eu sabia que era apreciada. Eu era importante. Você se sentou ao meu lado na cadeira e beijou meu pescoço e sussurrou em meu ouvido: "Desculpe por ter deixado você sozinha."

Você não me deixou sozinha. Eu estava com você o tempo todo.

"Você quer sair agora?" Perguntou.

"Não se você estiver se divertindo."

"Você *está* se divertindo?" Perguntou.







Dei de ombros. Eu poderia pensar em muitas coisas que eram mais divertidas do que aquela festa. Pelo sorriso que se espalhou em seu rosto, percebi que você sentia o mesmo. "Quer ir ao lago?"

Eu balancei a cabeça porque essas eram minhas três coisas favoritas. Aquele lago. Seu carro. *Você.*

Você roubou um pacote de doze cervejas e nós escapamos e você nos levou para o lago.

Tínhamos um lugar favorito onde íamos algumas noites. Era por uma estrada rural, e você disse que sabia disso porque costumava acampar lá com seus amigos. Não era longe de onde eu morava com minhas colegas de quarto, então às vezes você aparecia no meu apartamento no meio da noite e nós íamos lá e fazíamos sexo no cais, ou na água, ou em seu carro. Às vezes ficávamos e víamos o nascer do sol.

Naquela noite em particular, tomamos a cerveja que você pegou da festa e algumas sobras de comestíveis que comprou de um amigo na semana anterior. Nós tínhamos a música ligada e estávamos nos beijando na água. Nós não fizemos sexo naquela noite. Às vezes nós apenas nos beijávamos, e eu gostava tanto disso em você, porque uma das coisas que sempre odiei nos relacionamentos é como os amassos parecem parar quando o sexo se torna uma coisa.

Mas com você, os amassos sempre foram tão especiais quanto o sexo.

Você me beijou na água como se fosse a última vez que me beijaria. Eu me pergunto se teve algum tipo de medo, ou premonição, e é por isso que me beijou daquele jeito. Ou talvez eu só me lembre tão bem porque foi nosso último beijo.

Saímos da água e estávamos deitados nus no cais sob o luar, o mundo girando acima de nossas cabeças.

"Eu quero bolo de carne", você disse.

Eu ri de você, porque era uma coisa tão aleatória de se dizer. "Bolo de carne?"







Você sorriu e disse: "Sim. Isso não soa bem? Bolo de carne e purê de batatas." Você se sentou no cais e me entregou minha camisa seca. "Vamos para a lanchonete."

Você bebeu mais do que eu, então me pediu para dirigir. Não era típico de nós beber e dirigir, mas acho que nos sentimos invencíveis sob aquele luar. Nós éramos jovens e apaixonados, e *certamente ninguém morre quando está mais feliz*.

Também estávamos chapados, então nossas decisões foram um pouco mais prejudicadas naquela noite, mas seja qual for o motivo, você me pediu para dirigir. E por alguma razão, eu não te disse que não deveria.

Entrei naquele carro, sabendo que tinha tropeçado no cascalho ao alcançar a porta. Eu ainda fiquei atrás do volante, mesmo tendo que piscar muito forte para ter certeza de que o carro estava em movimento e não em marcha à ré. E eu ainda escolhi nos levar para longe do lago, mesmo estando bêbada demais para me lembrar de como diminuir o volume. Coldplay estava tocando tão alto no rádio que estava fazendo meus ouvidos doerem.

Nós nem chegamos muito longe antes que isso acontecesse. Você conhecia as estradas melhor do que eu. Elas eram de cascalho, e eu estava indo rápido demais, não sabia que a curva era tão fechada.

Você disse: "Devagar", mas você disse meio alto, e isso me assustou, então pisei no freio e agora sei que pisar no freio em uma estrada de cascalho pode fazer você perder o controle completo do carro, especialmente quando está bêbado. Eu estava virando o volante para a direita, mas o carro continuava indo para a esquerda, como se estivesse escorregando no gelo.

Muitas pessoas têm sorte depois de um acidente porque não se lembram dos detalhes. Eles têm lembranças de coisas que aconteceram antes do acidente e depois do acidente, mas com o tempo, cada segundo daquela noite voltou para mim, querendo ou não.







A capota do seu conversível estava abaixada, e tudo que me lembro quando senti o carro bater na vala e começar a inclinar é que precisávamos proteger nossos rostos, porque eu estava preocupada que o vidro do para-brisa pudesse nos cortar.

Esse era o meu maior medo naquele momento. Um pouco de vidro. Eu não vi minha vida passar diante dos meus olhos. Eu nem vi sua vida passar diante dos meus olhos. Tudo o que me preocupava naquele momento era o que aconteceria com o para-brisa.

Porque certamente ninguém morre quando está mais feliz.

Senti meu mundo inteiro se inclinar, e então senti cascalho contra minha bochecha.

O rádio ainda tocava Coldplay.

O motor ainda estava funcionando.

Minha respiração ficou presa na garganta e eu não conseguia nem gritar, mas não achava que precisava. Fiquei pensando no seu carro e em como você provavelmente estava bravo. Lembro-me de sussurrar: "Sinto muito", como se sua maior preocupação fosse que tivéssemos que chamar um caminhão de reboque.

Tudo aconteceu tão rápido, mas eu estava calma naquele momento. Achei que você também estava. Eu estava esperando você me perguntar se eu estava bem, mas estávamos de cabeça para baixo em um conversível, e tudo o que eu bebi naquela noite estava revirando no meu estômago, e senti o peso da gravidade como nunca senti antes. Achei que ia vomitar e precisava me endireitar, então lutei para encontrar o cinto de segurança e, quando finalmente o apertei, lembro-me de cair. Era apenas alguns centímetros, mas foi inesperado e soltei um grito.

Você ainda não me perguntou se eu estava bem.

Estava escuro e percebi que poderíamos estar presos, então estendi a mão e toquei seu braço para segui-lo. Eu sabia que você encontraria uma saída. Confiava em você para tudo, e sua presença era a única razão pela qual eu ainda estava







calma. Eu nem estava mais preocupada com o seu carro porque eu sabia que você estaria mais preocupado comigo do que com o seu carro.

E não é como se eu estivesse acelerando demais, ou dirigindo de forma muito imprudente. Eu estava apenas um pouco bêbada e um pouco chapada, mas tão estúpida para acreditar que *um pouco* não era demais.

Só capotamos porque caímos em uma vala profunda e, como o topo nem estava levantado, pensei que certamente seria um dano mínimo. Talvez uma ou duas semanas na oficina, e então o carro que eu tanto amava, o carro que me fazia sentir em casa, ficaria bem. Gosto de você. Como eu.

"Scotty." Eu balancei seu braço quando disse seu nome daquela vez. Eu queria que você soubesse que eu estava bem. Pensei que talvez você estivesse em choque, era por isso que estava tão quieto.

Quando você não se moveu e percebi que seu braço estava pendurado na estrada que de alguma forma se tornou nosso teto, meu primeiro pensamento foi que você poderia ter desmaiado. Mas quando puxei minha mão para trás para descobrir uma maneira de me endireitar, ela estava coberta de sangue.

Sangue que deveria estar correndo em suas veias.

Eu não conseguia entender isso. Não conseguia imaginar que um acidente bobo na beira de uma estrada municipal que nos aterrissou em uma vala pudesse realmente nos *machucar*. Mas esse era o seu sangue.

Eu imediatamente me aproximei de você, e porque você estava de cabeça para baixo e ainda no cinto de segurança, não podia puxá-lo para mim. Eu tentei, mas você não cedeu. Virei seu rosto para o meu, mas parecia que estava dormindo. Seus lábios estavam entreabertos e seus olhos estavam fechados, e parecia tanto com você, como todas as vezes que passei a noite com você e acordei para encontrá-lo dormindo ao meu lado.

Eu tentei puxar você, mas ainda não se mexeu porque o carro estava em cima de você. Seu ombro e seu braço estavam presos, e eu não conseguia puxá-lo para







fora ou pegar o cinto de segurança e, embora estivesse escuro, percebi que o luar reflete no sangue da mesma forma que reflete no oceano.

Seu sangue estava em toda parte. O carro todo de cabeça para baixo tornou tudo ainda mais confuso. Onde estavam seus bolsos? Onde estava seu telefone? Eu precisava de um telefone, então mexi e tateei com as mãos, procurando por um telefone pelo que pareceu uma eternidade, mas tudo que consegui encontrar foram pedras e vidro.

O tempo todo, eu estava murmurando seu nome com os dentes batendo. "Scotty. Scotty, Scotty, Scotty." Era uma oração, mas eu não sabia orar. Ninguém nunca me ensinou. Só me lembro da oração que você fez durante o jantar em família na casa de seus pais, e as orações que eu costumava ouvir minha mãe adotiva, Mona, rezar. Mas tudo que eu já tinha ouvido as pessoas fazerem era abençoar a comida, só queria que você acordasse, então eu disse seu nome várias vezes e esperei que Deus me ouvisse, mesmo que não tivesse certeza se estava chamando sua atenção.

Certamente parecia que ninguém estava prestando atenção em nós naquela noite.

O que vivi naqueles momentos foi indescritível. Você acha que sabe como reagirá em uma situação aterrorizante, mas é isso. Você não pode *pensar* em uma situação aterrorizante. Provavelmente há uma razão para o quão desconectados nos tornamos de nossos próprios pensamentos em momentos de puro horror. Mas foi exatamente assim que me senti. Desconectada. Partes de mim estavam se movendo sem que meu cérebro soubesse o que estava acontecendo. Minhas mãos estavam procurando por coisas que eu nem tinha certeza de estar procurando.

Eu estava ficando histérica, porque a cada segundo que passava, eu me tornava mais consciente de como minha vida seria diferente daqui para frente. Como aquele segundo havia alterado qualquer curso em que estávamos, e as coisas nunca mais seriam as mesmas, todas as partes de mim que se desconectaram naquele acidente nunca se reconectariam completamente.







Eu rastejei para fora do carro pelo espaço entre o chão e minha porta, uma vez que eu estava do lado de fora, vomitei.

Os faróis estavam brilhando em uma fileira de árvores, mas nenhuma daquelas luzes estava nos ajudando, e então corri para o lado do passageiro do carro para libertá-lo, mas não consegui. Lá estava seu braço, saindo de debaixo do carro. A luz da lua brilhando em seu sangue. Peguei sua mão e apertei, mas estava fria. Eu ainda estava murmurando seu nome. "Scotty, Scotty, Scotty, não, não, não." Dei a volta no para-brisa e tentei chutá-lo para quebrá-lo, mas mesmo que já estivesse rachado, não consegui quebrá-lo o suficiente para passar por ele ou puxá-lo para fora.

Ajoelhei-me e encostei o rosto no vidro e vi o que tinha feito com você. Foi uma percepção gritante de que não importa o quanto você ame alguém, ainda pode fazer coisas desprezíveis com ele.

Foi como se uma onda da dor mais intensa que jamais se poderia imaginar rolasse sobre mim. Meu corpo rolou com ela. Começou na minha cabeça e me enrolei, até os dedos dos pés. Eu gemi e solucei, quando dei a volta no carro para tocar sua mão novamente, não havia nada. Sem pulso em seu pulso. Nenhum batimento cardíaco na palma da mão. Sem calor na ponta dos dedos.

Eu gritei. Gritei tanto que deixei de ser capaz de fazer sons.

E então entrei em pânico. É a única maneira de descrever o que aconteceu comigo.

Não consegui encontrar nenhum dos nossos telefones, então comecei a correr em direção à estrada. Quanto mais eu ia, mais confusa ficava. Eu não podia imaginar que o que aconteceu era real, ou que o que estava *acontecendo* era real. Estava correndo por uma estrada com um sapato. Eu podia me ver, como se estivesse à minha frente, correndo em minha *direção*, como se estivesse em um pesadelo, sem fazer nenhum progresso.







Não foram as memórias do acidente que levaram tempo para voltar para mim. Foi *aquele* momento. A parte da noite que foi abafada pela adrenalina e histeria que passou por mim. Comecei a fazer barulhos que não sabia que podia fazer.

Eu não conseguia respirar porque você estava morto, e como eu deveria respirar quando você não tinha ar? Foi a pior percepção que já tive, caí de joelhos e gritei na escuridão.

Não sei quanto tempo fiquei na beira da estrada. Carros passavam por mim, eu ainda tinha seu sangue em minhas mãos, estava com medo e com raiva e não conseguia parar de ver o rosto da sua mãe. Eu tinha matado você e todo mundo sentiria sua falta, você não estaria mais por perto para fazer alguém se sentir valorizado ou importante, era minha culpa, eu só queria morrer.

Eu não me importava com mais nada.

Eu só queria morrer.

Saí para a rua por volta das onze da noite, suponho, e um carro teve que desviar para não me acertar. Tentei três vezes, com três carros diferentes, mas nenhum deles me acertou, todos ficaram bravos por eu estar na estrada no escuro. Fui buzinada e xingada, mas ninguém me tirou da miséria, ninguém me ajudou. Eu já tinha andado mais de um quilômetro e meio e não sabia a que distância estava do meu apartamento, mas sabia que se conseguisse chegar lá, poderia pular da varanda do meu apartamento no quarto andar, porque era a única coisa que podia pensar em fazer naquele momento. Eu queria estar com você, mas em minha mente, você não estava mais preso debaixo do seu carro naquele acidente. Você estava em outro lugar, flutuando no escuro, e eu estava determinada a me juntar a você porque qual era o objetivo? Você era todo o meu ponto.

Comecei a encolher a cada segundo que passava, até me sentir invisível.

E essa é a última coisa que me lembro. Há um longo período de *nada* entre eu deixar você e até mesmo perceber que deixei você.

Horas.







Sua família foi informada de que fui para casa e adormeci, mas não foi exatamente isso que aconteceu. Tenho quase certeza de que desmaiei de choque, porque quando os policiais bateram na porta do meu quarto na manhã seguinte e abri os olhos, estava no chão. Notei uma pequena poça de sangue no chão ao lado da minha cabeça. Devo ter batido a cabeça ao cair, mas não tive tempo de inspecionar porque a polícia estava no meu quarto e um deles estava com a mão no meu braço e estava me levantando.

Foi a última vez que vi meu quarto.

Lembro que minha colega de quarto, Clarissa, parecia horrorizada. Não era porque ela estava horrorizada por mim. Ela ficou horrorizada *com ela mesmo*. Era como se ela estivesse vivendo com uma assassina todo esse tempo e não tivesse ideia. O namorado dela, *nós nunca podíamos lembrar o nome dele* – Jason ou Jackson ou Justin – estava confortando-a como se eu tivesse arruinado o dia dela.

Quase pedi desculpas a ela, mas não consegui conectar meus pensamentos com minha voz. Eu tinha dúvidas, estava confusa, estava fraca, estava sofrendo. Mas o mais poderoso de todos os sentimentos que me inundaram naquele momento foi a minha solidão.

Mal sabia eu que esse sentimento se tornaria perpétuo. Permanente. Eu sabia quando me colocaram no banco de trás do carro da polícia que minha vida tinha chegado ao auge com você, nada que viesse depois de você jamais importaria.

Houve *antes* de você e houve *durante* você. Por alguma razão, nunca pensei que haveria algo *depois de* você.

Mas havia, e eu estava nela.

Estarei nela para sempre.

Ainda há mais para ler, mas minha garganta está seca e meus nervos estão em frangalhos e estou com medo do que Ledger está







pensando de mim agora. Ele está segurando o volante com tanta força que seus dedos ficaram brancos.

Pego minha garrafa de água e tomo um longo gole. Ledger dirige seu carro até a entrada de sua garagem e, quando chegamos à sua casa, ele estaciona a caminhonete e encosta o cotovelo na porta. Ele não olha para mim. "Continue lendo."

Minhas mãos estão tremendo agora. Não sei se posso continuar a ler sem chorar, mas acho que ele não se importaria, mesmo que eu lesse minhas lágrimas. Tomo outro gole e começo a ler o próximo capítulo.

Caro Scotty,

Foi assim na sala de interrogatório.

Eles: Quanto você bebeu?

Eu: silêncio

Eles: Quem te levou para casa depois do acidente?

Eu: silêncio

Eles: Você está usando alguma outra substância ilegal?

Eu: silêncio

Eles: Você pediu ajuda?

Fu: silêncio

Eles: Você sabia que ele ainda estava vivo quando você fugiu do local?

Eu: silêncio

Eles: Você sabia que ele ainda estava vivo quando o encontramos há uma hora e meia?







Eu: Gritos.

Muitos gritos.

Gritei até que me colocaram de volta em uma cela e disseram que voltariam para me buscar quando eu me acalmasse.

Quando me acalmasse.

Eu não me acalmei, Scotty.

Eu

acho

que

perdi

um

pouco

de

minha

mente

naquele

dia.

Eles me puxaram para a sala de interrogatório mais duas vezes nas próximas vinte e quatro horas. Eu não tinha dormido, estava com o coração partido, não conseguia comer nem beber nada.

Eu só. Queria. Morrer.

E então, quando me disseram que você ainda estaria vivo se eu tivesse apenas pedido ajuda, eu *morri.* Era uma segunda-feira, eu acho. Dois dias depois do nosso







acidente. Às vezes eu quero comprar uma lápide e ter essa data escrita nela, embora ainda estou fingindo não estar morta. Meu epitáfio seria: *Kenna Nicole Rowan, morreu dois dias após o falecimento do seu amado Scotty.*

Eu nunca tentei ligar para minha mãe durante tudo isso. Estava muito deprimida para ligar para alguém. E como eu poderia ligar para meus amigos em casa e contar a eles o que eu tinha feito?

Estava envergonhada e triste, como resultado disso, ninguém na minha vida antes de conhecer você sabia o que eu fiz. E desde que você se foi, e toda a sua família me odiava, não tive visitas.

Eles me nomearam um advogado, mas eu não tinha ninguém para pagar fiança. Eu nem tinha para onde ir se *pudesse* pagar fiança. Encontrei conforto ali naquela cela, então não me importei. Se eu não podia estar com você em seu carro, o único lugar que eu queria estar era sozinha naquela cela onde podia me recusar a comer a comida que eles me davam e esperar que, eventualmente, meu coração parasse de bater como pensei que o seu tinha naquela noite.

Acontece que seu coração ainda estava batendo. Foi apenas o seu braço que morreu. Eu poderia entrar em detalhes mais horríveis sobre como ele foi tão horrivelmente esmagado e mutilado durante o acidente, que o fluxo sanguíneo foi completamente cortado e foi por isso que toquei você e pensei que estava morto, e como, apesar de tudo isso, você ainda acordou de alguma forma. Levantei-me e saí do carro e tentei obter a ajuda que nunca trouxe de volta para você.

Eu teria percebido isso se tivesse ficado com você por mais tempo, ou me esforçado mais. Se eu não tivesse entrado em pânico e corrido e permitido a adrenalina bombear através de mim a ponto de eu não estar funcionando dentro das fronteiras da realidade.

Se eu pudesse ficar tão calma como você sempre esteve, você ainda estaria vivo. Provavelmente estaríamos criando a nossa filha juntos, que você nem sabia que criamos. Provavelmente teríamos dois filhos agora, ou até três, e eu provavelmente







seria professora, enfermeira, escritora ou o que quer que você sem dúvida me desse a força para perceber que eu poderia ser.

Meu Deus, sinto sua falta.

Eu sinto tanto a sua falta, mesmo que isso nunca tenha se mostrado nos meus olhos de uma forma que qualquer um ficaria satisfeito. Às vezes me pergunto se meu estado mental contribuiu para a minha sentença. Eu estava vazia por dentro, tenho certeza que esse vazio transparecia em meus olhos toda vez que eu tinha que encarar alguém.

Eu nem me importei com a primeira audiência no tribunal, duas semanas depois que você morreu. O advogado me disse que iríamos lutar, que tudo que eu tinha que fazer era me declarar inocente e ele provaria que eu não estava sã naquela noite e que minhas ações não foram intencionais e que eu estava muito, muito

Mas eu não me importei com o que o advogado sugeriu. Eu *queria* ir para a prisão. Não queria voltar ao mundo onde teria que olhar para carros novamente, ou estradas de cascalho, ou ouvir Coldplay no rádio, ou pensar em todas as coisas que eu teria que fazer sem você.

Olhando para trás agora, percebo que estava em um profundo e perigoso estado de depressão, mas acho que ninguém percebeu, ou talvez não houvesse ninguém que se importasse. Todo mundo era #TeamScotty, como *se nunca estivéssemos no mesmo time*. Todos queriam justiça, e infelizmente, justiça e empatia não cabem dentro daquele tribunal.

Mas o engraçado é que eu estava do lado *deles*. Eu queria justiça *para* eles. Eu simpatizava com *eles*. Com sua mãe, com seu pai, com todas as pessoas em sua vida que estavam amontoadas naquele tribunal.

Declarei-me culpada, para desgosto do meu advogado. Eu precisava. Quando eles começaram a falar sobre o que você passou depois que fugi de você naquela noite, eu sabia que preferia morrer a passar por um julgamento e ouvir os







detalhes. Era tudo muito horrível, como se estivesse vivendo uma história de terror, e não minha própria vida.

Desculpe, Scotty.

Eu sintonizei tudo de alguma forma apenas repetindo essa frase várias vezes na minha cabeça. *Desculpe, Scotty. Desculpe, Scotty. Desculpe, Scotty.*

Eles marcaram outra data no tribunal para a sentença, foi em algum momento entre essas duas datas do tribunal que percebi que não menstruava há algum tempo. Achei que meu ciclo estava bagunçado, então não mencionei isso para ninguém. Se eu soubesse que estava crescendo uma parte de você dentro de mim mais cedo, tenho certeza de que teria encontrado a vontade de ir a julgamento e lutar por mim. Lutar por nossa filha.

Quando chegou a data da sentença, tentei não ouvir sua mãe ler seu depoimento de vítima, mas cada palavra que ela falou ainda está gravada em meus ossos.

Fiquei pensando no que você me disse enquanto me carregava pelas escadas nas costas naquela noite na casa dela, sobre como eles queriam mais filhos, mas você era o bebê milagroso deles.

Isso é tudo que eu conseguia pensar naquele momento. Eu tinha matado o bebê milagroso deles, e agora eles não tinham ninguém, era tudo culpa minha.

Eu tinha planejado dar uma declaração de alocução, mas estava muito fraca e muito quebrada, então quando chegou a hora de me levantar e falar, não consegui. Fisicamente, emocionalmente, mentalmente. Estava presa naquela cadeira, mas tentei ficar de pé. Meu advogado agarrou meu braço para ter certeza de que eu não desmaiaria, então acho que ele pode ter lido algo em voz alta para mim, não sei. Ainda não tenho certeza do que aconteceu no tribunal naquele dia, porque aquele dia foi muito parecido com aquela noite. Um pesadelo que eu estava de alguma forma assistindo se desenrolar à distância.







Eu tinha visão de túnel. Sabia que havia pessoas ao meu redor e sabia que o juiz estava falando, mas meu cérebro estava tão exausto que não conseguia processar o que alguém estava dizendo. Mesmo quando o juiz leu minha sentença, não tive reação, porque não consegui absorver. Foi só mais tarde, depois que me deram uma intravenosa por desidratação, que descobri que havia sido sentenciada a sete anos de prisão, com direito à liberdade condicional ainda mais cedo do que isso.

"Sete anos", lembro-me de pensar. "Isso é treta. Isso não é nem de longe o suficiente."

Tento não pensar em como deve ter sido para você naquele carro depois que deixei você lá. O que você deve ter pensado de mim? Você achou que eu tinha sido jogada do carro? Você estava procurando por mim? Ou sabia que eu tinha deixado você lá sozinho?

É o tempo que você passou sozinho naquela noite que eu sei que nos assombra, porque nunca saberemos o que você passou. O que estava pensando. Para quem estava ligando. Como foram seus minutos finais.

Não consigo imaginar uma maneira mais dolorosa para sua mãe e seu pai serem forçados a viver o resto de suas vidas.

Às vezes me pergunto se é por isso que Diem está aqui. Talvez Diem fosse sua maneira de garantir que seus pais ficariam bem.

Mas nessa mesma linha, não ter Diem na minha vida significaria que é sua maneira de me punir. Está bem. Eu mereço.

Pretendo lutar contra isso, mas sei que mereço.

Todas as manhãs, acordo e peço desculpas silenciosamente. Para você, para seus pais, para Diem. Ao longo do dia, agradeço silenciosamente a seus pais por criarem nossa filha, já que não podemos. E todas as noites, peço desculpas novamente antes de adormecer.

Sinto muito. Obrigada. Sinto muito.







Esse é o meu dia, todos os dias, em repetição.

Sinto muito. Obrigada. Sinto muito.

Minha sentença não foi justa, considerando a maneira como você morreu. A eternidade não seria justiça. Mas espero que sua família saiba que minhas ações naquela noite não vieram de um lugar de egoísmo. Foi horror e choque e agonia e confusão e terror que me afastaram de você naquela noite. Nunca foi egoísmo.

Eu não sou uma pessoa ruim, sei que você sabe disso, onde quer que esteja. E sei que você me perdoa. É apenas quem você é. Só espero que um dia nossa filha também me perdoe. E os seus pais.

Então talvez, por algum milagre, eu possa começar a me perdoar.

Até lá, eu te amo. Eu sinto sua falta.

Sinto muito.

Obrigada.

Sinto muito.

Obrigada.

Sinto muito.

Repito.







CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

KENNA

Eu fecho o documento. Não consigo ler mais. Meus olhos se encheram de lágrimas. Estou surpresa por ter chegado tão longe antes de chorar, mas tentei não absorver as palavras enquanto as lia em voz alta.

Coloco meu telefone de lado e enxugo meus olhos.

Ledger não se moveu. Ele está na mesma posição, encostado na porta do lado do motorista, olhando para frente. Minha voz não está mais enchendo sua caminhonete. Agora há apenas um silêncio denso e pouco convidativo, a ponto de Ledger não aguentar mais. Ele abre a porta e sai da caminhonete. Ele caminha até o fundo e começa a descarregar a mesa sem dizer uma palavra.

Eu o observo pelo espelho retrovisor. Uma vez que a mesa está no chão, ele pega uma das cadeiras. Há uma pausa antes que ele jogue a cadeira sobre a mesa. Ela aterrissa com um barulho alto que sinto no meu peito.

Então Ledger pega uma segunda cadeira e a joga com raiva pelo pátio. Ele está tão louco. Eu não posso assistir.

Eu me inclino para frente e pressiono minhas mãos contra meu rosto, me arrependendo de ter lido uma única palavra disso para ele. Eu não tenho ideia se ele está bravo com a situação, ou eu, ou se ele está lá atrás jogando cadeiras como forma de processar cinco anos de emoções.

"Porra!" Ele grita, logo antes de eu ouvir o barulho da cadeira final. Sua voz reverbera nas densas árvores que cercam sua propriedade.







A caminhonete inteira treme com a batida de sua porta traseira.

Depois é só silêncio. Quietude.

A única coisa que posso ouvir é minha respiração superficial e rápida. Estou com medo de sair da caminhonete porque não quero ter que ficar cara a cara com ele se alguma daquela explosão for dirigida a mim.

Eu gostaria de saber.

Engulo um nó que se forma na minha garganta quando ouço seus passos esmagando contra o cascalho. Ele para na minha porta e a abre. Ainda estou inclinada para frente com o rosto nas mãos, mas eventualmente as afasto e olho hesitante para ele.

Ele está segurando o topo da caminhonete, encostado na minha porta. Sua cabeça está descansando contra o interior de seu braço levantado. Seus olhos estão vermelhos, mas sua expressão não está cheia de ódio. Nem sequer está cheia de raiva. Se alguma coisa, ele parece se desculpar, como se soubesse que sua explosão me assustou e ele se sente mal.

"Eu não estou bravo com você." Ele aperta os lábios e olha para baixo. Ele balança a cabeça suavemente. "É muito para processar."

Concordo com a cabeça, mas não posso falar porque meu coração está batendo forte e minha garganta está inchada, ainda não tenho certeza do que dizer.

Ele ainda está olhando para baixo quando solta o teto da caminhonete. Seus olhos encontram os meus quando chega e coloca a mão direita na minha coxa esquerda e a mão esquerda sob meu joelho direito. Ele me puxa para a beirada do banco do passageiro para que eu fique de frente para ele.

Ledger então pega meu rosto em suas mãos e o inclina para que eu esteja olhando para ele. Solta um suspiro lento, como se o





* *

que ele estivesse prestes a dizer fosse dificil de sair. "Lamento que você o tenha perdido."

Não consigo segurar as lágrimas depois disso. É a primeira vez que alguém reconhece que eu também perdi Scotty naquela noite. As palavras de Ledger significam mais para mim do que acho que ele pode compreender.

A agonia se espalha por seu rosto enquanto ele continua. "E se Scotty puder ver como estamos tratando você?" Uma lágrima se forma e escorre por sua bochecha. Apenas uma lágrima solitária, e isso me deixa tão triste. "Sou parte de tudo o que te derrubou todos esses anos, sinto muito, Kenna. Eu sinto muito."

Coloco minha mão sobre seu peito, bem sobre seu coração. "Está bem. O que escrevi não muda nada. Ainda foi minha culpa."

"Não está bem. Nada disso está bem." Ele está me embalando em seus braços com sua bochecha pressionada contra o topo da minha cabeça. Ele passa a mão direita em círculos suaves sobre minhas costas.

Ele me segura assim por um longo tempo. Não quero que ele solte.

Ele é a primeira pessoa com quem posso compartilhar todos os detalhes daquela noite, não tinha certeza se isso tornaria as coisas melhores ou piores. Mas isso parece melhor, então talvez isso signifique algo.

Eu sinto que um peso foi tirado. Não é o peso da âncora que me mantém amarrada sob a superficie, que não será levantada até que eu consiga segurar minha filha. Mas uma pequena parte da minha dor está ligada à sua simpatia, parece que ele está fisicamente me levantando para respirar, me permitindo alguns minutos para respirar.





* *

Ele finalmente se afasta o suficiente para me avaliar. Ele deve ver algo no meu rosto que o faz querer me confortar, porque dá um beijo suave na minha testa enquanto leva meu cabelo para trás com ternura. Ele beija a ponta do meu nariz e, em seguida, planta um beijo suave em meus lábios.

Eu não acho que ele esperava que eu o beijasse de volta, mas sinto mais por ele neste momento do que jamais senti. Agarro sua camisa em meus punhos e silenciosamente imploro a sua boca por um beijo muito mais completo. Ele me dá.

Seus beijos parecem tanto perdão quanto promessas. Imagino que os meus sejam desculpas para ele, porque ele continua voltando para mais cada vez que nos separamos.

Eu acabo deitada de costas, ele está a meio caminho de sua caminhonete, pairando sobre mim, nossas bocas pressionadas juntas.

Quando estamos no meio de embaçar todas as janelas, ele se afasta do meu pescoço, e há uma fração de segundo que ele me olha. É tão rápido; é um lampejo, um flash. Mas posso dizer que ele quer mais naquele olhar rápido, e eu também, então aceno e ele se afasta e abre o porta-luvas. Pega um preservativo e começa a abri-lo com os dentes, segurando-se com um braço. Aproveito a oportunidade para tirar minha calcinha e amarro minha saia longa em volta da minha cintura.

Ele abre o pacote, mas então faz uma pausa.

Os segundos começam a se arrastar enquanto ele silenciosamente me encara com contemplação.

Então ele joga o preservativo de lado e se abaixa em cima de mim novamente. Pressiona um beijo suave contra meus lábios. Sua respiração está quente contra minha bochecha quando ele diz: "Você merece uma cama."







Eu arrasto a mão pelo seu cabelo. "Você não tem uma cama aqui?"

Ele balança a cabeça. "Não."

"Nem mesmo um colchão inflável?"

"Nossas duas primeiras vezes foram em um colchão inflável. Você merece uma cama de verdade. E não, não tenho nenhum dos dois aqui."

"Que tal uma rede?"

Ele sorri para isso, mas ainda balança a cabeça.

"Um tapete de ioga? Eu não sou exigente."

Ele ri e beija meu queixo. "Pare com isso, ou vamos acabar fodendo nesta caminhonete."

Envolvo minhas pernas em volta de sua cintura. "E *como* isso é ruim?"

Ele geme em meu pescoço, então levanto meu quadril e ele cede.

Pega o preservativo e termina de abri-lo. Enquanto está fazendo isso, estou abrindo seu jeans.

Ele desliza no preservativo e, em seguida, me puxa para a borda do assento. Sua caminhonete tem a altura perfeita para isso. Nenhum de nós precisa se ajustar ou mudar de posição. Ele apenas agarra meu quadril e empurra para dentro de mim, mesmo que não seja uma cama de verdade, ainda é tão bom quanto ontem à noite.







CAPÍTULO TRINTA E CINCO

LEDGER

Eu não sei como encontrei forças para me afastar dela tempo suficiente para entrar e começar o piso.

Achei que ela iria sentar e me observar, ou escrever em seu caderno, mas assim que eu disse a ela que precisava terminar algum trabalho, ela perguntou como poderia ajudar.

Já se passaram três horas. Nós principalmente trabalhamos, com uma pequena pausa ocasional para reidratar e beijar um pouco mais, mas terminamos a maior parte do que será o chão da sala.

Já teríamos acabado se ela não estivesse usando aquela camisa com aquela saia. Ela está rastejando pelo chão, me ajudando a travar o piso no lugar, toda vez que olho para ela posso ver diretamente por baixo de sua camisa. Estou tão distraído que estou surpreso por não ter me machucado.

Não discutimos nada de importante desde que saímos da caminhonete. É como se tivéssemos deixado todas as coisas importantes dentro dela e optado por não carregar nada de peso conosco para esta casa.

Já foi um dia tão pesado; estou fazendo tudo o que posso para manter as coisas leves. Nós dois estamos. Não trouxe a carta desde que entramos. Ela não mencionou a ordem de restrição, eu não mencionei o Dia das Mães sob este teto, não falamos sobre o que nossa nova conexão física significa ou como possivelmente vamos navegar por ela. Acho que nós dois sabemos que as conversas





* *

virão, mas agora parece que estamos na mesma página, tudo o que queremos da página de hoje é tirar proveito um do outro.

Acho que Kenna e eu precisávamos de hoje. Kenna precisava especialmente hoje. Ela sempre parece estar carregando o peso do mundo nos ombros, mas hoje parece que está flutuando. Ela faz a gravidade parecer impotente contra ela.

Ela sorriu mais nas últimas horas do que desde o dia em que a conheci. Isso me faz pensar se eu era uma grande parte do peso que ela estava carregando.

Kenna prende o pedaço de madeira no lugar e pega uma garrafa de água. Ela me pega olhando para seu peito e ri. "Você com certeza tem dificuldade em me olhar nos olhos agora."

"Acho que tenho uma obsessão por sua camisa." Ela geralmente usa camisetas, mas esta camisa em particular é feita de um material colante que mergulha na frente, agora que ela está trabalhando há três horas, está começando a grudar nela em todos os lugares onde está suando. "Essa camisa é linda pra caralho."

Ela ri, e quero beijá-la novamente. Rastejo até ela, quando a alcanço, pressiono minha boca na dela com tanta força que ela cai para trás contra o chão. Eu a beijo através de sua risada, até que estou em cima dela.

Odeio que eu não tenho móveis. Nós continuamos acabando no piso de madeira que estamos instalando, e é bom, mas eu daria qualquer coisa para beijá-la em algo mais confortável. Algo tão suave quanto sua boca.

"Você nunca vai terminar esse piso", ela sussurra.

"Foda-se o piso." Nós nos beijamos por alguns minutos, e continuamos melhorando nisso. Há um monte de puxar e provar, fica um pouco caótico, sua camisa que eu amo tanto acaba em algum lugar no chão ao nosso lado.







Estou admirando seu sutiã agora, beijando sua pele logo acima dele, quando ela sussurra: "Estou com medo." Suas mãos estão no meu cabelo, ela as mantém lá quando levanto apenas o suficiente para olhar para ela. "E se eles descobrirem sobre nós antes que você tenha a chance de contar a eles? Estamos sendo imprudentes."

Não quero que ela pense nisso hoje porque hoje está bom, eles estão fora da cidade, então não faz sentido ficar pensando nisso até eles voltarem. Pressiono um beijo reconfortante contra sua testa. "Preocupar-se não vai melhorar a situação", digo. "Eles estão fora da cidade. Seja o que for, vai acontecer se nos beijarmos agora ou não."

Ela sorri quando digo isso. "Bom ponto." Ela envolve a mão em meu pescoço e me puxa de volta para sua boca.

Eu me abaixo em cima dela, mas então sussurro: "Qual é a pior coisa que poderia acontecer se eu tivesse que esconder você para sempre? Você viu meu closet, Kenna. É enorme. Você vai adorar lá."

Ela ri contra a minha boca.

"Eu poderia instalar um frigobar e uma televisão para você. Quando eles vierem visitar, pode simplesmente ir para o closet e fingir que está de férias."

"Você é terrível por brincar sobre isso", ela diz, mas está rindo. Beijo-a até que não estamos mais rindo, então deslizo dela até que estou deitado ao seu lado, inclinando-me sobre ela.

É a primeira vez que realmente olhamos um para o outro sem sentir que temos que desviar o olhar. Ela é tão perfeita.

Eu não digo isso em voz alta, porém, porque não quero diminuir nenhuma das outras coisas maravilhosas sobre ela, dando-lhe um elogio superficial sobre seu rosto. Isso tiraria o quão





* *

inteligente acho que ela é, quão compassiva, resiliente e espirituosa.

Olho para longe do seu rosto impecável e lentamente traço o centro do seu decote até que ela tenha calafrios percorrendo sua pele. "Tenho que terminar meus pisos." Deslizo minha mão até seu seio e aperto suavemente. "Pare de me distrair com essas coisas. Coloque sua camisa de volta."

Ela ri ao mesmo tempo que alguém limpa a garganta do outro lado da sala.

Eu rapidamente me sento, imediatamente lutando para bloquear a visão de Kenna de quem diabos está na minha casa.

Olho para cima para encontrar meus pais parados na porta, olhando para o teto. Kenna imediatamente se afasta de mim e pega sua camisa.

"Oh, meu Deus", ela sussurra. "Quem são eles?"

"Meus pais", murmuro. Eu juro, me envergonhar é o hobby favorito deles. Levanto minha voz para que eles possam me ouvir. "Legal da sua parte me avisar que estavam aparecendo hoje!" Ajudo Kenna a se levantar, meus pais ainda estão olhando para tudo, menos para nós, enquanto a ajudo a vestir a camisa.

Meu pai diz: "Eu limpei minha garganta quando entramos. Quanto aviso você precisa?"

Não estou tão mortificado quanto provavelmente deveria estar agora. Talvez esteja ficando imune às travessuras deles. Mas Kenna não está imune.

Agora que ela está vestida e meio atrás de mim, meu pai aponta para o trabalho que estamos fazendo. "Parece que você fez muito progresso...no piso."

"Em mais de uma maneira", minha mãe diz, divertida. Kenna enterra o rosto no meu braço. "Quem é sua amiga, Ledger?" Minha





* *

mãe está sorrindo, mas ela tem muitos sorrisos diferentes, nem sempre significam algo doce. Este sorriso é seu sorriso entretido. Seu sorriso isso é tão divertido.

"Está é... hum..." Não tenho ideia de como apresentar Kenna a eles. Eu nem sei que nome usar. Eles definitivamente reconheceriam o nome dela se eu dissesse Kenna, mas não tenho certeza se não reconhecerão o rosto dela, então mentir para eles seria inútil. "Está é...minha nova funcionária." Preciso perguntar a Kenna como ela quer que eu enfrente isso. Envolvo meu braço em volta do ombro dela e a levo para o quarto. "Desculpe-nos enquanto vamos coordenar nossas mentiras", digo por cima do ombro.

Kenna e eu chegamos ao quarto, fora da vista deles, ela me olha com os olhos arregalados. "Você não pode dizer a eles quem eu sou", ela sussurra.

"Não posso mentir para eles. Minha mãe provavelmente vai reconhecê-la assim que olhar melhor para você. Ela estava na sua sentença e nunca esquece um rosto. Ela também sabe que você está de volta à cidade."

Kenna parece que está prestes a enlouquecer. Ela começa a andar, posso ver o peso do mundo começar a voltar para seus ombros. Ela olha para mim com medo em seus olhos. "Eles me odeiam?"

Essa pergunta toca meu coração, principalmente porque ela está começando a chorar. Só nesse momento percebo que ela assume que todos que conheciam Scotty devem odiála. "Não. Claro que eles não odeiam você."

Percebo quando digo essas palavras que não sei necessariamente se são verdadeiras. Meus pais ficaram com o coração partido quando Scotty morreu. Ele era tão importante para eles quanto sou para Patrick e Grace. Mas não tenho certeza se já tive uma conversa com meus pais especificamente sobre a opinião deles sobre Kenna. Foi há mais de cinco anos. Não consigo me





*

lembrar de quais conversas tivemos ou quais eram seus pensamentos sobre tudo o que aconteceu. Quase não discutimos mais isso.

Kenna pode ver que estou processando, ela fica um pouco em pânico. "Você não pode simplesmente me levar para casa? Eu posso me esgueirar pelos fundos e encontrá-lo em sua caminhonete."

Quer meus pais percebam ou não quem Kenna é, Kenna não sabe que tipo de pessoas meus pais são. Ela não percebe que não tem nada para se preocupar.

Seguro seu rosto com minhas mãos. "Kenna. Eles são meus pais. Se reconhecerem você, eles vão me proteger, não importa o que aconteça." Essas palavras a acalmam um pouco. "Vou apresentá-la como Nicole por enquanto, depois vou levá-la para casa e lidar com eles e com a verdade mais tarde. OK? Eles são boas pessoas. Então seja você mesma."

Ela balança a cabeça, dou um beijo rápido nela e agarro sua mão e a conduzo para fora do quarto. Eles estão na cozinha agora, inspecionando todas as coisas que Roman e eu adicionamos desde a última vez que estiveram aqui. Quando percebem nosso retorno, ambos se encostam casualmente nos balcões, antecipando essa introdução.

Aceno com a mão para Kenna. "Esta é Nicole." Aceno com a mão para meus pais. "Minha mãe, Robin. Meu pai, Benji.

Kenna sorri e aperta suas mãos, mas então ela volta para o meu lado como se estivesse com medo de se afastar muito de mim. Agarro sua mão que está ao seu lado e a movo atrás de suas costas e aperto para lhe dar um pouco de conforto.

"É uma surpresa tão agradável que você não está sozinho", diz minha mãe. "Nós pensamos que você estaria aqui deprimido e sozinho hoje."





X X

Estou com medo de perguntar. "Por que eu estaria deprimido?"

Minha mãe ri e se vira para meu pai. "Você me deve dez dólares, Benji." Ela estende a mão, meu pai tira a carteira e bate uma nota de dez dólares na palma da mão dela. Ela a enfia no bolso da calça jeans. "Apostamos se você se lembraria de que deveria estar saindo para sua lua de mel hoje."

Por que não estou surpreso? "Qual de vocês apostou que eu esqueceria o Dia das Mães?"

Minha mãe levanta a mão.

"Eu não esqueci. Verifique seu e-mail. Enviei um cartãopresente porque não tinha ideia para onde enviar flores esta semana."

Minha mãe tira a nota de dez dólares do bolso e a devolve ao meu pai. Ela caminha até mim e finalmente me dá um abraço. "Obrigada." Ela não olha para Kenna porque sua atenção é roubada no meio do abraço pela porta do pátio. "Ah, uau! Parece ainda melhor do que eu imaginava!" Ela me solta e nos passa para brincar com a porta sanfonada.

Meu pai ainda está focado em mim e Kenna. Posso dizer que ele vai tentar ser educado e incluí-la na conversa, mas sei o quanto ela quer ser ignorada agora.

"Nicole tem que começar a trabalhar", deixo escapar. "Preciso dar uma carona a ela, então posso encontrar vocês dois em casa."

Minha mãe faz um som de *hmph* atrás de mim. "Acabamos de chegar", ela diz. "Eu queria um tour de tudo o que você fez."

A atenção do meu pai ainda está em Kenna. "O que você faz, Nicole? Além do..." Ele acena com a mão para mim. "Além de Ledger."





* *

Kenna engasga baixinho e diz: "Uau. OK. Bem, eu não... faço... Ledger."

Aperto a mão dela novamente, porque *não foi isso* que meu pai quis dizer. Mas se estamos sendo técnicos... "Eu acho que ele quer dizer o que você faz além de... *trabalhar*... para mim." Ela está olhando para mim sem expressão. "Porque eu disse que você é minha empregada mais cedo, mas então apenas menti e disse que você tem que ir trabalhar, eles sabem que meu bar está fechado aos domingos, então ele assumiu que tem um trabalho diferente além do bar, e perguntou o que você faz além disso..." Estou divagando agora, isso está apenas piorando o momento porque meus pais podem ouvir essa conversa, sei que eles estão gostando muito disso.

Minha mãe volta para o lado de meu pai e está sorrindo com prazer.

"Por favor, me leve para casa", Kenna implora.

Concordo. "Sim. Isso é uma tortura."

"É um prazer para mim, no entanto", diz minha mãe. "Acho que este pode ser o meu Dia das Mães favorito."

"E aqui estávamos pensando que ele ia ficar triste porque não se casou", diz meu pai. "O que você acha que ele tem reservado para o Dia dos Pais?"

"Só posso imaginar", diz minha mãe.

"Vocês dois são mortificantes. Tenho quase trinta. Quando isso vai parar?"

"Você tem vinte e oito anos", minha mãe diz. "Isso não é quase trinta. Vinte *e nove* é quase trinta."

"Vamos", digo para Kenna.

"Não, traga-a para jantar", minha mãe implora.





"Ela não está com fome." Conduzo Kenna porta afora. "Encontro vocês dois em casa!"

Estamos quase na minha caminhonete quando percebo o que significa deixar meus pais sozinhos. Faço uma pausa e digo: "Já volto." Aponto para a caminhonete para que Kenna saiba que pode seguir em frente sem mim. Eu me viro e caminho de volta para a casa, então me inclino na porta. "Não faça sexo na minha casa."

"Ah, vamos lá", diz meu pai. "Nós nunca iríamos."

"Estou falando sério. Esta é minha nova casa, serei amaldiçoado se vocês dois a batizarem."

"Nós não vamos", minha mãe diz, me enxotando.

"Estamos ficando velhos demais para isso de qualquer maneira", diz meu pai. "Muito velho. Nosso filho tem quase *trinta anos*."

Eu saio da porta e faço sinal para eles saírem. "Saiam. Vão. Não confio em nenhum de vocês." Espero que eles se juntem a mim do lado de fora, então tranco a porta da frente. Aponto para o carro deles. "Encontro vocês em casa."

Ando até a minha caminhonete e ignoro a conversa deles. Espero meus pais desistirem, então Kenna e eu suspiramos simultaneamente. "Eles podem ser muito às vezes", admito.

"Uau. Aquilo foi..."

"Típico deles." Eu olho para ela, e ela está sorrindo.

"Foi embaraçoso, mas meio que gostei deles", ela diz. "Mas ainda não vou jantar com eles."

Não a culpo. Coloco minha caminhonete em marcha ré e então aponto para o meio do banco. Agora que quebramos qualquer linha que traçamos na areia, quero que ela fique o mais perto de mim que puder. Ela desliza pelo banco até ficar bem ao







meu lado, coloco minha mão em seu joelho enquanto dirijo para longe da casa.

"Você faz muito isso", ela diz.

"Eu faço o que?"

"Você aponta o tempo todo. É rude." Ela soa divertida em vez de ofendida.

"Eu não aponto o tempo todo."

"Você aponta. Percebi isso na primeira noite em que entrei no seu bar. É por isso que deixei você me beijar, porque pensei que era sexy. A maneira como você ficava apontando para as coisas."

Sorrio. "Você acabou de dizer que era rude. Você acha que rude é sexy?"

"Não. Acho que a bondade é sexy. Talvez *rude* foi o termo errado." Ela encosta a cabeça no meu ombro. "Acho seu apontar *sexy*."

"Você?" Solto seu joelho e aponto para uma caixa de correio. "Vê aquela caixa de correio?" Então aponto para uma árvore. "Olhe para aquela árvore." Bato no freio quando nos aproximamos de um sinal de pare e aponto para o sinal. "Olhe para isso, Kenna. O que é isso? Isso é a porra de um pombo?"

Ela inclina a cabeça e me olha com curiosidade. Quando paro no sinal, ela diz: "Scotty costumava dizer isso às vezes. O que isso significa?"

Balanço minha cabeça. "Era apenas algo que ele costumava dizer." Patrick é o único que sabe de onde essa frase se originou, e mesmo que não haja nenhum grande segredo ou história por trás disso, ainda quero mantê-la. Kenna não me pressiona. Ela apenas levanta e me beija antes de eu sair para a rua. Ela está sorrindo, é tão bom vê-la sorrir assim. Olho de volta para a estrada e coloco minha mão em seu joelho novamente.





*

Ela descansa a cabeça no meu ombro, depois de um momento de silêncio, ela diz: "Eu gostaria de ter visto você com Scotty. Aposto que vocês dois eram divertidos juntos."

Eu amo que ela admitiu isso em voz alta. É bom ouvir isso, porque em algum momento, todos nós teremos que superar o fato de que Scotty morreu do jeito que ele morreu. Acho que estou em um ponto em que quero que a memória dele seja acompanhada apenas de bons sentimentos. Quero poder falar sobre ele com as pessoas, especialmente com seu pai, mas de uma forma que não faça Patrick chorar.

Todos nós conhecíamos Scotty, mas todos o conhecíamos de maneiras diferentes. Todos nós carregamos lembranças diferentes dele. Acho que seria bom para Patrick e Grace ouvir as memórias que Kenna tem de Scotty que nenhum de nós tem.

"Eu gostaria de ter visto você com Scotty", admito.

Kenna beija meu ombro e depois descansa a cabeça lá novamente. Fica quieta até que eu levanto minha mão e aponto para um cara em uma bicicleta. "Olha essa bicicleta." Aponto para um posto de gasolina próximo. "Olhe para aquelas bombas de gasolina." Aponto para uma nuvem. "Olhe para aquela nuvem."

Kenna solta uma risada misturada com um gemido. "Pare. Você está arruinando a sensualidade disso."

Relutantemente deixei Kenna em seu apartamento há duas horas. Pode ter levado quinze minutos para eu parar de beijá-la tempo suficiente para voltar para minha caminhonete, mas não queria ir embora. Queria passar o resto da noite, possivelmente até a *noite* com ela, mas meus pais são idiotas que não acreditam em horários e estão sempre aparecendo nos piores momentos.





* *

Pelo menos desta vez foi no meio do dia. Uma vez eles apareceram às 3h da manhã, acordei com meu pai tocando Nirvana no quintal e cozinhando bifes na grelha.

Meu pai fez hambúrgueres esta noite, acabamos de jantar cerca de uma hora atrás. Esperei durante todo o jantar para eles me perguntarem sobre Kenna. Ou melhor, Nicole. Mas nenhum deles trouxe isso. Tudo o que falamos hoje à noite foram suas últimas aventuras na estrada e minhas últimas aventuras com Diem.

Eles ficaram desapontados ao descobrir que Diem e os Landrys estão fora da cidade. Sugeri que ligassem com antecedência na próxima vez que quisessem aparecer. Seria mais fácil para todos nós.

Meus pais sempre se deram bem com os pais de Scotty, mas os Landrys tiveram Scotty mais tarde na vida, então eles são um pouco mais velhos que meus pais. Eu diria que eles são mais maduros que meus pais, mas *imaturo* não é o termo certo para descrever meus pais. Eles são apenas um pouco mais despreocupados e não estruturados. Mas mesmo que eu não categorizasse os quatro como ativamente próximos, eles compartilham um vínculo por causa de Scotty e eu.

E porque Diem é como uma filha para mim, ela tem sido como uma neta para meus pais. O que significa que Diem é importante para eles e querem o melhor para ela.

Provavelmente é por isso que, assim que meu pai vai ao quintal limpar a churrasqueira, minha mãe desliza para o banco do balcão e me dá um de seus muitos sorrisos. Este é o seu sorriso "Você tem um segredo, é melhor desabafar."

Ignoro seu sorriso e ela, continuo lavando o resto da louça. Mas minha mãe diz: "Venha aqui e fale comigo antes que seu pai volte para dentro."





X

Seco minhas mãos e sento do outro lado do balcão. Ela está olhando para mim como se já conhecesse meus segredos. Não me surpreende. Quando digo que minha mãe nunca esquece um rosto, não digo isso de ânimo leve. É como uma superpotência.

"Os Landrys sabem?" Ela pergunta.

Eu jogo. "Sabe o que?"

Sua cabeça inclina para o lado. "Sei quem ela é, Ledger. Eu a reconheci no dia em que ela entrou no seu bar."

Espere. O que? "O dia em que você estava bêbada?"

Ela acena. Agora que penso nisso, lembro-me dela olhando para Kenna quando entrou no meu bar naquele dia. Por que ela não me disse nada sobre isso? Nem tocou no assunto quando falei com ela ao telefone alguns dias depois e lhe disse que Kenna estava de volta à cidade.

"Você me disse que ela estava saindo da cidade na última vez que conversamos", ela diz.

"Ela está." Sinto-me culpado quando digo isso porque espero com todas as minhas forças que não seja verdade. "Ou ela *estava*. Não sei mais."

"Patrick e Grace sabem que vocês dois são..."

"Não."

Minha mãe sopra uma respiração suave. "O que você está fazendo?"

"Eu não sei", digo honestamente.

"Isso não vai acabar bem."

"Eu sei."

"Você a ama?"







Sopro uma corrente de ar pesada e lenta. "Definitivamente não a odeio mais."

Ela toma um gole do seu vinho e dá um momento para esta conversa se estabelecer. "Bem. Espero que você faça a coisa certa."

Eu levanto uma sobrancelha. "Qual é a coisa certa?"

Minha mãe dá de ombros. "Eu não sei. Só espero que você faça isso."

Solto uma risada curta. "Obrigado pelo não conselho."

"É para isso que estou aqui. Andar na ponta dos pés por essa coisa que eles chamam de maternidade." Ela sorri e estende a mão por cima do balcão para apertar minha mão. "Sei que você preferia estar com ela agora. Não nos importamos se você nos abandonar esta noite."

Há um momento de hesitação da minha parte, não porque eu não quero ir para a casa de Kenna, mas porque estou surpreso que minha mãe saiba quem ela é, mas ainda está bem com isso.

"Você culpa Kenna?" Pergunto a ela depois de uma pequena pausa.

Minha mãe me olha honestamente. "Scotty não era meu filho, então senti pena de todos os envolvidos. Até Kenna. Mas se o que aconteceu com Scotty tivesse acontecido com você, não posso dizer que faria uma escolha diferente de Patrick e Grace. Acho que há espaço em uma tragédia desse tamanho para que todos estejam certos *e* errados. No entanto", ela diz, "eu sou sua mãe. E se você vê algo especial nela, então sei que deve haver algo especial nela."

Absorvo suas palavras, então pego minhas chaves e meu celular e a beijo na bochecha. "Você estará aqui amanhã?"

"Sim, vamos ficar dois ou três dias. Vou dizer ao seu pai que você disse boa noite."







CAPÍTULO TRINTA E SEIS

KENNA

Estou no chuveiro quando ouço uma batida na porta da frente. Isso me assusta porque é mais como uma batida incessante. Lady Diana não bateria assim, ela é a única pessoa que esteve aqui além de Ledger.

Acabei de enxaguar o condicionador do meu cabelo, então abro a porta do banheiro e grito: "Espere!" Freneticamente tento secar meu cabelo com uma toalha o máximo que posso para não pingar água até a porta da frente.

Coloco uma camiseta e calcinha, então pego meu jeans e vou até a porta para verificar o olho mágico. Quando vejo que é Ledger, destranco a porta e começo a vestir o jeans enquanto ele entra.

Ele parece chocado por eu não estar totalmente vestida. Apenas fica lá e me encara até eu abotoar meu jeans. Sorrio. "Você abandonou seus pais?"

Ele me puxa para um beijo, mas sou pega de surpresa, porque esse beijo é mais do que apenas um beijo. Há tanta coisa por trás do jeito que sua boca pressiona contra a minha, é como se ele tivesse me visto há semanas, mas foi apenas há cerca de três horas.

"Você cheira tão bem", ele diz, pressionando o rosto no meu cabelo molhado. Ele desliza as mãos pelas minhas coxas e depois me levanta, envolvendo minhas pernas ao redor de sua cintura. Ele nos leva até o sofá e nos abaixa nele.

"Isso não é uma cama", provoco.





* *

Ele morde meu lábio inferior com os dentes. "Está tudo bem, não estou tão pensativo quanto tentei ser hoje cedo. Eu faria sexo com você em qualquer lugar agora."

"Se isso vai acontecer, pode querer me mudar para aquele colchão inflável, porque este sofá é questionável."

Ele não perde um segundo. Levanta-me e joga no colchão, mas enquanto está beijando meu pescoço, Ivy começa a miar. Ela sobe no colchão e começa a lamber a mão de Ledger. Ele para de me beijar e olha para minha gatinha.

"Isto é estranho."

"Vou colocá-la no banheiro." Levo a gatinha para o banheiro e a tranco com comida e água. Abaixo-me em cima de Ledger desta vez. Monto nele, sentando-me, ele passa as mãos pelas minhas coxas enquanto seus olhos rolam sobre mim.

"Você ainda está se sentindo bem com isso?" Pergunta.

"Sobre o que? Nós?"

Ele concorda.

"Eu nunca me senti bem sobre nós. Nós é uma ideia terrível."

Ele agarra a frente da minha camisa e me puxa para baixo até que nossas bocas estejam quase se tocando. Ele rola a outra mão sobre minha bunda. "Estou falando sério."

Sorrio, porque ele não pode esperar que eu esteja falando sério enquanto também se pressiona contra mim assim. "Você está tentando ter uma conversa legítima enquanto estou em cima de você?"

Ele nos vira para que esteja pairando sobre mim agora. "Eu trouxe preservativos. Quero tirar sua roupa. Quero fazer sexo com você de novo, mas também sinto que deveria ter uma conversa com os Landrys antes que isso vá mais longe."







"É só sexo."

Ele suspira e então diz: "Kenna." Ele diz meu nome como se estivesse me dando um sermão, mas então pressiona sua boca na minha, é doce e suave, muito diferente de cada beijo que veio antes disso.

Entendo o que ele está dizendo, mas acho que estou cansada de circular em torno dessa discussão porque gostaria de *não* pensar nisso por um tempo. Toda vez que estou com ele, minha situação é tudo em que penso. É árduo e, para ser honesta, é assustador.

Levanto a mão para sua bochecha e afasto um pedaço de penugem do sofá. "Você realmente quer saber como eu me sinto?"

"Sim. Por isso estou perguntando."

"Nós dois continuamos indo e voltando. Você se preocupa, e então eu me preocupo, então você se preocupa, mas a preocupação não vai resolver isso. Sinto que isso não vai acabar bem. Ou talvez vá. De qualquer forma, gostamos de estar um com o outro, então até que termine bem ou termine terrivelmente, realmente não quero perder nosso tempo juntos andando em círculos sobre um futuro que não podemos prever. Então, apenas me deixe nua e faça amor comigo."

Ledger balança a cabeça, mas está sorrindo. "É como se você lesse minha mente."

Talvez, mas tudo o que acabei de dizer em voz alta não é o que sinto.

O que eu sinto é medo. Sei em meu coração que não há nada que ele possa dizer que vá mudar a cabeça dos Landrys sobre mim. Eles nem estão errados. A decisão que tomaram em si é a decisão certa porque é a decisão que lhes trará mais paz.

Vou respeitar essa decisão.







Depois desta noite.

Mas agora, vou ser egoísta e focar na única pessoa neste mundo que me vê do jeito que eu gostaria que todos pudessem me ver. E se isso significa que tenho que mentir para ele e fingir que essa história pode ter um final feliz, então é isso que vou fazer.

Tiro sua camisa, então minha camisa é a próxima, seguida por nossos jeans e em segundos, nós dois estamos nus e ele está colocando uma camisinha. Não sei por que estamos com pressa, mas estamos fazendo tudo com urgência. Beijando, tocando, ofegando como se estivéssemos ficando sem tempo.

Ele beija meu corpo até que sua cabeça esteja entre as minhas pernas. Ele beija ambas as coxas antes de me separar lentamente com a língua. A sensação é tão forte que cavo meus calcanhares no colchão e deslizo para cima, então ele tem que agarrar minhas coxas e puxar meu corpo de volta para sua boca. Pego algo para me agarrar, mas não há nem mesmo um cobertor, então coloco minhas mãos em seu cabelo e as mantenho lá, movendo-me no ritmo de sua cabeça.

Não demoro muito para terminar, enquanto as sensações rolam por mim e minhas pernas ficam tensas, Ledger intensifica o movimento de sua língua. Tremo e gemo até não aguentar mais. Preciso dele de volta dentro de mim. Puxo seu cabelo até que ele rasteja pelo meu corpo, desta vez ele empurra em um movimento rápido.

Ele empurra com tanta força, de novo e de novo, até que de alguma forma acabamos no chão ao lado do colchão inflável, cobertos de suor e sem fôlego quando acaba.

Nós acabamos no chuveiro juntos, minhas costas contra seu peito. A água está correndo sobre nós enquanto ele me segura em silêncio.

O pensamento de me despedir dele em algum momento me faz querer me encolher e chorar, então tento me convencer de que





estou errada sobre os Landrys. Tento mentir para mim mesma dizendo que as coisas vão dar certo entre nós. Talvez não amanhã, talvez não este mês, mas espero que Ledger esteja certo. Talvez um dia eles possam mudar de ideia.

Talvez ele diga algo para eles que plante uma semente, essa semente crescerá e crescerá até que eles comecem a sentir empatia por mim.

Aconteça o que acontecer, sempre serei grata a ele pelo perdão que me deu, quer eu o receba de outra pessoa ou não.

Viro-me e o encaro; então levanto minha mão e toco sua bochecha. "Eu teria me apaixonado por você mesmo se não amasse Diem."

Sua expressão muda, então ele beija o interior da minha palma. "Eu me apaixonei por você por causa do quanto você faz."

Droga, Ledger.

Eu o beijo por isso.







CAPÍTULO TRINTA E SETE

LEDGER

É engraçado como a vida funciona. Eu deveria estar acordando em um resort à beira-mar ao lado da minha nova esposa, comemorando nossa lua de mel agora.

Em vez disso, estou acordando em um colchão inflável em um apartamento estéril, ao lado de uma mulher de quem passei tantos anos com raiva. Se alguém tivesse me mostrado esse momento em uma bola de cristal no ano passado, eu teria me perguntado o que poderia acontecer que me faria tomar uma série de decisões horríveis.

Mas agora que estou neste momento, percebo que estou aqui porque finalmente tenho clareza. Eu nunca me senti mais certo sobre as escolhas que fiz na minha vida do que hoje.

Não quero que Kenna acorde ainda. Ela parece em paz, e eu preciso de um momento para formular um plano para hoje. Tenho que enfrentar isso mais cedo ou mais tarde.

Estou com medo de qual será o resultado, então uma grande parte de mim quer esperar algumas semanas para que Kenna e eu possamos viver em felicidade secreta, cheios de esperança de que as coisas vão acontecer do jeito dela.

Mas quanto mais esperarmos, mais desleixados ficaremos. A última coisa que quero é que Patrick e Grace descubram que estou mentindo para eles antes que possa confrontá-los calmamente com meus pensamentos.





* *

Kenna move o braço para cobrir os olhos e depois rola para o lado. Ela se aconchega em mim e geme. "Está tão claro aqui." Sua voz é rouca e sexy.

Corro minha mão por sua cintura, sobre seu quadril, então agarro sua coxa, puxando sua perna sobre mim. Eu beijo sua bochecha. "Dormiu bem?"

Ela ri contra o meu pescoço. "*Dormi* bem? Fizemos sexo três vezes e depois tivemos que dividir um colchão inflável de tamanho normal. Acho que dormi uma hora, no máximo."

"Já passa das nove. Você dormiu mais que uma hora."

Kenna se senta. "O que? Achei que o sol tinha acabado de nascer." Ela joga as cobertas de lado. "Eu deveria estar no trabalho às nove."

"Ah Merda. Eu te dou uma carona." Procuro minhas roupas. Encontro minha camisa, mas a gatinha de Kenna está enrolada dormindo dentro dela. Eu a levanto e a coloco no sofá e então começo a vestir meu jeans. Kenna está no banheiro escovando os dentes. A porta está aberta, ela está completamente nua, então congelo no meio de me vestir porque ela tem uma bunda perfeita.

Ela me vê olhando no espelho e ri, então chuta a porta do banheiro com o pé. "Vista-se!"

Termino de me vestir, mas depois me junto a ela no banheiro porque quero um pouco de sua pasta de dente. Ela foge para o lado enquanto está se enxaguando, começo a espremer um pouco de pasta de dente no meu dedo, mas ela abre uma gaveta e tira um pacote com uma escova de dentes.

"Comprei um pacote duplo." Ela me entrega a escova de dentes extra e sai do banheiro.





* *

Nós finalmente nos encontramos na porta da frente. "A que horas sai do trabalho?" Eu a puxo para mim. Ela cheira a hortelã fresca.

"Cinco." Beijamo-nos. "A menos que eu seja demitida." Nós nos beijamos um pouco mais. "Ledger, tenho que ir", ela murmura contra a minha boca. Mas nos beijamos novamente.

Chegamos à mercearia às quinze para as dez. Ela está 45 minutos atrasada, mas como paramos para dizer adeus, ela está cinquenta minutos atrasada.

"Estarei aqui às cinco", digo enquanto ela fecha a porta.

Ela sorri. "Só porque saí com você não significa que tem que ser meu motorista."

"Eu era seu motorista antes de você sair comigo."

Ela fecha a porta, mas então vem para o meu lado da caminhonete. Eu já tenho minha janela aberta, ela se inclina e me dá um beijo final. Quando se afasta, faz uma pausa por um momento. Parece que quer dizer alguma coisa, mas não quer. Ela apenas olha em silêncio por alguns segundos, como se algo estivesse na ponta de sua língua, mas então ela se afasta e corre para a mercearia.

Estou a dois quilômetros da minha casa quando percebo que tenho um sorriso ridículo no rosto durante todo o trajeto. Eu o limpo, mas é o tipo de sorriso que reaparece com cada pensamento que tenho sobre ela. E todos os meus pensamentos esta manhã foram sobre ela.

O trailer dos meus pais está ocupando toda a garagem, então estaciono na frente da casa.

Grace e Patrick já estão de volta. Ele está na frente regando seu quintal, e Diem está sentada na garagem com um balde de giz.





* *

Forço o sorriso do meu rosto. Não que um simples sorriso entregasse tudo o que aconteceu nas últimas vinte e quatro horas, mas Patrick me conhece bem o suficiente para pensar que meu comportamento é devido a uma garota. Então ele vai fazer perguntas. Terei que mentir para ele ainda mais do que já estou.

Diem se vira quando fecho a porta da minha caminhonete. "Ledger!" Ela olha para os dois lados antes de me encontrar no meio da rua. Eu a pego e dou um grande abraço.

"Você se divertiu na casa da vovó NoNo?"

"Sim, encontramos uma tartaruga e NoNo me deixou ficar com ela. Está no meu quarto em uma coisa de vidro."

"Quero ver." Coloco-a de volta no chão e ela pega minha mão, mas antes mesmo de chegarmos à grama, Patrick e eu fazemos contato visual.

Meu coração entristece imediatamente.

Seu rosto é duro. Não há olá. É o mais resignado que já o vi.

Seus olhos caem para Diem e ele diz: "Você pode mostrar a ele sua tartaruga em um minuto. Preciso falar com Ledger."

Diem não pode sentir a tensão irradiando dele, é por isso que ela entra na casa enquanto estou congelado na beira da grama que Patrick está regando descuidadamente. Quando a porta da frente se fecha, ele não diz nada. Apenas continua a regar a grama, como se estivesse esperando que eu admita minha merda.

Estou preocupado por mais de um motivo. Seu comportamento está deixando óbvio que algo está errado, mas se eu disser algo primeiro, posso estar errado. Qualquer coisa pode estar errada. Talvez sua mãe esteja doente, ou eles receberam más notícias que ele não quer que Diem ouça.





A maneira como ele está agindo pode

A maneira como ele está agindo pode não ter nenhuma relação com Kenna, então espero que ele diga o que quer que pareça tão difícil para ele dizer.

Ele solta o bico e deixa cair a mangueira de água. Ele se aproxima de mim, cada um de seus passos deliberados está alinhado com as batidas do meu coração. Ele para de andar cerca de um metro de mim, mas meus batimentos cardíacos continuam acelerados. Não gosto do silêncio entre nós. Posso dizer que ele está prestes a me confrontar, e Patrick não é uma pessoa de confronto. O fato de que ele não está circulando em torno do que quer dizer me deixa mais do que preocupado.

Algo o está incomodando e é sério. Tento aliviar a tensão dizendo casualmente: "Quando vocês voltaram?"

"Esta manhã", ele diz. "Onde você estava?" Ele pergunta como se fosse meu pai e está chateado por eu ter escapado no meio da noite.

Eu nem sei o que dizer. Estou procurando por qualquer mentira que se encaixe melhor neste momento, mas nenhuma delas parece se encaixar. Não posso dizer que estava estacionado na minha garagem, porque o trailer dos meus pais está no caminho. Não posso dizer que estava em casa, porque obviamente minha caminhonete não estava aqui.

Patrick balança a cabeça. Seu rosto está cheio de decepção do tamanho de uma galáxia.

"Ele era seu melhor amigo, Ledger."

Tento esconder minha inspiração. Enfio as mãos nos bolsos e olho para os pés. Por que ele está dizendo isso? Não sei o que dizer. Não sei o que ele sabe. Não sei *como* ele sabe.

"Vimos sua caminhonete no apartamento dela esta manhã." Sua voz é baixa, ele não está olhando para mim. É como se não suportasse a pessoa à sua frente. "Eu tinha certeza de que







era uma coincidência. Aquele alguém que tem uma caminhonete igual à sua morava no prédio, mas quando parei ao lado dela para dar uma olhada melhor, vi a cadeirinha de Diem."

"Patrick..."

"Você está dormindo com ela?" Sua voz é monótona e plana de uma forma enervante.

Levo um braço sobre meu peito e aperto meu ombro. Meu peito está tão apertado que parece que meus pulmões estão apertados. "Acho que nós três precisamos sentar e conversar sobre isso."

"Você está *dormindo* com ela?" Repete, muito mais alto desta vez.

Corro a mão pelo meu rosto, frustrado por isso estar vindo à tona dessa forma. Eu só precisava de algumas horas e ia falar com eles sobre isso. Seria muito melhor assim. "Todos nós erramos sobre ela." Digo isso de forma pouco convincente, porque sei que nada que eu possa dizer agora será absorvido por ele. Não quando ele está tão bravo.

Ele solta uma risada tímida, mas então seu rosto se transforma em uma carranca mais triste, suas sobrancelhas se separam. "Nós erramos?" Ele dá um passo mais perto de mim, finalmente me olhando nos olhos. Sua expressão está cheia de traição. "Ela não deixou meu filho morrer? Seu melhor amigo não passou suas últimas horas sozinho em uma estrada deserta mal respirando por causa dela?" Uma lágrima escapa, e ele com raiva a limpa. Ele está tão bravo que tem que soltar uma respiração constante para não gritar comigo.

"Foi um acidente, Patrick." Minha voz é quase um sussurro. "Ela amava Scotty. Entrou em pânico e fez a escolha errada, mas pagou por essa escolha. Em que ponto podemos parar de culpá-la?"





X X

Ele escolhe responder a essa pergunta com o punho. Ele me dá um soco forte na boca.

Eu não faço nada, porque me sinto tão culpado que eles descobriram dessa forma, que eu deixaria ele me socar mais um milhão de vezes, mesmo assim não me defenderia.

"Ei!" Meu pai está correndo para fora da minha casa, vindo em nossa direção. Patrick me bate de novo, bem quando Grace sai correndo pela porta da frente. Meu pai se empurra entre nós antes que Patrick possa dar um terceiro soco.

"Que diabos, Pat?" Meu pai grita.

Patrick não olha para ele. Está olhando para mim sem nem um pingo de arrependimento. Dou um passo à frente para implorar a ele, porque não quero que essa conversa termine agora que finalmente está fora, mas Diem corre para fora. Patrick não a vê antes de tentar me atacar novamente.

"Pelo amor de Deus!" Meu pai grita, empurrando-o para trás. "Pare com isso!"

Diem começa a chorar quando percebe a comoção. Grace a alcança e começa a levar Diem para dentro de casa, mas Diem me quer. Ela está chegando para mim, não sei o que fazer.

"Eu quero ir com Ledger", Diem implora.

Grace se vira e olha para mim. Posso dizer pelo olhar de traição em seu rosto que ela pode até estar sofrendo mais do que Patrick agora.

"Grace, por favor. Apenas me ouça."

Ela vira as costas para mim e desaparece com Diem dentro de sua casa. Posso ouvir Diem chorar, mesmo depois que a porta se fecha, sinto como se ela tivesse acabado de abrir meu peito.

"Não ouse tentar colocar suas escolhas em nós", Patrick diz. "Você pode escolher aquela mulher, ou pode escolher Diem,





* *

mas não se *atreva* a tentar nos fazer sentir culpa por uma escolha com a qual chegamos em paz cinco anos atrás. Você fez isso consigo *mesmo*, Ledger." Patrick se vira e volta para dentro.

Meu pai solta meu braço. Ele se move para ficar na minha frente, tenho certeza de que ele vai tentar me acalmar, mas não lhe dou a oportunidade. Volto até a minha caminhonete e vou embora.

Vou ao bar, mas em vez de entrar, bato na porta da escada de Roman. Bato constantemente até ele abrir. Ele parece confuso, mas então vê meu lábio ferido e diz: "Ah, inferno." Ele dá um passo para o lado e depois me segue escada acima até seu apartamento.

Vou para a cozinha e molho algumas toalhas de papel para limpar o sangue da minha boca.

"O que aconteceu?"

"Passei a noite com Kenna. Os Landry descobriram."

"Patrick fez isso?"

Concordo.

Os olhos de Roman se estreitam. "Você não bateu nele de volta, não é? Ele tem uns sessenta anos."

"Claro que não, mas não por causa de sua idade. Ele é tão forte quanto eu. Não bati nele de volta porque eu merecia isso." Puxo a toalha de papel da minha boca e a coisa toda está coberta de sangue. Vou até o banheiro e inspeciono meu rosto. Meu olho parece bem. Provavelmente vai ficar um pouco machucado, mas meu lábio está cortado por dentro. Acho que ele me bateu com tanta força que meu dente cortou meu lábio. "Porra." Sangue está saindo da minha boca. "Acho que preciso de pontos."

Roman olha para minha boca e então estremece. "Merda, cara." Ele pega uma toalha e a molha, depois a entrega para mim e diz: "Venha, vou levá-lo ao pronto-socorro."







CAPÍTULO TRINTA E OITO

KENNA

Há um pequeno salto no meu passo assim que saio da mercearia e vejo a caminhonete de Ledger do outro lado do estacionamento.

Ele me vê saindo, então atravessa o estacionamento para me pegar. Entro na caminhonete e me arrasto pelo banco para lhe dar um beijo. Ele não se vira para mim, então meus lábios pousam em sua bochecha.

Eu me sentaria no meio, mas o console dele está abaixado e ele tem uma bebida no porta-copos, então sento no banco do passageiro e coloco o cinto de segurança.

Ele está usando óculos escuros e não olhou para mim desde que entrei na caminhonete. Começo a ficar preocupada, mas então ele estende a mão por cima do console para segurar minha mão, e isso me deixa à vontade. Estava começando a me preocupar que ele passou o dia lamentando ontem à noite, mas posso sentir no jeito que ele aperta minha mão que está feliz em me ver. A paranoia é irritante. "Adivinha?"

"O que?"

"Recebi uma promoção. Caixa. Paga mais dois dólares por hora."

"Isso é ótimo, Kenna." Ele ainda não olha para mim, no entanto. Ele solta minha mão e apoia um cotovelo em sua porta, descansando a cabeça contra a mão esquerda enquanto dirige com a direita. Eu o encaro um pouco, me perguntando por que ele parece diferente. Mais silencioso.





* *

Minha boca está começando a secar, então digo: "Posso tomar um gole de sua bebida?"

Ledger a tira do porta-copos e entrega para mim. "É um chá doce. Está há muitas horas aí."

Eu tomo um gole e olho para ele o tempo todo. Coloco o copo de volta no suporte. "O que está errado?"

Ele balança a cabeça. "Nada."

"Você falou com eles? Aconteceu alguma coisa?"

"Não é nada", ele diz, sua voz grossa com a mentira. Acho que ele reconhece o quão pouco convincente soa, porque depois de uma pausa, acrescenta: "Vamos apenas para a sua casa primeiro."

Eu afundo no meu assento quando ele diz isso. A ansiedade rola através de mim como uma onda.

Não o pressiono a me dizer agora porque estou com medo de saber o que o deixou tão tenso. Olho pela janela durante todo o caminho até meu apartamento, com a sensação de que esta será a última vez que Ledger Ward me dá uma carona para casa.

Ele para na vaga de estacionamento e desliga o motor. Eu desafivelo e saio da caminhonete, mas depois que fecho minha porta, percebo que ele ainda está sentado lá. Ele bate no volante com o polegar, parecendo perdido em pensamentos. Depois de vários segundos, ele finalmente abre a porta e sai.

Ando ao redor para encontrá-lo e ter uma melhor leitura sobre ele, mas paro assim que estou cara a cara com ele.

"Meu Deus." Seu lábio está inchado. Corro até ele, assim que desliza os óculos de sol em cima de sua cabeça. É quando vejo o olho roxo. Estou com medo de perguntar, então minha voz fica tímida quando digo: "O que aconteceu?"

Ele fecha o espaço entre nós e envolve um braço em volta dos meus ombros, me puxando contra ele de modo que seu queixo está





* +

descansando em cima da minha cabeça. Ele apenas me puxa para ele por um segundo e depois me dá uma casto beijo no lado da minha cabeça. "Vamos entrar." Ele desliza a mão pela minha e me leva até as escadas.

Uma vez que estamos dentro do meu apartamento, mal tenho a porta fechada antes de perguntar a ele novamente. "O que aconteceu, Ledger?"

Ele se inclina contra o balcão e pega minha mão. Ele me puxa para ele e alisa meu cabelo para trás, olhando para mim. "Eles viram minha caminhonete aqui esta manhã."

Qualquer pedaço de esperança que eu tinha esta manhã imediatamente se dissipa. "Ele *bateu em* você?"

Ledger acena com a cabeça, tenho que recuar e me recompor porque me sinto enjoada. Quero chorar, porque o quão louco Patrick teria que estar para bater em alguém? Do jeito que Scotty e Ledger falavam sobre ele, não parece ser do tipo que perde a paciência facilmente. Que significa...eles me odeiam. Eles me odeiam tanto que o pensamento de Ledger e eu juntos fez um homem geralmente gentil e calmo perder a cabeça.

Eu tinha razão. Estão fazendo com que ele escolha.

O pânico começa a se espalhar do meu peito para todas as outras partes do meu corpo. Tomo um gole de água e pego Ivy, que está miando aos meus pés. Eu a acaricio. Tento encontrar conforto em sua presença. Ela é minha única constante agora, porque esta história está terminando exatamente como eu previ. Nada de reviravoltas na trama.

Eu vim aqui com um objetivo, que era tentar estabelecer um relacionamento com os Landrys e com minha filha. Mas deixaram bem claro que não é algo que eles querem. Talvez não seja algo que possam lidar emocionalmente.





* *

Coloco Ivy de volta no chão e cruzo os braços sobre o peito. Não consigo nem olhar para Ledger quando faço essa pergunta. "Eles pediram para você parar de me ver?"

Ele exala, seu suspiro é tudo que preciso saber. Eu tento me segurar, mas só quero que ele vá embora. Ou talvez *eu* precise ir embora.

Este apartamento, esta cidade, este estado. Quero ficar o mais longe possível da minha filha, porque quanto mais perto estou dela sem poder vê-la, mais tentador se torna simplesmente ir à casa deles e levá-la. Estou desesperada o suficiente para que, se ficar aqui por muito mais tempo, possa fazer algo estúpido.

"Eu preciso de dinheiro."

Ledger olha para mim como se não entendesse a pergunta ou não pudesse processar por que preciso de dinheiro.

"Eu preciso me mudar, Ledger. Posso te pagar de volta, mas preciso ir embora e não tenho dinheiro suficiente para alugar um novo lugar. Não posso ficar aqui."

"Espere", ele diz, dando um passo em minha direção. "Você está indo? Está desistindo?"

Sua escolha de palavras me deixa com raiva. "Eu diria que tentei bastante. Eles têm uma ordem de restrição contra mim…eu não chamaria isso de desistir."

"E nós? Você vai simplesmente ir embora?"

"Não seja um idiota. Isso é mais dificil para mim do que para você. Pelo menos você ainda consegue Diem no final."

Ele agarra meus ombros, mas olho para longe dele, então ele move as mãos para os lados da minha cabeça. Inclina meu rosto e direciona meu foco de volta para o dele. "Kenna, não. *Por favor.* Espere algumas semanas. Vamos ver o que acontece."





* *

"Nós sabemos o que acontecerá. Continuaremos nos vendo em segredo, e nos apaixonaremos, mas eles não mudarão de ideia e *ainda* terei que ir embora, mas vai doer muito mais em algumas semanas do que se eu sair agora mesmo." Vou até o armário e pego minha mala. Abro e jogo no colchão inflável e começo a jogar minha merda nela. Posso pegar um ônibus para a próxima cidade e depois ficar em um hotel até descobrir para onde ir. "Preciso de dinheiro", digo novamente. "Eu vou te pagar de volta cada centavo, Ledger. Prometo."

Ledger vem até mim e fecha minha mala. "Pare com isso." Ele me faz virar e encará-lo, puxando-me e envolvendo em seus braços. "Pare. *Por favor.*"

Estamos muito atrasados. Já está doendo muito.

Pressiono minhas mãos contra sua camisa e a aperto em meus punhos. Começo a chorar. Não consigo suportar a ideia de não estar perto dele, não ver seu sorriso, não sentir seu apoio. Eu já sinto falta dele, embora ainda estou aqui em seus braços. Mas por mais que a ideia de deixá-lo doa, acho que minhas lágrimas são para minha filha. Elas são sempre para ela.

"Ledger." Digo seu nome baixinho, então levanto minha cabeça do seu peito e olho para ele. "A única coisa que você pode fazer neste momento é ir até lá e pedir desculpas a eles. Diem precisa de você. Por mais que doa, se não conseguem superar o que eu fiz com eles, não é seu trabalho consertar o que está quebrado dentro deles. É seu trabalho apoiá-los, e você não pode fazer isso comigo em sua vida."

Sua mandíbula está apertada. Parece que ele está tentando não chorar. Mas também parece que sabe que eu estou certa. Ele dá um passo para longe de mim e, em seguida, abre a carteira. "Você quer meu cartão de crédito?" Ele pergunta, puxando-o para fora. Ele também tira várias notas de vinte dólares. Parece tão chateado, bravo e derrotado enquanto com raiva arranca coisas de sua carteira. Ele joga o cartão de crédito e







o dinheiro no balcão, então dá um passo em minha direção, me beija na testa e sai.

Ele bate a porta enquanto vai.

Eu me inclino para frente e pressiono meus cotovelos no balcão, seguro minha cabeça em minhas mãos e choro ainda mais, porque estou com raiva por ter me permitido ter esperanças. Já se passaram mais de cinco anos desde que isso aconteceu. Se eles fossem me perdoar, já teriam feito isso. Eles simplesmente não são do tipo que perdoa.

Há pessoas que encontram paz no perdão, há outras que encaram o perdão como uma traição. Para eles, me perdoar seria como trair seu próprio filho. Eu só posso esperar que eles mudem de ideia algum dia, mas até então, esta é a minha vida. Isto é onde ela me levou.

É aqui que eu recomeço. *Novamente*. E vou ter que fazer isso sem Ledger ou seu incentivo ou sua crença em mim. Estou soluçando agora, mas ainda consigo ouvir a porta da frente quando ela se abre novamente.

Levanto minha cabeça enquanto ele bate a porta e atravessa a sala. Ele me levanta, colocando no balcão para que fiquemos olho no olho, então me beija com um desespero triste, como se fosse o último beijo que vai me dar.

Depois de quebrar nosso beijo, ele me olha com determinação quando diz: "Vou ser a melhor pessoa que posso ser para sua filha. Eu prometo. Vou dar a ela a melhor vida, quando ela perguntar sobre sua mãe, vou dizer a ela que você é uma pessoa maravilhosa. Vou me certificar de que ela cresça sabendo o quanto você a ama."

Estou uma bagunça do caralho agora, porque vou sentir tanto a falta dele.





Ele pressiona sua boca inchada na minha, e eu o beijo gentilmente porque não quero machucá-lo. Então nossas testas se encontram. Parece que ele está lutando para manter a compostura. "Lamento não poder fazer mais por você." Ele começa a se afastar, afastando-se de mim, dói muito vê-lo ir, então olho

Há algo debaixo dos meus pés. Parece um cartão de visita, então deslizo para fora do balcão e o pego. É o cartão perfurado do cone de neve do Ledger. Deve ter caído de sua carteira quando ele tirou tudo dela.

"Ledger, espere." Eu o encontro na porta e lhe entrego seu cartão. "Você precisa disso", digo, fungando as lágrimas. "Você está tão perto de um cone de neve grátis."

Ele ri através de sua dor, pegando o cartão de mim. Mas então ele estremece e deixa cair sua testa na minha. "Estou com tanta raiva deles, Kenna. Isso não é justo."

Não é. Mas não depende de nós. Eu o beijo uma última vez, então aperto sua mão e olho para ele suplicante. "Não os odeie. OK? Estão dando uma boa vida à minha filhinha. Por favor, não os odeie."

Ele mal acena com a cabeça, mas é um aceno. Quando ele solta minha mão, não quero vê-lo sair, então vou para o meu banheiro e fecho a porta.

Alguns segundos depois, ouço a porta do meu apartamento se fechar.

Deslizo para o chão e desmorono.



para o chão.





CAPÍTULO TRINTA E NOVE

LEDGER

Eu nem mesmo entro em minha casa quando chego em casa. Vou direto para a porta da frente de Patrick e Grace e bato.

Nunca foi uma escolha. Diem sempre será a garota mais importante da minha vida, não importa o quê, quem ou quando. Mas isso não significa que não estou arrasado agora.

É Patrick quem abre a porta, mas Grace rapidamente se junta a ele. Acho que ela está com medo de que possa haver outra briga. Ambos parecem um pouco surpresos ao ver o estado dos meus ferimentos, mas Patrick não oferece desculpas. Eu não espero que ele faça isso.

Olho os dois nos olhos. "Diem queria me mostrar sua tartaruga."

A frase é tão simples, mas estou dizendo tanto. Essa frase se traduz em "Escolhi Diem. Vamos voltar a como as coisas eram antes."

Patrick me olha por um momento, mas então Grace dá um passo para o lado e diz: "Ela está no quarto dela."

É perdão e aceitação, mas não é o perdão que eu realmente quero deles. Mas aceito.

Diem está no andar dela quando chego à porta. A tartaruga está a 30 centímetros dela, ela está tentando atraí-la com um LEGO verde.

"Então, esta é a sua tartaruga, hein?"





X

Diem se senta e abre um sorriso. "Sim." Ela a pega e nos encontramos em sua cama. Eu me sento e inclino contra a cabeceira. Ela rasteja até o meio da cama e me entrega a tartaruga, então se enrola ao meu lado. Eu a coloco na minha perna, ela começa a rastejar em direção ao meu joelho.

"Por que NoNo bateu em você?" Ela está olhando para o meu lábio quando pergunta isso.

"Às vezes os adultos tomam decisões erradas, D. Eu disse algo que feriu seus sentimentos e ele ficou chateado. Não é culpa dele. Foi minha culpa."

"Você está bravo com ele?"

"Não."

"NoNo ainda está bravo?"

Mais do que provável. "Não." Quero mudar de assunto. "Qual é o nome da sua tartaruga?"

Diem a pega e coloca em seu colo. "Ledger."

Sorrio. "Você está nomeando a tartaruga com meu nome?"

"Sim. Porque eu te amo." Ela diz isso na voz mais doce, isso faz meu coração apertar. Eu gostaria que Kenna pudesse ser a destinatária das palavras de Diem agora.

Eu a beijo no topo da cabeça. "Eu também te amo, D."

Eu coloco a tartaruga no aquário e então rastejo de volta para sua cama, fico com ela até ela cochilar. E então fico mais um pouco só para ter certeza de que ela está dormindo.

Eu sei que Patrick e Grace a amam, sei que eles me amam, então a última coisa que eles fariam seria separar nós dois. Eles podem ficar com raiva, mas também sabem o quanto Diem me ama, então mesmo que nós três não consigamos resolver nossas coisas, sei que sempre serei uma grande parte da vida de Diem. E







enquanto eu fizer parte da vida de Diem, vou lutar pelo que é melhor para ela.

Eu deveria ter feito isso o tempo todo.

E o melhor para Diem é ter sua mãe em sua vida.

É por isso que fiz o que fiz antes de sair do apartamento de Kenna.

Assim que Kenna fechou a porta do banheiro, fechei a porta do apartamento e fingi sair. Em vez disso, peguei o telefone dela. A senha foi fácil de adivinhar: o aniversário de Diem. Abri seu Google Docs e encontrei o arquivo com todas as cartas que ela escreveu para Scotty, e encaminhei o arquivo para o meu endereço de e-mail antes de sair.

Fico no quarto de Diem e ligo a rede de impressoras de Patrick e Grace no meu telefone. Abro meu e-mail e encontro a carta que Kenna leu para mim, pulo o resto das cartas que ela escreveu para Scotty. Eu já violei a privacidade dela o suficiente usando o telefone dela e encaminhando isso para mim. Não pretendo ler nenhuma das outras, a menos que ela me diga que um dia posso.

Esta noite, eu só preciso de uma das cartas.

Aperto imprimir, fecho meus olhos e escuto o som da impressora sendo ativada no escritório de Patrick do outro lado do corredor.

Espero até que termine de imprimir, então saio da cama de Diem e espero um momento em seu quarto para ter certeza de que não a acordei. Ela está dormindo, então saio do quarto dela e entro no escritório de Patrick. Pego a carta na impressora e me certifico de que tudo foi impresso.

"Deseje-me sorte, Scotty", sussurro.





* *

Quando saio do corredor, os dois estão na cozinha. Grace está olhando para seu telefone e Patrick está esvaziando a máquina de lavar louça. Ambos olham para cima ao mesmo tempo.

"Eu tenho algo que preciso dizer, e realmente não quero gritar, mas gritarei se for preciso, então acho que devemos sair porque não quero acordar Diem."

Patrick fecha a lava-louças. "Nós realmente não queremos ouvir o que você tem a dizer, Ledger." Ele aponta para a porta. "Você deveria ir."

Tenho muita empatia por eles, mas receio que acabei de atingir meu limite. Uma onda de calor sobe pelo meu pescoço, e tento empurrar minha raiva, mas é tão dificil quando eu lhes dei tanto. Lembro-me das palavras que Kenna me disse antes de deixá-la. *Por favor, não os odeie.*

"Eu dei minha vida para aquela garotinha", digo. "Você me deve isso. Não vou sair de sua propriedade até falarmos sobre isso." Saio pela porta da frente e espero no quintal deles. Um minuto se passa. Talvez dois. Eu me sento no pátio da frente. Eles vão chamar a polícia ou vão sair ou vão para a cama e me ignorar. Vou esperar aqui até que uma dessas três coisas aconteça.

Passam-se vários minutos antes de ouvir a porta se abrir atrás de mim. Eu me levanto e giro. Patrick sai da casa apenas o suficiente para dar espaço a Grace na porta. Nenhum deles parece aberto ao que estou prestes a dizer, mas tenho que dizer de qualquer maneira. Nunca haverá um bom momento para esta conversa. Nunca haverá um bom momento para ficar do lado da garota que arruinou suas vidas.

Sinto que as palavras que estou prestes a dizer são as palavras mais importantes que virão de mim. Eu gostaria de estar mais preparado. Kenna merece mais do que ter a mim e minha súplica como a única esperança que resta entre ela e Diem.





X

Solto uma respiração instável. "Toda decisão que tomo é para Diem. Terminei meu noivado com uma mulher que amava porque não tinha certeza se ela seria boa o suficiente para aquela garotinha. Isso deve dizer a você que nunca colocaria minha própria felicidade antes da de Diem. Eu sei que vocês dois sabem disso, e também sei que estão apenas tentando se proteger da dor que as ações de Kenna causaram. Mas vocês estão aproveitando o pior momento da vida de Kenna e fazendo desse momento quem ela é. Isso não é justo. Não é justo com Kenna. Não é justo com Diem. Estou começando a me perguntar se é justo com Scotty."

Seguro as páginas na minha mão.

"Ela escreve cartas para ele. Para Scotty. Ela faz isso há cinco anos. Esta é a única que li, mas foi o suficiente para mudar minha opinião inteira sobre ela." Faço uma pausa, depois volto atrás em minhas palavras. "Na verdade, isso não é verdade. Perdoei Kenna antes mesmo de saber o conteúdo da carta. Mas no segundo em que ela leu isso em voz alta para mim, percebi que ela estava sofrendo tanto quanto todos nós. E nós estamos matando-a lentamente, continuando a prolongar sua dor." Aperto minha testa e coloco ainda mais ênfase nas palavras que estou prestes a dizer. "Estamos mantendo uma *mãe* longe de sua *filha*. Isso não está certo. Scotty ficaria tão bravo conosco."

Eles ficam quietos quando paro de falar. Muito quietos. É como se eles não estivessem nem respirando. Entrego a carta a Grace. "Vai ser difícil de ler. Mas não estou pedindo para você ler porque estou apaixonado por Kenna. Estou pedindo para você ler porque seu *filho* estava apaixonado por ela."

Grace começa a chorar. Patrick ainda não me olha nos olhos, mas ele alcança sua esposa e a puxa para ele.

"Eu dei os últimos cinco anos da minha vida para vocês. Tudo o que estou pedindo em troca são vinte minutos. Provavelmente nem levará tanto tempo para ler a carta. Depois de lê-la e levar algum tempo para processá-la, conversaremos. E eu respeitarei







quaisquer decisões que vocês dois tomarem. Eu juro que vou. Mas, por favor, *me* deem os próximos vinte minutos. Vocês devem a Diem a oportunidade de ter outra pessoa em sua vida que vai amála tanto quanto Scotty a amaria."

Não lhes dou abertura para discutir ou devolver a carta para mim. Eu imediatamente me viro e caminho até minha casa e desapareço dentro dela. Nem olho pela janela para ver se eles entraram, ou se estão lendo a carta.

Estou tão nervoso que estou tremendo.

Procuro meus pais e os encontro no quintal. Meu pai tem itens do trailer espalhados pela grama e está usando a mangueira de água para limpá-los. Minha mãe está sentada no sofá do pátio lendo um livro.

Eu me sento ao lado dela. Ela ergue os olhos do livro e sorri, mas quando vê a expressão no meu rosto, fecha o livro.

Eu deixo cair minha cabeça em minhas mãos e começo a chorar. Não posso evitar. Sinto que a vida de todos que eu amo estão penduradas neste momento, é foda demais.

"Ledger", minha mãe diz. "Oh querido." Ela envolve o braço em volta de mim e me abraça.







CAPÍTULO QUARENTA

KENNA

Acordei com uma enxaqueca devido ao quanto chorei na noite passada.

Esperava que Ledger me enviasse uma mensagem de texto ou me ligasse, mas ele nunca o fez. Não que eu queira. Uma pausa é melhor do que uma bagunçada.

Eu odeio que minhas escolhas daquela noite, anos atrás, de alguma forma, tenham criado outra vítima anos depois. Por quanto tempo os tremores secundários daquela noite continuarão? Sentirei as ramificações para sempre?

Às vezes me pergunto se todos nós nascemos com quantidades iguais de bem e mal. E se nenhuma pessoa for mais ou menos malévola que outra, e todos nós apenas liberamos nosso mal em momentos diferentes, de maneiras diferentes?

Talvez alguns de nós expulsem a maior parte do nosso mau comportamento quando crianças, enquanto alguns de nós são horrores absolutos durante a adolescência. E então talvez haja aqueles que gastam muito pouca malícia até serem adultos, e mesmo assim, isso se esvai lentamente. Um pouco todos os dias até morrermos.

Mas então isso significaria que existem pessoas como eu. Aquelas que liberam seu mal de uma só vez, em uma noite horrível.

Quando você tira todo o seu mal de uma vez, o impacto é muito maior do que quando ele se espalha lentamente. A destruição que você deixa para trás cobre uma circunferência





* *

muito maior no mapa e ocupa um espaço muito maior na memória das pessoas.

Eu não quero acreditar que existem pessoas boas e pessoas ruins, que não há pessoas intermediárias. Não quero acreditar que sou pior do que ninguém, como se houvesse um balde cheio de maldade em algum lugar dentro de mim que continua a se encher cada vez que fica vazio. Não quero acreditar que sou capaz de repetir comportamentos que demonstrei no passado, mas mesmo depois de todos esses anos, as pessoas ainda sofrem por minha causa.

Apesar da devastação que deixei em meu rastro, não sou uma pessoa ruim. *Eu não sou uma pessoa má.*

Foram necessários cinco anos de sessões semanais de terapia para me ajudar a perceber isso. Só recentemente aprendi a dizer isso em voz alta. "Eu não sou uma pessoa ruim."

Estive ouvindo a playlist que Ledger fez a manhã toda. Realmente é apenas um monte de músicas que não têm nada a ver com nada triste. Não sei como ele conseguiu encontrar tantas músicas. Tenho que levá-la para sempre.

Deslizo os fones de ouvido de Mary Anne sobre meus ouvidos, coloco a lista de reprodução no modo aleatório e começo a limpar meu apartamento. Quero meu depósito de segurança de volta quando descobrir para onde vou me mudar, então não preciso de um motivo para Ruth não me devolver. Vou deixar o apartamento dez vezes mais limpo do que encontrei.

Limpo por cerca de dez minutos quando começo a ouvir uma batida na música que não se encaixa. Demoro muito para perceber que a batida não está na música.

É uma batida.

Tiro meus fones de ouvido e ouço ainda mais alto desta vez. Alguém definitivamente está batendo na minha porta da





* *

frente. Minha frequência cardíaca acelera porque não quero que seja Ledger, mas preciso que seja Ledger. Mais um beijo não me quebraria. Pode ser.

Vou na ponta dos pés em direção à porta e olho pelo olho mágico.

É o Ledger.

Pressiono minha testa na porta e tento tomar a decisão certa. Ele está tendo um momento de fraqueza, mas eu não devo fazer isso. Seus momentos fracos serão minha ruína se eu atender a eles. Nós vamos e voltamos até que nós dois estejamos completamente quebrados.

Abro minhas mensagens para ele no meu telefone e digito, **não vou abrir a porta.**

Eu o vejo ler pelo olho mágico, mas sua expressão é inabalável. Ele olha direto pelo olho mágico e aponta para a maçaneta.

Porra. Por que ele tem que apontar? Destranco o ferrolho e abro a porta apenas cinco centímetros. "Não me beije ou me toque ou diga qualquer coisa doce."

Ledger sorri. "Farei o meu melhor."

Abro a porta com cautela, mas ele nem tenta entrar quando abro a porta. Ele se ajusta e diz: "Você tem um minuto?"

Eu concordo. "Sim. Entre."

Ele balança a cabeça. "Não para mim." Sua atenção se afasta de mim, ele aponta para dentro do meu apartamento, mas então se afasta da porta.

Grace entra na minha linha de visão.

Eu imediatamente coloco minha mão na boca, porque não estava esperando por ela e não estive cara a cara com ela desde





* *

antes de Scotty morrer e não tinha ideia de que isso iria me tirar o fôlego.

Eu não sei o que significa. Recuso-me a pensar que isso significa alguma coisa, mas há muita esperança dentro de mim para ficar enterrada na presença dela.

Volto para o meu apartamento, mas as lágrimas estão caindo dos meus olhos. Há tanta coisa que quero dizer a ela. Tantas desculpas. Tantas promessas.

Grace entra no meu apartamento, Ledger fica do lado de fora, mas fecha a porta para nos dar privacidade. Pego uma toalha de papel e enxugo os olhos. É inútil. Eu não acho que chorei assim desde que dei à luz Diem e os vi levá-la para longe de mim.

"Não estou aqui para chatear você", Grace diz. Sua voz é suave. Assim é a expressão dela.

Balanço minha cabeça. "Não é…eu sinto muito. Preciso de um minuto antes que eu possa…conversar."

Grace faz um gesto em direção ao sofá. "Podemos sentar?"

Eu aceno, e nós duas nos sentamos no sofá. Grace me observa por um momento, provavelmente julgando minhas lágrimas, imaginando se são reais ou forçadas.

Ela enfia a mão no bolso e tira algo. A princípio, acho que é um lenço, mas, olhando mais de perto, percebo que é uma pequena bolsa de veludo preto. Grace me entrega a bolsa, não faço ideia do porquê.

Puxo as cordas para afrouxar a abertura da bolsa de veludo, então despejo o conteúdo na palma da minha mão.

Eu suspiro. "O que? *Como?*" Estou segurando o anel pelo qual me apaixonei anos atrás, quando Scotty me levou à loja de antiguidades. O anel de ouro de quatro mil dólares com a pedra rosa que ele não podia comprar. Eu nunca contei essa história a





X

ninguém, então estou extremamente confusa sobre como Grace está de posse desse anel. "Como você tem isso?"

"Scotty me ligou no dia em que vocês dois viram o anel. Ele disse que não estava pronto para pedir você em casamento, mas que já sabia com que anel iria propor quando chegasse a hora. Ele não podia pagar, mas temia que alguém o comprasse antes que ele tivesse a chance. Nós lhe emprestamos o dinheiro. Ele me deu o anel e me fez prometer mantê-lo em um lugar seguro até que ele pudesse nos pagar de volta."

Minhas mãos estão tremendo quando coloco o anel no meu dedo. *Não acredito que Scotty fez isso.*

Grace libera uma rápida lufada de ar. "Serei honesta, Kenna. Eu não queria esse anel depois que ele morreu. E não queria que você ficasse com isso porque eu estava tão brava com você. Mas quando descobrimos que Diem era uma menina, decidi guardar. Apenas no caso de eu querer passar para ela algum dia. Mas depois de pensar um pouco...essa não é realmente minha decisão a tomar. Eu quero que você o tenha. Scotty comprou para você."

Há muito correndo por mim para processar isso, então demoro um momento para me recuperar. Balanço minha cabeça. Estou com muito medo de acreditar nela. Eu nem mesmo permito que as palavras sejam absorvidas. "Obrigada."

Grace estende a mão e aperta minha mão, me levando a olhar para ela. "Prometi a Ledger que não contaria isso a você, mas...ele nos deu uma das cartas que você escreveu para Scotty."

Estou balançando a cabeça, embora ela não tenha terminado de falar. Como Ledger conseguiu uma dessas cartas? Qual ele deu a eles?

"Ele me fez ler ontem à noite." Sua expressão entristece. "Depois de ouvir sua versão dos eventos, fiquei ainda mais devastada e com raiva do que antes de ler. Foi tão





* *

dificil...ouvir todos os detalhes. Eu chorei a noite toda. Mas esta manhã, quando acordei, foi como se uma sensação avassaladora de paz tivesse tomado conta de mim. Hoje foi a primeira manhã em que não acordei com raiva de você." Ela enxuga as lágrimas que agora deslizam por seu rosto. "Todos esses anos, eu assumi que seu silêncio no tribunal era indiferença. Presumi que você o deixou naquele carro porque só se importava consigo mesma e não queria ter problemas legais. Talvez eu tenha assumido todas essas coisas porque era mais fácil ter alguém para culpar por uma perda tão horrível e sem sentido. E sei que sua dor não deve me trazer paz, Kenna. Mas é muito mais fácil entendê-la agora do que quando eu assumi que você nunca sofreu." Grace estende a mão para uma mecha de cabelo que caiu do meu rabo de cavalo, e empurra suavemente atrás da minha orelha. É algo que uma mãe faria, eu não entendo. Não sei como ela pode passar de me odiar a me perdoar em tão pouco tempo, então continuo desconfiada desse momento. Mas as lágrimas em seus olhos parecem verdade. "Sinto muito, Kenna." Ela diz isso com tanta sinceridade. "Eu sou responsável por manter você longe de sua filha por cinco anos, não há desculpa para isso. A única coisa que posso fazer é garantir que você não fique mais um dia sem conhecêla."

Minha mão está tremendo quando eu a levo ao meu peito. "EU... vou conhecê-la?"

Grace acena com a cabeça, então ela me abraça quando eu desmorono. Ela passa a mão calmante na parte de trás da minha cabeça e me permite vários minutos para absorver tudo o que está acontecendo.

Isso é tudo que eu sempre quis, está vindo para mim de uma vez. É tanto físico como emocionalmente esmagador. Já tive sonhos assim. Sonhos em que Grace aparece para me perdoar e me deixa conhecer Diem, mas depois acordo sozinha e percebo que foi um pesadelo cruel. *Por favor, deixe isso ser real.*





* *

"Ledger provavelmente está morrendo sem saber o que está acontecendo aqui." Ela se levanta e caminha até a porta para abrila para ele.

Os olhos de Ledger procuram freneticamente até pousar nos meus. Quando sorrio para ele, imediatamente relaxa, como se meu sorriso fosse a única coisa que importasse neste momento.

Ele puxa Grace para um abraço primeiro. Eu o ouço sussurrar, "Obrigado", contra seu ouvido.

Ela olha para mim antes de sair do meu apartamento. "Estou fazendo lasanha esta noite. Quero que você venha para o jantar."

Eu concordo com um aceno. Grace sai, e Ledger está me envolvendo em seus braços antes mesmo de fechar a porta.

"Obrigada, obrigada, obrigada." Eu digo isso várias vezes, porque sei que isso nunca teria acontecido se não fosse por ele. "Obrigada." Eu o beijo. "Obrigada." Quando finalmente paro de agradecer e beijá-lo o suficiente para me afastar e olhar nos olhos dele, vejo que ele também está chorando. Isso me enche de um sentimento de gratidão como nunca conheci.

Eu sou muito grata a ele. *Por* ele.

Este pode ser o momento exato em que me apaixono por Ledger Ward.

"Estou prestes a ficar enjoada."

"Quer que eu encoste?"

Balanço minha cabeça. "Não. Dirija mais rápido."

Ledger aperta meu joelho de forma tranquilizadora.





*

Foi uma tortura ter que esperar até esta tarde para ir até a casa de Patrick e Grace. Eu queria que ele me levasse para Diem assim que Grace saiu do meu apartamento, mas quero que tudo seja em seus termos. Serei tão paciente quanto preciso ser.

Vou respeitar as regras deles. Respeitarei sua linha do tempo, suas escolhas e seus desejos. Vou mostrar-lhes tanto respeito quanto sei que mostraram à minha filha.

Sei que são boas pessoas. Scotty os amava. Eles também são pessoas *feridas*, então respeito o tempo que precisam para chegar a essa decisão.

Estou nervosa que vou fazer algo errado. Dizer algo errado. A única outra vez em que estive dentro da casa deles foi uma série de erros, e preciso que desta vez seja diferente porque há muito em jogo.

Entramos na garagem de Ledger, mas não saímos imediatamente da caminhonete. Ele me dá uma conversa estimulante e me beija cerca de dez vezes, mas então fico mais nervosa e excitada do que nunca, e as emoções começam a correr juntas. Se eu não acabar com isso, posso explodir.

Ele segura minha mão com força na sua enquanto atravessamos a rua e a grama em que Diem brincou e batemos na porta da casa em que Diem mora.

Não chore. Não chore. Não chore.

Estou apertando a mão de Ledger como se estivesse no meio de uma contração intensa.

A porta finalmente se abre, e bem na minha frente está Patrick. Ele parece nervoso, mas de alguma forma sorri através disso. Ele me puxa para um abraço, não é apenas um abraço forçado porque estou na frente dele, ou porque sua esposa o encorajou a me abraçar.





* -

É um abraço cheio de tantas coisas. Coisas suficientes que, quando Patrick se afasta, ele tem que enxugar os olhos. "Diem está lá atrás com sua tartaruga", ele diz, apontando para o corredor.

Não há palavras duras dele, nenhuma energia negativa. Eu não sei se agora é o momento certo para pedir desculpas, mas já que Patrick está nos apontando para a localização de Diem, eu sinto que eles querem guardar o que quer que esteja entre nós três para mais tarde.

Ledger segura minha mão enquanto entramos na casa. Já estive nessa casa antes e já estive no quintal antes, então há uma sensação de familiaridade que é reconfortante. Mas todo o resto é assustador. *E se ela não gostar de mim? E se estiver brava comigo?*

Grace aparece da cozinha, e paro antes de irmos para o quintal. Olho para Grace. "O que você disse a ela? Sobre minha ausência? Eu só gostaria de ter certeza..."

Grace balança a cabeça. "Nós realmente não conversamos com ela sobre você. Ela perguntou uma vez por que não morava com a mãe, e eu disse que seu carro não era grande o suficiente."

Sorrio nervosamente. "O que?"

Grace dá de ombros. "Entrei em pânico. Eu não sabia o que dizer."

Meu carro não é grande o suficiente? Posso trabalhar com isso. Em minha mente, eu temia que eles a tivessem envenenado ela contra mim. Eu deveria saber.

"Pensamos em deixar o resto com você", Patrick diz. "Nós não tínhamos certeza do quanto você queria que ela soubesse."

Aceno, sorrio e tento não chorar. Olho para Ledger, ele é como uma âncora ao meu lado, me mantendo firme. "Você vem comigo?"

Caminhamos em direção à porta dos fundos. Eu posso vê-la sentada na grama. Eu a observo da porta de tela por alguns







minutos, querendo absorver tudo sobre ela antes do que vem a seguir. Estou com medo do que vem a seguir. Aterrorizada, realmente. Este é quase o mesmo sentimento de estar em trabalho de parto com ela. Estava apavorada, em território desconhecido, mas também cheia de mais esperança, emoção e amor do que jamais sentira.

Ledger eventualmente me dá um empurrãozinho encorajador, então abro a porta. Diem olha para cima e vê Ledger e eu parados na varanda dos fundos. Ela me dá um rápido olhar, mas quando seus olhos pousam em Ledger, ela se ilumina. Ela corre para ele, e ele a pega em seus braços.

Sinto um cheiro de xampu de morango.

Tenho uma filha que cheira a morangos.

Ledger se senta no balanço da varanda de trás com Diem e aponta para o assento vazio ao lado dele, então eu me sento com eles. Diem está em seu colo, olhando para mim enquanto ela se enrola em Ledger.

"Diem, esta é minha amiga Kenna."

Diem sorri para mim, e quase me joga no chão. "Você quer ver minha tartaruga?" Ela pergunta, se animando.

"Eu adoraria."

Sua pequena mão agarra dois dos meus dedos, e ela desliza para fora do Ledger e me puxa. Olho para Ledger enquanto me levanto, e ele me dá um aceno tranquilizador. Diem me leva para a grama e se joga ao lado de sua tartaruga.

Eu me deito do outro lado da tartaruga dela para ficar de frente para Diem. "Qual o nome dela?"

"Ledger." Ela ri e segura a tartaruga. "Ela se parece com ele."

Sorrio, ela está tentando fazer sua tartaruga sair da carapaça, mas não consigo parar de olhar para ela. Vê-la em vídeo é uma





* *

experiência, mas estar perto dela e sentir sua energia é como um renascimento.

"Quer ver meu trepa-trepa? Ganhei de aniversário, faço cinco anos na semana que vem." Diem está correndo em direção ao seu trepa-trepa, então eu a sigo. Olho de volta para Ledger, ele ainda está sentado no balanço da varanda, nos observando.

Diem coloca a cabeça para fora do trepa-trepa e diz: "Ledger, você pode colocar Ledger no tanque dela para que não se perca?"

"Claro que sim", ele diz, de pé.

Diem pega minha mão e me puxa para dentro do trepa-trepa, onde ela se senta no centro. Eu me sinto mais confortável aqui. Ninguém pode nos ver, isso me deixa um pouco mais à vontade, sabendo que as pessoas não estão julgando como eu interajo com ela neste momento.

"Isso costumava ser do meu pai", Diem diz. "NoNo e Ledger colocaram tudo de volta para mim."

"Eu conheci seu pai."

"Você era amiga dele?

Sorrio. "Eu era a namorada dele. Eu o amava muito."

Diem ri. "Eu não sabia que meu pai tinha namorada."

Eu vejo muito de Scotty nela agora. Nessa risada. Tenho que desviar o olhar di seu rosto porque as lágrimas começam a cair.

Diem percebe minhas lágrimas, no entanto. "Por que você está triste? Você sente falta dele?"

Eu aceno, enxugando minhas lágrimas. "Eu sinto falta dele, mas não é por isso que estou chorando. Estou chorando porque estou tão feliz por finalmente conhecer você."

Diem inclina a cabeça e diz: "Por quê?"





* *

Ela está a um metro de distância de mim, e só quero segurála e abraçá-la. Acaricio o ponto bem na minha frente. "Aproximese. Eu quero te contar uma coisa."

Diem rasteja em minha direção e se senta com as pernas cruzadas.

"Eu sei que nunca nos encontramos antes, mas..." nem sei como dizer isso, então digo da maneira mais simples. "Eu sou sua mãe."

Os olhos de Diem se enchem de algo, mas ainda não sei o que suas expressões significam. Não sei se isso é surpresa ou curiosidade. "Mesmo?"

Eu sorrio para ela. "Eu sou. Você cresceu dentro da minha barriga. E então, quando nasceu, Nana e NoNo cuidaram de você para mim porque eu não podia."

"Você comprou um carro maior?"

Solto uma risada. Estou feliz que eles me deram essa informação, ou eu não teria ideia do que ela está se referindo. "Na verdade, não tenho mais carro. Mas vou em breve. Eu mal podia esperar para conhecê-la, então Ledger me deu uma carona. Estou querendo te conhecer há tanto tempo."

Diem não tem muita reação. Ela apenas sorri. E então rasteja pela grama e começa a jogar jogos da velha que compõem uma parte da parede do trepa-trepa. "Você deveria vir ao meu jogo de T-ball. É o meu último." Ela gira uma das letras na parede.

"Eu adoraria assistir você jogar T-ball."

"Algum dia vou fazer aquela coisa com as espadas, no entanto", Diem diz. "Ei, você sabe como jogar este jogo?"

Aceno e me aproximo dela para que possa mostrar a ela como jogar jogo da velha.





Percebo que este momento não é tão monumental para Diem quanto é para mim. Joguei um milhão de cenários na minha cabeça de como isso aconteceria, em todos os cenários, Diem estava triste ou com raiva por eu ter demorado tanto para fazer

Mas ela realmente nem sabia que eu estava desaparecida.

Estou tão grata por isso. Todos esses anos de preocupação e devastação foram unilaterais, o que significa que Diem está inteira, feliz e realizada.

Eu não poderia ter pedido um resultado melhor. É como se eu pudesse entrar na vida dela sem nem mesmo uma ondulação.

Diem pega minha mão e diz: "Eu não quero jogar isso, vamos para os balanços." Ela abandona o jogo e nós rastejamos para fora do centro do trepa-trepa. Ela sobe em um balanço e diz: "Esqueci seu nome."

"É Kenna." Digo isso com um sorriso porque sei que nunca mais terei que mentir para ninguém sobre meu nome novamente.

"Você vai me empurrar?"

parte de sua vida.

Eu a empurro no balanço, e ela começa a me contar sobre um filme que Ledger a levou para ver recentemente.

Ledger sai para a varanda e nos vê conversando. Ele vem até nós e fica atrás, envolvendo seus braços em volta de mim. Ele beija o lado da minha cabeça, bem quando Diem se vira e olha para nós. "Bruto!"

Ledger beija o lado da minha cabeça novamente e diz: "Acostume-se, D."

Ledger assume empurrando o balanço de Diem, e sento no balanço ao lado dela e os observo. Diem inclina a cabeça para trás e olha para Ledger. "Você vai se casar com minha mãe?"





X

Eu provavelmente deveria ter uma reação à parte do casamento dessa pergunta, mas meu cérebro só se concentra no fato de que ela acabou de dizer *minha mãe*.

"Eu não sei. Ainda precisamos nos conhecer melhor." Ledger olha para mim e sorri. "Talvez um dia desses eu seja digno o suficiente para me casar com ela."

"O que significa digno?" Ela pergunta.

"Isso significa bom o suficiente."

"Você é bom o suficiente", Diem diz. "É por isso que dei o nome de Ledger à minha tartaruga." Ela inclina a cabeça para trás novamente e olha para ele. "Estou com sede, você me traz um suco?"

"Vá buscar você mesmo", ele diz.

Eu saio do balanço. "Vou pegar um suco para você."

Ouço Ledger murmurar para ela: "Você é tão podre", enquanto me afasto.

Diem ri. "Eu não sou!"

Quando entro, observo-os da porta dos fundos por um momento. Eles são adoráveis juntos. Ela é adorável. Estou com medo de acordar e perceber que nada disso realmente aconteceu, mas sei que está acontecendo. E sei que eventualmente vou aceitar que mereço isso. Talvez depois de finalmente ter uma conversa real com os Landrys.

Entro na cozinha para encontrar Grace cozinhando. "Ela quer um pouco de suco", digo quando entro.

As mãos de Grace estão cheias de tomates picados, e ela os joga em uma salada. "Está na geladeira."





* *

Pego um suco e observo Grace enquanto ela prepara o jantar. Quero ser mais útil e interativa com ela do que na primeira vez que Scotty me trouxe a esta casa. "Como posso ajudar?"

Grace sorri para mim. "Você não precisa. Vá passar um tempo com sua filha."

Começo a sair da cozinha, mas meus passos parecem tão pesados. Tenho tanto que quero dizer a Grace que não tive a chance de dizer a ela hoje cedo no meu apartamento. Eu me viro, e *sinto muito* está na ponta da minha língua, mas sinto que se eu abrir minha boca, vou chorar.

Meus olhos encontram os de Grace, ela pode ver a agonia em minha expressão.

"Grace..." Minha voz é um sussurro.

Ela imediatamente caminha até mim e me puxa para um abraço.

É um abraço incrível. Um abraço perdoador. "Ei", ela diz, suavemente. "Ei, me escute." Ela se afasta, e nós temos mais ou menos a mesma altura, então estamos nos olhos quando ela pega o suco de mim e o coloca de lado. Então aperta minhas duas mãos de forma tranquilizadora. "Vamos em frente", ela diz. "É isso. É simples assim. Eu perdoo você e você me perdoa, e seguimos em frente juntas e daremos a essa garotinha a melhor vida que podemos dar a ela. OK?"

Eu aceno, porque posso fazer isso. Eu os perdoo. Sempre os perdoei.

Fui dura comigo. Mas acho que cheguei ao ponto em que me perdoar finalmente parece bom.

Então eu faço.

Você está perdoada, Kenna.







CAPÍTULO QUARENTA E UM

LEDGER

Ela se encaixa. É surreal e, para ser honesto, um pouco esmagador. Acabamos de jantar, mas ainda estamos todos sentados à mesa. Diem está enrolada no meu colo, e estou sentado ao lado de Kenna.

Ela parecia nervosa quando nos sentamos para jantar pela primeira vez, mas ela se acalmou muito. Especialmente depois que Patrick começou a contar histórias, dando a Kenna um destaque da vida de Diem. Ele está contando a história de quando Diem quebrou o braço dela seis meses atrás.

"Ela passou as duas primeiras semanas pensando que tinha que usar o gesso para sempre. Nenhum de nós pensou em dizer a ela que as fraturas curam, e Diem assumiu que quando uma pessoa quebrava um osso, ficava quebrado para sempre.

"Ah, não", Kenna diz, rindo. Ela olha para Diem e passa a mão calmante sobre a cabeça. "Pobrezinha."

Diem estende a mão para Kenna, e ela a aceita. Diem desliza sem esforço do meu colo para o de Kenna. Acontece tão rápido e silenciosamente. Diem se aconchega em Kenna, e Kenna envolve Diem em seus braços como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Estamos todos olhando para elas, mas Kenna não percebe porque sua bochecha está pressionada contra o topo da cabeça de Diem. Eu juro que estou prestes a me perder aqui mesmo na mesa. Limpo minha garganta e empurro minha cadeira para trás.





X

Eu nem me desculpo porque sinto que minha voz vai falhar se tentar falar, então silenciosamente saio da mesa para trás.

Quero dar privacidade aos quatro. Eu fui uma espécie de amortecedor para todos eles hoje, mas quero que interajam sem mim lá. Quero que Kenna se sinta confortável com eles e não tenha que se apoiar em mim para esse conforto, porque é importante que ela tenha um relacionamento com eles fora de mim.

Eu poderia dizer que Patrick e Grace ficaram agradavelmente surpresos com o quão diferente ela é do que todos nós esperávamos que fosse.

Isso prova que o tempo, a distância e a devastação permitem que as pessoas tenham oportunidades suficientes para criar vilões de pessoas que nem conhecem. Mas Kenna nunca foi uma vilã. Ela foi uma vítima. Todos nós fomos.

O sol ainda não se pôs, mas está chegando perto das oito, essa é a hora de dormir de Diem. Tenho certeza de que Kenna está longe de estar pronta para sair, mas estou ansioso pelas consequências de hoje. Eu quero ficar sozinho com ela e estar perto dela enquanto processar o que tenho certeza que foi o melhor dia de sua vida.

A porta dos fundos se abre e Patrick caminha para a varanda. Ele não se senta em uma cadeira. Ele se inclina contra um dos pilares e olha para o quintal.

Quando deixei ele e Grace sozinhos com a carta ontem à noite, esperava algum tipo de reação imediata. Eu não tinha certeza do que seria, mas pensei que conseguiria alguma coisa. Uma mensagem, um telefonema, uma batida na minha porta da frente.

Eu não tive nada.

Duas horas depois de deixá-los, finalmente criei coragem para olhar pela minha janela para a casa deles, e todas as luzes estavam apagadas.





* *

Eu nunca me senti tão desesperado quanto me senti naquele momento. Achei que meus esforços haviam falhado, mas esta manhã, depois de uma noite inteira de insônia, ouvi uma batida na minha porta.

Quando abri, Grace estava ali sem Diem ou Patrick. Seus olhos estavam inchados como se ela estivesse chorando. "Quero conhecer Kenna." Isso foi tudo que ela disse.

Entramos na minha caminhonete e eu a levei para o apartamento de Kenna sem saber o que esperar, ou se ela aceitaria ou rejeitaria Kenna. Quando chegamos à casa de Kenna, Grace se virou para mim antes de sair da minha caminhonete e disse: "Você está apaixonado por ela?"

Não houve absolutamente nenhuma hesitação quando assenti.

"Por que?"

Não houve hesitação depois dessa pergunta também. "Você vai ver. Torna tudo muito mais fácil amá-la do que odiá-la."

Grace ficou em silêncio por um momento antes de finalmente sair da minha caminhonete. Ela parecia quase tão nervosa quanto eu. Subimos as escadas juntos, ela me disse que queria algum tempo a sós com Kenna. Por mais difícil que fosse não saber o que estava sendo dito entre elas dentro daquele apartamento, não é tão difícil quanto não saber o que Patrick pensa sobre tudo isso.

Nós não tivemos a chance de falar sobre isso. Acho que é por isso que ele está aqui.

Minha esperança é que ele e Grace estejam na mesma página, mas eles podem não estar. Ele só pode estar aceitando Kenna porque Grace precisa dele.

"O que você está pensando?" Pergunto-lhe.





* *

Patrick coça o queixo, refletindo sobre a minha pergunta. Ele responde sem olhar diretamente para mim. "Se tivesse me feito essa pergunta quando você e Kenna chegaram algumas horas atrás, eu teria dito que ainda estou chateado com você. E que não sinto muito por bater em você." Ele faz uma pausa e se senta no degrau superior da varanda. Ele junta as mãos entre os joelhos e olha para mim. "Mas isso mudou quando eu vi você com ela. Quando vi o jeito que olhou para ela. A maneira como seus olhos lacrimejaram quando Diem rastejou para o colo dela na mesa de jantar." Patrick balança a cabeça. "Conheço você desde que tinha a idade de Diem, Ledger. Nem uma vez em todos os anos você me deu uma única razão para duvidar de você. Se está me dizendo Diem, digna de acredito Kenna é então eu você. O mínimo que posso fazer é acreditar em você."

Porra.

Olho para longe dele e enxugo meus olhos. Eu ainda não sei o que fazer com todos esses malditos sentimentos. Houve tantos desde que Kenna voltou.

Eu me inclino para trás na minha cadeira sem saber como responder a ele. Talvez eu não preciso. Talvez suas palavras sejam suficientes para esta conversa.

Ficamos em silêncio por um minuto ou dois. Parece diferente dos momentos de silêncio que já passei com ele antes. Desta vez, o silêncio é confortável e pacífico e nada triste.

"Puta merda", Patrick diz.

Eu olho para ele, mas seu foco está em algo no quintal. Eu sigo sua linha de visão até...não. Sem chance.

"Eu serei amaldiçoado", digo baixinho. "É aquele...isso é a porra de um *pombo*?"





X

Isto é. É um pombo de verdade. Um pombo branco e cinza de verdade andando no quintal como se este não é o momento mais milagroso que um pássaro já teve na história dos pássaros.

Patrick ri. É uma risada cheia de perplexidade.

Ele ri tanto que me faz rir.

Mas ele não chora. É a primeira vez que um lembrete de Scotty não o faz chorar, sinto que isso é enorme. Não só porque as chances desse pombo aleatório pousar neste quintal neste exato momento são provavelmente uma em um bilhão, mas porque Patrick e eu nunca tivemos uma conversa séria sobre Scotty que não terminou em eu fugir para que ele pudesse chorar sozinho.

Mas ele ri, isso é tudo o que ele faz, e pela primeira vez desde que Scotty morreu, sinto uma sensação de esperança por ele. Para todos nós.

A única vez que Kenna esteve dentro da minha casa foi logo depois que ela apareceu nesta rua sem avisar. Essa não foi uma boa experiência para nenhum de nós, então quando abro a porta da frente e a guio para dentro, quero que ela se sinta bem-vinda.

Estou ansioso para ter Kenna só para mim esta noite, em uma cama de verdade. As poucas vezes que estivemos juntos foram quase perfeitas, mas sempre senti que ela merecia mais do que um colchão inflável, ou minha caminhonete, ou um piso de madeira.

Quero mostrar tudo a ela, mas minha necessidade de beijá-la é mais forte. Assim que fecho a porta da frente, puxo-a para mim. Eu a beijo do jeito que eu queria beijá-la a noite toda. É o primeiro beijo sem um pouco de tristeza ou medo.

Este é o meu beijo favorito até agora. Isso continua por tanto tempo que esqueço de mostrar a casa a ela, e a pego e levo direto





X

para minha cama. Quando a coloco no colchão, ela se esparrama e suspira.

"Oh, meu Deus, Ledger. É tão macio."

Alcanço o controle remoto ao lado da minha cama e ligo o modo de massagem para que a cama vibre. Isso a faz gemer, mas quando tento me abaixar em cima dela, ela me chuta para o lado. "Eu preciso de um minuto para apreciar plenamente a sua cama", ela diz, fechando os olhos.

Eu me aproximo dela e olho para o sorriso em seu rosto. Eu levanto a mão e gentilmente contorno seus lábios, mal os tocando. Então traço meus dedos em sua mandíbula e pescoço.

"Eu quero te dizer uma coisa", digo baixinho.

Ela abre os olhos e sorri suavemente, esperando que eu fale.

Levo minha mão de volta para seu rosto e toco sua boca impecável novamente. "Passei os últimos dois anos tentando ser um bom modelo para Diem, então li alguns livros sobre feminismo. Aprendi que colocar muito foco na aparência de uma garota pode ser prejudicial, então em vez de dizer a Diem o quão bonita ela é, coloco o foco em todas as coisas que importam, como quão inteligente e quão forte ela é. Tentei tratá-la da mesma maneira. É por isso que nunca elogiei sua aparência antes, ou disse o quão linda acho que você é, mas estou feliz por nunca ter dito a você antes deste momento, porque você nunca foi mais bonita do que está agora." Beijo a ponta de seu nariz. "A felicidade fica bem em você, Kenna."

Ela toca minha bochecha e sorri para mim. "Graças à você."

Balanço minha cabeça. "Eu não sou responsável por esta noite. Não fui eu quem economizou cada centavo e se mudou para esta cidade e caminhou para o trabalho todos os dias para tentar e..."





* *

"Eu te amo, Ledger." Ela diz isso sem esforço, como se fosse a coisa mais fácil que ela já disse. "Você não tem que dizer isso de volta. Eu só quero que saiba o quanto você..."

"Eu também te amo."

Ela sorri e então pressiona seus lábios firmemente nos meus. Eu tento beijá-la de volta, mas ela ainda está sorrindo contra a minha boca. Por mais que eu queira tirar suas roupas e sussurrar *eu te amo* repetidamente contra sua pele, prefiro apenas abraçá-la por um tempo e dar a nós dois tempo para processar tudo o que aconteceu hoje.

Tanta coisa aconteceu hoje. E ainda falta muito. "Eu não vou me mudar", digo.

"O que você quer dizer?"

"Eu não vou vender esta casa. Vou vender a nova. Quero ficar aqui."

"Quando você decidiu isso?

"Agora mesmo. Meu povo está aqui. Esta é a minha casa."

Talvez eu seja louco, considerando quantas horas gastei construindo aquela casa, mas Roman também gastou essas horas. Talvez eu venda para Roman pelo custo dos materiais. É o mínimo que posso fazer. Afinal, Roman pode ter sido o catalisador para o resultado de hoje. Se ele não tivesse me forçado a voltar e checar Kenna naquela noite, não tenho certeza se algum de nós poderia ter chegado a esse ponto.

Kenna terminou de falar, aparentemente. Ela me beija e não para até uma hora depois, quando estamos exaustos, suados e saciados e nos braços um do outro. Eu a encaro até que ela adormeça, então olho para o teto porque não *consigo* dormir.

Não consigo parar de pensar naquele maldito pombo.





* *

Quais são as chances de Scotty não ter nenhuma conexão com isso? Quais são as chances que ele fez?

Pode ter sido apenas uma coincidência, mas também pode ter sido um sinal. Uma mensagem de onde ele estiver.

Talvez não importa se algo é uma coincidência ou um sinal. Talvez a melhor maneira de lidar com a perda das pessoas que amamos seja encontrá-las em tantos lugares e coisas quanto possível. E na chance de que as pessoas que perdemos ainda sejam capazes de nos ouvir, talvez nunca devêssemos parar de falar com elas.

"Eu vou ser tão bom para suas garotas, Scotty. Eu prometo."







CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

KENNA

Eu solto Diem do seu assento e a ajudo a sair da caminhonete de Ledger. Já estou com a cruz na mão, então pego o martelo no assoalho.

"Tem certeza que não quer que eu ajude?" Ledger pergunta.

Sorrio para ele de forma tranquilizadora e balanço a cabeça. Isso é algo que quero fazer com Diem.

Eu a levo até a beira da estrada onde encontrei a cruz pela primeira vez, dou um chute na grama e na sujeira com a ponta do meu tênis até encontrar o buraco em que a cruz estava. Entrego a cruz para Diem. "Vê aquele buraco?"

Ela se inclina para frente para inspecionar o chão.

"Coloque bem aí."

Diem enfia a cruz no buraco. "Por que estamos colocando isso aqui?"

Empurro para baixo a cruz, certificando-me de que está estável. "Porque sua avó ficará feliz em saber que está aqui, caso ela passe de carro."

"Vai fazer meu pai feliz?"

Eu me ajoelho ao lado de Diem. Perdi muito da vida dela, é por isso que quero que cada minuto que passamos juntos seja autêntico. Sou sempre tão verdadeira quanto posso ser com ela.

"Não. Provavelmente não. Seu pai achava que os memoriais eram bobos. Mas sua vovó não, e às vezes fazemos coisas para







pessoas que amamos, mesmo que não decidamos fazer essas coisas por nós mesmos."

Diem pega o martelo. "Posso fazer isso?"

Entrego-lhe o martelo e ela bate na cruz algumas vezes. Não faz muito, então, quando me devolve o martelo, bato nela três vezes até que esteja presa no chão.

Envolvo meus braços em torno de Diem, e olhamos para a cruz. "Tem alguma coisa que você queira dizer ao seu pai?"

Diem pensa sobre isso por um momento e então diz: "O que eu digo? Faço um desejo?"

Sorrio. "Você pode tentar, mas ele não é um gênio ou Papai Noel."

"Desejo uma irmāzinha ou um irmāozinho."

Não se atreva a conceder o desejo dela ainda, Scotty. Conheço Ledger há cinco meses.

Pego Diem e a levo de volta para a caminhonete. "É preciso mais do que um desejo para fazer um irmão."

"Eu sei. Temos que comprar um ovo do Walmart. É assim que os bebês crescem."

Eu a prendo no assento elevatório. "Não exatamente. Os bebês crescem nas barrigas de suas mães. Lembra como eu te disse que você cresceu na minha barriga?"

"Oh, sim. Então você pode criar outro bebê?"

Olho para Diem, sem saber como responder a isso. "Que tal pegarmos outro gato? Ivy precisa de um amigo."

Diem joga as mãos no ar, animada. "Sim! Mais um gatinho!" Eu a beijo na cabeça e fecho a porta.





Ledger está me olhando de lado quando abro a porta do passageiro. Ele aponta para o meio do assento, então afasto e me afivelo. Ele pega minha mão e entrelaça nossos dedos. Ele está olhando para mim com um brilho nos olhos, como se a ideia de dar um irmão a Diem o excitasse.

Ledger me beija e então começa a dirigir.

Pela primeira vez em muito, muito tempo, quero ouvir rádio. Quero ouvir qualquer música, mesmo as tristes. Eu me inclino para frente e ligo o rádio. É a primeira vez que ouvimos algo nesta caminhonete além da playlist segura que Ledger me fez.

Ele olha para mim quando percebe o que fiz. Eu apenas sorrio para ele e me inclino contra seu ombro.

A música ainda me faz pensar em Scotty, mas pensar em Scotty não me deixa mais triste. Agora que me perdoei, as lembranças dele só me fazem sorrir.







EPÍLOGO

Caro Scotty,

Desculpe, quase não escrevo mais para você. Eu costumava escrever para você porque estava sozinha, então acho que é bom que as cartas sejam poucas e distantes entre si agora.

Ainda sinto a sua falta. Sempre sentirei sua falta. Mas estou convencida de que os buracos que você deixou para trás são apenas buracos sentidos por nós. Onde quer que esteja, você está completo. É isso que importa.

Diem está crescendo tão rápido. Ela acabou de fazer sete anos. É difícil entender a ideia de que não estive aqui nos primeiros cinco anos de sua vida porque parece que sempre estive aqui. Tenho certeza que isso tem muito a ver com Ledger e seus pais. Eles me contam histórias sobre ela crescendo e me mostram vídeos, então às vezes parece que não perdi nada.

Eu não sei se Diem ainda se lembra de uma vida sem mim nela. Para ela, eu sempre estive aqui. Eu sei que é porque todas as pessoas que te amavam deram a ela tudo o que precisava quando você e eu não podíamos estar lá.

Ela ainda mora com seus pais, embora eu a veja todos os dias. Ela fica com Ledger e eu pelo menos duas noites por semana. Ela tem seu próprio quarto em ambas as casas. Jantamos juntos todas as noites.

Eu adoraria que ela morasse comigo em tempo integral, mas também sei que é importante que ela mantenha a rotina que tem desde o nascimento. E Patrick e Grace merecem ser o componente principal em sua vida. Eu nunca iria querer tirar isso deles.







Desde o dia em que me aceitaram em sua vida, nunca me senti indesejada. Nem por um dia ou mesmo um segundo. Não me aceitaram com condições. Eles simplesmente me aceitaram como se eu pertencesse aqui com todas as pessoas que te amavam.

Você estava cercado por boas pessoas, Scotty. De seus pais a seu melhor amigo e aos pais de seu melhor amigo, nunca conheci uma família mais amorosa.

As pessoas que estiveram na sua vida são agora as pessoas que estão na minha vida, e farei tudo o que puder para continuar a mostrar-lhes tanto amor e respeito como você lhes deu. Tratarei cada um dos meus relacionamentos com o mesmo nível de importância e respeito que dou ao processo de nomeação.

Você sabe como levo a sério nomear as coisas. Pensei muito sobre o nome de Diem quando ela nasceu, e até levei três dias para nomear lvy.

O nome que dei duas semanas atrás foi de longe um dos mais importantes, mas de alguma forma o nome mais fácil de encontrar.

Quando colocaram nosso filho recém-nascido no meu peito, olhei para ele com lágrimas nos olhos e disse: "Oi, Scotty."

Amor,

Kenna



